

SS
/

UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS
DESVIANTES EM ADMINISTRAÇÃO

Banã examinadora

Prof. Orientador Roberto Venosa

Profª. Arakcy Martins Rodrigues

Prof. Peter Spink

Para

Izilda e Mariana

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO
DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

HEITOR JÁCOMO MARTELLI

UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS
DESVIANTES EM ADMINISTRAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso
de Pós-Graduação da EAESP/FGV -
Área de Concentração : Teoria e
Comportamento Organizacional, co
mo requisito para obtenção de tít
ulo de mestre em Administração.

Orientador: Prof. Roberto Venosa



Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
Biblioteca



1053/85



1198501053

SÃO PAULO

1983

AGRADECIMENTOS

Formalizamos aqui os nossos agradecimentos ao professor Roberto Venosa, pela dedicação e atenção com que nos atendeu no trabalho de orientação de tese. Ao professor Fernando C. Prestes Motta, pela sua participação na definição do tema desta pesquisa. Aos colegas de turma, pelas contribuições críticas que foram prestadas a cada passo da pesquisa. Aos entrevistados, que não pouparam esforços para nos atender demoradamente nas longas conversas que tivemos. A todos, que direta ou indiretamente viabilizaram o término deste trabalho.

Í N D I C E

Página

1. Introdução	16
---------------------	----

CAPÍTULO I

1. O Objetivo da Pesquisa	20
---------------------------------	----

2. O Investigador Frente ao Objeto	22
--	----

3. Projeto : Uma Visão Schutziana	31
---	----

4. Considerações sobre os campos	38
--	----

5. O Campo Administrativo	42
---------------------------------	----

CAPÍTULO II

1. Origem e Justificativa do Estudo	51
---	----

2. Considerações Iniciais sobre o Desvio	54
--	----

3. Teorias sobre o Desvio	57
---------------------------------	----

4. Comentando o Desvio	64
------------------------------	----

5. Desvios e Desvios	78
----------------------------	----

CAPÍTULO III

1. Fundamentos da Alternação	81
------------------------------------	----

O caso de "H"	84
---------------------	----

2. Desviantes em questão	
--------------------------	--

O caso de "M"	106
---------------------	-----

O caso de "D"	134
---------------------	-----

	<u>Página</u>
0 caso de "T"	161
0 caso de "R"	190
0 caso de "G"	226
0 caso de "F"	256
3. A Localização na Fratria	283
4. Conclusão	289
5. Bibliografia	295

"(...)

Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pe
dinte:

É estar ao lado da escala social,
É não ser adaptável às normas da vida,
Às normas reais ou sentimentais da vida
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo,
prostituta,
Não ser pobre a valer, operário explora-
do,
Não ser doente de uma doença incurável,
Não ser sedento da justiça, ou capitão
de cavalaria,
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais
dos novelistas
Que se fartam de letras porque têm razão
para chorar lágrimas,
E se revoltam contra a vida social por-
que têm razão para isso supor. (...)"

(Fernando Pessoa - Poesias de
Álvaro de Campos).

APRESENTAÇÃO

Sendo este um primeiro estudo do gênero até hoje apresentado como dissertação de mestrado na EAESP/FGV, ele deverá ser lido e discutido levando-se em conta os limites que o circunscreveram, quer em termos de um referencial teórico que teve de ser buscado na literatura antropológica, psicológica e sociológica para dar conta do objeto escolhido no que se refere ao peculiar interesse que motivou a pesquisa, quer em termos da ausência de outros textos específicos que se prestassem a um tratamento semelhante de um objeto também parecido, aos quais pudéssemos nos referir. Por ora, seu maior mérito é constituir uma primeira etapa elaborada da melhor forma possível.

A parte mais expressiva nele contida é sem dúvida aquela das entrevistas, por isso mesmo a mais extensa. Contudo, para os leitores não familiarizados com os pressupostos da abordagem fenomenológica torna-se indispensável a leitura da síntese teórica que constitui-se dos capítulos um, dois e parte do capítulo três e tenta ser um núcleo significativo para que se possa compreender aquela que denominamos parte prática da pesquisa. Melhor seria que as conclusões pudessem ser tiradas do trabalho como um todo, tendo em vista que observações teóricas importantes estão registradas também fora dos tópicos específicos que a elas destinamos. Assim, no início, no corpo e no final das entrevistas, bem como na conclusão aparecem argumentos que são fundamentais para se chegar à perfeita compreensão da

abordagem que adotamos e sedimentam as intenções da pesquisa. Tratam-se de elementos teóricos que se fizeram necessários a medida que tentávamos explicar os significados nas biografias.

Em termos gerais a essência desta pesquisa é mostrar que existe uma série de determinismos sociais que atuam sobre as decisões dos indivíduos indistintamente quanto às escolhas a serem feitas em todos os sentidos e aos quais eles respondem como co-participantes, se adequando ou modificando, dentro dos limites presentes, as situações que lhes são apresentadas. Procuramos nos ater às condicionantes mais fortes que orientaram as escolhas profissionais de alguns deles, essencialmente os ambientes familiar e escolar. Preferimos os casos mais "estranhos" de opções feitas, não só porque se tratam de casos mais ou menos curiosos, mas também para mostrar que até mesmo para eles há uma explicação coerente a ser dada.

A razão de se trazer tais considerações à lume é que em geral a maioria das pessoas continuam a não estar muito dispostas a fazer qualquer introspecção que exija um questionamento mais profundo visando buscar uma explicação dos fenômenos que acontecem consigo mesmas ou ao seu redor. Mesmo porque qualquer ato desta natureza passa pelo incômodo caminho da consciência da precariedade do mundo que é socialmente construído. Assim, na maioria das vezes escolhem agir, segundo modelos simplificados, que nem sempre resolvem as questões que derivam de sua condição social. O nosso papel foi portanto, o de resgatar nas histórias de vi

da a presença marcante das variáveis sociais e individuais nas escolhas particulares.

Na introdução lembramos algumas características dos desviantes em termos das atividades que exercem. Ou seja, chamamos a atenção para as peculiaridades que nos possibilitaram identificá-los como "diferentes". Tendo em vista as circunstâncias em que o estudo foi realizado (numa escola de Administração de Empresas, para um curso de Mestrado em Administração) e as suas características pouco convencionais, quando comparado com outros estudos até então apresentados, no sentido de relacionar-se profundamente, mas só de forma indireta aos interesses imediatos da área administrativa, procuramos registrar as possíveis preocupações de alguns quanto a sua legitimidade no campo onde foi produzido. Colocamos como única e mais pretenciosa intenção da pesquisa o intuito de compreensão do objeto e citamos alguns ângulos, previamente imaginados, por onde o mesmo seria focalizado. Por último, neste tópico, procuramos antecipar possíveis reações dos leitores quando da leitura do texto e especialmente quanto às conclusões a que chegamos.

Entramos para o capítulo um, onde o objetivo da pesquisa torna-se mais transparente: através da melhor compreensão possível do indivíduo, como ator que age e interage num complexo mundo de relações sociais, chegar à explicação quanto à construção do desvio anteriormente citado.

Para que o objetivo acima pudesse ser al

cançado passamos, no tōpico "O investigador frente ao objeto", a uma explicação sobre o homem a partir da sua interação com a realidade imediata e transcendental nas quais ele se encontra e da qual ele é parte ativa. Foram abordados as pectos como: a) a socialização primária e secundária; b) o comportamento como algo articulado pelo indivíduo no ato do enfrentamento e da interação com seu interlocutor; c) a internalização que se exterioriza e edifica o próprio mundo e que pode ser experimentado como algo estranho aos proprios produtores; d) a destacável importância do simbólico e a postura do pesquisador quanto a atenção dada à interpretação que o próprio indivíduo faz de si mesmo segundo a sua particular visão de mundo originada do meio do qual faz parte.

Abrimos o novo título "Projeto: uma visão Schutiziana" para destacar a peculiaridade dos indivíduos quanto à elaboração dos 'mapas' de orientação para a vida social (projetos) e das consequências destes sobre suas decisões diárias, seu pensar e agir. A respeito dos projetos assim concebidos lembramos que: a) não há projeto individual puro; b) não existem pessoas sãs sem projetos ; c) os projetos contêm perspectivas mais ou menos remotas ; d) são singulares, resultantes de uma combinação de fatores sociais, históricos, psicológicos, etc. e) não são definitivos; f) têm a ver com a socialização do indivíduo e com o momento em que é elaborado; g) não existe consistentemente enquanto não couber ao indivíduo a escolha de seu próprio destino; h) é consciente; i) existem projetos individuais e de classe.

A partir do momento que o indivíduo entra no mundo ele está localizado socialmente. O grupo ao qual pertence é regido por regras próprias e para viver nele é preciso conhecer tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos que o colocam em funcionamento. Eis aí o campo, que definimos no tópico "Considerações sobre os Campos" como o local ou espaço onde as pessoas estão em competição pelas posições. Isso pressupõe que além das leis gerais que regem os campos estes têm especificidades como os objetos de disputa, as formas das disputas internas pelas posições, etc.; devem estar claros os objetos de disputa e os interesses específicos; quanto ao funcionamento, o campo requer pessoas formadas, com conhecimentos capazes de serem acionados no momento das disputas; deve haver um habitus que implique no reconhecimento e cobiça dos objetos de disputa. Sua dinâmica está na luta entre os detentores das posições e os recém-chegados, por estas mesmas posições ou para alterá-las.

Fizemos alusão em seguida sob o título "O campo administrativo" às características próprias deste campo. Assim obedecendo a uma lógica específica o campo administrativo na EAESP estaria representado por seus profetas (professores, funcionários e alunos) que constituem os agentes e porta-vozes que veiculam a mensagem legítima. Externamente à escola este mesmo trabalho é realizado por ex-alunos que hoje ocupam posições administrativas em algum tipo de empresa e por aqueles que mesmo sem ter passado pela EAESP, mas envolvidos pelos discursos dos seus mais destacados representantes e pelas intenções neles contidas, exercem

aquele mesmo trabalho como multiplicadores das mensagens. Essa atividade prepara o recrutamento de candidatos ao campo ao mesmo tempo que legitima os ocupantes das atuais posições. Os desviantes são aqueles que não se "sensibilizaram" com o conteúdo das mensagens dos porta-vozes acima, não servindo para compor a "platéia" que todo campo necessita e consequentemente assumiram o papel de dissidentes. Eles se apossaram de forma característica das disposições estruturais existentes das quais a escola é uma delas.

Quanto ao tópico "Origem e justificativa do Estudo" quisemos fazer referência ao trabalho de Maria de Lourdes Manzzini Covre, que nos serviu de ponto de partida. Para chegar a uma tipologia de administradores ela partiu de certos pressupostos que caracterizariam o administrador "autêntico" na forma de um modelo típico-ideal. Aqueles que não se enquadrassem no modelo, por não possuírem as características que ele estabelece, seriam os desajustados. A nossa proposta foi abandonar qualquer modelo e ir a campo saber, pelas próprias palavras daqueles que não se ajustaram à carreira administrativa (os desviantes), quem são eles. Ainda assim não tivemos a pretensão de no final chegar a um modelo típico-ideal mais autêntico em termos de relacionar as características em que possivelmente incorreriam todos os casos de desvio. Como estudo de casos esta pesquisa se justifica pela compreensão bem fundamentada da construção do desvio nas biografias individuais que por si só permitem tirar as conclusões quanto a viabilidade de se chegar ou não a um modelo suficientemente elaborado que possa ser calcado sobre componentes sociais para enquadrá-los desta ou daquela maneira.

Não poderíamos ter compreendido o objeto desta pesquisa, que denominamos de desviantes, se não nos detivéssemos um pouco nos textos que versam sobre o desvio. Estes foram úteis porque além de deixar clara a arbitrariedade com que são classificados os atores e atos sociais, lembram também da relatividade com que devem ser vistos estes últimos, possibilitando ainda compreender os processos sociais que produzem o desvio, sua manutenção e o papel que ele cumpre socialmente. Essas visões estão registradas no capítulo dois em quatro tópicos: "Considerações iniciais sobre o desvio", "Teorias sobre o desvio", "Comentando o desvio" e "Desvios e desvios".

Entre os sete casos que pesquisamos destaca-se um caso de alternância. O motivo pelo qual foi inserido no texto é que um tratamento equivalente aos casos de desvio pode ser dado a ele e trata-se de uma situação relativamente comum na vida das pessoas. Enriqueceu o trabalho porque, não obstante as suas peculiaridades, também através dele foi possível detectar as tramas que o conduziu a se alternar caracterizando bem, mais algumas determinações a que as pessoas ficam expostas no contexto social de que fazem parte. Para dar conta deste caso tecemos algumas considerações sobre a alternância, lembrando que: a) trata-se de um desencanto momentâneo, mas radical com a situação presente; b) nesse processo o indivíduo substitui o antigo pelo novo, ou seja, muda de mundo; c) é um processo muito forte de re-socialização onde a afetividade entra em um grau elevado; d) sempre que se desencanta num lado encanta-se em outro; e) quem se alterna experimenta sempre uma dupla sensação: uma de liberdade e outra de frustração.

Na sequência estão os casos de desvio. São seis biografias que nos possibilitaram interpretá-las, segundo o quadro teórico adotado, de forma a perceber a construção do desvio em cada uma delas. Destaca-se entre outras coisas a grande importância do núcleo familiar nas determinações das decisões e escolhas dos indivíduos, igualmente a socialização secundária, via escola, e os aspectos históricos particulares da vida social mais ampla que, prevaleceram durante a época de suas formações.

Uma tentativa final foi feita no sentido de detectar possíveis correlações entre a posição dos desviantes na fratria e a efetivação do desvio.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo das biografias de alguns dos ex-alunos do curso de graduação em Administração de Empresas e Administração Pública da Escola de Administração de Empresas de São Paulo - FGV, não teria nascido, não fosse o caráter "desviante" nelas encontrado.

Entre os indivíduos selecionados para este estudo e que constituem nosso objetivo de pesquisa, há quem abandonou a escola em meio ao curso e quem chegou a concluí-lo até "brilhantemente". A maioria dos casos que estudamos pertence à categoria dos "formados" em administração, ou seja, concluíram o curso. Invariavelmente porém, todos eles estão hoje exercendo atividades visivelmente "estranhas" para quem teve um contato mais ou menos demorado com os conhecimentos e as ideologias direcionados ao preenchimento de funções técnico-burocrático-administrativas.

Dentre eles, há quem dê aulas de música, quem se dedique à ficção escrevendo livros, quem dance, quem seja crítico de artes, quem hoje é médico, quem esteja fazendo psicologia e há também quem ainda não se encontrou no que se refere à definição daquilo que efetivamente deseja eleger como profissão.

Por causa dessas escolhas "estranhas" é que aprioristicamente vamos chamá-los de "Administradores

desviantes". Tentaremos dar conta desse objeto à luz da so
ciologia do conhecimento.

Onde chegar com esta pretensiosa análise? Servir a quem e a quê?

Diríamos aos mais preocupados com a imediata aplicabilidade de toda e qualquer pesquisa, que as informações aqui conseguidas serviriam de subsídio e alerta aos responsáveis pelo processo interativo da escola com seu público, ou seja, como ela se torna conhecida, de que prioridades lança mão no momento do recrutamento, ou mesmo, como se tem pautado para a estruturação do curso de Administração em termos de currículo mínimo desejável. Alguém poderia também achar útil a informação de que um grande percentual dos egressos dos cursos de graduação da EAESP-FGV vai ser outra coisa, que não administradores, e tomar novas posições para garantir a longo prazo a sobrevivência da profissão e da escola como instituição respeitável. Quer dizer, seria preocupante constatar que muitos ex-alunos, não obstante terem passado por um curso, cuja estrutura curricular coloca-se com pretensões a produzir o homem de empresas, como executivo ou como especialista das diversas áreas administrativas, desviaram bruscamente para outras atividades completamente desvinculadas da formação que receberam.

Para nós fica a certeza de que a complexidade envolvida nessa trama entre a escola e seus recrutados transcende a mecanismos determinísticos tão simples,

cujos elementos explicativos certamente não se encontram na instituição escolar em tela e, tampouco, somente nos alunos. Nada será resolvido, mesmo a nível de uma negociação bilateral e nem há que se supor que haja culpados em qualquer um dos lados, nem defeitos.

O essencial nesta pesquisa é chegar a um aprofundamento da compreensão que sirva de resposta ao seguinte problema:

"Por que alguns indivíduos que entraram para a EAESP-FGV nos cursos de graduação em Administração de Empresas e Administração Pública resolveram não seguir a trajetória administrativa? Em resumo: Por que caíram fora?"

Neste estudo, as peças para a montagem do quebra-cabeças que responde tal expectativa são as explicações das próprias pessoas. Trata-se de um estudo vivo, sem motivos para faltar com a autenticidade. Fomos ao campo e, numa conversa franca, colhemos elementos das trajetórias de vida que explicam a inserção dessas pessoas no campo da administração, as tentativas de saída do campo e, finalmente, a exclusão concretizada. Para isso voltamos a nossa atenção para alguns pontos primordiais: saber, por exemplo, como o indivíduo elabora dentro de si mesmo o seu mundo da vida cotidiana, ou seja, qual a sua visão de si mesmo e do mundo? Que tipo de percepções e explicações utiliza na sua tarefa de dar um sentido ao mundo que o rodeia, nos seus próprios termos? (Rodrigues, 1981). Como

constrói e define a sua realidade? Como articula e que peso relativo têm os fatos que vivencia? (G Velho, 1980, p. 16). Como processam, enquanto "Administradores desviantes", os determinismos sociais? Além disso procuramos não esquecer que existem práticas e disposições que dirigem as escolhas dos desviantes. Existe também um grau de organização diverso com relação às diferentes áreas do sistema cognitivo. Daí as diferentes escolhas profissionais, que podem ter se tornado viáveis em função dos maiores ou menores recursos de cada um para trabalhar com os diferentes graus de complexidade existentes no ambiente escolhido.

Finalmente gostaríamos de registrar a nossa consciência do aspecto polêmico de que este estudo, com certeza, se reveste. Os pontos de vista individuais, as experiências particulares, a afinidade maior ou menor dos leitores com o tema provavelmente entrarão em cena, especialmente na leitura das biografias. Por isso esperamos que os mais inquietos sobre as conclusões que achamos ter chegado nesse trabalho, não tendo encontrado na síntese teórica que elaboramos material suficientemente esclarecedor, recorram aos textos dos fenomenólogos ou de sociologia do conhecimento, no intuito de compreender até mesmo o porque deste estudo ter assumido uma tal feição peculiar em consequência de ter sido realizado numa escola de administração de empresas com sua história particular e por um pesquisador que, por sua vez, também possui sua própria história.

CAPÍTULO I

O OBJETIVO DA PESQUISA

Quando se fala em administrador desviante, o exemplo é, com frequência aquele que, envolvido de alguma forma na atividade administrativa dá mostras de descontentamento por não se identificar com o trabalho que faz. Não se acha possuidor das características de agressividade, competitividade, ou das habilidades políticas tão necessárias ao Public Relations, que parece constituir hoje o modelo ideal de administrador.

Neste estudo as pessoas, cujas biografias foram tomadas em entrevistas abertas e posteriormente analisadas, não estão ocupando cargos administrativos. Quando muito trabalharam brevemente no ramo, saindo rapidamente. Por isso poder-se-ia achar inapropriada a denominação que estamos atribuindo a eles de "Administradores desviantes". Alguém poderia argumentar que tais indivíduos não são e nunca foram administradores e que a esta categoria pertenceriam aqueles que efetivamente teriam dedicado grande parte de sua vida às atividades administrativas.

Para a questão a que nos propomos, não vemos aí um ponto de entrave porque a nossa intenção é muito mais de deixar claro que o desvio é algo construído, cujas explicações podem ser buscadas nos dados biográficos.

O motivo pelo qual escolhemos falar com os que já se excluíram do campo é exatamente o fato deles

terem completado o ciclo: pré-experiência administrativa (anterior à escola), a experiência em si (na escola e/ou trabalho) e a situação atual ou pós-experiência administrativa (a saída do campo). Esse fato possibilita resgatar a história completa do indivíduo, tornando assim mais compreensível a nossa intenção.

A visão do desvio como algo construído, possibilita afirmar que aqueles que se dizem descontentes com a atividade administrativa, mas continuam nela, como ficou explicitado acima, não diferem significativamente daqueles que já desviaram. É apenas uma questão de tempo e das circunstâncias e limites que o meio social, familiar e até econômico impõem a cada caso particular. Isso ficará mais claro nos desenvolvimentos teóricos posteriores.

O nosso intuito é que, ao se olhar para os profissionais referidos acima, não se cometa a imprudência de qualificá-los como frustrados, incompetentes, inaptos ou coisa do gênero, mas que se tratam de indivíduos singulares, cujas biografias explicam seu modo de ser. Não é possível calcar um modelo abrangente que resolva ou explique todos os casos.

O INVESTIGADOR FRENTE AO OBJETO

Num determinado momento o pesquisador mune-se de um gravador e de algumas fitas, dirige-se àqueles que são objetos de sua pesquisa e ouve pacientemente as narrativas soltas que constituem as suas biografias. É quase um trabalho de psicanalista neste pormenor. Alguns contam a sua história em uma hora, outros em duas, três e às vezes mais. O que sobra desses semi-monólogos são feixes de informações singulares, de onde o pesquisador deverá extrair elementos que respondam a pergunta problema que justifica a pesquisa.

Como trabalhar tamanha massa de informações e porque fazê-lo desta forma?

Neste ponto já se faz necessário recorrer à teoria existente sobre o homem e como ele se faz no mundo. Só então estaremos aptos a compreender a importância do método adotado e do porquê de tal opção.

Não é novidade dizer que os homens são seres únicos, ímpares, singulares, mas é importante saber porque o são e que implicação teria este fato tão concreto e fundamental nos estudos que deles tratam.

Ao aparecer no mundo para cumprir nele a sua passagem, o homem não escapa à socialização, entendida aqui como influências múltiplas de todas as coisas já en-

contradas no mundo quando de sua chegada. Coisas que permanecerão quando ele se for.

Cada qual assimilará de um modo particular e de acordo com o seu interesse o "espetáculo" com que se depara, desde o seu nascimento até a morte. O homem e seu ambiente são partes ativas nesse processo. É nesse confronto que as realidades sociais são cosntruídas. A socialização dos indivíduos é que os leva a interpretar a sua ação e a sua experiência a partir de um referencial. O aspecto importante a ser observado, quanto à socialização é que, pelo fato desta ser um processo contínuo ao longo da vida ligado a vários tipos de experiência existencial como casamento, carreira etc., (Velho, 1981), ela torna vulnerável os determinismos de classe de origem. Isto porém não reduz o peso e a influência de todos os fatores que atingem os indivíduos, na classe da qual são membros, sobre seus desempenhos futuros. A classe de origem proporciona as condições, prepara os espaços e estabelece os limites, circunscrevendo o campo de possibilidades de seus membros. Neste sentido o argumento de que alguns membros de classes desfavorecidas também chegam a posições de poder explica parcialmente a vulnerabilidade dos "determinismos" de classe. Contudo, a diferença está em que os membros de classes desiguais estão providos de "heranças" distintas que no final refletem as singularidades essenciais de cada um. Estas sim, são de importância fundamental no momento em que se queira saber por exemplo quem tem a "marca" do dominante e a do dominado.

É comumente aceito chamar de socialização primária as construções elaboradas naquele período da vida em que ainda não se tem o domínio das próprias ações, sendo por isso governadas por opiniões e forças externas quase sempre no círculo das relações familiares. É o período em que não se vai além dos limites do pequeno grupo e é também o momento em que as marcas mais profundas são instaladas no ser de cada um, devido a proximidade e constância dos únicos modelos apresentados e consequentemente apreendidos, não como um dos mundos e sim, como o único mundo. A imposição, nesta fase, é uma constante. Frente à falta de opções que caracteriza o mundo da infância interioriza-se profunda e emocionalmente o modelo à disposição como o único existente, concebido como inevitável. É por isso que, em estágios biográficos ulteriores, a presença dos aspectos marcantes da socialização primária se fará sentir, por mais que tenha sido enfraquecida por desencantos subsequentes (Berger, 1963).

A socialização secundária ocorre num contato com um mundo mais amplo e diversificado onde aparecem a escola, o trabalho, o grupo de amigos, toda espécie de comunicação de massa (rádio, jornais, televisão, etc.) e outros. Esta fase da socialização não tem um caráter tão marcante quanto à socialização primária. No que se refere à socialização secundária, é mais fácil "apagar" da memória aquilo que por um período prevaleceu como verdade porque, neste nível, a apreensão das várias experiências não envolve a afetividade presente nos primeiros e mais próximos contatos de nossa vida (núcleo familiar p. ex.). Além

disso, é notório que a socialização secundária não se faz sobre ou a partir do nada, mas com a certeza de que os "espaços" já estão ocupados com algo que já lhes deram as primeiras e fundamentais formas. Significa dizer que tudo que vem a seguir e que irá compor a formação do indivíduo se mesclará, em maior ou menor grau, com elementos das primeiras experiências. É como se em plena vida adulta, um retorno involuntário nos surpreendesse sendo crianças outra vez. A socialização secundária se faz no mundo das instituições e tem um caráter mais artificial que a socialização primária.

Porque as pessoas são assim constituídas, cuidamos de buscar na teoria algo que também nos orientasse quanto ao comportamento dos indivíduos, em especial para nos situarmos no momento das entrevistas abertas e na posterior análise dos dados colhidos.

Arakcy M. Rodrigues ressalta um tipo de comportamento "que supõe uma articulação interna entre as diversas respostas observáveis, segundo uma organização cognitiva e emocional por parte de quem as exhibe"⁽¹⁾.

Sob este enfoque o comportamento não pode ser apreendido de forma a permanecer na observação de sinais externos, como se fossem oriundos de um impulso natural. O que está implícito no objeto é que justifica toda

(1) RODRIGUES, Arakcy M. - "O trabalho autônomo e semi-autônomo", mimeografado-FGV-SP, 1981, p. 2.

e qualquer ação. Antes de emitir um dado, o agente processa entre as várias alternativas que pode vislumbrar, aquela que mais lhe convém naquele momento ou ao observador (entrevistador). E isso ele o faz, amparado por toda uma gama de valores cultivados e assimilados durante a sua existência, no meio em que sempre esteve inserido. Para que isso aconteça, ele obrigatoriamente estará fazendo uso de sua capacidade cognitiva e emocional, que é extremamente variável de indivíduo para indivíduo. Esta é uma noção que oferece sustento à afirmação de que nem sempre as pessoas são aquilo que tentam demonstrar e que, por vezes, elas tentam construir para si próprias uma imagem irreal delas mesmas, incorporando-a e fazendo desta imagem construída artificialmente o apoio para continuar vivendo. Nem será preciso dizer que neste caso estamos frente a um ator e a função do observador será captar exatamente — fazendo uso, o quanto possível, do instrumental oferecido pelo observado (gestos, expressões, silêncios, entonação da voz) — a verdade real, que a permanecer na superfície, mantêm-se totalmente obscura. Estivemos atentos a estes detalhes nas entrevistas, fato que aliás justifica a metodologia adotada, como fator de superação das deficiências contidas, p. ex., no questionário.

As determinações sociais não substituem as determinações individuais, mas se acrescentam a estas como geradoras, historicamente, de determinados padrões e experiências práticas. Os agentes constroem de modo diverso o seu mundo particular fazendo uso dos elementos disponíveis no seu habitat, que se afiguram como uma só realidade

de, resultando daí várias interpretações. Há então um domínio individual a ser considerado, que se constrói e se torna real dentro do mundo a que pertencem tais agentes.

Adotamos também a idéia chave da teoria sociológica de Pierre Bourdieu de que as condições externas, objetivas, são internalizadas pelos indivíduos e que através do comportamento a interioridade volta a se ^{FAZER} exterioridade" (2). Berger preconiza que há três momentos dialéticos na realidade social: exteriorização, objetivação e interiorização. Daí que: a sociedade é um produto humano, é uma realidade objetiva e o homem é um produto social. Este produz um mundo que posteriormente pode experimentar como algo diferente de um produto humano. (Berger e Luckmann, 1978). Fazer parte do mundo já é exteriorizar-se. Assim é preciso considerar que o indivíduo é um ser que comunica, que se comporta e que se exterioriza a cada momento. Nesse agir que é parte de sua essência, o homem apresenta respostas observáveis que são fruto de uma organização cognitiva e emocional. O comportar-se é, assim, o resultado da presença do homem no mundo com tudo que o cerca e que ele apreende, interpreta e comunica. Nisso vai a marca indestrutível da emoção que é um composto de sentimentos tais como a saudade, a alegria, a tristeza, a segurança, a insegurança, a percepção do belo, do feio e tudo que possa estar ao alcance dos sentidos.

Uma vez mais ressalta-se o comportamento como um ponto de apoio para o pesquisador social. Se somen

(2) RODRIGUES, Arackcy M., op. cit.

te através dele pode-se captar aquilo que as pessoas são efetivamente, nada mais é preciso dizer sobre a atenção que merece. Continua sendo, por enquanto, o caminho mais palpável para o estudo das pessoas, desde que seja visto e analisado sob a dimensão que expusemos anteriormente. Ou seja, ele constitui uma manifestação efetiva que fornece os elementos aparentes ou implícitos, objetivos ou subjetivos, que caberã ao observador explicitar.

É necessário ainda, em se tratando do estudo de biografias individuais, salientar mais alguns pressupostos sobre o ser humano que legitime os procedimentos adotados.

Os indivíduos não estão no mundo como objetos inertes, sujeitos a todas as leis da natureza e por elas governados, manipulados, moldados, à mercê dos desígnios dos céus. Ao contrário, eles arguem a natureza e esperam dela uma resposta. Constituem objetos que reagem, que têm um projeto social e que realizam uma intenção (Merleau-Ponty, 1971). Neste modo de ser, estes indivíduos agem movidos pela consciência, mas também em função de valores e motivações. O que equivale a dizer que as pessoas, embora sejam vulneráveis à socialização, o que é um ponto forte a ser considerado neste estudo, têm percepções inerentes ao seu ser, que independem de estarem ou não expostas no mundo sob quaisquer influências. A consciência do próprio corpo, p. ex., é apreendida pelo indivíduo sem que estruturas sociais insinuem sua existência concreta. (Alves, 1975).

Assim sendo, pode-se vislumbrar o ser no mundo em constante interação com tudo que o cerca, e, por isso mesmo, munido de relativa autonomia, que acaba por reivindicar a si mesmo parte da responsabilidade por aquilo que é, ou seja, o ser se constrói nesta trama social da qual é parte integrante e ativa. E por ser assim ele opta, escolhe ou direciona seu projeto de vida dentro dos limites oferecidos socialmente a fim de realizar aquilo que intenciona. É apenas uma questão de estar disposto a arcar com os custos mais ou menos elevados no momento da escolha. É como se constrói a realidade social de cada um de nós.

É esta concepção de mundo que traz à tona o fato de toda ação ser simbólica, isto é, ela não se limita ao que representa por si só como ato concreto, mas vai além daquilo que as interpretações mais imediatistas podem produzir. O simbólico é sempre o real, não admissível às vezes pelo ator, mas intensamente vivido. É o significado que está por trás da ação, do fato. Todo ato de escolha traz implícito seu aspecto simbólico, ou seja, ele não se explica por si só. É claro que qualquer que seja a escolha, dela se perceberá reflexos imediatos, palpáveis, que satisfazem a parte prática do ser porém indiscutivelmente, tal ato vai além dessas pequenas representações e se afigura muito mais como sinal de uma intenção que requer uma atitude analítica profunda, se o objetivo for o de recuperá-la. Disso se deduz que ao pesquisador, se quiser chegar à compreensão de tais intenções, não cabe uma postura de distanciamento científico, na qual incorreria,

sem dúvida, em interpretações e subjetivismos do seu ponto de vista particular, ao invés de captar as razões dos indivíduos. Trata-se, ao contrário, de apresentar a criação de uma realidade em função da qual os indivíduos vão interpretar suas experiências e em função das quais atuarã⁽³⁾.

Somos todos atores do grande teatro que é o mundo, não vivemos sem dar sentido a tudo que nos cerca e, como artesãos da nossa própria realidade, nos envolvemos em experiências múltiplas, de cuja compreensão dependerá a nossa maneira de ser no mundo, a nossa atuação. Isto serve para mostrar que as pessoas devem ser compreendidas do ponto de vista das intenções que as animam⁽⁴⁾ e, sendo estas intenções intrínsecas a elas, somente elas poderão exteriorizá-las. Eis que é próprio do homem ser "impenetrável" na sua totalidade e é isso que o distingue dos objetos das outras ciências não humanas, que são reveladores, universais e generalizáveis.

(3) BECKER, Howard. - "Los extraños: Sociología de la Desviación", Editorial Tiempo Contemporáneo, Buenos Aires, AR, 1971.

(4) DARTIGUES, A. in BRUYNE, Paul e outros. "Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais", Francisco Alves, RJ, 1982, p. 140.

PROJETO: UMA VISÃO SCHUTZIANA

Por todas estas características que até aqui citamos, referentes ao homem, não é difícil supor que ele, invariavelmente, elabora seus projetos. É o que comumente chamamos de planos: "sistema supremo" de objetivos e linhas de ação da vida de um indivíduo. Segundo Schutz, um projeto existe quando há ação com algum objetivo predeterminado (Velho, 1981, p. 26).

Assim, as pessoas fazem planos para o futuro e vivem em função deles. Por isso, estes planos representam o ponto para onde elas caminham, com expectativas de atingi-los. Por ocupar lugar tão importante em suas vidas, tais planos influenciam grandemente as suas decisões diárias moldando-as no pensar e no agir frente às outras pessoas e ao mundo que as cerca. "A idéia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual 'puro' sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas"⁽⁵⁾.

Resultam daí as características particulares de que cada um lança mão para realizar seu projeto. A ausência dele, sem dúvida, reduz o indivíduo à condição de coisa, que não participa e que, em última análise, não vi-

(5) VELHO, Gilberto. "Individualismo e Cultura", Zahar, Rio de Janeiro, 1981, p. 26.

ve. Claro está que, além de tais projetos serem concebidos para um futuro próximo ou distante, eles são tantos e tão diversificados quantos são os indivíduos no mundo. É que embora esses projetos sejam invariavelmente atingidos pelas mesmas limitações sociais da classe à qual o indivíduo pertence, bem como daquelas (limitações sociais) inerentes à posição que ele ocupa dentro da classe, "há sempre algo irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual, mas sim a uma combinação única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida ipsis litteris"⁽⁶⁾. "O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo, como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes" (7).

O ato de projetar leva o indivíduo, antes, a se "transportar" para a situação em que os resultados de tal projeto já se tenham efetivado. Nesse transportar-se, porém, o indivíduo não está imune às influências da bagagem de experiências até então acumulada. Ao contrário, é fazendo uso dela que ele passa a construir as etapas que levarão à realização daquilo que intenciona. Schutz assim se expressa quanto a este ponto:

(6) VELHO, Gilberto, op. cit., p. 28.

(7) Idem, op. cit., p. 27.

"Com o fim de projetar minha ação futura, em seu desenvolvimento, devo situar-me, imaginariamente em um tempo futuro no qual esta ação já se terá cumprido, quando o ato resultante já se terá materializado. Sô então posso reconstruir os passos isolados que levarão a esse ato futuro.

Esta perspectiva temporal que caracteriza o projeto tem consequências muito importantes. Em primeiro lugar, quando projeto meu ato futuro em tempo futuro perfeito, me baseio em meu conhecimento de atos efetuados anteriormente e que são tipicamente similares ao projetado, em meu conhecimento de traços tipicamente significativos da situação que terá lugar esta ação projetada, inclusive minha situação pessoal biograficamente determinada" (*).

É bom lembrar que sempre há razões biográficas suficientes para justificar as formas mais incomuns de estar no mundo e de estabelecer os mapas de orientação para a vida social. O estranho, o mirabolante, o absurdo são tipificações próprias do interior das pessoas que tentam medir o comportamento das outras tendo como parâmetro somente a sua maneira de ser, apreendida como a mais legítima. Cuidando de excluir esse "bias" tão comum

(*) SCHUTZ, Alfred. "El problema de la realidad social" , Buenos Aires, Amorrortic, 1974, p. 87.

na vida cotidiana e investigando as razões do pensar e agir das pessoas, chegar-se-ã a conclusões que validarão os projetos da grande maioria delas. Sobram logicamente, aquelas biologicamente insanas, que, contudo, não invalidam as afirmações aqui colocadas.

Algo também a ser lembrado é que os projetos não são definitivos. Eles sofrem modificações ao longo da vida, provocadas pelos acontecimentos inesperados e que fogem ao nosso controle. Em alguns casos, eles apenas mudam de direção ou passam por um pequeno ajuste. Outras vezes são substituídos "in toto", dada a inviabilidade que a nova situação apresenta. Além disso, os projetos individuais são peculiares à socialização do ator. Possuem elementos que são singulares e tipicamente seus. Sobre este aspecto dos projetos, Schutz assim se expressa:

"Sempre há uma seleção de coisas e aspectos das coisas relevantes para mim em algum momento dado, enquanto que outras coisas e outros aspectos são, neste mesmo momento de pouca importância para mim ou mesmo totalmente ausentes. Tudo isto é biograficamente determinado, isto é, a situação atual do ator tem sua história; ela é a sedimentação de todas as suas experiências subjetivas prévias. Elas não são experimentadas pelo ator como

sendo anônimas, mas como únicas e subjetivamente dadas para ele e somente a ele"(8).

Um dos aspectos mais importantes a ser observado é a participação de uma infinidade de fatores, coisas e pessoas, na idealização do projeto. Sob este ponto de vista ele é altamente vulnerável, resultando daí, com mais frequência do que podemos imaginar, aquelas modificações ditas acima. Significa tomar consciência, mais uma vez, de que não estamos sozinhos no mundo. Não há como nos assegurarmos totalmente da realização de nossos projetos, dadas as múltiplas influências a que eles estão sujeitos. Porém, não vemos, por outro lado, como as pessoas poderiam elaborar seus projetos no vazio. Elas os idealizam em função, e levando em consideração, todas as instâncias do mundo da vida. Forma-se, então, um processo interativo vivido pelo homem ininterruptamente e que serve, sem dúvida, para a construção de si mesmo. "A noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto"(9).

(8) SCHUTZ, Alfred. "The problem of social reality", in *Collected Papers*, Haia, Martinus Nijhoff, V 1, 1970, p. 77. "At any rate, there is such a selection of things and aspects of things relevant to me at any given moment, whereas other things and other aspects are for the time being of no concern to me or even out of view. All this is biographically determined, that is, the actor's actual situation has its history; it is the sedimentation of all his previous subjective experiences. They are not experienced by the actor as being anonymous but as unique and subjectively given to him and him alone".

(9) VELHO, Gilberto. Op. cit., p. 24.

Logicamente que as pessoas começam a idealizar seus projetos quando ninguém mais as está "segurando pela mão". Esta é a fase que caracteriza a infância. Enquanto tuteladas e tendo que aceitar os caminhos traçados pelos outros, falar em projeto parece não ser muito consistente. É a partir do momento da tomada de consciência e da necessidade de gerir os seus próprios destinos que as pessoas começam a idealizar seus mundos.

"É essencial frisar o caráter consciente do processo de projetar e que vai diferenciá-lo de outros processos determinantes ou condicionadores da ação que não sejam conscientes" (10).

Até aqui nos reportamos aos projetos individuais. Individuais relativamente, porque vimos que eles sempre estão enredados num mundo social do qual o indivíduo participa. Contudo, é possível falar-se em projetos de classes ou de sub-grupos dentro da sociedade. Há grupos em que se nota nitidamente a presença de um projeto de ascensão social, por exemplo. Disso resulta uma série de considerações e valores que não estão presentes em outros grupos, cujos projetos são diferentes. Assim, se numa família de empresários bem sucedidos da alta burguesia é muito importante que o filho homem seja preparado para suceder o pai na direção dos negócios da empresa, com fins a não permitir a decadência do empreendimento, e mesmo aumentá-lo cada vez mais, nas classes desprovidas de capital

(10) VELHO, Gilberto, Op. cit., p. 27.

econômico e não autônoma em suas atividades (assalariados. p. ex.); tem muito pouco peso a existência de um filho na família, que seja "cópia" do pai, profissionalmente falando. Mesmo porque é certo que o pai, neste caso, não desfruta de uma posição profissional valorizada socialmente e isso afasta a vontade de segui-lo. O que se deduz é que no primeiro caso o projeto está visivelmente definido e qualquer desvio do esperado é vivido como uma real ameaça à própria identidade do clã. Já na segunda situação, pouco importam as escolhas profissionais de seus membros, diante da premente necessidade de sobrevivência. Conta muito mais a dedicação, o esforço, a seriedade que possa, no final, resultar em benefícios financeiros suficientes para não sofrerem privações.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMPOS^(a)

Há um espaço, que denominamos de campo, estruturado, isto é, delimitado, com posições demarcadas no seu interior e ocupadas por agentes diversos — pessoas desempenhando seus respectivos papéis. Cada uma dessas posições ou postos possui propriedades particulares, possíveis de serem analisadas em si mesmas. As pessoas que ocupam essas posições — ocupação que sempre se dá numa relação de forças e portanto de disputas — possuem características que são em parte determinadas por aquelas propriedades.

Todo campo está sujeito a certas leis gerais, ou seja, é regido por elas. Possui certas características de funcionamento que são comuns a outros campos, o que possibilita utilizar os conhecimentos adquiridos sobre um para a compreensão de outros. Assim, é possível utilizar-se parcialmente os conhecimentos adquiridos sobre, p. ex., o campo da religião para se compreender o funcionamento do campo administrativo e vice-versa. Igualmente, com os campos da política, da literatura, das artes etc.

Por outro lado, as especificidades de cada campo é algo patente. Assim as formas que a disputa interna entre os pretendentes das posições e aqueles que nelas já se instalaram assumem, são diferentes se tomarmos

(a) Este tópico está baseado na leitura que fizemos da Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu.

como exemplo o campo das artes na França e o mesmo aqui no Brasil. Por que? Porque trata-se de culturas distintas nos seus aspectos mais significativos. Ou seja, há uma maneira peculiar a cada campo que emerge da luta entre aquele que pretende adentrar ao campo, conquistando o espaço desejado e aquele que já se encontra instalado nele, com a firme intenção de defender o seu espaço e de, portanto, excluir o concorrente. Lança-se mão de expedientes diversificados em cada campo, segundo os objetos que motivam as diferentes disputas.

No campo, tem que estar claro aos que nele militam, quais são os objetos de disputa. Por exemplo, no campo acadêmico esses objetos seriam: o posto de professor titular, a chefia de um órgão interno importante, a possibilidade de ministrar aulas no curso de pós-graduação etc. Também os interesses específicos devem estar claros, ou seja, com que objetivos alguém pretende dar aulas no curso de pós-graduação ou ser chefe de um departamento importante? Podem ser: status, poder, prestígio, renda etc. Tanto os objetivos de disputa, quanto os interesses particulares dos agentes são sempre próprios de um campo específico. Eles não se estendem a outros campos porque na sua essência, não são os mesmos. Os motivos pelos quais as lutas acontecem dentro dos campos são diferentes. As questões que levam um bispo a se candidatar à presidência da CNBB não são as mesmas, nem na forma e nem na natureza, das que levam um cidadão a querer chefiar uma delegação de pesquisadores à Antártida.

O funcionamento de um campo requer que existam pessoas formadas, ou seja, com conhecimentos desenvolvidos, capazes de serem acionados no momento das disputas. Devem também ser portadoras de um habitus⁽¹¹⁾ que implique no reconhecimento e na cobiça dos objetos de disputa, bem como das leis que regem o jogo no qual se tem que entrar para se galgar as posições pretendidas e se beneficiar das benesses que daí poderão advir.

Há ainda uma relação de forças entre agentes ou instituições engajados no campo, cujo "estado" (o nível em que ela acontece, as formas como se apresenta essa relação) constitui a estrutura do campo. A estrutura do campo pode ser também visualizada ou formada a partir da distribuição do capital específico existente no campo, produto de lutas anteriores, que orienta as estratégias ulteriores.

Todas as lutas internas ao campo, são para conseguir o monopólio da violência legítima que confere autoridade específica aos seus detentores. De posse dessa autoridade os agentes estão munidos para lutar pela conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do ca

(11) A noção de habitus que estamos adotando é de Pierre Bourdieu: "sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias. Em outras palavras: disposições adquiridas; as maneiras duráveis de ser ou de fazer que se encarnam nos corpos; maneira permanente de ser".

pital específico. É certo que a luta pela conservação é encampada por aqueles já instalados no campo e detentores da autoridade, e a luta pela subversão cabe quase sempre aos recém-chegados ao campo e que portanto não detêm ainda o trunfo da autoridade específica.

O CAMPO ADMINISTRATIVO

Como vimos, todo campo tem suas peculiaridades e seus limites bem estabelecidos. É dentro desse espaço que a ação social ocorre. Ação social aqui entendida como coloca Max Weber: "a ação é social na medida em que em virtude do significado subjetivo que se lhe atribui por parte do indivíduo ou indivíduos atuantes, leva em conta a conduta dos outros e é orientada por ela no seu curso"⁽¹²⁾. Isto implica, inevitavelmente, na ocorrência da interação que, para Schutz, "existe quando uma pessoa atua sobre a outra com a expectativa de que esta última responda ou ao menos se dê conta"⁽¹³⁾.

O campo a ser levado em consideração para as análises biográficas dos indivíduos desviantes a que já nos referimos é o campo administrativo, com a sua lógica própria, com seus profetas e com suas instituições^(*). Ele é muito importante no caso deste estudo, especialmente porque é o palco onde se desenrolaram as ações mais significativas e decisivas dos administradores que acabaram seguindo outras alternativas profissionais ou de vida e embora não sejam o "produto normal" digno de compor o campo, foi dele que saltaram fora e, por isso, ainda o têm como

(12) PANIZZA, Lívio. "O Pensamento de Alfred Schutz" in Revista Brasileira de Filosofia, V. XXXI, nº 122, abr/mai/jun, 1981, p. 138.

(13) Idem, op. cit., p. 138.

(*) O termo "instituição" é usado aqui, no sentido de tipificação. Ou seja, para que exista uma instituição é preciso que haja uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Mais, a instituição é uma realidade exterior; o indivíduo não pode entendê-la por introspecção; é uma objetividade produzida e construída pelo homem. Cf. Berger & Luckmann in "Construção Social da Realidade", Petrópolis, Vozes, 1978, p. 79.

referência, de onde se tenta extrair elementos que, no mínimo, justifiquem tal exclusão. É importante assinalar que essa ruptura evidencia tanto um habitus daqueles que estão no campo, quanto daqueles excluídos. A diferença está em que cada qual o manifesta ao seu modo. Os excluídos recusam-se, p. ex., a usar o paletô e a gravata do executivo, porém usam a alpargata, o brinco, os cabelos longos, a barba por fazer, que não deixa de ser a forma pela qual reprovam a conduta de seus "antagônicos". Em outros casos, os sinais externos dos desviantes não são tão aparentes porque embora incompatibilizem-se com os objetos de luta do campo administrativo, estão no mesmo mundo e por isso continuam a observar, como estratégia de vida, alguns sinais que contam massivamente com a aprovação social e que fazem parte do habitus do administrador que não desviou. As desaprovações, neste caso, ficam mais por conta das concepções teóricas divergentes (sociais, morais, econômicas, políticas, etc.) e são concretizadas no trabalho que realizam, nos ambientes que procuram frequentar, na escolha dos amigos etc. As expressões de desacordo são, neste caso, manifestadas no interior do pequeno grupo que partilha de idéias parecidas, até mesmo como meio de preservar a própria identidade. Tomados no conjunto, porém, são dois grupos distintos de agentes: os que permaneceram no campo administrativo e os que saíram dele. São pessoas com percepções diferentes da mesma realidade e que mantêm um constante acordo "mudo" sobre aquilo que ainda "curtem" do campo de que são frutos. Mesmo aqueles que estão na categoria de excluídos, constantemente retornam à escola e nela passam horas, como se algo de bom e interessante lhes tivesse marcado quan-

do nela viveram como alunos. Mais que isso, trata-se de uma atitude velada reinante nos dois grupos, cuja expressão é o acordo tácito indispensável à sobrevivência de ambos que, no fundo, retêm no seu íntimo pontos de ligação indestrutíveis^(*) com os quais concordam, quer em função da quilo que já viveram antes de se encontrarem (eles são todos produtos de uma socialização parecida), quer em função do desejo de libertar-se de um "modus vivendi" metódico e tradicional ou de nele entrar. Ambas as situações pressupõem e requerem a existência do campo. Isso obviamente possibilita a continuidade de vida dos dois grupos, cada qual no seu mundo particular e possibilita as transações intergrupais descomprometidamente. Um se define em função da presença do outro. No limite, são cúmplices, têm pretensões que se equivalem e extraem do mesmo campo as motivações e os recursos para se fazerem diferentes. Então, é possível dizer: X é um executivo bem sucedido também por que fez o curso de administração na EAESP-FGV. Igualmente: Y é poeta em parte pelo mesmo motivo. Ambos se definem a partir de uma realidade comum.

Dada a condição de excluídos, com todas as condicionantes de que este fato possa estar carregado, quais sejam, de constituir ato espontâneo, escolha forçada, pressão subjetiva, sugestões verbalizadas e outras mais que tivessem resultado na escolha daquilo que cada um é hoje, algo é factual: os desviantes são pessoas diferentes

(*) O que queremos dizer é que existem pontos de contato que interessam a ambos. Ex.: o estudar na GV, pela boa tradição da Escola, os amigos que nela fizera, etc.

porque se apossaram de forma característica das disposições estruturais existentes, das quais a escola é uma delas, tornando-se assim diferentes porque não constituem maioria.

Parte decisiva da "luta" se travou num espaço (a escola) onde se faz presente "a ação de agentes e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas ou de discursos a uma categoria particular de necessidades próprias a grupos sociais determinados" (14).

Extrapolando tais palavras para o campo administrativo e mais precisamente para a EAESP-FGV, que dele é parte integrante, torna-se fácil constatar que a atuação dos "profetas", quer façam parte do corpo docente, discente ou administrativo, se faz de forma enfática no sentido de fabricar certas ilusões cujo objetivo, além de ser o atendimento de uma certa demanda, não é outro, senão o de justificar a sobrevivência deles próprios. Esta atuação funciona sobretudo como justificativa social de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura do campo. Lança-se mão de expedientes, como p. ex., os de classificarem os conhecimentos difundidos nesta escola como altamente críticos, contestatórios, os únicos capazes de instrumentalizar uma vanguarda no campo. Cria-se um mi-

(14) WEBER, Max. "Uma interpretação da teoria da religião" in Pierre Bourdieu, "Economia das Trocas Simbólicas", Editora Perspectiva, SP, 1974, p. 79.

to de tal respeitabilidade veiculado como a mais pura verdade, a ponto de conquistar para si a atenção e o desejo, daqueles que ainda não se inseriram em tal "paraíso", de algum dia poderem fazê-lo. Claro que esta crença, tanto daqueles que estão do lado de fora, quanto daqueles que compõem o "corpo sacerdotal", é antes materializada por estatísticas, com plena aprovação social, mostrando o número e, às vezes, nome e fotografia, para não deixar dúvidas, do elenco dos bem sucedidos formados pela escola. É largamente difundido também que as empresas dão preferência aos que comprovem ter estudado na EAESP-FGV, no momento da concorrência no mercado de trabalho. Além disso há os pronunciamentos de pessoas "credenciadas" que, hoje ocupando altos postos, ratificam a crença no mito. É como se bastasse entrar na EAESP para se tornar presidente de uma grande multinacional. Disso tudo, conclui-se que no campo existem agentes muito interessados em fazê-lo existir "forte e coeso" porque isso significa um trabalho em causa própria, também. A ação dos construtores de um campo assim convidativo é totalmente determinada pela situação social. Mais fortes serão (os construtores e as instituições de que fazem parte), tanto quanto forem capazes de satisfazer a demanda dos conhecimentos necessários à manutenção do "status quo" daqueles que são os usuários desses conhecimentos que, não coincidentemente compõem a sociedade capitalista. Todos os conhecimentos difundidos no campo devem permitir uma sistematização que, no caso, resulte em sucesso financeiro. As coisas assim adquirem certa "harmonia" e "coerência", difícil de ser contestada, em função do fortalecimento engendrado pelo encontro das necessidades de sobrevivência dos pro

fetas com a busca de legitimação incessante da sociedade. Claro, então, que a legitimidade dos profetas é condição "sine qua non" para que sobrevivam e ninguém pode fazer isso senão os usuários dos conhecimentos administrativos. É evidente, portanto, que há vínculos muito estreitos, no caso das práticas administrativas que conhecemos e que são veiculadas em nossas escolas, com o sistema capitalista. Sistema econômico onde o lucro é o ponto de convergência que molda todas as ações daqueles que desejam construir uma situação harmoniosa que acolha, naturalmente, a exploração de muitos e os altos ganhos de alguns sem conflitos aparentes. Os defensores e construtores, que tornam possível e legítima esta prática, o fazem de modo a fortalecer grupos sociais determinados, (e não é por coincidência que sejam da classe dominante) conquistando, ao mesmo tempo, o espaço necessário à sua legitimação como profetas, agentes ou porta-vozes especializados e à legitimação do grupo que absorve a sistematização de conhecimentos por eles engendrada.

Sempre que a identificação com as características de determinado campo se tornar problemática, é normal se escolher outra forma de vida cujos princípios se ajustem melhor aos desejos dos agentes aí envolvidos. O que não é possível é permanecer no limbo. Ou se pertence a um campo, ou a outro. Sempre que se nega um, cai-se em outro. É necessário, neste ponto, deixar claro que a constituição e o funcionamento do campo, para onde saltaram aqueles que não se identificaram com a maneira de ser e viver de seus colegas "ajustados", não difere completamente. Há

interesses fundamentais em comum, em ambos os campos, não sã sobre aquilo que possibilita a sua existência, mas sobretudo aquilo que o constitui: o jogo, os objetos de disputa e demais pressupostos que são tãcitamente aceitos.

Dizer que aqueles que ficaram no campo sã enquadrados numa racionalidade burocrãtica, infantilizados e domesticados, pouco criativos, menos inteligentes, enquanto os que saĩram do campo, pelo fato de nã se adaptarem a tarefas metãdicas e repetitivas e por serem partidãrios da "liberdade de pensar" e agir, sã superiores ou inferiores, nã leva a lugar nenhum. Ė certo que dos dois lados hã racionalidades, hã discursos autoritãrios, hã liberdades. Tudo Ė uma questã de opçã, de visã de mundo, de valores individuais que possibilitam estar neste ou naquele cĩrculo, nunca fora de qualquer um deles, porque nã optar Ė tãbẽm fazer uma opçã.

A verdade Ė que se o campo administrativo atende às demandas de legitimaçã da ordem estabelecida prãprias de uma classe, encontrando nas grandes burocracias polĩticas o grau mãximo de realizaçã (Bourdieu, 1974), aos que estã no campo dos desviantes, onde a necessidade de sistematizaçã assume outros contornos, aquilo que o campo administrativo pode oferecer nã cabe. Nã hã o respaldo dos desviantes para legitimar quaisquer profecias administrativas, logo, nã se ligam por questões de interesses divergentes. Os desviantes nã sã os consumidores daquilo que o campo administrativo possa oferecer e com isso este ũltimo perde a legitimidade frente ao conjunto dos que caĩ

ram fora, ou seja, não encontra elementos que o justifique.

Para chegar onde pretendemos não podemos ficar na análise dos indivíduos como se fossem a fonte de todo o bem e de todo o mal, mas importa sim — e isso é indispensável para compreender as opções que cada um fez — descobrir a organização da interação (p. ex. o processo pelo qual as pessoas definem algumas ações como ruins e outras como boas) na esfera de vida dos indivíduos entrevistados. O fundamental é entender as construções que ocorrem dos dois lados e que resulta na viabilidade de sobrevivência dos dois grupos. Particularmente, estamos interessados no grupo dos desviantes e é a eles e ao mundo por eles partilhado que vamos recorrer neste intuito de compreensão. Mais precisamente interessa-nos detectar as tramas sociais e familiares que explicam a saída deles do campo. O pressuposto é de que as atividades a que se dedicam hoje tais desviantes, não se concretizaram por uma predestinação ou por um "dom", mas porque algo foi sendo construído na trajetória histórica desses indivíduos que os levou às posições que hoje ocupam. O desvio é organizado, ou seja, ele não se efetiva por acaso. Há toda uma série de circunstâncias sociais, econômicas e políticas a nível micro e macro da existência dos agentes que permitem a "construção" de seu edifício" e que justificam a postura hoje por eles adotada. Durante suas vidas, apropriam-se das ideologias dos grupos mais próximos, como os amigos, e as vão aplicando de acordo com as disposições existentes no campo, ou seja, fazem uso dessa bagagem adequando-se o quanto possível aquilo que o mundo no qual estão incluídos permite.

Há um ponto comum aos que constituem objeto desta análise, qual seja, o de passarem, todos eles, por uma mesma escola e por um mesmo curso, que teve seu significado, ainda que peculiar a cada um. Um aspecto importante a ser lembrado é que durante a escolarização formal as pessoas acabam por construir seus mapas de relações sociais. Além disso, a escola está organizada dentro do habitus da pessoa, ou seja, é parte integrante desse habitus. Ela surgiu na vida como parte de uma etapa anterior de "construção" que não permitiu descartá-la. Existe, na verdade, uma trajetória anterior que predispõe a pessoa ao desvio e a vir para a escola. O desvio, como estamos colocando, teria ocorrido na vida dessas pessoas também via escola. Esta constitui para elas um marco, pelo qual ^{NÃO} se poderia ter deixado de passar. Estamos, em suma, perseguindo a construção do desvio de cada indivíduo estudado, via análise das suas biografias. Como se explica o destino dessas pessoas fora do quadro imediato de possibilidades (ou profissional, como administradores, ou carreira acadêmica) ? Qual a lógica que explica a sua inserção no campo em que atuam?

CAPÍTULO II

ORIGEM E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Já colocamos anteriormente que o alvo deste estudo é saber, ou melhor, compreender como o desvio se construiu nas trajetórias de vida dos elementos que "caíram fora" da carreira administrativa. Isso porque achamos que era muito pouco classificá-los despreocupadamente como desviantes ao nível da rotulação. Ou seja, salientar apenas a existência de mais alguns "etiquetados" dentro da sociedade, sem compreendê-los na sua essência, naquilo que é importante saber. Naturalmente, trata-se de um estudo de casos, cujos conteúdos são biografias atípicas no campo administrativo.

A nossa preocupação em levar para este nível a análise dos "administradores desviantes", nasceu, em parte do trabalho da professora Maria de Lourdes Manzini Covre, que em pesquisa realizada com alunos da EAESP-FGV (15), estabeleceu uma tipologia de administradores a partir das informações fornecidas pelos pesquisados, sobre a imagem que têm de si próprios como administradores. Nesta tipologia aparece entre outras categorias, a dos administradores desajustados, que ela resolveu assim denominá-los a partir das seguintes respostas colhidas: "falta de agressividade; falta de iniciativa e pouco poder decisório; reconheço grande parte das minhas imperfeições e procuro saná-las; tenho consciência de minhas limitações, talvez não

(15) COVRE, Maria de Lourdes M. "A Formação e a Ideologia do Administrador de empresas". Vozes, Petrópolis-RJ, 1980.

fosse exatamente o tipo de carreira que eu devesse escolher; tenho dúvidas sobre a minha sobrevivência neste campo, pois trata-se de um campo muito agressivo e competitivo com características a que não me adapto bem etc."(16). Mais precisamente, a definição dada foi a seguinte: "Administrador Desajustado: aquele que encontra dificuldade no desempenho de sua função, ou mesmo que errou ao optar por esta carreira, por falta de características específicas a esta, como: agressividade, competitividade"(17).

Na verdade, o que ficou aparente na tipologia da pesquisadora foi apenas uma denominação a mais, que não permite saber quem são tais administradores, efetivamente. Ou seja, os elementos dos quais ela fez uso para classificá-los, não permitem compreendê-los. Fica-se apenas no marco inicial do problema. Claro que não há demérito nenhum na pesquisa da professora Covre, uma vez que a sua preocupação nada tinha a ver com o que agora propomos. O objetivo de seu trabalho foi conseguido: o de concluir que a EAESP-FGV forma os intelectuais orgânicos que servem ao capital, não sendo portanto os imaginados "contestadores".

O passo à frente que pretendemos dar, exige uma postura cautelosa para evitar que a percepção do sentido deste estudo seja de rotular, pura e simplesmente, certa categoria de profissionais ou, ainda, de justificar a maneira como se comportam, como sendo um real desajuste.

(16) COVRE, Maria de Lourdes M., op, cit., p. 144.

(17) Idem, p. 146.

Mesmo porque, a categoria desajuste, que estamos tomando como desvio, é sempre relativizada, contextualizada e não permite ser usada arbitrariamente, sob pena de não representar a verdade.

O que buscamos é estudar com profundidade a trajetória de alguns desses "administradores" e chegar a um entendimento do que eles são hoje e porque são o que são. Para isso, fomos encontrar respaldo na teoria do idesvio, vista essencialmente no que concerne ao processo pelo qual ele é criado, pelo qual as pessoas definem algumas ações como ruins (Becker, 1976, p. 23).

Faremos agora um breve apanhado desta teoria, suficiente para servir de apoio à compreensão do problema central deste estudo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O DESVIO

Há muito o que dizer sobre o desvio para se chegar a compreensão do seu significado, de como ele é criado, a quem ele visa, etc. Mas seja qual for a perspectiva escolhida para analisá-lo, é fundamental saber que "para o desvio se tornar um fato público, diversas condições precisam ser satisfeitas:

- 1 - Alguma categoria desviante (por exemplo, normas e leis) deve existir;
- 2 - uma pessoa deve ser vista como violando a categoria e
- 3 - alguém deve esforçar-se em manter a violação da categoria"(18).

É sabido que o desvio não só é criado, mas mantido, por estruturas "respeitáveis" que dispõem de recursos e poderes para tal. Isso decorre do fato de que ele serve a interesses. Ele é útil para a sobrevivência de outrem e, como tal, é cultivado laboriosamente. Surge aí a figura dos criadores e impositores de regras(19). Estes, segundo Becker, são pessoas que vêem o mal na sociedade e que

(18) KELLY, Delos H. "Deviant Behavior", St. Martin's Press, Nova York, 1979, p. 1.

(19) Vide Howard S. Becker. "Moral Entrepreneurs: The Creation and Enforcement of Deviant Categories" in KELLY, H. Delos. Op. cit.

acreditam poder saná-lo somente legislando contra ele. Fica claro que há muito de político nesse "trabalho", em termos de relações de poder e força, mesmo porque, sempre que um conjunto de regras é criado, surgem para dele se ocupar, e portanto mantê-lo, instituições especializadas e equipes de especialistas. Estes, como os psiquiatras por exemplo, são os que elaboram as regras que servem para enquadrar os desviantes e a eles interessa o conteúdo de tais regras, exatamente porque estão preocupados em que elas sejam eficientes ao serem aplicadas. Elas foram feitas para classificar determinando "males" e deverão atingir os seus objetivos como tal.

Um papel importante que complementa e, às vezes, diverge das intenções dos especialistas, é exercido pelos impositores de regras. O policial é um exemplo deste tipo de profissional. A divergência se sucede em parte porque a este último não importa muito o conteúdo das regras, mas a sua efetiva aplicabilidade, e, por isso, a sua "falta de fervor e a sua visão rotinizada no trato com o mal podem criar-lhe problemas em relação ao criador de regras"⁽²⁰⁾. Este último estaria vendo tais regras como os meios pelos quais o mal pode ser afastado. É muito comum constatar, então, o policial que, às vezes, comete atrocidades e afirma que o fez em cumprimento da lei. Ressalte-se que ele não está mentindo e nem sendo ingênuo nesta sua tarefa que, quando realizada com eficiência, o enobrece. A

(20) BECKER, Howard S. op. cit.

lei é uma só para todos e homogeneiza e simplifica situações visivelmente inconciliáveis, que são singulares e deveriam ser tratadas com especificidade, observando-se principalmente uma efetiva igualdade no acesso de todos a ela. Entretanto, o objetivo implícito das normas em geral é criar desviantes e nisso, a lei, tal como é utilizada, chega ao grau máximo de eficiência. A preocupação daqueles que fazem cumprir as regras é, antes, assegurar o respeito de seus clientes, bem se posicionar dentro da organização a que pertencem, justificando-se em parâmetros de utilidade, principalmente no que concerne à ordem social pela qual se denominam responsáveis. Este é um dos muitos caminhos por onde a visão e a análise do desvio podem passar.

TEORIAS SOBRE O DESVIO^(a)

O desvio pode ser abordado sob uma perspectiva estruturalista de um lado ou enfatizando os aspectos socioestruturais, que parecem exercer pressão para o seu surgimento, de outro. No primeiro grupo enquadram-se as abordagens: funcionalista, conflito cultural e anomia. No segundo: a abordagem da transmissão cultural, a teoria do conflito e os interacionistas.

Na perspectiva funcionalista o desvio é colocado como parte integrante de qualquer sistema social. Serve, por exemplo, para delimitar no grupo aquilo que seria o comportamento aceitável. Ou seja, se não há os transgressores, como saber os limites do comportamento normal? É a idéia de que o bom só existe em função do mal e vice-versa. Da mesma forma, o certo e o errado, o equilíbrio e o desequilíbrio, etc. Nessa visão, o desvio é algo intrínseco à constituição dos grupos. Faz parte da sua essência, em qualquer lugar do mundo, ao ponto de tais grupos não existirem naturalmente sem esse requisito. Esta concepção está presente no trabalho de Durkheim. Já Robert A. Dentler e Kai T. Erickson, em "The Functions of Deviance in Groups", colocam que "os grupos tendem a induzir, sustentar e permitir o comportamento desviante; que o comportamento desviante tem a função, em grupos permanentes, de ajudar a manter o equilí-

(a) Esta parte está baseada no artigo: "Understanding Deviance: Theories and Perspectives, de KELLY, Delos H. in "Deviant Behavior". St. Martin's Press, NY, 1979, pp. 43 a 50.

brio do grupo e que os grupos resistirão a qualquer tendência para alienação de um membro cujo comportamento é desviante"(21).

A perspectiva do conflito cultural sustenta-se no fato de existir um grande número de influências socializantes, bem como uma gama variada de experiências que envolvem o dia-a-dia das pessoas e que levam naturalmente a definições conflitantes das várias situações, mesmo porque as pessoas em geral, participam de vários e diferentes grupos. Assim, seriam classificados como desviantes aqueles cujos procedimentos são guiados por seus próprios valores que não o daquele conjunto (de valores) ao qual se submete a maioria. Um exemplo de grave conflito estaria presente na situação de alguém que migra de uma sociedade para outra, onde os valores cultivados sejam diferentes dos seus. O conflito de cultura é, desta forma, uma pródiga fonte de desvios e desviantes, uma vez que os parâmetros de legitimidade dos atos dos agentes são extremamente diferentes, e por vezes contraditórios, de uma sociedade para outra. O que ocorre neste caso, nada mais é, que medir o outro, seus valores e procedimentos, segundo o modelo de normalidade estabelecido no grupo. Dessa atitude é certo que resultará um alto índice de desajustados, aos olhos do grupo que procede ao enquadramento. As consequências daí resultantes para quem foi "rotulado" serão vistas em outros pontos deste estudo.

No que se refere à teoria da anomia, resalta-se a preocupação "com as condições sociais que podem

(21) KELLY, Delos H. Op. cit., p. 44.

produzir uma pressão para o desvio". (Kelly, 1979, p. 47).

É Merton em seu artigo "Social Structure and Anomie" quem afirma que qualquer sociedade pode ser caracterizada em termos de suas estruturas, particularmente seus objetivos e seus meios. Quando há equilíbrio entre os objetivos e os meios para realizá-los, trata-se de uma sociedade bem integrada. A ênfase está sobre a realização dos objetivos. Desde que estes sejam atingidos através dos meios institucionalizados apropriados, não importa os métodos utilizados para tal. Se ocorrer o contrário, ou seja, os objetivos existirem, mas os meios para realizá-los não, haverá uma sociedade anômica, caótica. Nesta, os mais atingidos seriam os indivíduos das classes baixas^(*). Estes, ao tentarem realizar seus objetivos através dos meios legítimos, não dispõem dos recursos necessários e nem do poder. Poderão compensar a ausência dessas vantagens, roubando, por exemplo. São denominados por Merton de "inovators".

Richard A. Cloward e Lloyd E. Ohlin em "Differential Opportunity and Delinquent Subcultures" lembram que, da mesma forma que os meios legítimos não estão disponíveis a todos aqueles que desejam levar a cabo seus objetivos, também os meios ilegítimos não estão disponíveis aos inaptos para realizarem os objetivos através dos canais legítimos. Nem todos podem ser artistas bem sucedidos e tampouco, defraudadores bem sucedidos. Neste contexto, se uma subcultura ou atividade específica evolui, é em função da

(*) Porque, em geral, os valores dominantes e tidos como normas, são os da classe média.

estrutura do ambiente (vizinhança, bairro, etc.), especialmente a relativa disponibilidade de estruturas de oportunidades legítimas e ilegítimas. Havendo um alto grau de integração entre estruturas legítimas e ilegítimas, tem-se aí um campo fértil para a evolução de uma subcultura crimino
sa(*).

Sob a perspectiva da teoria da transmissão cultural é primordial a idéia de que as pessoas assimilam valores e tradições culturais através da comunicação simbólica com os outros (Kelly, 1979, p. 46). Como se aprende a tornar-se conforme, ajustado, normal, aprende-se também a ser desviante. É a idéia de que a integração social possibilita apreender os valores da cultura em que se inseriu. Se for na "cultura desviante" de um subgrupo que o agente "caiu", então, naquela sociedade ele será tido como desviante porque aprendeu a sê-lo em tal subgrupo, socializou-se "errôneamente" aos olhos da comunidade mais ampla. Pode por exemplo, ter assimilado que desrespeitar a lei não só é correto como desejável e então se engajarã, como certeza, em atividades desviantes (criminosas), tendo aprendido, inclusive, a dominar as técnicas de como realizar tais atividades. (Posições defendidas por Edwin H. Sutherland and Donald R. Cressey).

A teoria do conflito traz alguma contri-

(*) In "Delinquence and opportunity" Coward e Ohlin interpretam a delinquência como a consequência de esforços mal sucedidos para realizar objetivos da sociedade (especialmente dinheiro e poder) pelos meios legítimos. Cf. Berger in "Sociology: A biographical Approach". NY, Penguin Books, 1972, p. 317.

buição de forma mais sistemática e integrada, de como as categorias desviantes surgem, porque elas são violadas e como elas são mantidas. A ênfase aqui está no estudo de grupos, "especialmente as maneiras em que seus interesses e necessidades influenciam as definições e políticas que desenvolvem" (Kelly, 1979, p. 48). Há uma concepção da sociedade em equilíbrio precário. Ela seria composta de muitos grupos, cujos interesses divergentes se chocam constantemente em algum ponto. E estes grupos procuram o apoio do Estado para defender seus direitos e proteger seus interesses. Então o processo político de criar leis, quebrá-las e mantê-las "é um reflexo direto dos conflitos fundamentais entre grupos de interesses e suas lutas mais gerais pelo controle do poder de polícia do Estado". (George B. Vold, in Group Conflict Theory as an Explanation of Crime - Kelly, 1979, p. 48)..

Richard Quinney em "The Social Reality of Crime" acentua sua preocupação maior sobre o papel que os grupos de interesse representam na forma de política pública. Diz ele "que a política pública atualmente representa os interesses e valores dos poderosos; que os interesses dos poderosos determinam como a sociedade define a atividade criminosa (o estabelecimento do crime ou categorias desviantes) e como ela trata aqueles rotulados como criminosos (a manutenção das categorias desviantes)" (in Kelly, 1979, p. 49). Ele sugere que os atores podem violar categorias criminosas ou desviantes porque, aqueles definidos como criminosos podem aceitar o rótulo e, então, representar o papel de criminoso. Diríamos que violar as categorias desviantes é possível, em parte, porque, "em qualquer sociedade ou cultura existe uma

permanente margem de manobra ou áreas de significado aberto. onde possam surgir comportamentos divergentes e contraditórios" (Velho, 1974, p. 22).

"A perspectiva interacionista do desvio afirma que as respostas do público aos atos desviantes são cruciais para a compreensão do comportamento desviante. Embora o controle dos agentes oficiais seja importante, é o público geral que inicia as reações ao comportamento desviante" (22).

Os interacionistas exploram as maneiras em que as pessoas que violam as categorias desviantes (qualquer que sejam as razões) são vistas pelos agentes formais e informais do controle social. Aqueles que partilham dessa abordagem examinam os processos sociais e psicológicos, ou interacionais que ocorrem entre os atores, público e instituições oficiais, particularmente, em termos do impacto sobre a identidade pessoal e pública-social do ator (Kelly, 1979, p. 49). Frank Tannenbaum foi um dos primeiros a tentar descrever como os indivíduos podem ser recrutados por um tratamento especial pela comunidade. Ele diz que duas definições opostas da situação podem surgir. Por exemplo: o que pode ser visto como jogo ou divertimento por um indivíduo, pode ser visto como uma forma de mal ou delinquência pelos membros da comunidade. Inerente a esta percepção, pode ocorrer, gradualmente, uma mudança na definição do ato específico co-

(22) STEFFENSMEIER, Darrel J., TERRY, Robert M. "Deviance and Respectability: An Observational Study of Reactions to Shoplifting" in Kelly, Delos H. op. cit. p. 250.

mo mal, para a definição do indivíduo como mau. A consequência disso é que o indivíduo perceberá uma injustiça social, uma vez que ele não se considera mau. E então começará um processo que fará com que ele se identifique com o mau (um criminoso ou delinquente) transformando inclusive sua identidade pessoal e aderindo a um grupo ou subcultura que partilhe de suas atividades. Ele passa, dessa maneira, a agir de acordo com as expectativas cabíveis a quem porta um rótulo como o dele.

Edwin M. Lemert analisa a relação ator/público e assegura que, centrais para este processo, são as reações e percepções dos atores às reações sociais negativas que eles encontram.

COMENTANDO O DESVIO

Como se pode notar através das várias tentativas de teorizar sobre o desvio, houve uma evolução que levou os teóricos a proporem explicações mais fundamentadas que aquelas apresentadas pelas teorias anteriores, complementando-as ou delas divergindo. Tido como um mal preocupante e que incomoda socialmente, muitas opiniões foram formuladas no sentido de sugerir possíveis causas. Vamos encontrar quem diga que o desvio é a atitude voluntária de alguém, ou que suas raízes estão na desestruturação das famílias; que o indivíduo nasce predestinado a ser desviante; que é a sociedade na qual ele vive que proporcionou as condições para tal; que é a pobreza^(*), e assim por diante. Entretanto, inúmeras pesquisas feitas, possibilitam afirmar que, na verdade, "nenhum fator sozinho pode explicar adequadamente porque as pessoas cometem atos desviantes"⁽²³⁾. É antes, uma combinação de fatores que constitui a causa real, não significando, contudo, que todos os fatores agem simultaneamente. Na verdade, eles têm uma participação ordenada e sequencial na construção do desvio.

A princípio, era lugar comum considerar que o desvio era uma anomalia intrínseca ao desviante. O foco da questão estava nele e toda e qualquer explicação teria que

(*) "Cultura da pobreza" (um termo muito usado pelo antropólogo Oscar Lewis) está ligado ao fato de que é nas classes baixas que surgem com mais frequência os vários tipos de desvio, tais como a delinquência que seria fruto das características daquelas classes: a tenacidade, a violência e a agitação. (in Berger, 1972, p. 318).

(23) KELLY, Delos H. op. cit., p. 43.

girar em torno de uma patologia individual. Tratava-se de uma perspectiva médica que via o desvio como um fator hereditário, algo endógeno, o que possibilitava, como se faz na maioria dos males físicos, classificar o desviante como "são" e "não são", curável e não curável. Poder-se-ia dizer ainda, sob esta perspectiva, que numa sociedade o número de desviantes seria tanto maior, quanto maior fosse o número de indivíduos cujas personalidades fossem classificadas como patológicas. (Merton, 1970, p. 192).

Com os conhecimentos hoje acumulados a respeito da problemática do desvio, uma tal maneira de pensar e classificar pessoas já não serve mais, porque traduz uma imagem muito simplificada do homem. Pareceria uma atitude de normal, então, como próximo passo, dizer que as causas do desvio estão na sociedade, da qual o desviante é fruto. Ele seria o produto da cultura da classe de que faz parte. Embora haja qualquer relação entre o que somos e o meio de onde proviemos, esta perspectiva não resolve o problema. Simplesmente se estaria transferindo o foco da questão, do indivíduo, para a sociedade. É preciso verificar como a vida sócio-cultural é representada e percebida pelos agentes.

Não se chega a lugar nenhum tentando descobrir culpados ou responsáveis pela produção do desvio. É, antes, necessário entender a lógica do desvio, como ele se apresenta nas diferentes culturas e como ele é produzido. Quais as condições que devem existir para que o desvio se torne presente. Que tipo de interação entre que grupos e pessoas pode originar o desvio. O desvio é uma qualidade do

ser? Do ato? Ou paira sobre condições propícias, sociais , individuais e dos pequenos grupos sem ter nenhum "pai" específico?

O salto da patologia do indivíduo, para a patologia do social, pode ser observada pela colocação de Merton, que na tentativa de esclarecer a questão do desvio, enfatiza que: "o verdadeiro é tentar determinar como a estrutura social e cultural geram a pressão favorável ao comportamento socialmente desviado, sobre pessoas localizadas em várias situações naquela estrutura" (Merton, 1970, pp. 191-2).

A estrutura social aqui, se coloca como elemento nodal. Ela é algo, assim, como o arranjo espontâneo de contribuições multifacetadas de todos os indivíduos que agem também espontaneamente, cujo produto final é um aglomerado funcionalmente viável, donde emergem dois elementos fundamentais: "objetivos culturalmente definidos, propósitos e interesses mantidos como objetivos legítimos para todos ou para membros diversamente localizados da sociedade" e outro "que define, regula e controla os modos aceitáveis de alcançar estes objetivos" que não estão acessíveis a todos. Daí o desvio. (Merton, 1970, pp. 204-5).

Não há inverdade na preocupação de Merton. Ele apenas tem uma visão simplificada da estrutura social ,

bem como do papel que ela cumpre no conjunto. Ela, da forma como é concebida, exerce um papel importante para o desenvolvimento de um "comportamento socialmente desviado". Somente que ela deve ser vista, não como "uma coleção ou organização de forças ou fatores, como um mecanismo que produz índices", mas como uma ação coletiva onde "toda e qualquer conversa sobre estruturas ou fatores acaba por se referir a alguma noção de pessoas que fazem coisas juntas"⁽²⁴⁾.

Pode-se fundamentar essa crença de Merton quando ele desenvolve os conceitos de anomia^(*) e anomie. O primeiro é aplicável a uma situação de desarranjo social, ou seja, está presente no ambiente social, enquanto que o segundo se refere ao indivíduo. É possível então, frente a esta distinção, existir um indivíduo anômico numa sociedade normal. Contudo, uma estrutura social anômica favoreceria, sem dúvida, o aparecimento de indivíduos "anômicos".

Esta colocação de Merton, segundo Gilberto Velho, falha porque tem "como premissa uma estrutura social não problematizada. Ou seja, a unidade de análise é um sistema social já dado, 'funcionando'^(**). A harmonia e o equilíbrio, a partir daí, surgem automaticamente"⁽²⁵⁾. É co

(24) BECKER, Howard S. "Sociological Work: Method and Substance", New Brunswick: Transaction Inc., 2a. impressão, p. v.

(*) Quem primeiro falou sobre "anomia" foi Emile Durkheim.

(**) Segundo a maneira como Merton concebe a estrutura social, somos levados a pensar numa situação em que haja um alto grau de consenso quanto às normas da vida social e por consequência, quanto ao que seja um comportamento desviante. Espera-se que se não houver um tal consenso, será impossível ser desviante, ou seja, a figura do desviante não existirá. Sabe-se que este consenso não existe em períodos de rápidas mudanças sociais.

(25) VELHO, G. op. cit., p. 15.

mo que, havendo "uma tensão na sociedade, ela de alguma maneira se concertará, fazendo com que o desarmônico se torne harmônico"(26). É uma concepção presente nas abordagens estrutural ou funcionalista associadas a Talcott Parsons(*). Portanto, esta concepção de estrutura social funcionando de um lado e indivíduo do outro, parece não dar conta da compreensão do desvio.

Também não se pode conceber a idéia de que indivíduos contidos em um sistema sócio-cultural tenham existência própria, distinguível das biografias de seus membros (G. Velho, 1974).

É verdade: "que os fatos sociais funcionam independentemente das consciências individuais" (Durkheim, 1972, p. 2)(**); que os "temperamentos pode aparecer em qualquer cultura" e que, por isso, "sempre existirá a possibilidade de encontrar indivíduos inadaptados na medida em que certas características de personalidade serão mais valorizadas que outras; que o temperamento existiria a despeito da cultura" (Velho, 1974,

(26) BECKER, Howard S. "Uma Teoria da Ação Coletiva", Zahar, Rio de Janeiro, 1977, p. 17.

(*) O termo "estrutura" está ligado a Talcott Parsons e Robert Merton, sociólogos da Escola Estrutural-Funcionalista Americana. O sentido dado ao termo é o de um conjunto de experiências discerníveis entre os atores sociais, que possibilita a comunicação diária entre os mesmos, sem questionamento e sem tantas emoções. Tal conjunto deve ser durável no tempo. Resumidamente: uma rede de padrões recorrentes pelos quais as pessoas se conduzem nas situações de rotina.

(**) "As instituições estão aí, exteriores ao indivíduo, persistentes em sua realidade, queira ou não. Ele não pode desejar que não existam. Elas resistem a suas tentativas de alterá-las ou de evadir-se delas". (Cf. Berger & Luckmann, 1978, p. 86).

p. 18) "e, que o indivíduo 'inadaptado' é o indivíduo cuja individualidade é tão exacerbada que contraria as normas vigentes" (Velho, 1974, p. 19); "que a idéia de desvio implica a existência de um comportamento 'médio' ou 'ideal', que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social (Velho, 1974, p. 17). Porém, não é só isso. É possível que tais crenças sejam analisadas com base numa dissociação radical entre a realidade individual e a realidade sociocultural, como deixa entender a proposta de Merton. E aí é que está o deslize. É preciso "entender o comportamento humano de forma mais integrada, na medida em que na sua própria origem, não é possível estabelecer compartimentos estanques em termos de evolução biológica e evolução cultural"(27). "Não se trata de negar a especificidade de fenômenos psicológicos, sociais, biológicos ou culturais, mas sim reafirmar a importância de não perder de vista o seu caráter de interrelacionamento complexo e permanente"(28). "A humanização só é possível através da cultura e da vida social" (Lévi-Strauss in Velho, 1974, p. 19).

O desvio não é, assim, algo imposto concretamente. Admitir isso é ignorar o que seja a vida social, as redes de interação, o complexo de forças, as estratégias de sobrevivência, as escolhas, o influenciar e ser influenciado, etc., que a compõem. Neste contexto, quando se diz que aquele que não segue as regras e normas estabelecidas é um desviante, isto não quer dizer que este foi obrigado ou coagido a ser desviante. Há escolhas, opções, preferências

(27) VELHO, G. op. cit., p. 21.

(28) Idem, p. 19.

que são manifestadas e que, ao se concretizarem trazem consigo um custo, porque seguir um caminho e não outro, além de ser uma escolha, ela o é sob certas circunstâncias que levam o optante a uma ponderação mais ou menos elaborada, cujas consequências são, de antemão, passíveis de serem conhecidas. Quer dizer, dentro do campo de possibilidades de cada um, a realidade sociocultural oferece opções de escolha.

O fato do "inadaptado" ver no mundo um significado diferente do que é captado pelos indivíduos ajustados (Velho, 1974), demonstra que há percepções diferenciadas e isso evidencia "além da existência dos 'desvios', o caráter multifacetado, dinâmico e, muitas vezes, ambíguo da vida cultural" (Velho, 1974, p. 21). O que faz as pessoas emitirem conceitos, tais como os de "desviantes" e "inadaptados" é exatamente o "pressuposto de um meio sociocultural monolítico" (Velho, p. 21). Não é certo, portanto, achar que somente grandes massas homogêneas diferem entre si quanto à percepção que elas têm do mundo, mas é preciso ter cuidado em ressaltar as peculiaridades individuais dentro dos sub-grupos que, sem dúvida, ocorrem em qualquer sociedade e sugerem a complexidade da composição das classes e dos sub-grupos dentro delas.

A abordagem interacionista, parece ser a que reúne melhores argumentos para a compreensão do desvio. Começa pela concepção nela encontrada sobre o comportamento desviante: "a noção básica é que não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consicente ou in-

conscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural"(29). "Os interacionistas simbólicos vêem toda situação social como uma situação de jogo, uma vez que a ordem social se cria no decorrer da própria interação. Neste caso não se pode considerar uma conduta como desviante em si mesma e, conseqüentemente, não há indivíduos essencialmente desviantes, mas sim um jogo em que uns atribuem divergências aos outros"(30).

Em "Outsiders", Howard S. Becker coloca "que os grupos sociais criam o desvio ao estabelecerem as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como "outsiders". Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação, por outrém, de regras e sanções aos transgressores. O desviante é aquele a quem tal marca foi aplicada com sucesso; o comportamento desviante é, assim, o comportamento definido por pessoas concretas"(31). O que é central nesta exposição de Becker é que a criação de novas regras ou leis redunde sempre na criação ou no surgimento de novas categorias desviantes. Pode-se também assegurar, que o desvio está nos olhos do observador.

Ainda é Becker quem coloca: "todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em algumas circunstân

(29) VELHO, G. op. cit., p. 23.

(30) BRAGA, Célia M. L. "O Itinerário do Desvio" - Tese de Dotoramento - Sociologia - USP, 1981, p. 35.

(31) -in VELHO, G. op. cit., p. 24.

cias, fazer com que elas sejam seguidas. Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriados a elas, especificando algumas ações como certas e proibindo outras como erradas. Quando uma regra é imposta, a pessoa que se supõe tê-la transgredido pode ser vista como um tipo especial de pessoa, alguém que não se espera que viva segundo as regras com as quais o grupo concorda. Ela é vista como um marginal ou desviante"(32).

A idéia da criação do desvio está, pois, muito ligada à denúncia que dele possa ser feita, como já temos enfatizado até aqui. Diz Kelly, que "para o desvio se tornar um fato social, uma pessoa deve ser vista como violando alguma categoria desviante e, conseqüentemente, rotulada como desviante por um observador social"(33). Até então, o desvio embora exista, é inexpressivo. Ele tem uma fase inicial que não afeta imediatamente (no sentido de se quer ser notado) o grupo "normal" e, tampouco, o portador de tal distúrbio. Porém, com o constante avanço, passível de existir no sentido de assumir o caráter de desviante, o indivíduo portador deste último pode chegar a sentir os efeitos de todo um processo institucional (via instituições credenciadas), que o irá rotular quase que definitiva e publicamente, porque constitui-se de mecanismos legitimados socialmente que mantêm e confirmam o desvio do indivíduo. Na verdade estas instituições funcionam como as fabricantes do desviante, um produto que justifica suas sobrevivências. Vale dizer que, sem a presença das instituições assim aparelhadas para "ajustar os desajustados", comportamentos singula-

(32) BECKER, Howard S. "Uma Teoria da Ação Coletiva". Rio de Janeiro, Zahar, 1977, p. 53.

(33) KELLY, Delos H. op. cit., p. 11.

res não seriam motivos para maiores preocupações, exatamente porque o fantasma da "ameaça" que representa aqueles que divergem da maneira de ser da maioria é, muito mais, fruto da divulgação dada por esta (maioria), do que aquilo que efetivamente representa. Claro que tais instituições existem em função dos valores cultivados como legítimos pelas sociedades e para preservá-los. Porém não deixa de ser a defesa de uma moralidade de capa, que assim procedendo, cria condições para o surgimento dos indivíduos ou grupos fora do padrão que defende. Por fim, são faces diferentes de uma mesma moeda, apenas que uma das faces transita com mais facilidade porque conta com a aprovação social, enquanto a outra cabe manifestar-se apenas reservadamente nos guetos igualmente aceitos socialmente. Se não for reconhecida e acatada esta delimitação, os custos para o infrator serão relativamente elevados.

O destaque está para o fato de como o desvio se constrói no núcleo social de que faz parte o agente. Há uma participação sutil dos componentes (pessoas, coisas, situações, etc.) de tal núcleo na condução de todo o processo, que é apreendida pelo "candidato a desviante" de forma a sê-lo efetivamente no futuro. Neste caso ele passa a ser alvo de preocupação até daqueles que "arquitetaram" a construção de um tal produto. É como se as pessoas que contribuem para isto o fizessem inconscientemente, o que não descarta a participação efetiva delas no processo.

É bem verdade que muitos dos acontecimentos que se sucedem na vida das pessoas ocorrem de forma ines

perada e imprevista, principalmente quanto aos impactos que irão causar. Isso porém, não deixa de ser o produto das particulares apropriações que ocorrem no curso das interações dos atores com os fatos sociais. É daí que surgem os mais típicos comportamentos, as mais diferenciadas escolhas, as mais diferentes maneiras de ser. Se essas peculiaridades dos atores forem discrepantes das convenções sociais aceitas pela maioria do grupo ao qual se pertence, surge então a figura do desviante.

É importante assinalar que quando se diz que quem produz o desvio é a sociedade, não é no sentido direto e simples de que o produto de uma sociedade boa, ordeira e justa é um ser normal, ou que uma sociedade desestruturada e injusta produz o desajustado. Não é por esse ângulo que o fenômeno deve ser visto. É, antes, pelo fato de que o desvio surge em sociedade no ato de sua estruturação, da construção dos seus valores, das suas normas e regras e da interação contínua entre os indivíduos que nela (na sociedade) convivem fazendo uso diferenciado desses instrumentos que não objetivam, senão, estabelecer uma pretensa ordem que torne possível esse existir em conjunto.

Há dois aspectos importantes que emergem dessa maneira de conhecer a trama do desvio. O primeiro, é que as condições para que ele exista, para que possa se concretizar percepções diferenciadas entre os componentes de um grupo, "são dadas pela própria situação sociocultural". O

segundo aspecto lembrado por Becker, Kai Erickson e John Kitsuse⁽³⁴⁾, é a constatação de que o desvio surge de uma relação de poder sendo, portanto, um problema político, nada tendo a ver com "inadaptação cultural" (Velho, 1974). Esta, concretamente não existe, sendo, antes, a denominação criada pelo grupo maior e atribuída, como já vimos, àqueles que não se enquadram no conjunto de regras e normas "artificialmente" criadas e aceitas pela maioria, o que possibilita conferir a esta última a denominação de normais, ajustados, etc.

É, pois, essencial, para definir o desvio, a colocação de que ele é criado a partir do momento em que alguns indivíduos infringem alguma ou algumas das normas estabelecidas como critérios ordenadores da vida da comunidade a que pertencem. Essas normas são quase sempre estabelecidas através da história, mais precisamente pela tradição, pelos costumes e instituições, que, tanto criam novos preceitos a serem respeitados, como fazem também com que se esqueçam outras regras que antigamente eram causa de exclusão para as pessoas que as transgredissem. Isto possibilita dizer que o desviante de hoje possa ser o grande herói de amanhã. O desvio, ou o comportamento desviante, em muitas oportunidades, se afigura como fonte de inovação social e contribui, d'outras vezes, para a manutenção de um determinado sistema. Alguns exemplos históricos, considerados na época comportamentos ameaçadores à ordem social, são

(34) in VELHO, G. - "Desvio e Divergência", RJ, Zahar, 1981, p. 24.

hoje louvados como responsáveis pelo progresso que trouxeram ao modo de vida presente. "De acordo com a lei ateniense, Sôcrates era um criminoso, e sua condenação não foi, se não, justa. Contudo, seu crime, a saber, a independência de pensamento, rendeu um serviço não somente para a humanidade, mas para o seu país. Serviu para preparar uma nova moralidade e fê que os atenienses precisavam, uma vez que as tradições pelas quais eles se pautavam, até então, não se encaixavam nas condições correntes de vida. O caso de Sôcrates não é o único. Isto se reproduz periódicamente na história" (35).

Enfatizando uma vez mais, essa é uma visão que pode ser atribuída a Howard S. Becker, quando afirma que o desvio é criado pela sociedade logo que esta estabelece as regras grupais. Uma infração a estas regras já caracterizaria um caso de desvio. Becker, ao lembrar que o desvio tem uma dimensão política, esclarece que ele passa a existir efetivamente ao ponto de ser combatido de público, quando ele é denunciado. Ainda que a denúncia não parta de um grupo numericamente expressivo, mas se conseguir ressonância junto a comunidade, através dos meios de comunicações disponíveis, o combate será travado e o desviante punido "adequadamente".

"O desvio pode ser visto como um fracasso, como uma incapacidade de seguir as regras propostas pelo grupo" (36). Ou ainda, como diz G. Velho: "O desviante é

(35) DURKHEIM, Emile. "The Normal and the Pathological" in KELLY, Delos H. op. cit., p. 54.

(36) BRAGA, Célia M. L. op. cit., p. 40.

um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma 'leitura' divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada . Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirã como qualquer cidadão normal, mas em outras áreas divergirã, com seu comportamento, dos valores dominantes"(37).

(37) VELHO, G. Op. cit., pp. 27-8.

DESVIOS E DESVIOS

Abrindo um parênteses para refletir sobre o caso do administrador desviante, somos levados a admitir que se trata de um tipo "diferente" de desvio. É um desvio, porque o fato de alguém ter optado por um curso de administração e, em seguida, dedicar-se, por exemplo, às artes como atividade principal, foge às expectativas do grupo a que pertence, quebrando, enfim, a regra da normalidade. E isto é verdade, na medida em que a idéia de desvio pressupõe a existência de um comportamento "médio" ou "ideal" que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social. Tudo que se espera de quem chega a frequentar um curso de administração de empresas é que este alguém seja administrador. Qualquer produto diferente disso constituirá algo a ser estudado para ser entendido, desde que dentro da estrutura social e cultural a que pertence tal agente, isto signifique uma anomia. Parece ser o caso deste estudo.

Com base na literatura pertinente, podemos chegar à conclusão que existem desvios e desvios. Claro que não excluimos o fato de que, na origem, o aparecimento do desvio se faz de uma única forma, mas há aquele tipo que se afigura como chocante e ameaçador ao grupo dos "normais". O ladrão, o assassino, o estuprador, etc., estão nesta categoria de ameaça física. Já o homossexual, a prostituta e outros do gênero se configuram como desviantes na escala da ameaça moral. Assim, é como se o desvio fosse classificável

em termos de graus, que incomoda mais ou menos os que sobram do lado dos normais.

E a mulher que se torna motorista de táxi? e o aluno de administração que vai ser crítico de arte? São desviantes? Dizemos que sim, porém há de se reconhecer que se trata de um desvio que incomoda pouco ou nada, porque não traz em seu bojo nenhum resquício de ameaça física, nem moral, contra ninguém, pelo menos na nossa atual sociedade.

Erving Goffman, já falou em desvios maiores e menores em seu trabalho sobre o Estigma, onde focaliza grandes desvios em relação ao "normal" que atingem pequenos grupos de indivíduos. Explica entretanto, que escolheu esses casos porque facilitariam suas colocações, e afirma que deveríamos nos preocupar mais com os desvios menores que atingem grupos maiores. Assim, a velhice, a condição feminina, a cor, poderiam constituir excelentes casos de desvios em relação ao padrão e que atingem grandes grupos de indivíduos, até mesmo fatias majoritárias dentro de uma sociedade (38).

Não dispomos de dados concretos para afirmar se a categoria com a qual estamos nos preocupando constitui fatia numericamente expressiva na sociedade brasileira. Um dado fornecido pelas estatísticas do MEC pode favorecer esta dedução. O professor Cláudio de Moura Castro, da CAPES, em palestra proferida na EAESP-FGV-SP recentemente ,

(38) in RODRIGUES, Arackcy M. "Operário, Operária". Ed. Símbolo, 1980, p. 20.

adiantou que as escolas de administração no Brasil têm lançado no mercado todo ano, 20.000 novos administradores de empresas. Dã para se esperar que de um contingente tão grande de aspirantes, um bom número deles "redirecionou-se" profissionalmente.

CAPITULO III

FUNDAMENTOS DA ALTERNAÇÃO

Entre as biografias a que tivemos acesso, pudemos detectar também um caso de alteração. Esta se constrói sobre alguns pressupostos.

Levados pela circunstâncias naturais de estar vivendo em sociedade, certos indivíduos experimentam o ato de "evoluir" com mais profundidade. Procuram exercer um papel enfaticamente ativo frente à realidade que os cerca e passam então a questionar aquele mundo que estavam acostumados a tomar como dado, em todos os seus aspectos. Não devemos nos esquecer aqui, de que neste estágio estamos falando de indivíduos já socializados de uma forma ou de outra, mas que são passíveis, como todos nós o somos, de novas e frequentes alterações no conteúdo da socialização precedente. Isso decorre do fato de que a socialização nunca se completa e por isso estamos sempre abertos à incorporação de novos valores e culturas. Esta atitude requer, muitas vezes, que descartemos, ainda que parcialmente, algo da nossa bagagem socializante do passado. Sim, porque, de repente, a nossa concepção de mundo não tem muito a ver com aquela que possuíamos e, outras vezes, nada a ver. Então há casos em que é possível adicionar algo diferente e há casos em que se é levado a substituir o antigo pelo novo. A alteração se inclui nesta última situação. Ter-se-ia nos extremos: o ateu que vira cristão, o direitista que vira esquerdista e vice-versa. O indivíduo passará por uma re-socialização, cujo processo é muito parecido com a socialização primária

no sentido de requerer um grau elevado de afetividade com os novos socializantes, com os novos outros significativos. Difere-se no sentido de não se efetuar sobre o nada, ou seja, a re-socialização, como o próprio termo o indica, faz-se sobre um ser já socializado, com seus "vícios e virtudes" anteriormente incorporados e fatidicamente vividos em todas as situações do dia-a-dia. O que vai acontecer então, é que o indivíduo em cuja biografia se processa a alternância, muda de mundo. Isto é possível, uma vez que a socialização pressupõe a possibilidade da realidade subjetiva ser transformada, e estar em sociedade já acarreta um contínuo processo de modificação desta realidade. A alternância exige, portanto, processos de re-socialização e esta, por sua vez é algo relativamente durável que rompe com o passado reconstruindo a realidade de novo. Isto muda totalmente a vida das pessoas e é nesta experiência da alternância que elas percebem a precariedade da existência social, porque tomam consciência de que somos seres feitos por nós mesmos e tidos como um brinquedo da sociedade e, ainda, que o fato de compreendermos a sociedade não nos liberta de seus caprichos. Essa revelação acarreta uma dupla sensação para as pessoas que nela se envolvem. Primeiro, há um sentimento de libertar-se no sentido de desvendar os mistérios que envolvem a constituição da sociedade até então inalcançados e, por isso, tidos como complexos e até além da compreensão humana. A posição do indivíduo ante tais segredos é de um ser impotente e em quase tudo sujeito aos fatalismos da "natureza", aos "determinismos" sociais incompreendidos. A segunda sensação é que ao se compreender a construção social como obra do próprio homem, toma-se consciência também de que, no con

junto, a sociedade não oferece muitas saídas para aqueles que nela vivem, no sentido de poder viver a individualidade de cada um. A sociedade é também opressiva e tem-se, no mais das vezes, que se "enquadrar" nas possibilidades que ela oferece. Não basta tomar consciência dos seus mecanismos, sabendo, por exemplo, que o desvio (seja ele moral, profissional, etc.) é algo que deva ser visto dentro de certa relatividade e contextualidade, para que ele passe a inexistir. O ato da tomada de consciência, com respeito aos mecanismos da construção social, somente raras vezes, diminui a nossa sujeição ao fenômeno que a sociedade constitui como um todo.

O CASO DE "H"

H é filho de pais alemães, que só chegaram ao Brasil em 1953, porque na época a informação que tinham do Brasil na Alemanha é que era o país do futuro e de fácil entrada para os estrangeiros, onde pessoas de todas as raças conviviam sem problemas, sem guerras e não fazia frio. Seus pais são médicos formados na Alemanha. O pai, clínico geral e cirurgião. A mãe, obstetra e ginecologista. No dizer dele, a mãe conseguiu uma clientela muito maior que a do pai, sendo inclusive quem praticamente mantinha a casa. Os quatro avós eram alemães, tendo vivido todos os problemas da guerra. Mesmo aqui no Brasil, H teve uma educação rigidamente prussiana. A avó materna não exercia atividade fora do lar, era descendente de família aristocrática e veio para o Brasil dois anos após o nascimento de H, em 1962, a convite da mãe, que então clinicava o dia todo e necessitava de alguém de confiança que pudesse tomar conta da casa. O avô materno tem a mesma origem. Era professor de matemática e violinista. Morreu durante a guerra, de diabete. A avó paterna era classe média alemã. O avô paterno não se sabe a origem, viajou um pouco pelo mundo, não fez dinheiro, voltou para a Alemanha e se casou. Durante a guerra a região em que ele morava se tornou Alemanha Oriental e ele ganhou uma propriedade pequena que fazia parte de um burgo. Em 1968, mais ou menos, ele veio para o Brasil também, porque a sua esposa morreu. Passou então a morar num quarto na clínica dos pais de H.

A mãe de H nasceu em 1927 e foi educada bem germanicamente. Durante a guerra teve que deixar a escola porque os russos invadiram a parte da cidade que a família dela morava. Ela foi para a Alemanha Ocidental, tirou diploma e veio para o Brasil junto com uma irmã. Casou-se aqui. Ela e o marido se conheceram na Alemanha Ocidental enquanto estavam cursando a faculdade. Vieram todos os três para o Brasil e a irmã voltou para a Alemanha depois. Os pais de H passaram um tempo no Rio de Janeiro e depois em Bastos, no interior do Estado de São Paulo. Em seguida mudaram para a Capital, abriram uma clínica, montaram uma casa e resolveram constituir família. Tiveram dois filhos; H, que nasceu em 1960 e um irmão, que nasceu em 1962.

H estudou durante o curso primário no Colégio São José, dos Padres de Sion, no Ipiranga. Em 1970 a família mudou-se para Brooklyn e ele terminou o primeiro grau do Colégio Bandeirantes, onde fez também a maior parte do segundo grau, pois acabou concluindo o colégio no Curso Objetivo. A tradição do Colégio Bandeirantes está voltada para o preparo dos alunos aos vestibulares de Medicina e Engenharia. Neste período de sua vida H "pretendia" ser médico, o que, sem dúvida, estava em "harmonia" com as intenções da família e de seu meio.

Foi um menino exemplar, sob o controle exclusivo dos pais durante os primeiros anos de escolarização, produziu os melhores resultados na escola, sendo por isso, por eles "premiado" com viagens e caderneta de poupança em seu nome. Seu sistema de significados neste período

da vida passava em todos os aspectos por um germanismo leva do muito a sério:

"- ... porque a gente tinha uma educação germânica, assim, bem restritiva, bem opressiva, como os meus pais tinham tido."

"- Aos cinco anos, eu lia, todos os domingos, o jornal alemão, de cabo a rabo, assim".

"- Eles (os pais) tinham uma governanta também que era descendente de alemães. Eles cuidavam da gente: não davam televisão, não deixavam sair pra brincar com os colegas. Viviam falando, assim, que tem que casar com uma alemã, aquele lance todo."

Excluam-se todos os outros sistemas de significados existentes, como ilegítimos ou simplesmente os ignorava. Claro, que sendo ainda uma criança, isso se fazia, quase que totalmente, pelas mãos dos pais. O mundo imposto por estes era apreendido por H não como um dos mundos possí veis, mas como o único mundo. Apreensão esta, carregada de toda a afetividade e certeza que envolve a socialização pri mária.

A interferência dos pais, assim caracte rizada, ou seja, com esse caráter envolvente, quase que to tal, durou, segundo H, até aos 14 anos.

Uma das características marcantes deste sistema de significados era, sem dúvida, o "trabalho duro", a dedicação:

"- É meio difícil, saca, de aguentar. Os alemães são fanáticos por trabalho, eles são contra tudo o que não é alemão. Como os judeus se pretendem o povo escolhido, os alemães se acham o número um da sociedade humana".

"- Quando meus pais ficaram sabendo que eu ia fazer o curso de gerente, ficaram mal com a história; começaram a usar do autoritarismo e quando eu entrei na faculdade eles ficaram contentes, porque apesar de tudo eu não tinha parado de estudar, não tinha vagabundeado demais; consegui entrar nas duas faculdades que eu tinha prometido que ia entrar".

Como fazia parte deste mundo, H se comportava à altura. O tempo todo estava se testando: fazendo vestibular antes do tempo, entrando em dois cursos de uma vez. Isso certamente fazia bem para o ego de H e dos pais e era algo que se validava por si só ante os "olhos" dos outros sistemas de significados "certamente inferiores". Es se era, sem dúvida, o motivo mais forte que justificava tal esforço e dedicação, uma vez que nem pode entrar na faculda de antes do tempo, embora aprovado em vestibular e mais tarde também não pode cursar duas faculdades, quando também logrou aprovação nos vestibulares de ambas.

A entrada para a faculdade, já com 17 pa

ra 18 anos, foi crucial no sentido da transformação de vida:

"- E eu entrei aqui na GV e comecei a ver, assim, muita coisa diferente daquilo que eu já tinha visto até então na família, no colégio e no seio da colônia alemã. Então era um pessoal mais velho do que eu, porque eu tinha 17 anos quando entrei aqui e eram burguesia bem estabelecida, assim, muitos deles já quatrocentões aqui no Brasil, um tipo de cultura totalmente diferente daquilo que eu tinha vivido até então. E, eles saíam muito, assim, pra ir pra cinema, pra jogar futebol, pro sítio nos fins de semana, na praia. Discutiam política de uma forma diferente da que eu estava acostumado a ouvir sempre discutir da política. E aí eu comecei a receber uma dose excessiva de informações. Sociologia, Psicologia, coisas assim, que me fizeram rever todos os critérios, todos os princípios pelos quais eu tinha me guiado até então e eu vivi uma fase assim, de esquerdismo. Levava livros de Marx pra casa, Freud. Meus pais descobriam e ficavam loucos com a história. E aqui na faculdade eu passava diversas horas por dia. Quando terminavam as aulas eu ia pro Centro Acadêmico conversar com as pessoas, os colegas, participar do jornal PRESENÇA. E era bem interessante, só que tinha umas matérias, umas aulas que achava coisa do terceiro mundo, achava meio atrasado pro desenvolvimento do ser humano. Pregava mais o atraso, a opressão, do que desenvolvimento. Exemplo, alguns lances da psicologia, assim, recrutamento e seleção de pessoal, sociologia, administração da produção."

O grupo de referência pelo qual se pautava anteriormente, qual seja, a família/colônia germânica, foi sendo substituído pelo grupo de amigos da faculdade. Houve um novo arranjo na hierarquia de valores. Importante nesta fase, não era "decorar os pontos" que a escola primária e secundária recomendavam e valorizavam, bem como os pais e de maneira geral os amigos de classe e da colônia alemã, algo que se apresentava como único caminho disponível para conquistar a respeitabilidade necessária naquele grupo.

Uma nova disposição para assimilar novas idéias começa a ser construída e este é o requisito inicial para que se realize o processo de alternância. Berger diz que a predisposição geral de alguém para duvidar da sua própria posição e para se dispor à mudança, pode ser chamada alternância⁽³⁹⁾. Importante então era conversar muito com os amigos do Centro Acadêmico, ver mais televisão, ler mais jornais, saber das coisas que iam pelo mundo, conscientizar-se da existência de várias correntes de pensamento, políticos e filosóficos. Desnecessário dizer que este novo mundo para o qual H estava entrando inquietou um pouco os pais, que por terem ainda mais arraigada a educação prussiana que tentaram transmitir aos filhos, não contavam com a "abertura" necessária para valorizar e reconhecer outros sistemas de significados, que para eles eram sempre e com certeza desprezíveis e inferiores. Isto demonstra o fato de que os adultos nem sempre estão preparados para aceitarem a realidade de que "o fim da infância presumivelmente sempre significou

(39) --BERGER, Peter L. "The Precarious Vision". Greenwood Press, Publishers, Westport, Connecticut, 1976, p.

um crepúsculo dos deuses" bem como, para o fato presente no mundo moderno de que "um número enorme de crianças de nossa sociedade não sã se tornam adultas, como, ao assim fazer , passam para mundos sociais inteiramente além da compreensão de seus pais"⁽⁴⁰⁾. Com os pais de H ocorria algo muito parecido, ou seja, eles não contavam com as mesmas chances para "ver" mundos diferentes. Haviam atingido a "maturidade" dentro dos padrões alemães e daí lançavam mão dos recursos para continuar vivendo. Nada de evolução fora dos padrões germânicos. Qualquer sinal de mudança significava desestabilidade, traição aos únicos princípios válidos para se formar gente de bem, ameaça ao status quo.

"- Então, quando a gente queria sair no fim de semana ela (a mãe) entrava em crises e ... ela não entendia, assim, porque a gente queria ir para o cinema, porque a gente queria assistir televisão."

A nova maneira de ser pela qual H optou e que ia contra os padrões da família, trouxe para casa os atritos esperados entre ele, tentando se impor com suas novas idéias, levando para o seio da família o modo de vida do qual estava partilhando por meio até mesmo de festas que promovia em sua casa onde a presença dos novos amigos encarnava a nova realidade, e os pais que faziam uso da autoridade como resposta ao desafio tentando expulsar os amigos "comunistas", energeticamente.

(40) BERGER, P. L - "Perspectivas Sociológicas", Petrópolis, Vozes, 1980, p. 71.

Esta nova maneira de ser, que estamos tomando como alternância na vida de H, tornou-se visível também através de símbolos concretos que ele chegou a adotar num período de sua vida. Após o primeiro semestre deste contato transformador com a faculdade, em julho de 1978 H passou as férias na Inglaterra onde teria ido aperfeiçoar seus conhecimentos da língua inglesa. Lá aderiu a modismos que no dizer dele "não estavam fazendo a cabeça dos meus pais". Voltou da Inglaterra de cabelos compridos, usando brinco e roupas jeans bem folgadas.

Esse comportamento desafiante e excêntrico de H fez culminar uma crise na família com tentativas de suicídio pela mãe. Fato que certamente não se deve somente à intransigência do filho, mas também à infidelidade do pai para com a mãe e outros que não detectamos em entrevista e que não seriam necessariamente importantes à nossa análise. O factual é a evidência da crise que serviu para reorientar os projetos de H, que com a ida da mãe para o hospital e o drama daí decorrente também começou a entrar em crise. Era final de semestre na faculdade em 78, época de provas. Neste período (férias de fim de ano) o pai o remeteu para a França onde fora aperfeiçoar seus conhecimentos da língua francesa. Essa iniciativa por parte do pai certamente foi uma estratégia para afastá-lo dos problemas que a família vivia então. A mãe estava mal, não queria que o filho também ficasse na mesma situação.

Voltando da França, H encontra a mãe totalmente tomada por crises nervosas, situação com a qual

tentou conviver por algum tempo, quando então sugeriu ao pai que a internasse em um sanatório e mudassem para uma casa menor, resolvendo a situação financeira que já era decadente, bem como possibilitando ambiente para que ele pudesse continuar seus estudos. O pai foi intransigente não aceitando as sugestões do filho, que dizendo não aguentar mais, saiu de casa pela primeira vez.

"- Não dava para levar mais nenhum amigo em casa. Aí, isso também me influenciou pra eu sair, querer conhecer outras coisas".

Além desse fato, que foi a gota d'água para a decisão de sair de casa, outros acontecimentos também influenciaram decisivamente, como foi circunstanciado por H:

"- Tem uma pessoa que me marcou muito. Foi um amigo finlandês, P. que eu conheci no segundo ano do segundo grau. Assim, o que a Alemanha tem de tendência nazista, os finlandeses tem de tendência socializante, saca. E quando eu visitei a casa dele pela primeira vez foi a maior loucura, saca. O pessoal falando uma língua estranhíssima e assim, mil brinquedos espalhados pela casa, som ligado de um lado, televisão ligada de outro, crianças, filhos adotivos, assim. Uma coisa bem bonita e levei meus pais pra conhecerem os pais dele. Aí eles piraram e eu tive que optar. Ou eu continuava vivendo da forma que meus pais queriam ou optar viver assim, pela loucura e aí não ia ter meio termo, saca, viver loucura escondido. Eu não tinha nem chave do

quarto. Se eu chegasse em casa com algum livro, tipo Freud, Marx, eles iam remexer nas gavetas e iam encontrar, tranquilo, e aí eu, já que eles queriam saber da minha vida eu resolvi me entregar totalmente. E, quando eu saí de casa da primeira vez eu contei pro meu pai: eu estou, eu não vou voltar pra cá, porque eu estou transando uma mulher casada, estou transando um cara que é arquiteto e sabe, vai ser muito se os vizinhos começarem a chegar aqui e ver que além da mãe louca, tem um filho louco. Aí ele falou: tudo bem, mas não se envolva com drogas. Eu falei: antes que eu me esqueça, eu vou me envolver com drogas".

Quando saiu, H tinha três mil cruzeiros na caderneta de poupança ganhos dos pais como prêmio quando entrou para a faculdade. Arranjou uma pensão pra morar e começou a procurar emprego. Encontrou numa escola de Leitura Dinâmica cujos proprietários eram americanos, para ministrar os cursos oferecidos por ela em quase todas as capitais do Brasil. Este empreendimento faliu e H sem dinheiro e sem lugar para morar volta para a casa dos pais. "Enquadra-se" na situação que encontra, resolve voltar para a escola um ano após ter trancado a matrícula. Tudo ia bem, até que recomeçaram os atritos entre ele e o pai, e dessa vez quem saiu de casa foi o pai com a amante com quem coabitava na própria casa onde ainda se encontrava sua legítima esposa acamada. Dessa vez sim o pai internou a mãe num sanatório e o único vínculo de H com o pai era de que este último continuava a pagar os estudos para ele, o que o obrigou a procurar novo emprego para sobreviver. Entrou desta vez para trabalhar num hotel e paralelamente levar os estudos. Te

ve nesse período que pagar também a escola do irmão mais moço, uma vez que o pai cortou-lhe a mesada. Não conseguindo arcar com as despesas dele e do irmão, abriu um processo contra o pai obrigando-o a dar uma pensão de alimentos ao mesmo. Foi neste período de trabalho/estudo e audiências constantes junto ao advogado que H deixou a escola mais uma vez, em outubro de 1980. Desta vez descrente não sô da escola, mas de todas as demais instituições: família, casamento, trabalho, tudo.

"E aí eu larguei a faculdade, mais ou menos em outubro de 1980, e no fim, meu irmão ganhou a ação de alimentos e meu pai queria que eu voltasse pra faculdade e continuasse trabalhando, mas aí eu já não queria mais voltar pra faculdade, porque eu entrei em crise total, assim, com todas as instituições, sabe, família, trabalho, escola, casamento, orgasmo, tudo, assim, eu não queria mais nada, saca? E os professores aqui da GV, alguns, diziam que a escola era uma instituição falida, que tem outras formas de se aprender, que não a escola. E eu resolvi assim, que não era tão importante."

Quando entrou para trabalhar no hotel, H conheceu um amigo que morava com outros amigos e se juntou a eles. Esse novo ambiente ele descreveu assim:

"- Ficava mais perto do trabalho e... ele e os amigos dele, todos, tinham estudado economia na USP, Sociologia na USP, tinham todos uma formação acadêmica, as-

sim. Eu me sentia meio fora do ambiente durante as conversas, saca? De repente eu ficava perdido quando falavam de capitalismo, solidariedade. Tentava acompanhar, assim, e não conseguia. (...) o pessoal com quem eu estava morando era muito louco, saca. Dava de tudo na casa deles e... eu nunca tinha bebido, assim, eu nunca tinha fumado, eu nunca tinha cheirado pó. Eu comecei a fazer de tudo assim, desmesuradamente. Eu acho que perdi a noção do que eu estava fazendo. (...) Bem, pra começar, era todo um pessoal assim, dez anos mais velho do que eu, que já tinha viajado pelo mundo inteiro, assim, desde Canadá até Índia, passando por Hungria, Nova York, Peru. E todos eles eram filhos de milionários, saca. E eles tinham uma visão bem ampla, assim, uma crítica muito bem feita ao universo, ao planeta terra, sabe, à família, ao trabalho, ao capitalismo, ao socialismo, ao orgasmo, às drogas, ao casamento. Uma visão bem crítica da dor e do prazer do ser humano. Começou assim a me dar angústia numa certa hora. Vivi quase um ano com eles. (...) Então, eles falavam de todos os assuntos com muito mais "know how" do que eu. Quando eles diziam certas frases, ficava dúbio pra mim. Às vezes eu passava duas, três horas pensando naquilo que eles tinham dito. Uma crítica ao nazismo, ao sionismo, críticas aos movimentos de massa no Brasil, e... acabou sendo muito pra cabeça. Aí eu saí de lá."

Nesse novo ambiente os requisitos para alternância foram tão abundantes quanto problemáticos para H. Quando ele caiu dentro de um grupo diferente, ele não contava com a consistência necessária para sobreviver nessa nova realidade. Consistência aqui, no sentido de que o convívio

em grupo sempre requer que seus membros sejam capazes de, nos papéis assumidos, apresentarem-se ou portarem-se tendo em vista a realidade exterior como um todo, ordenado, bem como que tais membros apresentem-se equilibrados em termos de suas idéias e emoções. Sem isso, o indivíduo experimentarã ansiedade e tornar-se-ã psicologicamente desequilibrado.

Pelo relato de H, parece que o grupo ao qual ele buscou pertencer, o então grupo de referência, tinha um sistema de significados altamente compreensivo, no sentido de relativizar os fatos da vida, reconhecendo outros tantos sistemas de significados como naturais e legítimos. H é que não tinha os requisitos necessários para percebê-lo além do seu sistema de significados. Isto também resulta em exclusão. A convivência no grupo torna-se insuportável. Pois bem, H se excluiu mas levou consigo as marcas profundas daquela socialização. Assim relatada o que lhe sucedeu com sua saída do grupo:

"- Isso tudo, diminuiu totalmente a minha eficiência. Eu entrei assim, em processo de crise existencial. Eu me sentia eficiente no trabalho, porque eu estava ao mesmo tempo que eu vivia essa angústia toda, ampliando a minha visão do universo, que é o que eu procuro, dado que a minha educação foi muito germânica, foi muito fechada, eu procuro conhecer o máximo possível de tudo, tentando não ter critério nenhum, sabe, sem preconceitos. Entrar nas coisas pra ver como elas são, pra depois elaborar uma crítica."

A situação experimentada por H nesse grupo é bem explicada por Berger quando salienta que "os papéis individuais são organizados nos grupos dentro dos quais a consistência é funcionalmente desejável. Tal consistência é externa e interna. A primeira significa que as ações do indivíduo representam um todo coerente com o mundo exterior. A segunda significa que suas ações representam um todo coerente consigo mesmo. Se tal consistência não puder ser mantida, o indivíduo experimentará ansiedade e se tornará psicologicamente desequilibrado" (41).

> A volta a uma nova maneira de conceber a vida aparece em seguida com o retorno à casa, só que agora já sem os pais, pois o pai mora no consultório e a mãe está num sanatório. Restou-lhe então a convivência com o irmão e uma tia que segundo ele lhe azucrinam em alemão o dia inteiro. Não mais conseguia dormir de dia, pois trabalhava no hotel à noite, começou sair-se mal no trabalho, recebeu pressão para pedir demissão e acabou mesmo se demitindo. Claro que o fato de demitir-se não teve só a ver com este problema. Foi muito mais o desembocar de toda uma situação de dor e prazer vivida por ele que alcançou mais uma etapa, qual seja a demissão propriamente dita. Foi como se tivesse fechado um ciclo, o que dá pra sentir nas seguintes palavras dele:

"- Eu estava vivendo muito esses últimos quatro anos em função do prazer. Em decadência e anarquia total, saca, sem critério, sem um pouco de humildade, assim, sem querer experimentar a dor e de repente eu vi que eu ti-

(41) BERGER, P. L. *The Precarious Vision*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, Publisher, 1976, p. 25.

tinha dado uma dançada, assim. De repente eu não tinha mais família, não tinha mais trabalho, tinha dançado na escola . Metade dos meus amigos tinham se afastado de mim. Porque eu estava querendo viver sempre experiências novas, assim, dei xava todo o resto pra trás, sem me preocupar com o que ia acontecer com o resto. É muito egoísmo, saca, e... aprender com isso que o ser humano está tão sujeito à dor quanto ao prazer. Ele não tem saída, saca, faz parte da essência do ser humano. Vive-se mais o encontro na dor do que no prazer."

Uma situação assim "acabada" parece ter representado para H o ponto de partida para começar outra vez, renascer de novo. Então parece um outro H falando:

"- O meu irmão está terrível, mas a gente (ele e a tia) está dando uma força pra ele continuar estudando (...) Agora que eu voltei pra casa eu estou dando dinheiro também, minha tia está dando dinheiro (...) E eu estou começando a enxergar agora, que aquilo que a gente tem, aquilo que a gente ama, a gente deve lutar pra não perder ou pra conseguir possuir, mesmo que o caminho seja assim, doloroso, cansativo, como quatro anos dentro de uma escola (...) Vou prestar vestibular na USP, línguas, no ano que vem, porque este ano está meio em cima da hora, não sei como me localizar financeiramente, assim. Ainda não consegui formar um grupo de alunos que me garanta o sustento enquanto eu estiver estudando. Mas pro ano que vem eu já vou estar mais garantido, inclusive tem uma propriedade que foi passada pro meu nome aos 11 anos de idade e então agora eu já posso usufruir. Já fiz 21 anos. (...) E aos poucos eu es

tou recomeçando a enxergar assim, o que que um pai, porquê que um pai constitui família, porquê que ele sustenta os filhos e porquê que ele é autoritário, porquê que a escola tem assim um esquema de horário, sabe, de professor autoritário. Que é o jeito. É a forma que o ser humano encontrou assim, pra se expressar... desse lado do planeta, né. Dado que acabou a loucura, assim, que fatalmente estou morando com um irmão e com uma tia num momento crítico, tenho que tentar enxergar a instituição, agora com mais clareza do que eu enxergava na adolescência, nessa fase assim, de des^{en}contro, que eu vivi. (...) Com meu irmão, a gente sempre discutiu, a gente sempre brigou. Ele é outra cabeça, saca. É difícil penetrar na cabeça dele agora que eu passei três anos praticamente fora de casa e ele passou três anos dentro de casa sozinho. É difícil nessa fase, assim, enxergar o valor dessas instituições todas que transmitem muita dor assim, mas que ao mesmo tempo não necessárias pra existência do ser humano: família, escola. Ou nem existência, assim, mas pra uma sobrevivência, pra uma certa integridade, saca. É uma coisa que a gente tem que procurar entender melhor. Se a gente foi educado de uma forma e de repente o mundo está se apresentando de outra forma. A gente é educado assim, na Alemanha de 39. De repente a gente está no Brasil de 1980".

Como se nota, a alteração se efetua após uma sequência de fatos determinantes nas biografias individuais que vai pré-dispondo o indivíduo a apagar da memória as maneiras antigas de pensar e agir substituindo-se em função das novas informações assimiladas de indivíduos pertencentes a outros sistemas de significados. No caso de H isso começou já aos 14 anos quando após a primeira intenção de tornar-se médico, quase que por desconhecer outras opções, passou a conhecer outros profissionais, pais de amigos seus, cuja variedade de profissões alargou-lhe o léque de escolhas. Entre eles quem ele escolheu para se basear foi o pai do amigo finlandês que exibia uma carreira gerencial relativamente bem sucedida. Observa-se muito cedo, tão logo pôde ampliar seus contatos, passou a assimilar valores não encontráveis no seu primeiro núcleo e que mais tarde certamente foram determinantes para a construção de um modo de vida não ajustado àquela que deveria ser, caso as pretensões de seus pais se fizessem realizar. É que a despeito das intenções a história toma seu próprio rumo e H ao invés de cair numa escola de medicina foi para uma de Administração de Empresas. Não obstante as ameaças e proibições encetadas pelos pais quando ainda fazia o segundo grau e se preparava para o vestibular, como proibir visitar amigos que certamente eram as fontes das idéias divergentes, expulsá-los quando vinham estudar junto com H, não conseguiram marcar pontos favoráveis ao que pretendiam para o filho.

"- E, os meus pais ameaçava assim, eu dizia, eu vou estudar na casa do P hoje. Eles falavam: se você for estudar lá, então pode fazer as malas e ir morar lá e..."

Isso mostra bem que as escolhas são individuais e é o típico exemplo de um processo que pode levar à alternância, dependendo do grau de apreensão das novas informações e da menor ou maior disposição em situar num ponto elevado da hierarquia de prioridades aquilo que deseja assumir como verdade num dado momento da vida.

H passou pela experiência da alternância mais de uma vez. Vimos que em determinados momentos de sua biografia aconteceram fatos tais como:

. Inserirese em grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade necessária à alternância (principalmente a escola, os novos amigos), isto é, a base social específica e os processos sociais exigidos que constituíam a fonte de onde ele retirava os conhecimentos novos e vivia relações de afetividade;

. em função da nova estrutura de plausibilidade, vimos H deslocar todos os outros mundos, especialmente aquele que ele habitava antes de sua alternância. Deslocou o mundo da família, da colônia alemã, o mundo germânico no qual foi educado, desengajando-se da estrutura de plausibilidade que os sustentava, não só mental como corporalmente. Uma fuga que facilitava a manutenção dos novos conceitos, porque se afastava dos "infiéis" e não corria o risco de ser tentado por algum outro significativo que lhe tinha sido marcante no antigo modo de ver o mundo;

. Ficou clara a reorganização do aparelho de conversa, os novos assuntos importantes, a transformação da realidade subjetiva no contato com os outros novos significativos, bem como o cuidado para que idéias discrepantes das novas definições da realidade não fossem manifestadas:

"- Quando eles diziam certas frases, ficava dúbio pra mim. As vezes eu passava duas, três horas pensando naquilo que eles tinham dito".

. Como nem sempre é possível se manifestar adequadamente à nova realidade grupal, em função da memória da realidade passada, H não foi exceção:

"- Minha tia fala sempre que eu tenho problemas assim, de convivência, de adaptação. E meio tenho, saca, porque os meus pais assim, desde que eu sou pequeno, vivem fazendo piada sobre crioulo, sobre homossexual, sobre brasileiro e sempre me soou estranho, saca. E aí eu tento me misturar, tento me entrosar assim, e de repente eu dou uma bandeira de germanismo. Sabe, de repente eu falo alguma coisa que agride a pessoa, assim, no âmago. E aí quando a pessoa me cobra, assim, porque que eu estou dizendo aquilo, aí eu dou mais bandeira de germanismo ainda. Eu fico nervoso, saca".

Achamos conveniente inserir um caso de alternância neste estudo porque ajuda a compreensão dos casos de desvio no sentido de não se correr o risco de confundir ambas as situações.

Para os nossos propósitos, gostaríamos de lembrar que tanto quanto o desvio, a alternância é construída biograficamente e pode num determinado momento assumir alguns aspectos do segundo, porém não chega a sê-lo, pois se constitui de escolhas não definitivas que em geral se sucedem ou assumem movimentos de ida e volta. Ainda mais, a essência da alternância está no desencanto momentâneo, mas radical com a situação presente e no consequente deslumbre por sistemas de significados que no momento resolvem as expectativas do indivíduo. É a experimentação sincera de algo verdadeiramente "novo" e que sobrepuja com argumentos convincentes a situação em que até então se viveu. A alternância não tem muito a ver com a contextualização ou com a relativização. Ela existe como um mecanismo de discórdia que culmina na substituição de um sistema de significados por outro, quase sempre em função da crescente e complexa interação social que o mundo moderno possibilita.

O desvio, por sua vez tem a sua origem nos mais remotos meandros da biografia do indivíduo, sendo quase inevitável, porque se apresenta como o desfecho bem sincronizado de todas as experiências vividas, chegando a um ponto que permite ver plenamente justificado o modo de ser do indivíduo. Então? Desviantes somos todos nós, porque este processo permeia a vida de cada ser. Sim e não. Sim porque a assertiva acima é verdadeira e não porque desviantes são aqueles cujo produto final que encarnam, depois de todo esse processo biográfico singular indescartável, não condiz com as expectativas da maioria normal. Aos olhos desta maioria, são defeituosos e traidores, um ser estranho ao comumen.

te aceito, porque age em função da sua singular biografia .
São por isso.

Sendo o objetivo do nosso estudo constatar que os indivíduos que acabaram não sendo administradores ou foram em função de seus dados biográficos, o que teriam a ver aqueles que se alternaram? É que estes também caíram fora da carreira administrativa porque a alternção, como já dissemos, também leva a uma escolha. A escola constituiu para eles um sistema de significados do qual partilharam profundamente, mas que ao mesmo tempo os levaram a optar por novos esquemas de vida, porque viram falhas no esquema anterior, não significando contudo, que as origens dessa repentina decisão seja a consequência de uma construção demorada como no caso daqueles que desviaram, enveredando por uma outra atividade com caráter de solidez equivalente a qualquer outra profissão.

DESVIANTES

EM

QUESTÃO

"(...) Não me venham com conclusões!

(...) Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

(...) Não me apregoem sistemas completos,

não me enfileirem conquistas (...)

Das ciências, das artes, da civiliza
ção moderna!

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica
sô dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o
direito a sê-lo.

(...) Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço.

Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu se-
ja da companhia! (...)"

(Fernando Pessoa - Poesias de
Álvaro de Campos).

O CASO DE M

A história de M foi importante para este estudo, exatamente porque ela se conduziu durante sua formação escolar, por escolhas que aparentemente a fariam uma administradora de empresas. Ela optou, para encerrar a carreira estudantil, pelo curso de Administração de Empresas, numa escola essencialmente voltada para o saber administrativo e tida como de vanguarda neste campo: a Escola de Administração de Empresas de São Paulo — da Fundação Getúlio Vargas. Entretanto, após terminar o curso e tentar brevemente trabalhar na área para a qual se formou, M passou a se dedicar exclusivamente à música, sendo hoje professora de piano. Paralelamente a esta atividade ela toca em shows como integrante de conjuntos instrumentais ou acompanhando cantores e dá concertos de música erudita quando há oportunidade. Esta última atividade é a que mais a realiza como profissional da música, só não se dedicando totalmente a ela porque o mercado para instrumentistas que ainda não fizeram nome, não possibilita a sobrevivência do artista neste ramo da música. Tem porém, o firme propósito de mais tarde poder se dedicar somente a música erudita.

Houve aí um desvio em relação ao padrão, ou seja, à maioria de sua turma e dos demais alunos da escola, que acabam em geral seguindo a profissão para a qual haviam se preparado. Os elementos que explicam essa mudança de rumo estão contidos em sua biografia e é a ela que vamos recorrer na tentativa de perceber a construção desse desvio e consequentemente explicar a posição que ela hoje ocupa.

M, que hoje está com trinta anos de idade, pertence a uma família da classe média alta. O pai fez uma brilhante carreira como profissional na área de Direito, chegando a ser presidente do Tribunal de Justiça do Estado, função na qual se aposentou. Fora antes, advogado, magistrado e desembargador. A mãe não exerceu nenhuma atividade profissional extra-lar, mas era formada em música, como pianista, pelo Conservatório Dramático Musical de São Paulo. Esteve ao lado dos cinco filhos até 1980, quando faleceu.

M é a última dos cinco irmãos, tendo nascido nove anos depois do terceiro e um ano depois do quarto. Os irmãos de M seguiram outras profissões: um é juiz, outro é médico psiquiatra, o outro é engenheiro eletrônico e outro é administrador.

Trata-se de uma família onde os valores referentes aos esforços individuais para construir o futuro são levados muito a sério. Um dos caminhos porque passava a conquista de um futuro promissor era a escola, que todos eles aproveitaram muito bem. Como nos disse M: "... na minha família tinha que ser tudo certinho..."

Tiveram a devida educação religiosa imposta principalmente pela mãe que levava os filhos à missa aos domingos chegando mesmo, todos a fazerem a primeira comunhão. Era uma família que partilhava da maioria dos valores burgueses da época e não oferecia qualquer abertura para admitir que outros caminhos menos convencionais de modo de vida pudessem ser incorporados por seus membros. No momento de arranjar o parceiro para o casamento, p. ex., a

aprovação da família era conseguida se o outro(a) também tivesse gosto pelo "tudo certinho". M. que passou a viver mais tarde no meio artístico sentiu de perto a reação, principalmente dos pais, a respeito dos namorados que arrumava. É que no meio artístico a vida não é tão metódica e padronizada, não oferece aquela base sólida da profissão adquirida em muitos anos de banco escolar e além disso os artistas, em geral, não se apresentam "convenientemente" com referência aos trajes e aparência pessoal. Foi neste meio que M. teve seus namorados. Certamente que não foi por acaso o rompimento com todos, depois de algum tempo de convivência.

Um fato marcante em toda a vida de M. foi conviver com um problema de coluna desde criança até aos vinte e seis anos, quando foi operada. Era escoliose, um desvio da coluna vertebral para o lado, que nela tornava o omoplata saliente. Contou-nos que se sentia muito insegura por isso, principalmente na sua adolescência. Isso resultava em que a maioria de suas amigas fossem femininas, na terrível insegurança com os namorados e no uso de roupas que pudessem disfarçar o que para ela era um defeito físico. Embora fossem sócios por um período do Clube Pinheiros, não frequentava a piscina como era normal às pessoas da sua idade. — "Não sei se era tão visível o defeito, mas parecia que todo mundo ficava olhando", nos disse ela. Isso fazia com que ela se isolasse bastante das pessoas e tivesse alguns problemas de relacionamento.

Numa análise como esta, cujo objetivo é mostrar que as pessoas passam pela vida fazendo escolhas dentro dos limites que o meio social ao qual pertencem lhes

permite, são básicas as considerações factuais contidas em suas biografias e que as conduzem para este ou aquele caminho.

No caso de M, ela acabou sendo pianista. Tinha vocação para a música? Estava predestinada a ser professora de piano? Achamos que não é por aí que se explicam as coisas. Seria fechar os olhos a dados concretos, cujos significados são por demais importantes para serem desprezados.

Há um pólo explicativo no caso de M quanto ao fato dela ser hoje professora de piano: a mãe era pianista:

"— A minha mãe é que sempre tocou piano. Ela aprendeu piano desde pequena, veio morar em São Paulo e foi assim, ela que mais me influenciou para estudar piano, a família dela e ela, principalmente. Minha mãe se formou no Conservatório Dramático Musical aqui de São Paulo e deu muitos concertos, tocou muito antes de se casar. Depois que ela casou, ela abandonou a profissão de Pianista. Ela nunca chegou a encarar, assim, como profissão. Ela tocava piano muito bem, deu muita aula. Ela havia se dedicado só à música, mas aí quando ela casou, por causa, justamente, de precisar viajar (por causa da profissão do pai, que era juiz e frequentemente era transferido de uma cidade para outra), e, tudo, ela nem tinha piano. Praticamente ela abandonou o piano durante oito ou dez anos, até meu pai poder comprar um piano para ela poder voltar a estudar, pros meus irmãos também. Aí ela ensinou todo mundo. Todos os meus irmãos to-

cam. Pelo menos de ouvido, todos eles tiveram uma iniciação musical, uma educação musical. Eu acho que a influência de minha mãe foi muito grande, assim, para esse lado musical, quer dizer, ela me ensinou quando eu era pequena e depois ela me encaminhou para outros professores, tal, à medida que eu fui progredindo, nê. Ela não chegou a tocar profissionalmente. Não, porque ela casou muito cedo e nunca encarou profissionalmente a música".

Mas ainda é pouco ficar sô nisso. Seria admitir que filho de pianista fatalmente será pianista, de engenheiro, engenheiro, de administrador, administrador. Entraríamos no determinismo que sugerimos dever ser evitado.

No caso de M, todos os outros irmãos tiveram a iniciação musical transmitida pela mãe e tocam, ainda que seja de ouvido. Nenhum, porém, foi ser músico de profissão. M sim. Hã outras questões a serem consideradas.

Ser pianista está, pela tradição, muito mais provável para o sexo feminino e no caso de M ela era a única filha que seria "escolhida" para continuar a carreira da mãe. Sem contar a proximidade muito grande que as filhas mulheres desenvolvem com referência à mãe, com esta chegando a se identificar inteiramente. Parece que neste sentido M estava meio "sem escolha". Mas hã também que se levar em conta que as famílias da classe média para cima, em especial, sempre desenvolveram um gosto, mesmo a nível da vaidade, pela música ao piano. Ter um piano e pianista em casa, tinha um quê de nobreza, de belo, que representava uma marca registrada e diferenciadora que se sobressaia ante as

classes mais baixas. Estava carregada ainda de uma conotação de fineza, de educação requintada e especialmente de delicadeza que só a feminilidade consegue incorporar tão bem. É uma herança que o passado nos legou e que ainda fala forte no seio das famílias tradicionais.

A família da mãe de M possuía e cultivava esses valores. Sempre teve um piano em casa. Residentes numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, onde o pai (avô de M) era cartorário com muitos filhos (dez), se relacionava com outras famílias tradicionais que também valorizavam a arte como uma forma de exaltar a boa educação. Nesse habitat não foi difícil o deslocamento da mãe de M, ainda criança, para São Paulo a fim de estudar piano. As irmãs, que já trabalhavam dando aulas como normalistas, ajudavam a pagar as despesas do conservatório, empenhando-se todos da família para que a escolhida, que "tinha um jeito especial para a música", se diplomasse na cidade grande. Era assim, uma forma da família se equiparar àquelas cujo poder econômico era maior, conquistando para si, através de seus membros a competência rara. A música era a própria e foi um trunfo de que não se abriu mão. Era então motivo de orgulho para a família ter uma filha pianista que frequentemente possibilitava reuniões em casa onde ela tocava e outros cantavam, declamavam poesias ou simplesmente diziam versos.

Da mesma forma que foi importante na época a mãe de M deixar a pequena cidade do interior e vir para a Capital estudar piano, coube a M num outro contexto, anos mais tarde ir aperfeiçoar seus conhecimentos de música na Europa. As coisas estavam se repetindo.

M jamais abandonou o piano:

"— Aqui em São Paulo, eu fui estudar no Caetano de Campos, ali na Praça da República e sempre estudando piano também, sempre como atividade paralela".

Aliás, a entrada de M para o Colégio Caetano de Campos, na época com poucas vagas muito disputadas, se fez via piano. É que o Colégio tinha uma bandinha infantil à qual pertencia o irmão de M, um ano mais velho que ela, mas faltava uma criança que acertasse tocar piano. Nenhuma da escola tinha conseguido até então e sempre um adulto era obrigado a ocupar o lugar da pianista, o que prejudicava a harmonia visual do conjunto. O irmão de M prometeu à diretora que levaria a sua irmãzinha para tocar e que tinha certeza que ela iria acertar. Foi então que com cinco anos M começou a tocar na bandinha e daí teve a sua vaga garantida na escola porque a diretora deu um jeito.

Parece uma contradição a música significar muito ao ponto de não desejar jamais parar de estudar piano, mas também dizer que fez um curso de administração, que gostou muito e que pretendia exercer a profissão. O que está por trás disso?

Aí está algo que pode parecer uma contradição para mim, neste momento como observador. Dentro da estrutura de relevância de M naquela ocasião ambas as coisas eram importantes e por isso naturais de serem feitas. As justificativas que a levavam a realizar duas atividades tão discrepantes com a mesma vontade provinham de seu sistema de

significados e corpos de conhecimento até então admitidos como reais. O natural, o normal era ser assim. Uma atitude que não requeria qualquer tipo de questionamento da parte dela e dos que lhe eram próximos.

O fato de dizer que gostou muito do curso de administração passa por uma motivação criada quase inconscientemente, que todos nós adotamos na maioria das coisas que temos uma certa "obligatoriedade" de fazer.

Então é claro que quando se propõe a fazer algo, no caso um curso superior, o indivíduo tem que acreditar que aquilo será aproveitável e utilizável, como motivação para levar tal empreendimento até o fim. De outra forma, ou seja, desacreditando totalmente naquilo que se está fazendo, não se é possível realizar nada. Daí M dizer:

"- Quando eu me propus a fazer o curso , eu tinha a intenção de exercer a profissão."

Ainda que seja para se 'decepcionar" mais tarde, este auto-estímulo inicial é indispensável a qualquer coisa que se queira fazer. Então a crença na efetividade do curso e o estímulo daí decorrente foi algo assim, que fluiu de todos os pólos ao seu redor. Isso era tão presente, que a levava a afirmar:

"- Quando eu escolhi administração, eu tinha convicção mesmo de que era o que eu queria. E o curso valeu. Eu gostei muito do curso. Tanto que, senão, eu teria abandonado a faculdade no meio, né. Não, eu gostei de fazer."

Aí também M utiliza argumentos que são uma clara racionalização de um grande esforço e dedicação que requereu o curso, não podendo por isso ser dito para ela mesma que de nada serviu. Seria doloroso demais acreditar que tanto esforço foi em vão. Então, é melhor pensar as sim.

Numa sociedade como aquela da qual parti lhava, os valores que representavam a profissionalização, a coragem da mulher, o saber geral, a escola de vanguarda, tu do isso era mais que suficiente para mantê-la corajosamente num empreendimento que durou quatro anos.

Ademais, o próprio pai, sempre muito pre sente na vida dos filhos, não cogitava numa sociedade capitalista e principalmente tendo pertencido a família cujo ethos passava pelo esforço e dedicação ao trabalho (vide a sua carreira, que foi gradativamente de advogado a Presiden te do Tribunal de Justiça do Estado), incentivar declaradamente uma atividade não lucrativa como a música erudita, por exemplo. Então, justifica-se o fato dele cobrar muito mais o bom desempenho dos filhos na escola, ainda que fosse atra vês da conferência dos boletins, do que o desempenho musical de qualquer um deles. A mãe é que sempre empurrava para o lado da música, principalmente a filha.

"- Agora, da parte do meu pai era diferente. O meu pai também gosta muito de música, sempre gostou muito, sempre incentivou, mas nunca dando maior impor tância pra música do que pra escola, quer dizer, pra ele era mais importante que eu trouxesse notas boas da escola e

mesmo na faculdade também. Lógico que na faculdade ele não controlava mais isso, mas ele sempre tinha uma expectativa maior, assim, em relação à faculdade, do que à música, quer dizer, eu acho ele esperava... sempre, de todos os filhos, né, ele sempre cobrou muito esse lado assim do estudo bem feito, as notas boas".

Com essa expectativa tão compreensível na família e dela dependendo financeiramente, M tinha mais ê que se adequar e tornar interessante de ser realizada: aque la sua escolha:

"- Administração de Empresas pra mim, parecia uma coisa nova, uma área em que eu nunca tinha pensado antes. Inclusive na época que eu entrei, eram oito mulheres só, na minha turma, sendo que na minha classe tinha de 45 a 50 alunos".

"- Gostei demais do curso, eu gostei mui to, eu achei assim ultra interessante, um curso assim, que dava, que abrangia uma porção de áreas diferentes. Isso me atraía no curso de Administração. Porque tinha um pouco de psicologia, sociologia, comunicação e marketing e economia, matemática, que eu gostava. Tinha um pouco de tudo. Então eu achava que dava uma visão legal, assim, política. Achava que era um curso, assim, que não bitolava a pessoa. Um curso pra você ter uma visão legal, assim, das coisas, do mun do, da sociedade, de tudo. E nesse ponto eu gostei mu ito do curso, eu achei que foi muito legal. Principalmente no começo, né".

Isto não quer dizer que este auto-estímu-
lo fabricado não passe por fases em que se vê seriamente
ameaçado. E isto ocorre porque as preferências que falam
mais forte, aquelas apreendidas na socialização primária
não sofrem um processo de substituição pela criação de no-
vos gostos. Quando muito, tais preferências sofrem um recuo
apenas suficiente para que seja possível a realização de
novos empreendimentos que não tem muito a ver. No caso de
M. seu gosto pela música e mais tarde seu "gosto" pelo curso
de Administração encaixa-se nesta explicação. Assim, não é
de se admirar, que já, mais para o final do curso ela mude
de postura frente ao que realmente ele era:

"- ... é, nesse ponto eu gostei muito do
curso, eu achei que foi muito legal, principalmente no come-
ço. Nos primeiros anos eu estava assim, muito motivada pra
escola. O primeiro ano achei ótimo. O segundo ano, tal, o
terceiro já... É, não, quando eu já estava no quarto ano, eu
já estava levando o curso assim, com mais dificuldade do
que no começo. Assim, eu acho que o nível de interesse foi
caindo, sabe, principalmente quando entrou assim, área de
finanças, 'putz' eu não aguentava mesmo, né, que eu não en-
tendia aqueles negócios de Open Market, analisar balanço.
Quer dizer, entendia o suficiente pra passar de ano, né, sa-
be, pra fazer a prova, passar e tudo bem. Já não tinha aque-
le, não tinha interesse, assim, sabe, já não era uma coisa
que me atraía. É, eu acho que é porque o curso no começo ,
não é assim tão, é, o curso no começo é mais é... como é
que eu vou dizer... é bastante genérico. Por exemplo, no
fim já eram matérias mais específicas: finanças, contabili-
dade, produção, é... Marketing era o que me atraía mais. Era

a matéria que eu gostava, era mercadologia. O meu estágio foi em marketing na Duca!".

Note-se que os argumentos que M usa para justificar a sua pouca simpatia em relação ao curso, já num estágio mais avançado do mesmo, não condiz com os reais motivos que certamente ficam mais por conta das circunstâncias em que ela acabou entrando para o curso de Administração.

É fácil então observar os mecanismos dos quais lançamos mão para nos auto-motivar quando algo deve "obrigatoriamente" ser feito em função de forças sociais e familiares. Suspendemos os impulsos mais determinantes das preferências reais para dar lugar à realização de atividades, que num dado momento se apresentam como necessárias de serem levadas a cabo, até mesmo como condição para viabilizar o projeto que nos profissionalizará no futuro. M se apegava naquilo que o curso oferecia de agradável para ela e isso era suficiente para manter de pé as suas forças até a formatura, coroada de êxito.

E a música?

Bem, esta já estava com seu espaço prioritário delimitado nos planos de M e sequer teve sua ênfase diminuída frente à incorporação dos novos valores que a levou ao curso de Administração de Empresas. Tanto que as atividades musicais continuaram paralelamente, sendo esta possibilidade o mais forte pilar que permitiu a condução do curso de Administração.

"- É, eu sempre fui levando o piano junto. Nunca abandonei. Por exemplo, eu tinha aula particular de piano. De vez em quando eu tinha algum concerto pra dar, algum concurso que eu participava. Mas como a escola tomava meio período só, eu tinha o outro meio período praticamente livre".

Se a opção pelo curso da GV exigisse a exclusão das atividades musicais, não se poderia acreditar que M teria chegado ao final do curso. Essa conclusão pode ser embasada no fato de posteriormente ao curso, quando já trabalhando na área de marketing em uma editora de cursos por correspondência, onde sua atividade principal era fazer propaganda de tais cursos, M ter se ressentido profundamente pela falta de tempo pra se dedicar à música, pois eram oito horas de trabalho. Chegou mesmo a pedir demissão:

"- Trabalhei uns oito meses mais ou menos nessa editora. Mas aí é que eu comecei a entrar em crise, assim, existencial. Várias coisas. Primeiro, que por ser período integral, quer dizer, foi meu primeiro emprego assim, de período integral. Então não sobrava tempo assim, pra mais nada né. Eu sentia muita falta, assim, de ter outras atividades, principalmente de música, que foi um negócio que eu nunca tinha deixando de fazer. Nessa época eu precisei deixar, porque não dava tempo. Eu chegava de noite, assim, eu nem tinha cabeça mais, pra ficar estudando. Estava ultra cansada. Era aquele regime, assim, de entrar às oito horas em ponto. Eu não tinha que bater ponto, né, mas como eu era da diretoria, eu tinha que dar o exemplo. Aquele negócio, sabe como é. Queriam que a gente chegasse mais cedo

e saísse mais tarde, pra dar o exemplo lá pros funcionários. Agora, eu não me identifiquei, primeiro, com a empresa em si. Eu acho que, talvez se eu tivesse tido um emprego melhor nessa época, eu teria pensado mais, assim, antes de abandonar a profissão, né. Era uma empresa muito pequena. Eu não me identifiquei, assim, é... eu comecei entrar em crise, assim, de consciência, né, porque eu via, assim, aqueles cursos lá, que eram, que o pessoal fazia, né, e achava que era uma coisa de muito baixo nível, eu achava que não era uma coisa válida, eu achava que era uma maneira, assim, de explorar, de tirar dinheiro. Eu ficava com dó de quem comprava. Tinha que fazer propaganda de uma coisa que eu não acreditava. Eu achava, assim, uma exploração o que eles cobravam pelo curso e... sabe, o mercado da firma, era assim, tipo empregadas domésticas, pessoal de baixo nível cultural. Então eu já ficava com dó, assim, de quem comprava achando que ia aprender alguma coisa com aquele curso lá, e não ia né. Quer dizer, era só, ia só gastar dinheiro à toa. Aí eu achei que... Nesse sentido, que eu digo: talvez se eu tivesse tido um emprego melhor, melhor nesse sentido, em que eu acreditasse naquilo que eu, então, tivesse vendendo uma coisa que eu, que eu mesma valorizasse. Não sei, eu não consegui ter essa mentalidade, assim, de marketing é... Eu pretendia ser uma mercadóloga honesta. Bom, aí, quer dizer, a firma estava investindo em mim, aí, porque nos primeiros meses, você praticamente não produz nada, né, você fica se familiarizando com aquilo, se adaptando, tal. Aí, quando eu estava na época, assim, de eu começar a produzir um pouco mais, eu pedi demissão, né".

"- E aí, quando eu pedi demissão, dizem-

do que eu queria estudar piano, ele não acreditou, ele falou, ele achou absurdo nê. Ele achou que eu devia ter um outro emprego melhor em vista, alguma coisa. E eu falei que não, que realmente era uma decisão assim, que... Eu, eu, achei que não dava pra conciliar as duas coisas, por exemplo, pra ser administradora e ser pianista ao mesmo tempo".

Também nesta decisão de abandonar o trabalho não é difícil aceitar que das justificativas por ela colocadas, a única realmente significativa e que condiz com a verdade interna de M foi a impossibilidade de continuar seus estudos de música. O restante constitui-se de explicações para satisfazer outras pessoas, quem sabe, o proprietário da empresa e não ela própria.

Antecedendo a decisão pelo curso de Administração de empresas e pela Fundação Getúlio Vargas, podemos constatar na biografia de M, como se desenhava a expectativa por um curso superior. Era assim, algo inerente ao ethos de classe:

"- Eu sempre quis fazer uma faculdade, eu acho que nem me passava pela cabeça terminar o colegial e não fazer faculdade. Talvez por uma questão assim, do ambiente familiar, do ambiente..., das minhas colegas, do ambiente em que eu vivia.. Porque todos os meus irmãos fizeram faculdade, meu pai, meus tios, minhas primas. // Meu irmão mais velho fez Direito. Hoje ele é juiz aqui em São Paulo. O segundo fez medicina. É médico psiquiatra aqui em São Paulo. O terceiro fez Agronomia em Piracicaba, depois fez Pós-graduação na Getúlio Vargas e esse foi o que mais me incenti-

vou pra fazer a GV. Que sempre, assim, incentivou mais. E o quarto fez Engenharia Eletrônica. Então, quer dizer, todos fizeram faculdade. E das minhas amizades de ginásio, de colegial, todo mundo queria fazer faculdade. Nem passava pela cabeça a idéia de não fazer. Sabe, era um caminho normal que você tinha que seguir".

Tendo estudado no Colégio Caetano de Campos, um dos colégios públicos mais antigos e mais tradicionais de São Paulo, o curso primário, ginasial e colegial, M assim argumenta sobre a decisão pelo curso de Administração de Empresas:

"- Aí, eu estava no Colegial e tinha que decidir, né, que área. Porque, quando eu estava no ginásio, eu gostava muito assim, de ciências exatas, de matemática. Então eu tinha idéia de fazer científico. Tinha idéia, assim, inicialmente de ser professora de matemática. Era o que eu queria quando eu estava no ginásio. Mas depois eu fui, assim, desenvolvendo outros interesses, mais assim, sempre tive muita vontade de viajar, então eu tinha interesse de estudar línguas, ou estudar história, geografia, quer dizer, outras áreas começaram a me interessar mais do que matemática. Aí eu acabei fazendo o Clássico em vez do Científico. Mas ainda eu não sabia o que eu ia fazer de faculdade. Não tinha a menor idéia. Aí eu fui excluindo, né. Direito não. Já tem muito advogado na minha casa. Medicina não, Engenharia não, né, fui excluindo, excluindo, excluindo. Aí sobrou, assim, Administração de Empresas".

E quando perguntada porquê a Fundação Getúlio Vargas, ela assim argumentou:

"- Bom, um dos meus irmãos estava na GV. Ele estava fazendo pós-graduação na GV. Esse, que depois ficou dando aulas lá. Ele era formado em Piracicaba, né, na Escola Luiz de Queiroz. A área dele na GV era Produção. Quer dizer, ele tinha se formado em Piracicaba e estava fazendo pós-graduação na GV. Então, pra mim, Administração de Empresas já se associava à GV, né. Quer dizer, eu nem cheguei a fazer vestibular noutra escola. Eu terminei o Clássico, fui fazer o CPV - Curso Preparativo para o Vestibular, e nessa época que eu fiz o CPV, ainda era no próprio prédio, lá da avenida Nove de Julho, lá na Faculdade mesmo. Nessa época, inclusive, eu fiz teste vocacional, não sei o que, tal. Deu assim, música, em primeiro lugar, com interesse por outras áreas também, tal. E eu acabei escolhendo Administração porque foi uma coisa que me despertou interesse. Eu achei que devia ser, sei lá, um curso assim, que me atraiu, né, enquanto que os outros eu já ia assim, excluindo: Engenharia, Medicina, Direito, Arquitetura, né, não me interessava. Eu não tinha atração. Não tinha vontade de fazer, assim, nenhum desses outros cursos mais, quer dizer, na época, eu achava mais comum. Administração de Empresas, pra mim, parecia uma coisa nova, assim, uma área em que eu nunca tinha pensado antes, talvez... inclusive, na época que eu entrei, eram oito mulheres só, na minha turma. Eu acho que era uma coisa... Mas foi uma coisa assim, que me atraiu, talvez por ser uma área nova, assim, pra mim. É, talvez, eu nem sei dizer porque né, que eu escolhi. Eu sei que eu senti uma atração por isso daí. Eu concluí o curso em quatro anos".

Nessa decisão pelo curso de Administração de Empresas aparece a figura do irmão que estudou e deu

aulas na GV como algo determinante:

"- Na época em que entrei para o curso de Administração, o irmão mais velho já tinha casado, já não estava mais em casa. Agora, os outros estavam, todos. Agora esse que estava na GV era o irmão, assim, com quem eu me dava melhor. Sempre me dei muito bem com ele e... o irmão, assim, que tinha mais influência sobre mim. E talvez, o fato dele estar fazendo a GV, dele, não sei... eu acho que ele foi quem... quem me deu mais apoio, assim. Não que eu não tenha tomado a decisão. Eu que decidi fazer administração né. Mas eu acho que ele teve uma grande influência pelo fato dele estar fazendo o curso. Eu acho que foi através dele que eu fiquei sabendo mais ou menos o que era o curso, né. E eu acho que a maior influência ali, foi dele mesmo e a maior força também. Por exemplo, quando meus pais diziam: Não, essa profissão não é muito adequada pra você, não é legal, né, eu acho que ele me dava mais força".

Ela se via, assim, numa situação em que a busca de um ponto de referência para a sua decisão era imprescindível e o irmão de que fala acima, foi, nesse sentido, o outro significativo, no qual ela se espelhou, dado o seu bom relacionamento que ela diz sempre ter tido com o mesmo.

Note-se que M pode ter pretendido fazer a GV e não Administração. É que a Getúlio Vargas Ihe era mais "próxima" que qualquer outra faculdade, pelas informações que o irmão lhe fornecia sobre ela. Depois de ter feito tanto ambiente num colégio em que estudou onze anos, en-

frentar uma escola estranha era algo desagradável nas condições dela.

São visíveis os cuidados e as precauções que marcam a mudança de opção de M, de administradora para profissional de música. Um dos pontos é a prudência em não colocar de imediato a atividade de pianista como profissão. É aquela impressão de que se está cometendo um pecado, colocar uma atividade produtiva como o estudo da administração em segundo plano e a música, tida como um deleite, em primeiro lugar. Isso tudo não é, senão a força do ambiente social em que se vive, contra o qual cada um de nós lutamos para nos impor. É uma estratégia de sobrevivência. Por isso não dá para se pensar que as escolhas acontecem sem um custo, que é tanto maior quanto mais discrepantes forem do comumente aceito. No caso de M, quando muito a música se coloca como um hobby:

"- Quer dizer, sempre tinha trabalhos pra fazer pra escola, mas sempre dava tempo de estudar piano. Então eu ia levando. Mas sempre encarando a música como uma atividade secundária, assim, como um hobby, nunca como profissão".

"- Eu não queria encarar a música profissionalmente. Música pra mim era um hobby, era uma coisa assim, de segundo plano".

~~—~~ E que não faz parte do ethos da classe ver na arte um meio de vida. Se isto acontecer, empana a graça e a beleza de um hobby que foi assimilado para fazer

bem ao espírito. Passa a ser vulgar, principalmente porque as escolhas dos repertórios, os gostos, por assim dizer, te rão que ser mudados para satisfazer uma platéia que deve ser recrutada para garantir a subsistência do artista. Isto seria proletarizar a arte por não ser mais o objeto de um gosto raro, possível de existir em pequenos grupos afeitos a reuniões sociais, que aí sim, absorvem com a alma todos os clássicos.

Daí, até a revelação e opção pública pela música como um meio de vida, passa-se por uma boa dose de negociação social e consigo mesma, uma espécie de fortalecimento íntimo, porque trata-se de uma mudança radical de planos que exige certa base de sustentação. Esta base, cujo suporte indestrutível é a identificação profunda com a músi ca aprendida desde a infância, se completa no novo grupo de que então passa a fazer parte.

Uma barreira a mais que teve de ser transposta foi a natural distância existente entre o repertório erudito e o popular. Fazia parte do ethos da classe de M não colocar em evidência os valores da música popular e isto ela chega a externalizar, como que para enfatizar a hierarquia simbólica deste campo:

"- Música popular, pra mim, foi um negócio novo, assim, um hobby, né, sempre uma atividade assim, secundária, tal, paralela, só pra me distrair. Mas aí, quando eu formei este grupo, este quarteto, o pessoal estava a fim de encarar mesmo, profissionalmente. Eles eram alunos da escola lá onde eu leciono. Tinha um baterista, um contra

baxista e um guitarrista. Todos lá da escola e todos eles a fim de fazer música assim, como profissão e não como hobby. Eu era a única ali que estava, assim, tipo sem esquentar muito a cabeça, porque eu queria encarar a música erudita profissionalmente, mas não a música popular".

Mas segue que finalmente M se decide pela música como profissão, cujo começo foi em fins de 1980:

A morte da mãe de M foi significativa para que ela se lançasse na música como profissional. Quando ela saiu de seu último emprego na editora, isto significou a materialização do rompimento total e definitivo como o campo administrativo. O abandono e a nulidade de todos os conhecimentos adquiridos ao longo de quatro anos numa escola famosa e cara. Foi assim que o seu pai sentiu esta decisão. A perda de todo o investimento que havia feito na filha. A "barra" pesou para ela, foi o que nos disse, quando isto aconteceu. Mas ao mesmo tempo jogou-se inteiramente na música e as coisas começaram a dar muito certo para ela:

"- Logo que deixei de lado o emprego na editora e comecei a estudar, a entrar em concurso e tudo, as coisas começaram a dar muito certo pra mim em música. Eu ganhei um prêmio aqui da Orquestra Sinfônica e fui solista aí da Orquestra. Toquei duas vezes como solista da Orquestra Sinfônica Estadual e com isto eu ganhei um prêmio também da APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte, o prêmio de revelação do ano em música erudita".

Esse brilhante desempenho desfez a frus-

tração do pai anteriormente manifestada, que desde então passou a depositar muita confiança em M, ao ponto de consentir que ela fosse para a Europa numa viagem de estudos, que acabou durando três anos:

"- Primeiro eu fui pra Itália e fiquei seis meses na Itália estudando música. Depois eu fui pra Londres. Fiquei dois anos e meio. Daí essa... sei lá, pra mim foi assim o melhor de tudo, né, desde a opção de abandonar administração e estudar música, foi, assim, a melhor experiência, né, que eu tive, assim, de estudo. Eu saí daqui pra participar de um concurso internacional de pianistas na Itália e lá eu me saí bem, assim. Depois eu conheci um monte de gente, e tal, e fiquei sabendo de um que ia haver na Itália, né, um curso de verão, aí, perto de Florença. Daí, eu fiquei, eu e uma outra amiga minha também brasileira, né. A gente ficou junto, julho, agosto, setembro, até novembro ficamos na Itália participando deste curso e tocando. Os alunos deste curso eram convidados pra tocar numa porção de cidades aí perto de Florença. Então pra gente foi ótimo, né. Mas tudo como experiência, assim, de estudo. Nada profissional, quer dizer, eu não ganhava nada pra tocar nestes concertos. Eu estava lá como estudante, né. Daí eu fui pra Londres, também sem saber ainda se eu ia ficar lá ou não. Fui assim, porque eu sabia que tinha uma professora famosa em Londres que eu sempre tive vontade, né, de estudar com ela. Aí eu fui pensando em estudar um mês, dois meses com ela, mas aí eu acabei ficando dois anos e meio. Não, porque ela quis fazer um trabalho, assim, de base, sabe. Ela falou: Não adianta você ficar aqui, estudar um mês comigo e ir embora porque não vai adiantar nada né, não vai mudar na

da, assim. Não vai acrescentar muita coisa. Ou você fica pra fazer um trabalho sério, de um ano no mínimo, não, ou então nem adianta começar. Aí eu topei".

Todo este período, como ficou claro em suas palavras, M passou somente estudando e experimentando o campo da música sem muita pretensão de viver às custas dos rendimentos que pudessem advir da possível adoção dela como profissão. Tinha grandes sonhos:

"- Eu imaginava assim, que eu ia chegar lá, ia vencer não sei quantos concursos, ia ser assim, uma grande pianista, sei lá, que as coisas iam acontecer muito facilmente".

Não foi tão fácil quanto ela imaginava, mas saiu-se muito bem nas exposições que fez por lá, adquiriu mais experiências e tinha o firme propósito de voltar para Londres para continuar a lutar no campo da música. Mas disse que só voltaria caso não precisasse depender financeiramente do pai. A competição lá era muito maior que aqui no Brasil, mas o múnico também era muito mais valorizado e por isso ela achava que dava para retornar e dar conta de seu próprio sustento. Mas quando voltou para o Brasil em 1979 para fazer a operação da coluna, que a deixou inativa um ano na cama, porque era necessário usar um colete de gesso, sua mãe faleceu quinze dias após ela tirar o colete e passar para a fase do pós-operatório, que também foi demorada. Era preciso fazer fisioterapia com muita frequência.

Com a morte da mãe, seu projeto de voltar

para Londres tornou-se quase inviável, pois era a única filha solteira que ainda estava em casa e não via como deixar o pai, já com idade avançada, que sentiu mais do que ninguém a perda da esposa. M tornou-se a dona do lar, mas não quis ficar "presa" em casa, pois a falta da mãe seria ainda mais presente. Foi então que voltou a dar aulas numa escola de música popular e daí para frente teve a música como profissão, não tendo ainda chegado no que ela pretende, que é ser uma pianista erudita profissional. Mas indubitavelmente a morte da mãe, que serviu de obstáculo no momento em que ela estava determinada a fazer carreira na Europa, apressou sua profissionalização musical aqui no Brasil. Neste momento deixou de ter o caráter meramente diletante para se tornar algo mais sério na vida de M. A escola onde M hoje leciona música popular é a mesma em que ela aprendeu como aluna há alguns anos atrás. Trata-se de uma instituição já bem divulgada em São Paulo e que começou há dez anos atrás, quando um trio de música popular muito conhecido resolveu usar o seu nome e criar a escola. No começo eles mesmos ensinavam. Depois foram aproveitando os alunos de melhor desempenho para dar aulas e hoje é uma escola relativamente cara que conta aproximadamente com setecentos alunos entre crianças e adultos. A vida profissional de M tem portanto, muito a ver com esta escola:

"- Fiquei aí, comecei a dar aulas, depois formei um conjunto, isso no fim de 1980. Eu formei um quarteto, assim, de música popular e a gente começou a tocar profissionalmente, tocar por aí, tocar em teatros, em barzinhos, em shows, em faculdades. Daí, foi assim, quando eu comecei a tocar mesmo profissionalmente".

Um fator importante também a ser observado e que pode ter contribuído para que M mais tarde abandonasse de vez a carreira administrativa, é que durante toda a sua vida ela foi educada com ênfase à feminilidade. Confirmam isto a própria atividade de pianista, o ingresso, mais tarde, em um colégio só de meninas, a primeira preferência em ser professora de matemática. Todos os cuidados levados mais a sério pela mãe, principalmente, deixam clara a intenção de fazer da filha uma "moça fina". M deixa transparecer quando da sua opção pela música como profissão e consequente abandono da carreira administrativa, o quanto os valores da feminilidade já haviam sido por ela internalizados:

"- Quer dizer, eu comecei achar que eu teria mais possibilidades profissionais de, sabe, de me sair bem como pianista do que como administradora. Até de temperamento, de jeito mesmo, tendência pessoal. Eu achei que como administradora eu nunca ia chegar muito além, além da pesquisa de mercado. Não ia me sobressair nunca. Enquanto que como pianista eu teria esta possibilidade, além de uma satisfação maior de estar fazendo uma coisa que eu gosto muito, sem aquela imposição de horário rígido, porque você tem que ter um horário pra estudar, você tem que ter uma certa organização, disciplina, mas é você quem faz o horário".

Queremos dizer que sendo ela assim educada e porque mais tarde caiu dentro de uma carreira essencialmente masculina, como é Administração de Empresas, as possibilidades de identificação com esta última foram muito mais

problemáticas. A entrada tranquila para o curso é concebível na medida em que na época tal opção era coerente com o modismo da emancipação da mulher. Um gosto de desafio muito provável de ser levado a cabo pelas mulheres da classe média. era a novidade do momento e por ser um fato recente, poucas se candidataram a romper a barreira tradicional da profissão definida socialmente como masculina, então existente. M mesmo disse que eram somente oito mulheres numa turma de 45 a 50 alunos e que ao terminar o curso, quatro se casaram e foram ser donas de casa, duas continuam na profissão, ela abandonou e da outra nada sabe.

Muitos fatos ainda são passíveis de serem destacados da biografia de M, e confirmariam a construção de seu "desvio". Entretanto os aqui mencionados são os mais centrais e já suficientes para tornar claro o fato de que: "Sendo a história do indivíduo nada mais que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo, ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposição individuais, variantes estruturais do habitus de grupo ou de classe, sistematicamente organizadas nas próprias diferenças que as separam e onde se expressam as diferenças entre as trajetórias e as posições no interior ou no exterior da classe: o 'estilo pessoal', isto é, aquele selo particular que trazem todos os produtos do mesmo habitus, práticas ou obras, nunca é mais que um desvio, ele próprio regulado e por vezes codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou uma classe"(42).

(42) BOURDIEU, Pierre. "Esquisse d'une Théorie de la Pratique", Droz, Paris, 1972.

Tornando mais claros os dizeres acima:

A maneira como as pessoas se comportam , tem muito a ver com o habitus da classe a que pertencem. Porêm, vamos observar que tais pessoas se apossam diferentemente das mesmas disposições estruturais existentes na classe. Daí elas serem diferentes. Essas percepções singulares são visíveis pelo simples fato dos produtos de um mesmo habitus serem diferentes entre si, apresentarem trajetórias distintas e ocuparem posições também distintas dentro ou fora da classe a que pertencem, não obstante as "marcas estruturais" que são comuns a todos. E aí é que está essencialmente aquilo que se convencionou chamar de desvio: a maneira própria de ser, peculiar a cada indivíduo quando confrontada com o estilo próprio de uma época ou de uma classe.

Nenhum comportamento pode, então, ser tido como "fenômeno", no sentido de ser inexplicável, senão dentro de uma visão estreita daquilo que é o homem e do ambiente que ele ajuda a construir e que ao mesmo tempo acaba sendo por ele construído.

Então, é reação comum das pessoas ao ouvir falar dos administradores que aqui estamos classificando como desviantes, afirmarem que somente aqueles que têm posses econômicas elevadas ou a sobrevivência garantida é que podem se dar ao luxo de "desviar", no sentido de ao invês de estar atrás de uma mesa de executivo auferindo altos salários, acabar noutras atividades menos rendosas, principalmente ligadas à arte, coisa ainda pouco divulgada e pou-

co valorizada em nosso país. O curioso é que as pessoas que assim pensam estão certas e não há muito a dizer contra seus argumentos.

De fato, a variável econômica é uma questão decisiva nos casos de "desvio" que estamos analisando e reconhecemos que em geral aqueles que não dependem de seus próprios esforços como profissionais para sobreviverem é que têm o privilégio de permanecerem fazendo aquilo que realmente gostam, mesmo sendo uma profissão pouco rentável. Porém, há aí uma série de circunstâncias que funcionam como facilidades ou como limites, dependendo do caso e que os indivíduos usam invariavelmente na construção de seus mundos. E é isso que acaba resultando naquilo que aqui estamos chamando "desvio". Mas esse argumento das posses econômicas, só serve para mostrar que o "desvio" é realmente construído também nestes casos. Extirpa-se assim, a ilusão de que certas opções dos indivíduos sejam verdadeiras extravagâncias ou disparates. O importante de fato, não é achar que o econômico é desprezível, mas que não obstante a sua presença, o "desvio" se efetiva.

O CASO DE D

Estamos agora frente à história de D, que concluiu o curso de Administração de Empresas na EAESP-FGV, mas que se dedica às letras. Escreve poemas, contos, novelas e romances e se qualifica como um ficcionista. Há dez anos se dedica profissionalmente a esta atividade, estando hoje produzindo o seu décimo trabalho e com trinta e dois anos de idade.

Filho único de um pai que herdou de seus antepassados um modelo aristocrático, sem grande capital econômico, que passava pela fidalguia e pela valorização de brasões e de uma mãe pequeno-burguesa com um projeto de ascensão social nitidamente visível, D diz-se estar entre dois modelos contraditórios. O pai formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, tal qual o avô paterno, passando a exercer a profissão até hoje. A mãe esteve ligada a trabalhos em empresas, tendo chegado a diretora de uma financeira que ela mesma criou no Rio de Janeiro. Depois de doze anos de casados os pais de D separam-se, sendo que ele permaneceu morando com a mãe e a avô materna, que já vivia com a família, desde o casamento da filha também única, pois ficara viúva muito cedo, aos trinta e cinco anos. Um fato destacável é que D esteve muito mais sob os cuidados da avô do que da mãe, que trabalhava fora e não tinha tanto tempo disponível para conviver com o filho. Ele mesmo diz:

"- Ela me criou, na verdade, não. Ela foi

a pessoa mais ligada a mim. Dentro da família, ela é a pessoa mais próxima, eu acho."

O palco onde se construiu toda a biografia de D, se restringe basicamente a São Paulo, onde viveu no Brooklyn Novo cursando desde o primário até o curso superior em instituições da Capital, que ele classifica como escolas de pequena burguesia e de alta-burguesia. Entre elas, pela ordem de sua formação escolar: Externato Vieira de Moraes, Colégio São Luiz, Colégio Bandeirantes, Colégio Brasil-Europa e EAESP-FGV. Em todas, sempre teve um desempenho acima da média.

Diz ter tido uma infância normal, com muitas brincadeiras comuns àquele período da vida, enfatizando mesmo, ser o oposto daquele menino de óculos de aro de metal e lentes de fundo de garrafa que só se dedica aos estudos. Colocou-se muito mais como um desportista. Viveu este período da vida até a adolescência cercado pelo pai — que ele diz ser mais flexível quanto ao modo de acompanhar as prioridades estabelecidas para a sua formação —, pela mãe, que lhe cobrava explicitamente e com maior rigidez o desempenho de atividades, principalmente escolares e pela avô que transferiu para ele desmesuradamente toda a afeição contida nos seus anos de viuvez, pois, como diz D, eles (o avô e a avô) "se amavam loucamente. Eram desvairados, um pelo outro."

O pai de D embora tivesse para o filho um projeto de vida que passasse pelas expectativas ineren-

tes à classe de que faziam parte, não chegava a delinear-lhe o caminho. Era algo que permanecia implícito e que transparecia muito mais em suas atitudes de vida, do que pela verbalização. D chega a afirmar que do lado paterno o que havia era muito mais um receio por aquilo que pudesse ocorrer-lhe e que eventualmente resultasse num aumento de responsabilidade da parte do pai. Algo mais fácil de se resolver pela fórmula: "não se preocupe que não baterei à sua porta às três horas da manhã pedindo socorro". Era uma questão de desincumbi-lo de um encargo, pois tomava às costas o mal que provavelmente pudesse ocorrer em função de uma escolha errada do filho. Coisas, como:

"- Se ele fizer tal coisa e X coisa acontecer com ele, é que eu vou fazer." Daí D afirmar:

"- ... a sensação que eu tinha do lado dele é que a minha decisão implicava numa ampliação da responsabilidade".

Quanto a mãe, as coisas ficavam muito claras e todos os seus esforços, as suas cobranças eram no sentido de conduzir o filho "via gerencial" a uma posição de sucesso. Era como que querer repetir no filho, com as deficiências corrigidas, a sua própria profissão. Era um projeto obcecado de ascensão social construído solidamente para que D fosse nele o protagonista bem sucedido. Assim ele descreve tal projeto:

"- O projeto era um indivíduo que falas-

se algumas línguas, um indivíduo fino socialmente, um indivíduo que rapidamente poderia ascender, ser diretor de uma empresa, viver numa casa confortável, ter uma bela mulher, filhos saudáveis, um simpático gramado na casa, coisas interessantes pra contar..."

Entre esses dois personagens indiscutivelmente marcantes na biografia de D, esteve presente desde o seu nascimento a figura da avó materna que sem dúvida se coloca como um outro polo determinante na construção de sua história. Dela, D conta que é possuidora de uma "experiência política extraordinária que nós nunca vamos ter. Deformada ou não ela participou de n situações de tensão política, de busca de solução e de sequela social muito importantes dentro da história do nosso país". Continua ele:

"- Ela me conta coisas, assim, incríveis. Coisas dela, coisas do pai dela, coisas do pai do marido dela. Histórias que você, se você se depara, você percebe que essas histórias nunca mais vão se repetir na vida".

Além de ser essa senhora cheia de coisas importantes a serem contadas, D não vacila em afirmar que ela fez dele uma criança estragada, tal o excesso de carinho e atenção que recebeu. Beirava à imposição. Como em suas palavras: "uma pessoa que quer dar a todo custo. Mesmo que você não queira ela ainda assim quer dar. Isso não é dar mais, quer dizer, isso já é impor". Não obstante esse fator que hoje ele é capaz de classificar como negativo, reafirma a importância da avó, que mora no mesmo prédio que ele, cinco ou seis andares acima:

"- A minha avô foi importante por uma coisa muito simples e muito difícil no ser humano. É exatamente o amar sem cobrança. E por uma coisa muito anárquica que eu acho muito importante no ser humano. Participaram (ela e o avô) de revoluções. Todas as revoluções no Brasil eles estavam no meio, de uma forma ou de outra. Ele tinha, eu não o conheci, mas ela me conta que ele tinha uma alegria de viver extraordinária".

Claro que essa convivência se fez pontilhada de indentificações e conflitos à medida que D ia experimentando as várias fases de crescimento e adquirindo capacidade para escolher. Veio por exemplo, a recusa dos carinhos da avô e o lançar-se no mundo para completar a sua visão ainda limitada do campo de possibilidades ao seu alcance. Somente a partir daí começa a se delinear os meandros da construção da realidade de D.

Sempre contou com o total apoio financeiro da família para os estudos que se colocavam naturalmente como o caminho necessário à realização de um projeto que já pairava no ar, idealizado principalmente pela mãe, como vimos anteriormente.

Até que não se colocava o problema da definição profissional D viveu aquela fase exploratória, mais ou menos comum à maioria das pessoas. Chegando o tempo de entrar para o colegial, já com quatorze anos — e o colegial na época tinha orientações específicas ao futuro curso profissionalizante pretendido pelo aluno — D optou pelo curso

científico no então colégio Bandeirantes que preparava seus alunos para os cursos de Engenharia e Medicina. Antes de optar pelo curso de Administração ele diz ter pensado em ser engenheiro e médico e até marinheiro, porque tinha um tio na marinha e achava muito bonito. Chegou a se inscrever no vestibular de Medicina mas não compareceu para a realização das provas.

No segundo ano do científico, mais precisamente no segundo semestre do segundo ano, D passou seis meses nos EEUU por um programa de intercâmbio cultural morando com uma família americana e lá ele diz que escrevia demais:

"- Escrevia, no sentido de anotar, procurar tornar o mais transparente possível aquela experiência que me era singular".

Dá para ligar essa atitude de interiorização e de reflexão cultivada desde cedo por D com a estreita convivência com a avô. Fica claro, quando D reproduz as histórias contadas por ela, o entusiasmo, o orgulho até, e a vontade de poder repetir uma época em que era possível viver histórias. Aquelas que chegaram até ele se afiguram como verdadeiras peças literárias que dão prazer à vida, que a torna válida. É a memória da família passando gerações e isto é uma herança que ele pode ter apreendido com os olhos do aristocratismo que existiu do lado paterno. Uma maneira de preservar a memória é escrever, é registrar imagens, impressões e fatos que se destacam à percepção do indivíduo.

O modo de ser de D foi se materializando pelo caminho da arte. Quando retornou dos EEUU, fez teatro amador e aos dezessete anos de idade estava sentado numa máquina de escrever fazendo peça de teatro. Este gosto pela arte pode ser buscado em parte na família do lado paterno. Referindo-se ao pai D diz:

"- ... a herança que ele tinha aprovava o caminho da arte. Era uma coisa digna. Puxa!, mas meu filho está fazendo arte! A arte é fundamental, as humanidades..."

Na volta dos EEUU ingressou no Colégio Brasil-Europa por ser o mais próximo de onde residia e concluiu o segundo grau. Essa mudança de colégio por um motivo aparentemente banal já significava que ser engenheiro ou médico já não se colocava na vida de D como prioridade. Era muito mais cumprir a obrigatoriedade internalizada na família e externalizada na formalidade burocrática que o sistema escolar impõe a todos que queiram se profissionalizar legitimamente.

D diz que de repente o entusiasmo pela arte "cessou como se fosse um brinquedo, uma coisa de adolescente, mas isso brotou novamente no início do segundo ano do curso de Administração."

O fato de D dizer que era uma coisa de adolescente não passa de uma explicação conveniente do mundo naquele momento, uma estratégia de alocação aos limites

que lhe eram estabelecidos pela família, principalmente. Um leque estreito de opções que ele na verdade não aprovava in totum. A mesma posição tomava a família com relação às suas preferências.

Do lado paterno a arte era bela até o momento que não fosse colocada como fator de sobrevivência. Um profissional da arte na família era mais sinônimo de fracasso, de malogro dos verdadeiros ideais cultivados para um filho da classe média. Então, o filho fazer arte era bonito enquanto atividade adicional aos estudos que o levaria mais tarde a uma verdadeira profissão, consistente, sólida, digna de um verdadeiro pai de família. Quanto à mãe seria a mesma coisa em doses mais elevadas, de vez que, o projeto dela para D estava muito mais declarado.

Dada a proximidade maior da mãe (D tinha doze anos quando os pais se separaram) e o fato das experiências teatrais terem se realizado precariamente sem a resposta financeira que pudesse significar um peso equivalente no outro prato da balança, D escolheu naquele momento "renunciar" ao seu entusiasmo pela arte e atender a mãe, que afinal lhe garantia a manutenção, entrando para o curso de Administração de Empresas na EAESP-FGV, um modelo de escola dos mais adequados ao círculo de relações mais próximo do então aspirante a administrador profissional.

Num primeiro momento, o da entrada para o curso, D procurou se enquadrar nos padrões de normalidade que caracterizava os demais companheiros:

"- E o meu intuito dentro da escola era o intuito de todo jovem que se acha inteligente, acima da média, que era o de fazer uma rápida carreira e ter uma vida confortável".

Isto não invalida o caráter problemático da opção vivida por D numa situação ainda de impotência para se dar ao luxo de fazer aquilo de que realmente gostava. E o fator econômico parece ter sido determinante para que a imposição dos pais se concretizasse, pois estes deixavam claro que todo dinheiro lhe seria dado, desde que fizesse o curso de Administração, ou outro qualquer contido no léque da família. Então D afirma:

"- ... patrocínio da família pra fazer o que eu pretendia eu nunca tive".

O peso desse fator econômico foi tão significativo que D não vacilou em adequar-se a ele levando o curso até o final, mesmo tendo decidido já no início do segundo ano que não iria exercer a profissão, mas seria um ficcionista. Então ele toma uma postura consciente diante do que faz:

"- Eu simplesmente estava procurando automatizar da maneira menos dolorosa uma tarefa". (referindo-se ao curso)

Atitude esta que não o impossibilitava de desempenhar bem os exercícios escolares, tendo saído qua

se sempre na frente dos demais colegas de classe, dizendo que neste particular se socorria do modelo materno. Bom para ele, ideal para os pais. Durante o curso se engajou em empresas, trabalhando por um período curto em mercado de capitais e depois numa engarrafadora de coca-cola onde desenvolveu um trabalho ligado às relações industriais, como trainee. Foi também monitor durante dois anos do curso, no DAGRI - Departamento de Administração Geral e Relações Industriais.

Como não poderia deixar de ser, sua passagem pelo curso foi pontilhada de indecisões quanto ao que ele pudesse aproveitar, daquilo que ele qualificava de uma colcha de retalhos:

"- Num primeiro instante eu pensava em Finanças. Num segundo momento, eu pensava que Marketing seria um caminho. Já num terceiro momento eu já encontrava a empresa como, com a luta entre a frieza da administração burocrática e a adaptação do homem, e a dificuldade do indivíduo a juntar-se a um sistema que o absorveria". Isto é quase que uma repetição das opções de escolha que se lhe apresentava na época de fazer o vestibular. Todas igualmente desimportantes para ele: engenharia, medicina, administração.

"- Eu fui direto na GV ... eu me inscrevi no vestibular de medicina e não fiz o vestibular. Até já não sei muito bem. Eu acho que na verdade a única coisa possível que eu poderia fazer e me satisfazer, era realmente a literatura".

A medida que o curso caminhava, D não via saídas para os impasses vividos e discutidos em sala de aula e ao mesmo tempo ele diz que "voltava uma coisa que era muito comum na sua adolescência, que era interiorizar tudo, que era refletir e escrever".

Decidiu então, que não seria mais um administrador de empresas no início do segundo ano do curso, mas não abandonou a escola. Esse era o caminho mais viável para ele conseguir tornar-se escritor e não pensou muito em tomar esse rumo. Viveu dentro da escola relações problemáticas, tendo mesmo que se isolar, às vezes. Mas o motivo materno estava lá. Tinha que chegar ao fim do curso. Então coloca a nível consciente que:

"- ... iria cumprir um papel, com uma coisa que eu tinha me destinado a fazer, que eu tinha me comprometido a fazer e que talvez servisse pra alguma coisa, que eu não sabia bem o quê, mas eu iria terminar aquilo." É uma clara negociação com a mãe, para no final realizar seu intento. Ele tinha consciência do que significava uma decisão contrária a esta:

"- Era falhar com relação a um projeto que era muito pertinente na cabeça da minha mãe."

Abrindo um parêntese depois dessa análise que acabamos de fazer, talvez mais uma ordenação das próprias falas do entrevistado com o intuito de explicitar os reais motivos da sua inserção no campo administrativo, é

interessante colocar a forma como ele explica essa entrada na GV:

"- A minha opção pela GV, viveu-se eu acredito, muito em função da própria falta de opção que encontrava em não me adequar perfeitamente a dois modelos. No entanto, um modelo, talvez o modelo materno, fosse o modelo mais acessível, mais compreensível... Não que me fosse mais claro e nem que eu melhor aceitasse isso. Simplesmente estava mais próximo". Ou:

"- E de repente eu achei que estava na hora de eu ganhar dinheiro, eu acho que era isso a justificativa pra adoção deste modelo mais próximo".

Dada a luta pouco frutífera e muito trabalhosa com o teatro amador ele diz:

"- Aquilo me assustou bastante, então o ramo coerente, conseqüente, me levou a uma decisão, assim, sem titubear de fazer o vestibular na GV".

E depois de tanta indecisão na hora de escolher o curso para o qual iria fazer o vestibular, D diz:

"- ... e ecabei seguindo uma coisa que talvez pouco tivesse pensado nela: Administração de Empresas. Não foi uma coisa que eu realmente cogitei durante algum tempo. Aconteceu. Como tudo que eu acho que me predispõe

nho a fazer eu entrei nele. Não tinha outra. Era fazer." Ou ainda:

"- ... Então era um nível de procura, como qualquer outro. De repente a tua procura está próxima de um desfecho e você faz um exame n'algum lugar e você entra. No caso, a Getúlio Vargas".

Mas D, em dado momento se aproxima bastante por suas próprias palavras, da explicação mais próxima que o levou a entrar para a EAESP-FGV e se coloca de maneira consciente frente à escolha feita:

"- É aquela coisa de volição. O indivíduo quer aquilo. Então ele acha que aquele é o custo pra ele obter o que ele está imaginando alcançar. (...) É como se alguém fosse chegar em um lugar e fosse fazer um milagre e ele fosse um sujeito que tivesse um terrível defeito físico e ali ele fosse corrigido. (...) E ele continua ali, na expectativa de que num dado momento o milagre vai se dar e ele vai sair andando. Então, enquanto eu aguardava, enquanto eu tinha expectativa de que eu iria me tornar administrador de empresas por força de berço, de formação, talvez, aquela coisa de a gente se sentir acima da média, então eu estava esperando esse milagre." Claro, que para D, esse milagre não ia acontecer nunca, pois não era o que ele queria.

A vertente que explica o gosto de D pela arte e que determinou a sua escolha final, pode ser melhor comentada. O seu encanto pelo teatro, não foi coisa de ado-

lescente como ele insistiu em dizer na entrevista, mas ali estava a essência daquilo que mais tarde constituiria sua profissão. Ele havia eleito a atividade com a qual se identificava com maior intensidade e nada mais fez que aparar as arestas causadoras de um choque maior com a família — caso pendesse talvez, para ser um simples ator de teatro amador — tornando-se escritor, o que pelos termômetros usados, seria uma maneira mais aceitável de não ser administrador de empresas. Estou afirmando aqui, que mesmo a escolha definitiva de D se deu levando em conta os desejos, as aspirações e os valores daqueles que lhe eram mais próximos. Foi um processo de negociação onde ambos os lados cederam e que evitou uma ruptura drástica entre as partes. O que D pretendia, não saiu na sua forma mais pura, porque ele não está sozinho no mundo.

Essa decisão pela literatura se tornou explícita para D, como vimos antes, no início do segundo ano do curso de Administração. Foi quando brotou novamente, já "como proposta delineada de trabalho tornar-se um ficcionista", mas só após a conclusão do segundo ano do curso é que D assumiu publicamente sua escolha:

"- ... após o segundo ano da GV até a conclusão do curso, eu estava absolutamente voltado para ficção e tendo a escola como um hobby".

Para compreender o renascer do gosto que existiu na adolescência e o que ele significava de fato é só atentar para as palavras do próprio D:

"- O teatro era atraente, o teatro me deixava extraordinariamente seguro. No entanto era uma coisa que me deixava um entusiasmo absolutamente incomum. Pra estreiar uma peça, num dia de estréia eu estava tão eufórico e nervoso como se tivesse decidindo a minha carreira pelo resto da vida. Era uma coisa assim, e aí as cortinas se abriam e eu estava calmo pra fazer o meu trabalho. (...) Era rigorosamente um trabalho sério, era um trabalho de estudo diário, era uma devoção mesmo."

Paralelamente fica muito clara a pouca identificação com o campo administrativo, desde muito cedo. Vivendo ao lado da mãe que trabalhava em empresas fala que "recebia as rebarbas de toda a angústia dela em executar um trabalho". Isso quando era ainda uma criança. O que não pode ter significado um bom começo como fator de identificação com um campo no qual mais tarde teria que militar. Já no curso teve dados mais concretos para explicar sua pouca simpatia com as atividades que fazem parte do campo administrativo:

"- Quando eu me vi ensaiando os primeiros passos, no âmbito da administração de empresas eu vi que eu... aquilo me deixava infeliz. (...) Era o problema de horário, era a questão do lucro envolvendo tudo, era o papel social, era a relação de poder. (...) Eu percebia uma ruptura violenta entre o ar condicionado e o que acontecia do lado de fora."

Por tornar manifesta a sua posição antagônica à grande parte daquilo que se ensinava no curso de Admi

nistração e tornado público na escola e em casa que a sua escolha era a literatura, D viveu momentos de conflito muito visíveis e às vezes de isolamento:

"- Olha, o meu relacionamento era razoável no início do curso, muito ruim nos últimos anos do curso, na medida não propriamente de uma recusa minha de me relacionar, mas em função de que os grupos de trabalho dentro da classe estavam direcionados tão só pra alcançar um trabalho do qual surtisse algum efeito prático na vida que eles pretendiam ter, ou seja, no sentido da própria coesão do grupo em torno de um objetivo comum. Os grupos, nos últimos anos da escola, se formavam em função de preocupações comuns, quais sejam, pessoas que basicamente tinham níveis sociais mais ou menos equivalentes; pretensões portanto, de uma ascensão social, de uma mudança de padrão de vida e uma expectativa comum no seio do grupo. Eu me lembro que no último ano, ou antes, talvez, eu não fazia parte de grupo algum na escola, eu fazia todos os meus trabalhos sozinho. Fui expulso de todos os grupos porque eu tinha deixado mais que claro, notório, que eu não ia me tornar administrador de empresas."

E ele fala do que ocorreu em termos de reação das pessoas que lhe eram mais próximas:

"- De repente a tua relação parental sente você como uma ilha e ao mesmo tempo sentem você como algo inexpugnável".

"- ... Foi um choque. A palavra correta, o primeiro momento foi um choque. Choque. Não foi so um choque pra família. Foi um choque pro meu círculo de relacionamento. Eu fui chamado de louco, eu fui chamado de doido, eu fui chamado de preguiçoso, eu fui chamado de sonhador. Então houve uma reação em cadeia muito forte. Reação esta que se deu também a certos colegas da escola. E eu não estou me referendo àquela coisa do grupo te expelir na medida em que você não é um deles não. Houve reações individuais, independentemente dessa participação de agrupamento, ne, de choque mesmo, de mal estar."

Embora pareça para o observador ser esta uma situação dolorosa de ser vivida, e certamente o é, Dentalo contrava aí a motivação para se afirmar cada vez mais e até levar o curso mais seguramente. Quanto a continuar o curso ele diz:

"- ... a coisa ficou tão mais fácil, por que eu não estava concorrendo a nada. Então foi um período em que eu fiz a escola com uma facilidade muito grande. Na área financeira por exemplo, eu me saí muito bem porque não tinha tensão nenhuma em sentar e fazer aquelas provas. Aquilo, eu não vou dizer pra você que era um entertainment, mas também não era realmente nada posto à prova. Daquilo não estava dependendo mais a minha carreira. Aquilo era um exercício de ocupação. Eu tinha concentrado todas as minhas energias, realmente toda a minha auto-preocupação no sentido de me formar e de me re-formar para me tornar um ficcionista. E foi um período, curiosamente, um período de uma convivência

com a própria escola, muito bom. A escola estava me alimentando na medida que a minha presença diária ou quase diária na escola, me criava um natural mecanismo de reflexão sobre uma contradição de uma sociedade, sobre uma coisa um pouco mais ampla do que a própria escola; e ela me alimentava muito, quer dizer, a escola serviu como um grande impulso no meu trabalho como ficcionista, eu acho, porque eu assumi a minha ruptura. Implicava em permanecer na escola rompido com o destino a que me predispus no início quando eu entrei na escola, convivendo de um modo talvez um pouco mais rico do que se eu simplesmente tivesse, tivesse dito: bem, eu vou seguir essa linha, essa direção porque não existe uma outra alternativa, não existe nada que eu possa eleger em lugar de. Não, eu já tinha escolhido alguma coisa e eu estava muito seguro daquilo que eu estava fazendo." E prossegue:

"- E (...) essa coisa toda me deu uma força adicional. Porque é muito gostoso você chocar, né. É a sensação de que você perenemente andando nas ruas e sem que você tenha que dizer alguma coisa, você está reivindicando algo que as pessoas não estão esperando que você reivindique, né. Então era uma coisa agradável."

Não foi fácil o salto que D deu de um campo para outro. Houve muito ensaio, muita reflexão até que se concretizasse sua real preferência profissional. Foi todo um processo de negociação ao longo do tempo, até a obtenção do seu espaço. Viveu, assim, momentos problemáticos antes, durante e depois de concretizar suas expectativas. Na família ele diz que:

"- Havia um receio. Um receio que persistiu durante muito tempo quanto às fórmulas, que eu também não sei como que eu fiz pra viver (...) Certo período da minha vida eu não tenho a menor idéia de como é que eu vivi (...), que mágica que eu fazia. Eu era muito mais perseverante do que hoje. (...) Eu realmente em épocas de minha vida, longas épocas talvez, dois, três anos, eu não fazia nada que não fosse absolutamente necessário para a minha sobrevivência, porque eu sabia que qualquer coisa que eu fizesse, aquilo ia aparecer em detrimento do tempo que eu exigia pra mim, pra trabalhar e estudar. Hoje em dia eu já não faço isso. Havia um receio, no sentido de que a decisão, a opção existencial ideológica ficava num grande risco de subsistência. E foi realmente um grande risco, maior do que eu imaginei. Eu tive época de passar fome."

Mas, concretizada a opção D sentiu-se muito seguro para assinalar com um certo orgulho a vitória de todo o esforço empenhado. Isto vinha sempre acompanhado de um certo rebaixamento da escola. Como que tentando valorizar a literatura D diz que a escola pra ele, de nada serviu, porque não o ensinou a pensar. Isto ele aprendeu sozinho.

"- Eu comecei com nada, eu não acredito que a escola possa dar e não dará nunca no projeto dela uma formação sólida a qualquer pessoa. (...) Eu estava muito preocupado com esta minha formação, que implicava no seguinte: eu procurar saciar as minhas necessidades de investigação do meu trabalho de criação, descobrir meu trabalho de

criação. Então eu optei pela liberdade... recusar a participar de alguma coisa que eu tinha certeza absoluta que ia me tornar infeliz."

Da mesma forma confusa e cheia de explicações aparentes que D utilizou para explicar a sua entrada para o curso ele o faz no caso de sua exclusão do mesmo. Ele não encontra explicação por ter se dedicado à literatura. Quando perguntado a respeito ele diz:

"- É, mas é curioso, você sabe que não há nenhuma influência pra isso. Ela aconteceu. Você pode imaginar, por exemplo, que eventualmente as pessoas que sejam filhos únicos têm uma tendência à interiorização maior. Eu posso imaginar, por exemplo, que quando criança eu tinha um mundo fantástico muito povoado. Agora, obviamente, eu acho que todas as crianças tem um mundo bastante povoado. Então eu imagino que nada tivesse me encaminhado pra fazer ficção. (...) No entanto, quando a proposta surgiu, ela surgiu muito bem delineada, já. Era uma decisão como se ela viesse de séculos atrás, sabe. (...) Eu acho que não há uma figura que nitidamente se destacasse a ponto de possivelmente me encaminhar para a literatura. Eu acho que foi uma coisa... aconteceu.

"- Não há laço, não há qualquer elo, não há qualquer vínculo que possa ser estabelecido remotamente entre a formação que eu tive, a herança cultural que eu recebi, a contradição dentro desses dois modelos que eu ainda falei no início dessa nossa conversa, com a decisão. Não há

nada. Não existe nada que amarre. As pontas estão soltas".

No entanto, hoje é um ficcionista e proclama-se com certa segurança quando diz:

"- Hoje eu não preciso mais estar no Rio de Janeiro pra ocupar o meu espaço. O meu espaço foi gerado já. Eu já tenho o meu espaço. Hoje eu estou preocupado com a obra, e não estou preocupado em fazer um texto."

E procura ressaltar a transformação radical que significou esta sua opção:

"- Literatura obviamente, não foi uma decisão de mudar de profissão. Eu não larguei a metalurgia pra me tornar um engenheiro civil. Eu mudei de vida. Eu criei um outro rumo existencial pra minha pessoa".

D parece ter verdadeiro pavor de que a sua entrada para a ficção se deva a um fator palpável de sua biografia. A todo momento lembra que não tem nada a ver com nada e prefere dizer que sua queda para a literatura está no sangue. Acha que não se afogou em reflexões e leituras quando criança e adolescente pelo fato de ser filho único. Disse-nos que mesmo que tivesse tido cinquenta irmãos, ainda assim acabaria sendo ficcionista.

Mas, o que faz um menino aos dez ou onze anos de idade preferir um livro a qualquer outro tipo de

presente, como ele nos confirmou? Igualmente, o que faz com que aos 14 anos escreva poemas em sua máquina de escrever que ganhou muito cedo? Porque nos recorda ele que nesse período da vida ficou, certa vez, muito bravo porque a mãe, escondido, pegou seu poema e foi mostrar para os vizinhos? Porque, quando já na EAESP-FGV tomava para si o encargo de elaborar casos de Relações Humanas, o que resultava em seguida nos elogios dos amigos pelo ato de criação digno de um ficcionista, por ser muito bem elaborado? Porque lembramos que nos EEUU onde ficou seis meses numa cidade da Califórnia, sentiu-se muito sô e escreveu muito? Não era esse o mesmo menino, filho único, que viveu uma infância num lar conflituoso pelo desentendimento que mais tarde levaria seus pais a se separarem? Que viveu sem ter um irmão, companheiro onde pudesse se espelhar, se medir e se sentir mais seguro e ainda mais, entre três pessoas, cada uma com uma concepção de vida específica, tentando educar-lhe, cada qual à sua maneira? Não há aí uma certa solidão como aquela dos EEUU ?

Não é dizer que todo filho único vá ser escritor ou intelectual. Isso é determinismo. Porém parece razoável que um menino, que como ele disse, sempre teve um tratamento de lord, no sentido de fazer o que desejasse e recusar o que não desejasse, com autoridade sobre os adultos, se encaminhasse para a leitura como um mecanismo de compensação. Algo que não seria visto somente por este ângulo, mas como uma atitude louvável, pela família. Que família da classe média ainda hoje não se orgulharia de ter um filho estudioso? No caso de D essa valorização vinha muito

mais da avô, com quem convivia por mais tempo. Ele fala que conversavam longamente e ela tinha prazer em ouvi-lo e ele a ela. O que desejamos acentuar aqui é que essa coisa de "clima" propício às "tendências", não é algo materializado em discursos, em elogios frequentes, em divulgações propositais. Isto é sentido no ar. São pequenos gestos, pequenas concessões ou um simples respeito recatado das pessoas mais próximas que traduzem significatividade aos nossos propósitos. Com D aconteceu isto. Se relacionamos o gosto pela literatura mais enfaticamente com a avô, isto se prende ao fato dele reportar-se muito a ela. A significância dela para D é muito nítida em quase todos os sentidos. O que não descarta a importância do ambiente como um todo, que acabou por viabilizá-lo como ficcionista. O desvio foi construído e codificado de acordo com a época e a classe em que viveu D. Foi assim, que ele deixou de ser administrador para se dedicar às letras.

Neste caso que acabamos de ver, deu para sentir nitidamente a construção biográfica do desvio. A escola aparece como fator determinante da carreira de D como ficcionista. Ficou claro o uso que ele fez dela para chegar onde pretendia. E se estamos atrás de compreender o que é o administrador desviante, o caminho obrigatório é esse : que seguimos e que no final nos apresentou um personagem singular com projetos também singulares e que em determinado momento da vida se conduziu pelo caminho que lhe foi possível e viável, mas que não era o que lhe satisfazia. O administrador desviante, então, é aquele que se encontra num determinado ponto de sua trajetória assentado em algo com que real

mente não se identifica, mas sempre trazendo em sua biografia os motivos plausíveis que explicam a sua posição e a sua condição no campo administrativo. E isso é importante saber, antes que se rotulem as pessoas. Os desviantes, assim concebidos, estão evidentemente em todas as profissões e as escolhas feitas por eles são influenciadas pelo mundo que os cerca e como vimos no caso de D, não é muito fácil superar os limites que nos são apresentados principalmente no momento da escolha da profissão. Obviamente que há uma margem de manobra que possibilita aos indivíduos fazerem as suas escolhas, mas nunca são escolhas puras, no sentido de ideais, modelares. Elas, quando feitas, levam sempre a marca do social, típico a cada caso. Então, saber que existem profissionais desviantes é fato que nos chega aos olhos. Porém, mais importante é saber quem são eles e porque são o que são.

O risco de tentar esboçar uma análise como esta de D é evidente no sentido de não se chegar à interpretação perfeitamente correta dos elementos biográficos externalizados pelo entrevistado. Este provavelmente não aceitaria as colocações a seu respeito, exatamente porque a ele pertencem certas experiências vividas profundamente e que lhe são muito significativas, mas que por gozar do privilégio de uma certa privacidade interior não os externaliza ao observador. Berger, ao falar da interação social na vida cotidiana do eu com o outro salienta que "conheço-me melhor do que posso jamais conhecê-lo (o outro). Minha subjetividade é acessível a mim de um modo em que a dele nunca poderá ser, por mais 'próxima' que seja nossa relação. Meu passado

me é acessível na memória com uma plenitude em que nunca poderei reconstruir o passado dele, por mais que ele o relate a mim".⁽⁴³⁾ Evidentemente que o trabalho de interpretar não é o mesmo que adivinhar. Ao ler um texto que tenta interpretar a sua história, o entrevistado o lerá à luz também destes seus conhecimentos e sentimentos vivenciados que pertencem somente a ele. Ao observador chegam os termos "filtrados", a conduta observada de um indivíduo que fala de suas vivências passadas fazendo uso inevitável de tudo que lhe foi acrescentado em termos de experiências e conhecimentos, nos anos posteriormente vividos. A pessoa que hoje fala, não é a mesma que falaria há dez anos atrás. É certo que interpretaria seu mundo diferentemente. Mas uma análise biográfica como esta é mais promissora no sentido de que não fica na mera observação de respostas escritas ou de um currículo previamente desenhado com propósitos também previstos. Quer dizer, esta é uma forma que torna possível sentir mais o indivíduo e tudo que possamos falar dele é verdadeiro à medida que nos reportamos aos elementos por ele externalizados. Temos a verdade sobre este material. Não há como invalidar o trabalho porque aquilo que realmente era importante não chegou a ser dito por um ato voluntário ou involuntário da pessoa que fala. O trabalho de interpretação tem seu bias mas está longe de significar a procura de causas únicas e determinísticas sobre as atitudes atuais de qualquer indivíduo. É muito mais um trabalho que relaciona a conduta observada com um contexto de significado objetivo, que consiste, por sua vez, em concepções pré-estabelecidas, generalizadas e tipificadas.

(43) BERGER, P. L., LUCKMANN, T. - op. cit., p. 48.

Há ainda que se considerar além de toda a complexidade que traduzem as interações sociais, o estar no mundo com outros — que tentamos desenvolver no corpo teórico deste trabalho — o fato de nos depararmos com pessoas, que dadas as suas tipicidades produzem interpretações mais elaboradas das experiências que viveram, na forma de um texto truncado e cheio de ressalvas, cujas intenções acabam revelando os bastidores que interessa ao observador. Há também a conversa que flui sem preconceitos e que igualmente fornece elementos interessantes, passíveis de interpretação. Parece então, que a questão não é concordar ou discordar daquilo que se coloca sobre uma pessoa que nos conta a sua história, principalmente por parte da própria pessoa. Porque o que importa é que em comunicando, com todos os recursos de que dispõe, o indivíduo se revela e até mesmo as atitudes intencionais de encobrir o "indesejável", o não revelável, o deprimente, o que não interessa ser comentado principalmente a um estranho pesquisador, acaba sempre e no mínimo confirmando que todas estas coisas existem.

Um trabalho de interpretação nestes moldes, justifica-se ainda mais, porque dificilmente as pessoas param para se auto-interpretar. Não é um requisito da atitude natural e o usual é continuar vivendo no mundo aceito como dado. Embora, como vimos atrás, o indivíduo tenha um "melhor conhecimento" de si mesmo, o conhecer-se melhor exige reflexão porque sua biografia não é imediatamente apresentada a ele. Para torná-la acessível é preciso que ele pare, detenha a contínua espontaneidade de sua experiência e deliberadamente volte a sua atenção sobre si mesmo. (Berger

e Luckmann, 1978, p. 48). Como em determinado momento as coisas têm que ser explicadas a si mesmos, os indivíduos fazem uso constante dos recursos à mão e genericamente aceitos para satisfazer o anseio de compreensão inerente a todos. É muito comum justificarem o fato de serem o que são, pelo dom, pela vocação, já nasceu assim, é o destino, está no sangue. Isto possibilita continuar vivendo sem maiores problemas.

Num trabalho de interpretação, o observador é sempre a pessoa mais disposta a resgatar minúcias da biografia dos indivíduos que de outra forma não se tornariam facilmente acessíveis aos próprios indivíduos. O confronto das duas partes resulta numa tarefa que se completa. O observador porque quer compreender e o observado porque pode chegar à compreensão de si mesmo. Neste caso, quem observa sente que não é fácil montar as pedras do quebra-cabeça e é esta uma tarefa exaustiva às pessoas comuns. Dá trabalho e pelo meio do caminho as coisas se confundem ao ponto da desistência ser a saída e não fazer nenhum mal, na maioria das vezes. Continua-se a viver.

O CASO DE T

T nasceu há vinte e nove anos atrás em São Paulo, no bairro de Pacaembu onde residiu numa casa grande e com jardins, numa rua calma, desfrutando de uma infância que ele considera normal. Seu pai, que já morreu, tinha formação em medicina, com especialização em bioquímica nos Estados Unidos, onde viveu por dois anos. Foi clínico geral, professor universitário, diretor da faculdade de medicina e pesquisador. Sua mãe não exercia atividades fora do lar e foi educada dentro dos padrões convencionais à sua classe. Estudava em casa com professor particular, fez piano, sabe falar inglês e francês e teve aulas de conhecimentos gerais que toda "moça de família devia ter naquela época". Dos sete irmãos que constituíam a família, T é o último, com uma diferença de idade entre ele e a penúltima, de cinco anos. Estudou nos melhores colégios, tendo sempre se saído bem, mas diz nunca ter se sentido à vontade em nenhuma das escolas que frequentou. Fez o primário no Externato Ofélia Fonsêca, um colégio tradicional e antigo, onde também todos os seus irmãos haviam estudado.

Quando terminou o primário, T pretendia por sua vontade ir para o Colégio Rio Branco porque tinha amigos que estavam indo estudar lá. Ele tinha horror de chegar em lugares estranhos e começar outra vez a fazer ambiente. Sua mãe, porém, resolveu matriculá-lo num colégio de padres para receber educação religiosa. Era o Colégio Santo Américo dos padres Beneditinos húngaros. Fez nele o ginásio e o clássico/científico. Diz que era um colégio super-re-

pressor total e o pouquinho de religião que ele curtia, acabou indo tudo por água abaixo. Primava-se muito pela ordem em primeiro lugar e não era um colégio misto. Para ele era algo, assim, "super patológico".

Quando começou no científico, T estava decidido a fazer medicina. O científico é que dava base em matemática, química e física para quem pretendesse fazer medicina, engenharia e outros cursos da área de exatas. Quem pretendesse fazer história, filosofia, administração, etc., fazia o clássico. Quando chegou ao meio do curso científico, T que se disse ser um pouco preguiçoso e que o vestibular de medicina era muito difícil, porque tinha que estudar muito e ele não estava a fim de estudar tudo o que imaginava que era necessário, mudou para o clássico.

A posição de T na família se caracterizou por um deslocamento em relação aos demais membros. Isto em função de ter nascido quando seus pais já não cogitavam mais aumentar a família. T não teve "espelho" no interior de seu grupo familiar (a presença durável de alguém de quem ele pudesse extrair elementos para se construir singularmente). Foi conduzido, em grande parte, pelas mãos da mãe, naquilo que dizia respeito à formação indispensável a um menino de sua extração social: educação religiosa e escolar nos melhores colégios. Desde que nasceu, até parte da juventude T foi muito mais conduzido pela vontade de sua mãe, que o matriculava nas escolas que ela achava mais adequadas, do que pela sua vontade própria. Esta, quando se manifestava era frágil ante os caminhos já demarcados, como vimos acima,

quando ele manifestou a sua preferência pelo Colégio Rio Banco. Certamente as razões alegadas não fizeram sentido a sua mãe, que no caso lhe indicava o "melhor".

É possível perceber, que todo esse "empenho" em torná-lo um homem de bem se realizou bastante mecanicamente. Foi muito mais o cumprimento de uma obrigação da qual era difícil seus pais se furtarem. As "atenções" que lhe eram dedicadas não eram por ele percebidas com a afetividade que em geral carregam. O que importava aos que lhe assistiam era eximir-se de qualquer culpa por possíveis desvios futuros, que eventualmente viessem ocorrer com T.

"- A preocupação deles, acho que assim, sabe, eu ia bem, eu sempre fui bem na escola... e então pra eles estava tudo bem, era aquilo que interessava. Eles não tinham muita compreensão psicológica. Era uma coisa meio padrão, sabe. (...) Eu falava que eu queria sair, que eu queria ir embora (do colégio), que eu não gostava, tal. Era tudo posto assim, no compartimento das crises de adolescência... Eles tinham essa caixa enorme, que qualquer protesto era colocado lá e pronto, né. (...) Mas é que eu também, na época eu não tinha clareza né, eu não tinha pra assim dizer, o que eu queria realmente ou não. Eu tinha, eu berrava, brigava, umas crises de choro, um negócio meio que "indiscriminado", né. Eu não sabia direito o que me amolava, tal. Eu acho que eles também não aprofundavam muito isso. Então acabava a coisa morrendo por aí né. E assim, aos treze anos eu tive uma úlcera do estômago, sabe. Acho que eu engoli muita coisa assim, sabe, nessa época".

O que houve na formação de T, foi uma grande coerência com a sua condição de filho extemporâneo . Além da diferença de idade para com a penúltima irmã, quando T nasceu seus pais e principalmente seu pai, que era doze anos mais velho que sua mãe, já estava com idade muito avançada para criar filhos na opinião dele (de T), o que sem dúvida se traduziu numa certa desvantagem para T, que não gozou de um animado relacionamento como o pai no período mais importante da sua socialização. Fato que certamente não consta da biografia dos demais irmãos.

Depois de ter concluído o curso de Administração em 1975, T ingressou no curso de medicina em 1976 e hoje ele tem pela frente apenas mais um ano para concluir a sua especialização em psiquiatria. É solteiro e mora num apartamento de sua família desde 1976 no Jardim América, que já dividiu com vários amigos e amigas. Depende ainda hoje, parcialmente da ajuda financeira da mãe, viúva, que com 73 anos e muito ativa mora sô e mantém o controle econômico das rendas e bens que ainda possui.

A condição de "ir na cola" da qual T se valeu em grande parte de sua vida, esteve presente no fato dele ter primeiro entrado para o curso de Administração e sô depois decidir-se pela medicina. Foi praticamente seu amigo P quem o carregou para fazer administração:

"- ... e eu tinha na época um amigo, o P, ele era um cara meio desviado da norma (...) e eu era muito amigo dele já no Santo Américo, e daí ele foi fazer GV tam-

bem nê, e foi o cara com quem eu fiquei mais junto... (...) Ele era muito mais o pai dele que obrigou ele a fazer o curso. Eu não tinha isso porque o meu pai nunca interferiu ... Pra mim era assim, mesmo a falta de definição, de rumo, sabe, eu ia na onda".

Porém, algum dia a escolha teria que sair por ele, ainda que a custo de um longo período de aprendizado e experiências. Isto porque determinadas pessoas se vêem muito cedo em circunstâncias que as obrigam a decidir, a escolher um rumo para seguir como atividade principal, não se desviando dele por uma série de fatores próprios a cada indivíduo. Às vezes, mesmo por questão de sobrevivência ou pela inviabilidade econômica de tentar outros caminhos. O que significa dizer que as pretensões de cada um estão em grande parte determinadas pela origem social. Contudo, não se vive sem optar por este ou aquele caminho. T observava os modelos mais próximos com os quais convivia mais de perto na própria escola.

Assim ele descreve o que era a escola já no segundo do grau:

"- Lá no Colégio Santo Américo era assim: havia duas grandes correntes: ou era engenharia ou era administração de empresas. Acho que muito decorrência do pessoal, filho de quem era. Que era assim, o Colégio em que estudavam os caras mais... os filhos de donos de empresas, assim. Era um colégio de elite. Então as carreiras que tinham lá eram mais ou menos estas.

Na prática, pra quem não tinha muita segurança, como era o meu caso... Então eu acabei indo fazer administração, assim, muito por causa disso e também muito ... Meu irmão mais velho, que sempre foi assim, um cara que eu prestava atenção nê, ele fez administração. Ele foi da primeira turma da GV. Um tempo ele deu umas aulas lá. Agora ele é sócio numa empresa de construção. Ele passou por várias empresas até chegar onde está hoje. Eu ia conversar com ele as coisas nê, o que que... Aí ele falou uma coisa pra mim, que era que eu não podia ter receio de "engolir sapo", que eu tinha que "engolir muito sapo". Porque na época meu pensamento era: eu quero ficar rico... porque assim, o meio que eu vivia era isso nê, quer dizer, eu era super pobre comparado com meus colegas. Então eu ficava querendo calça lee, essas coisas... Sabe, eu tinha um jogo de valores completamente absurdo, muito falso, falsidade total nê. E não tinha nada lá, assim, que fizesse frente a isso. A coisa corria solta, assim. O poder da grana era o que contava mais alto lá. Então, eu acho que a escolha pela administração foi muito assim, o ser levado mais ou menos pelo clima do colégio e os amigos que eu via fazer. A turma toda minha ia fazer administração. Assim, minha vontade então de fazer administração, é que era o caminho mais fácil pra chegar ao dinheiro que eu queria ter. E a escolha da GV é porque estava na moda. Eu gosto de coisas assim, sabe. Na época eu não tive nenhuma escolha profunda. Não foi nenhuma reflexão mais demorada. Entrei em 1972 e terminei em 1975. Fiz o curso em quatro anos".

Embora T coloque razões aceitáveis pelas quais teria entrado para o curso de administração, faz-se

mister acentuar a "inevitabilidade" da opção que fez, em função de o terem matriculado num colégio cujas orientações mais enfáticas eram engenharia e administração. De fato esta última e a GV, naquele momento fecharam a questão da escolha. Chegou-se a um ponto em que ou entrava para fazer administração ou abandonava a escola, sendo esta última opção mais custosa, perante a família e seu círculo social mais próximo, que a primeira, caso T resolvesse optar por ela. O desfecho foi tal, que "naturalmente" T prestaria vestibular na GV. O que não foi tão problemático, porque aliado ao fato da maioria da turma de T ter feito opção pelo curso de administração, ele contava com o precedente do irmão mais velho. Além disso nutria certa simpatia pelas disciplinas de humanas, o que descartava decididamente a opção pelo curso de engenharia.

Se parece existir na descrição acima um excesso de determinação, a intenção é mais a de enfatizar a efetiva existência de alguns pontos fortes que teriam levado T a "preferir" o curso de administração a qualquer outro, naquele momento. Uma escolha diferente poderia acontecer, mas com menor probabilidade.

A opção pela GV não é bem porque estava na moda, como disse T. Mas principalmente pelo fato dele estar num colégio de elite, cujos alunos na sua maioria filhos de empresários, como ele afirmou, estarem destinados a uma escola que é tida como de vanguarda no campo, e na época em que T fez o curso a tradição da GV já tinha se firmado também como escola de elite. Esta era uma escola desti

nada a acolher exatamente os filhos dos empresários. Por isso era muito pouco provável que eles, depois de saírem dos melhores colégios de São Paulo, fossem cursar administração em Guarulhos ou em São Bernardo.

A questão da identificação com o conteúdo do curso ao qual T se candidatou a entrar (Administração de Empresas) era coisa que não se cogitava naquele momento. O "ir na cola" foi decisivo, mesmo porque a sua opção inicial que foi a de fazer científico para prestar vestibular para o curso de medicina não encontrou o respaldo necessário para mantê-la de pé. Mesmo o pai tendo sido médico por formação e militando na área de pesquisas também na área médica, os poucos contatos de T com ele, que ocasionalmente poderiam, se mais frequentes desenvolver em T um gosto pela medicina muito cedo, foram menos significativos que o ambiente então vivenciado naquele momento decisivo da opção, no Colégio Santo Américo. Aqui, a turma de amigos que pendiam para o curso de administração era muito grande. Entre eles, P, de quem já falamos atrás. Por outro lado, não havia muito ainda com que se preocupar, pois passava por uma fase da juventude em que poderia se dar ao luxo de uma escolha mal pensada. Contava com a manutenção financeira oferecida pelos pais, e a pouca idade, que lhe possibilitava recuperar qualquer tempo perdido com alguns anos de um possível curso mal escolhido.

A figura do irmão mais velho foi também importante na opção de T. Não que pelo fato do irmão ter feito o curso de administração também na FGV, T seguiria obrigatoriamente o mesmo caminho. Bem se percebe que a en-

trada de T para a FGV não foi muito pensada. Ao conversar com o irmão ele teve apenas a certeza de que não estaria enveredando por caminho tão ilegítimo, mas por algo que já tinha profissionalizado um membro bastante considerado por ele, na família. Aliás, T não recebeu do irmão as melhores referências da profissão de administrador:

"- É, eu fui conversar com ele, fui conversar com ele umas duas vezes, mas eu já estava meio decidido. Eu fui conversar com ele depois que eu já tinha mudado (trocado o científico pelo clássico), foi no terceiro clássico. Então eu já estava meio resolvido. (...) Ele assim, eu tenho certeza que ele odiou, por exemplo, todo o tempo que ele trabalhou na Reago. Ele ficou muito azedo. Também ele passou cada pedaço..."

As circunstâncias em que T entrou para o curso de administração, fizeram com que ele o levasse sem muita dedicação até o fim. Narrando a sua experiência inicial na GV ele diz:

"- E a escola, as matérias, tal, entravam por aqui e saíam por aqui, desde o início. Primeiro curso eu ainda me lembro: Metodologia Científica, né. Isso era palavrão, eu não tinha idéia. Eu lembro que eu ficava pensando..., tentar conceber o que que era aquilo, sabe, assim. Nada, né, assim. Eu lembro que era um livro do Kaplan, "Conduta na Pesquisa". Comprei o raio do livro e não passava do começo. Ficava... pô, o que que esse cara está falando? Mas assim, certos cursos eu gostava mais: Economia, aquelas

coisas assim, dava pra entender do que que eram mas nem, sa be, eu não estava nem aí. E era assim, era muita farra pra mim na GV. Ia lá e ficava fazendo farra, porque, assim, as matérias não me interessavam muito e em todo o pessoal tam-
bém não interessava. Então ia lá e ficava conversando em música, em ver show, saía, ia fumar maconha na casa de al-
guém, voltava, ficava dando risada que nem bobo. Era uma festa. Ia lá pra uma festa. Daí nas aulas de sociologia, tal, que a gente segurava mais e curtia. O resto, estudava pra prova e passou a prova, esqueceu, né..."

O fato é que naquele momento, para dar conta das obrigações do filho da classe e da família à qual pertencia, bastava, principalmente no caso dele, estar fa-
zendo um curso superior. Era como viver um período de tempo sem maiores compromissos para no final ver o que iria acon-
tecer. Era muito cedo para T detectar o que queria como profissão. Ele ainda não tinha elementos sólidos que pudessem levá-lo a uma conclusão a respeito de tal assunto. Mas ter
nível superior fazia parte das expectativas da classe e es-
ta condição estava sendo satisfeita. Porém não é possível estar sempre à margem daquilo que se faz. Principalmente em
se tratando de um empreendimento duradouro como é um curso superior. Embora a dedicação não fosse muita, T em determi-
nados momentos questionava a validade de estar num curso sem gostar. Quando esteve na Europa, onde foi em viagem de fé-
rias, após terminar o segundo ano, na casa de um irmão jor-
nalista que morava em Paris, também para encontrar com seu amigo de curso P, cuja família residia na Suíça, T relata:

"- Tive muita conversa com P, se começou muito questionamento sobre se realmente valia a pena fazer GV ou não. Sabe? Se realmente aquilo era uma coisa que... Estar lá na GV pra que, no final das contas, certo? Se não gostava daquilo lá, sabe? Sem conseguir se interessar por nada, tal. O que que tinha levado a gente: se era escolha própria, ou se foram outras coisas (...) E era uma coisa mais ou menos que, como a gente andava com muita gente também que fazia outras faculdades, fazia FAU, Psicologia e GV... E era uma coisa assim que começou a virar muito conversa, né, fazer, curtir né, você tem que fazer uma coisa que você tem que curtir, certo?"

T sempre se pautou muito mais por pessoas externas ao seu grupo familiar. Os seus outros significativos foram em geral, os amigos da escola. O "espelho" que lhe faltou no lar foi suprido dessa forma. Embora tivesse recorrido algumas vezes ao irmão mais velho com o intuito de se definir profissionalmente, a diferença de idade e a condição de casado que o referido irmão já gozava, o afastava significativamente da família, não só fisicamente, mas também no que se refere às preocupações mais imediatas com o destino dos outros membros da família.

"- Porque o R, por exemplo, que também começou a ficar amigo da gente, ele estudou no Colégio de Aplicação. Foi um dos colégios mais livres, assim, que tinha, sabe? Tinha aula de Teatro. Era um colégio, assim, que o pessoal decidiu em 1968, no 4º ano primário, entrou em greve junto, sabe, essas coisas assim, muito politizado. Os

professores, então, um pessoal assim que, que eu, por exemplo, nunca tinha conhecido. O pessoal que fazia teatro ou artes em geral... E tinha todo esse envolvimento com o que fazia, que eu estava vendo que com a GV nunca ia ter, sabe? Então eu comecei a me perguntar: mas o que que eu sou a fim de fazer realmente"?

Como consequência dessa falta de identificação com o curso, sem qualquer motivação para levá-lo adiante, outros atrativos já vinham sendo experimentados por T. A recorrência ao tóxico e o contato com uma nova maneira de viver apresentada pelo grupo, se colocam entre eles. Depois de ter sido educado em colégios como o Santo Américo, tendo lá passado grande parte de sua vida (fez lá o ginásio e o clássico/científico) o choque que adveio do contato com uma escola como a GV foi muito grande para T, que diz ter entrado nesse novo ambiente sem muita "experiência". Esta foi a exaustão da medida, além da qual um contato com o analista tornou-se imprescindível:

"- E a GV pra mim foi um ponto de inflexão muito grande, porque eu entrei lá tonto pra burro, né. Eu entrei lá completamente inocente e bobo, do mundo de tudo né. (...) E assim, durante o Colégio era aquela coisa toda estabelecida, né, assim, o jeito de você namorar, quais eram as coisas proibidas. A pessoa separada já era assim uma coisa feia. Tinha todos aqueles padrões assim bem... Isso também, na hora que eu entrei na GV, então, todo esse negócio foi 'puff' né, não era assim. E então lá, tinha coisas completamente diferentes, né. A GV ainda é de certa for

ma reacionária porque eu acho que lá tinha muito uma transa liberal, mas liberal entre aspas também, sabe... Realmente, a profundidade, assim, o sentimento mesmo, também era uma coisa meio denegrida, mas só que a favor da 'putaria', sabe, assim, uma coisa, aquela necessidade de ser moderno, sabe. Então você tem que 'tregar' porque tem nê, sabe, não interessa se você estava a fim ou não (...) Então tinha assim o homossexualismo. Era uma coisa que estava meio presente. Mas também ao mesmo tempo era assim... Era uma coisa que me ... Não dava, sabe, assim, pra ser tão moderno. (...) Pintou, na época uma coisa de ficar todo mundo junto, daí todo mundo se agradava, daí todo mundo... acabava 'tregando' assim, no grupo. Isso foi uma transa que eu não segurei. Eu saí 'chumm' do pedaço e saí assim com uma culpa tremenda porque eu senti que eu estava abandonando os meus amigos porque eu não conseguia ser tão liberado, sabe, assim. Mas não deu, sabe. Não dava, nê. Eu sentia medo dessa situação total. Era uma coisa que me ameaçava pra burro. (...) É assustador, assim, você tem um perigo de entrar na indiscriminação total, na loucura, nê. Eu acho que assim, um negócio que me levou muito pra fazer análise nessa época era isso nê. Eu estava vendo, eu estava sentindo muito próximo esse perigo assim... A droga também. Nesse período eu também comecei a ter umas experiências com a droga que eu não tinha, nê. Que a droga era assim, era fumar e ser super jóia, divertido e tal. De repente eu comecei a ter umas experiências, assim, que eu fumava e eu começava a estranhar todo mundo, sabe, assim. A pessoa que era minha amiga, tal, de repente, sabe, uma para nêia completamente solta nê, uma coisa completamente, eu não conseguia falar uma palavra com quem tivesse do meu lado, que assim, que era meu amigo um tempão e que tinha toda

uma transa. De repente sumia, sabe, ficava... Começou a me isolar pra burro, por exemplo, sabe, se eu fumava junto com os outros, ficava um clima de terror absurdo assim, um troço que eu não conseguia segurar. (...) A minha vida nê, que foi maravilha, maravilha no começo, depois começou a pesar a barra. Porque tinha situações que eu não conseguia me segurar. Sentir medo, absurdo, assim, tipo contato com gente. Você vai, vai, você perde mais ou menos a capacidade de dizer, não, até aqui eu vou, até aqui eu não vou, sabe, uma coisa que vai te botando muito longe. Foi nessa época, depois que eu fui pra Europa que comecei a vontade de fazer análise".

"- E daí foi a época que eu comecei a fazer análise, que daí eu fui cada vez me desligando mais da GV. Porque é assim: eu ainda durante o terceiro ano, por exemplo, eu resolvi que eu ia então fazer alguma coisa na GV, mas mais ligada com a parte de humanas nê. Vou fazer sociologia por exemplo, mas eu estava me forçando muito a gostar de sociologia também. A partir do terceiro ano eu acho que eu já sabia que não era aquilo lá, mas assim, ao mesmo tempo eu não sabia que outra coisa eu queria, sabe".

Então, pra levar o curso até o final, T passou a enxergar algumas brechas em que ele poderia se real_{izar} mais.

"- Daí eu fui continuando nê, e não era assim, tinha coisa que me interessava nê. Os cursos de Humanas. Dava pra fazer seminário à noite de História. História eu sempre gostei muito. Essas coisas eu curti".

Por não querer nada com a administração, um outro recurso adotado por T foi a atitude "revolucionária". Na verdade, durante todo o curso T não se preparou para ser administrador. Ele se apegou muito mais aos aspectos sociais da condição de estar numa escola como a GV. Era agradável para ele estar entre amigos que eram coesos em suas intenções quanto ao curso.

"- Imediatamente eu virei super comunista, assim, sabe, sem também nenhuma reflexão sobre a coisa (...) era muito um clima de criticar por criticar; tinha uma coisa também da realidade, de realmente não ter nada a ver, e tinha muito esse clima de ser contra o estabelecido. Coisas de revolucionário entre aspas, né".

Disso se extraia um motivo para frequentar a escola:

"- Então era jóia, né, ia lá, era divertido, dava muita risada na classe (...) então a parte do questionamento ficava só meio, um período pequenininho do dia, né".

Além de ter se apegado a todos esses artifícios para viabilizar a continuidade do curso, T passou também por algumas experiências de trabalho, que tal qual o curso, não lhe convenceu. Foram altamente frustrantes:

"- ... Logo no começo do segundo ano eu comecei a trabalhar com aquele meu irmão mais velho, que

na época era na Reago, uma firma da Camargo Correa, que faz blocos de concreto. E o meu irmão na época era diretor geral do 'pedaço' lá, mas ele que mandava em mim não. Então eu fui lá, fazer um estágio. Mais uma vez, eu fui trabalhar porque eu queria viajar e eu queria dinheiro pra viajar não. Então eu trabalhei lá. Eu lembro que foi um período, assim, que eu tive as piores dores de estômago da minha vida, assim, não. Era uma coisa que eu tinha que levar garrafa térmica com leite, assim, pra tomar lá. Porque era um clima, primeiro assim, não, eu estava completamente "desbundado" com todo este tipo de vida novo, tal. Chegando lá, tive de cortar o cabelo, assim, porque eles querem tipo cortar o cabelo americano, quase, não, senão você não entra não, uma coisa bem assim, gravata, sabe, uma coisa bem... E é um tipo daquelas empresas, assim, que não tem divisão nas salas, sabe, fica todo mundo aberto, todo mundo enxerga todo mundo e é um ótimo jeito de todo mundo policiar todo mundo também, não. Então não tem nada que você possa fazer escondido, porque você está sempre em público, não. E o único lugar que tinha divisória lá, escondendo, era o lugar onde o meu irmão ficava, não. Ele tinha direito à proteção, privacidade, não. Todo o resto não tinha. Então foi um saco. Já odiei, comecei a odiar, assim. Você sabe, eu não fazia nada lá. Era assim: davam uns gráficos pra eu copiar, uns negócios assim... Eu lembro que eu ficava pensando: nossa, mas eu preciso fazer alguma coisa realmente, assim, onde eu possa aplicar alguma coisa, alguma idéia minha, uma coisa minha, mas eu ficava procurando, não. Não via aonde, sabe? E tinha muito assim, o clima do chefe ser meu irmão. Então todo o pessoal assim, meio que me respeitava. Era uma coisa meio esquisita. Fiquei lá uns quatro meses. Aí chegou uma hora,

falei: não quero mais, não está dando. E no quarto ano, no começo do quarto ano eu comecei a trabalhar na Mobilínea, uma fábrica de móveis, uma fábrica pequena, mas tem uma loja grande dela. Eu trabalhava à tarde lá. Eu entrei lá porque o A era da escola, que nessa época era muito amigo meu e ele começou a trabalhar lá também. E daí ele arranhou pra mim. Porque o A, assim, era um cara super doido né, e... tanto que hoje, por exemplo, ele está morando numa comunidade do interior de Goiás. Mas na época estava ele lá na GV também né, sem saber como ele tinha ido parar lá também. E ele arranhou e foi assim: antes de eu entrar, tinha um cara que era realmente administrador. Curtia, tal, fazia as coisas e esse cara bolou uma série de gráficos que era um levantamento mensal, nem lembro do que, eu acho que era da produção e vendas, uns gráficos lá. E o A e eu a gente ficava lá conversando o tempo todo e chegava três dias antes do final do mês a gente pegava os dados né, novos e colocava nos gráficos que o cara tinha bolado e aquilo era o relatório da gente. O A foi parar lá dentro porque ele é amigo desse primeiro aí que bolou as coisas todas, que era um cara muito legal, tal. Na Mobilínea eu fiquei de março a agosto. Esse tempo foi assim, um período, que... era uma esculhambação, né. A gente ficava lá conversando, puxava fumo lá mesmo e ficava lá conversando da vida e das coisas e tal e mil planos e o que ia fazer e o que não ia e... o trabalho mesmo não era nada. Mas foi um período jóia, eu fiquei super amigo do A até hoje, sou assim, muito por causa desse período aí, né. Trabalhei também quando eu estava no primeiro ano. Não é que foi um trabalho, assim. Tinha uma empresa de serviços médicos que tinha um amigo de um outro irmão meu que estava lá fazendo um levantamento e eu fui lá à tarde,

durante a tarde eu ia lá ajudar a ele, mas também foi só um período curto e não teve nenhuma..."

O tempo todo T estava à procura de alguma coisa que não sabia bem o que era. Fazer vestibular pra medicina não o convenceu na época do colégio, embora tivesse sido sua intenção inicial. Da matemática pretendia fugir o quanto antes. Gostava muito era de história, geografia e ler romances. A entrada para a administração acabou acontecendo nesse ambiente de não saber bem o que queria. Já no curso pouca coisa o atraía. No início, economia dava pra entender e por isso diz que gostava. Metodologia Científica era incompreensível e não conseguiu passar das primeiras páginas do livro adotado. Do curso de sociologia T se recorda como algo de bom que aconteceu:

"- ... o primeiro curso que me ligou lá na escola foi o de sociologia. Eu lembro até hoje... A prova foi de tentar relacionar um filme que você tinha visto, onde você pudesse relacionar uma tentativa de tomada de poder. Isso eu gostei, curti pra burro. Foi o primeiro negócio que eu fiz assim, com uma certa alma. Foi jóia, porque eu fui super bem".

Mais tarde perdeu o encanto também pela sociologia:

"- Durante o terceiro ano eu resolvi que eu ia então fazer alguma coisa na GV, mas, mais ligada com a parte de humanas. Vou fazer sociologia. Mas eu estava me forçando muito a gostar de sociologia. Também não gostava tanto né".

Como nesta época já tinha recorrido a um analista, pois os transtornos em sua vida tinham assumido proporções insuportáveis, achou que devido à análise as coisas estavam ficando mais claras:

"- Pois é, a partir do terceiro ano, eu acho que eu já sabia que não era aquilo lá, mas assim, ao mesmo tempo eu não sabia que outra coisa eu queria, sabe?"

Na verdade T se recusava a admitir o que realmente queria. Era fazer medicina. Algo complicado para ele porque exigia um retorno considerável em sua carreira estudantil. Significava novo vestibular e novo curso, a começar do ponto zero. Contribuiu para adiar esta decisão o fato de que T achava desgastante ter que mudar de ambiente e fazer amigos novos outra vez. E no seu caso era um salto de um campo para outro radicalmente diferente.

"- ... Eu demorei muito pra tomar a atitude de fazer medicina, porque eu estava de saco cheio, né, eu não queria fazer outra escola".

Esta relutância de T perdurou até a metade do quarto ano do curso de administração.

"- Mas daí, como foi indo, de repente foi chegando perto do fim da escola. Então isso daí foi crescendo de importância né. Assim, começou a ficar mais pesado isso daí. Daí eu consegui me decidir pela... que realmente

eu ia fazer medicina. Foi em agosto do quarto ano. Vai acabar, sabe, tem que arranjar alguma coisa. Pra mim, por mais que eu desse volta... Eu tentei fazer sociologia, daí eu ia numa época fazer Organização e Métodos. Sabe, cada semana eu decidia uma coisa. Mas é porque eu acho que no fundo, mais ou menos, assim, sabe, eu tinha que fazer medicina mesmo..."

Ante este relato de T uma coisa é certa. Todo o seu período estudantil anterior foi um tempo de maturação da idéia de fazer medicina. A especialidade em psiquiatria está muito ligada ao fato de satisfazer uma necessidade premente de compreensão de si mesmo. É fascinante o estudo de temas que expliquem os nossos próprios anseios. Daí a fazer disso um bom trabalho profissional é requisito indispensável. Hoje T tem certeza, já no último ano de residência em psiquiatria, que suas expectativas urgentes estão em montar o seu consultório próprio e passar a exercer a profissão o mais rápido possível.

Pode-se argumentar também que tendo T terminado o curso de administração com apenas vinte e dois anos e temeroso como ele era de enfrentar novos ambientes, tivesse escolhido entre cair no mercado de trabalho e continuar a sua carreira estudantil, esta última. Primeiro, que a família garantia seu sustento financeiro durante o período em que estivesse na escola e, segundo que suas experiências com empresas durante o período em que cursava administração não lhe agradou absolutamente. Permanecer sem nenhuma atividade se apresentava igualmente constrangedor peran-

te a família. Parece então ter sido esta uma saída calculada. Mas se admitirmos isto, é necessário lembrar que a troca do trabalho em empresas como administrador poderia ter sido feita por algo bem mais fácil e cômodo, que fazer novo vestibular e cursar mais oito anos de faculdade. Por isso o fato está em que todos os seus precedentes foram marcantes nesta sua definição pela medicina. A figura do pai que trabalhou a vida inteira na área médica não pode ser considerada fator de somenos importância na escolha profissional de T.

"- ... Mas sabe, ao mesmo tempo (que o pai era doente, velho e afastado) era um cara assim, um tanto carinhoso, interessado. (...) Eu aprendi inglês com ele, basicamente. Todo domingo à noite a gente sentava juntos lá e traduzia. Eu consegui, eu acho, coisas precisas".

"- Ele fez medicina, depois clinicou durante um tempo, três ou quatro anos, como clínico geral. Daí ele foi pros Estados Unidos e estudou bioquímica. Ficou nos EEUU dois anos. Nessa época ele nem era casado. Meu pai se casou com 36 anos. Quando ele casou ele já era professor de bioquímica na USP. Então ele foi professor, daí era o chefe do departamento, daí durante dois períodos ele foi diretor da escola. A época que eu nasci era o segundo período em que ele era diretor da escola de medicina. Eu acho que foi no começo de 1961/2, assim, ele se aposentou e entrou na Fundação de Amparo à Pesquisa - FAPESP. Ele era o "cacique" lá, o diretor, e foi até quando ele morreu em 1976, o ano em que eu entrei na medicina".

Ademais, nenhum dos irmãos tornou-se médico. Alguém estaria "escalado" para dar continuidade a uma profissão, que além de nobre naquele período, fazia parte do dia-a-dia da família, pois embora não atuando como médico, o pai era diretor de uma faculdade de medicina e posteriormente pesquisador também das ciências médicas.

A própria disposição e incentivo da família em manter-lhe os estudos de medicina atestam quão importante era essa opção para a família. T mesmo diz:

"- Eu peguei o restinho de lucidez dele (do pai) e com a minha mãe também. Falei, eu quero fazer medicina, tal. E era assim, uma coisa que então, vai em frente que a gente segura a parte monetária, sabe. (...) Além do fato de eu morar neste apartamento, que é da minha família, e não pagar aluguel. E se não fosse assim não dava pra fazer medicina, sabe. Porque era de manhã e de tarde. (...) E ao mesmo tempo toda a preparação né, pra ser psiquiatra. Você tem que fazer análise, que é uma coisa que não é barata e ao mesmo tempo eu quero fazer análise com um cara bom, e quem é bom cobra caro...".

Tanto é verdade que a força do ambiente aí se sobressaiu, que a mãe de T atua ainda hoje em meio aos médicos, fazendo um trabalho de assistência também ligado à medicina.

"- Essa minha irmã que se casou... esse meu cunhado é muito rico e a transa é assim: ele é judeu,

vieram pra cá na época da guerra, tal, mas chegaram aqui (ele e a família dele) e viraram católicos (...). Então eles entraram na Ordem de Malta e meu cunhado é super a fim de transar isso daí, tal, e eles têm obras de caridade e minha irmã é uma pessoa assim, eu não sei, eu acho meio "babaca" isso daí, mas sabe, uma pessoa boa... Então ela montou tudo um ambulatório enorme que eles construíram aí no Jabaquara e ela que administra tudo. Ela trabalha tempo integral naquilo lá, organiza tudo. Arranja médico pra trabalhar lá de graça e arranja donativos. Por exemplo, minha mãe ficou conhecendo muitos médicos de São Paulo, que guardam todas as amostras, que dão pra ela. Então elas (a mãe e a irmã) dão atendimento e dão remédios (...) E minha mãe trabalha muito neste ambulatório. Uma espécie de enfermeira. Tira pressão, arruma a cama lá pros exames".

O curso de medicina em si, pelo qual T optou já no final do curso de administração não era o forte de sua escolha. Era mais o caminho que a escola exige para quem deseja ser psiquiatra, ser analista, que é o que ele realmente intencionava desde o início.

"- Todos os meus contatos com a escola foram meio assim, porque mesmo na medicina eu queria fazer psiquiatria e dentro da psiquiatria eu queria ter um consultório pra fazer análise e dentro da psicologia Junguiana, sabe. Já era tudo bem assim. Então ficar estudando coração, essas coisas, não era o que eu mais interessava. Então, também o curso de medicina foi uma coisa meio... Eu fiz porque era obrigatório, porque eu achei assim, que ia me dar a

formação mais sólida pra eu fazer análise".

O tipo de vida que T viveu até a sua fase adulta está pontilhado de acontecimentos que mais tarde o levariam a interessar-se por uma ciência que o explicasse a si mesmo. A GV teria sido o ponto alto nessa questão, no sentido de ser uma "arena" em que teve de assimilar valores altamente contrastantes com aqueles que até então havia convivido e aprendido, sem contudo, compreender bem o que se passava.

"- É, eu acho que assim, eu estava meio dirigido pra fazer isto (psiquiatria), porque eu fui meio um filho único, meio caçula, sabe. Meus pais, muito mais velhos... Eu era mais ou menos neto deles nê. Tanto que assim o meu irmão mais velho era meu padrinho e a outra irmã era a minha madrinha. Então, quem cuidava de mim era essa irmã que era bem mãe, porque eu lembro, na época quando eu tinha nascido, tinha dado lã, não sei o que nela. Até hoje é assim, um assunto meio proibido. Minha mãe não gosta de falar no assunto. Porque essa minha irmã parou de comer direito, chorava pra burro e daí foi num psiquiatra e ele falou que a culpa era da minha mãe. Falou pra ela isso daí nê. Minha mãe então se descabelou, tal, aquela coisa nê. E disse que a culpa era da minha mãe que não dava responsabilidade pra minha irmã. Essa irmã é a terceira. Quando eu nasci ela tinha 14 anos. Então, tipo assim, eu nasci, foi nessa época, tal. Então minha mãe falou pra minha irmã: cuida! Era a responsabilidade que o psiquiatra tinha falado que ela não dava. Eu fui servir de responsabilidade, certo? En-

tão, tipo minha mãe assim, era ela. Ela que cuidava, tudo, tal. E daí eu tinha quatro anos e ela casou. Foi embora minha "mãe". Até esse período o relacionamento com a minha mãe era muito pequeno. Então, quando eu era pequeno, assim, era muito atribulado. Esse fato de de repente minha irmã sair e casar, sabe, foi uma coisa que pra mim bagunçou bastante na época né. E ela casou e foi passar seis meses na Europa. Meu cunhado é de família italiana e tinha um laboratório de fazer remédio, tal. E ele foi pra lá fazer uma especialização em qualquer coisa. A minha irmã não estudou muito, ela parou no colegial. Então eu sei que foi uma separação meio drástica".

Se um certo isolamento é um convite à introspecção, especialmente a infância de T foi marcante neste aspecto.

"- Antes de entrar na escola, basicamente o que eu fazia era brincar por ali, né. Tinha cachorro, eu adorava cachorro, ficava brincando o tempo todo com cachorro. (...) Não tinha muito com quem eu brincar porque não tinha ninguém na minha idade. Então era basicamente... música eu sempre gostei. Eu roubava discos do meu irmão. Quando ele saía eu aproveitava e ficava ouvindo. Logo comecei a tocar piano, antes de aprender a ler. Tive aulas com uma professora. Entrei no Conservatório mais tarde, já com uns oito anos. Fiquei lá um ano e meio, o tempo suficiente pra ter que dar um recital e nunca mais encostei no piano".

Quanto ao relacionamento posterior com o pai, principalmente, T assim percebia as coisas:

"- E depois, também, era muito problemático com meu pai. Meu pai na época quando eu comecei a entrar para a adolescência, ele já estava velho. Ele tinha 54 anos e minha mãe 42 quando eu nasci. Então, tipo assim, sabe, não podia brigar com ele por causa que não podia ter emoções fortes. Então era difícil, assim, sabe, um confronto com ele. Então eu era bem 'molão', acabava não impondo a minha vontade. Ele tinha problemas de saúde, era hipertenso ... e meu pai era uma pessoa muito afastada, em geral, da família. Era assim, aquela coisa bem padronizada. Ele chegava em casa. Tinha um escritório dele, ele entrava no escritório e ficava lá. As conversas com os meus irmãos assim, foi uma vivência muito diferente. Eu acho que tanto pra minha mãe quanto pra ele, sabe, acho que já estavam com o saco cheio de ter filhos. Tanto que, assim, minha irmã, a que vem acima de mim, esta que tem cinco a mais que eu, e eu, foi super acidente".

O papel de quem ampara, mas que mais precisa ser amparado, sobrou para T que conviveu com todo o período de decadência do pai, na sua juventude.

"- Ele já estava doente assim, há uns dois anos (de 73 a 76). Começou a ter aquelas úlceras na perna. Não podia andar muito. Depois ele começou a ficar arteriosclerótico. Ficou dois anos, assim, entrando em decadência física mesmo e mental também. E era uma coisa dolorida, que ele próprio não admitia. Então eu vivi o período mais da velhice dele. Eu lembro, assim, porque eu procurava muito contato com ele, um dia a gente foi num jogo de fute-

bol juntos nê. Porque eu ficava enchendo o saco, vamos fazer isto, vamos fazer aquilo... Fui no jogo com ele pô, chegou uma hora que ele não estava aguentando subir as escadas do estádio. Uma coisa que eu lembro, assim, que foi um ponto onde eu desisti, sabe, de procurar ele".

Os papéis que couberam a T representar nos principais e grandes momentos de sua vida, quer na infância ou na juventude, foram de acordo com sua atitude auto-reflexiva. Foram situação de questionamento em si mesmo sobre sua presença em cena, o estar no mundo. Para isso ele recorria aos textos adequados.

"- Eu sempre gostei de ler. Coisas da Escola eu lia pouquíssimo. Daí, foi assim: nessa época eu fiz vários esforços pra ler Marx, tentava ler Marx pra burro, mas nunca passou de tentativa frustrada, sô. E nesta época eu comecei a ler psicologia, nê. Eu gostava mesmo".

Esse gosto pelas ciências que conduzem a uma certa compreensão do indivíduo e da sociedade tem algo a ver com o período de rápidas transformações porque passou o mundo nas três últimas décadas. Viveu-se nesse tempo os maiores choques culturais em função da mobilidade experimentada pelas pessoas, dentro ou fora de sua própria cultura. E aqueles que como T viveram nos grandes centros, sentiram muito mais os impactos das mudanças havidas, quer em termos de costumes, de valores relativos à liberdade, moralidade, sexualidade, etc., chegando às vezes "não segurar a barra" como o próprio entrevistado disse. Em outras palavras, seria

levar em conta que o processo de socialização porque passou a geração de T, caracterizou-se por uma menor coerência, com parando-se com as gerações anteriores. Antes, se poderia contar com padrões absolutos sobre o certo e o errado, o que não dava margem aos valores alternativos, aos questionamentos de instituições como a família, a escola, o casamento, o trabalho, o sexo, etc. Assim, é possível admitir que "a rápida mudança social, o incremento da mobilidade social, as transformações na estrutura da família e as organizações racionais das instituições sociais, tendem a dificultar a adaptação do indivíduo na ordem social"⁽⁴⁴⁾. É natural que num clima desses as pessoas sejam "convidadas" a voltarem-se um pouco para consigo mesmas no afã de tornar possível a participação delas próprias no mundo, em parte construído por elas mesmas. T está nesse rol de pessoas, assim como a metade da sua turma do curso na GV, que de uma forma ou de outra não viram nas ciências administrativas o principal fator de sobrevivência, numa realidade que se apresentou para eles de tão tamanha complexidade.

Concretamente, o contato de T com o analista, enquanto fazia o curso de administração, foi de muita importância nesta sua última escolha. Ao mesmo tempo que atuava como cliente de um profissional com quem se identificou, participava de um grupo de estudos sobre a psicologia Junguiana com alguns amigos, também interessados no assunto. Isso significava a construção espontânea dos caminhos que o levaria a ser também analista. Unir-se a um grupo que se interessava pelo assunto, tinha o objetivo de cristali-

(44) LUCKMANN, T. - "La religiōn invisible", Salamanca (Espana), Ediciones Sigueme, 1973, p. 24.

zar, de tornar evidente a validade da nova profissão perseguida, de viabilizá-la. As leituras constantes de textos de psicologia durante o tempo em que T estava na GV o aproximava cada vez mais da nova profissão. Não é desprezível, contudo, o fato de T fazer parte de uma extração social, que tornou possível a ele acomodar-se em um divã de analista e que conseqüentemente permitiu também que ele almejasse tal profissão, uma vez que todas as condições sociais e econômicas satisfaziam.

T tornou-se analista sim, mas muito em função da forma como ele apreendeu a realidade que o cercou durante toda a sua vida, segundo as condições que lhes foram oferecidas. Isso fica transparente na leitura de sua história de vida.

O CASO DE "R"

Como estamos tratando com casos absolutamente singulares, não é de se estranhar que a percepção de si mesmos, a auto-análise que cada um dos entrevistados em determinado momento tentou esboçar na conversa espontânea que mantivemos, varie bastante, principalmente quanto ao nível de consciência daquilo que realmente se passa com cada um deles. Consciência, no sentido de adotar critérios explicativos, não que satisfaça as expectativas do observador, mas que não peque pela ingenuidade ou pela falta de imaginação que podem traduzir um quadro ilusório acerca da realidade. Partimos aqui da premissa de que há a verdade do indivíduo, construída efetivamente pelas suas crenças que o meio lhe possibilita praticar e há o outro lado, que se constitui de uma tentativa sistematizada de buscar uma outra verdade que no caso deste estudo não pretende ser superior à primeira, porque aquela também tem um importante papel a cumprir: o de possibilitar a continuidade participante do indivíduo no mundo. A segunda verdade à qual buscamos também tornar válida, se faz exatamente pelo procedimento que temos adotado até aqui. O de ordenar os fatos de uma história de vida, com vistas a possibilitar a identificação de alguns fatores determinantes da realidade vivenciada hoje em cada caso particular. Estamos cientes de que é uma tarefa que se assemelha muito, no que se refere aos procedimentos técnicos, à montagem de um complicado quebra-cabeças. É preocupação de quem se dedica a esse tipo de trabalho, reunir ordenadamente os fatos vividos e contados pelos indivíduos de forma a dar sentido ao conjunto. E nisso há uma mar

gem, não muito grande logicamente, de possibilidade de criação artística, de retórica propriamente falando, capaz de apresentar um todo razoavelmente convincente. Pretendemos deixar claro o fato de que é esta uma montagem feita com as "pedras" previamente seleccionadas por um mecanismo semi-inconsciente que está em cada um de nós e que entra em ação no momento em que contamos nossa história de vida a alguém, especialmente se este alguém não é tão íntimo. Que outro meio mais eficiente está ao alcance dos pesquisadores que se embrenham por estes rumos e que possa garantir uma proximidade maior do real? Talvez a observação participante. Mas mesmo assim, tanto quanto se conhece o homem, não pelo estudo de outros, mas pela análise introspectiva de nós mesmos, chega-se à conclusão de que o acesso total ao interior do outro não é possível. Então o que sobra é o acompanhamento das experiências suficientemente visíveis e aceitas por estarem fundamentadas em critérios legítimos, científicos ou não, que acabam por validar as inúmeras pesquisas que envolvem sempre a interpretação dos significados.

A história de vida de R, que veremos a seguir, mostra que ele se aproxima bastante da compreensão que irá resultar da ordenação dos fatos que ele relatou em entrevista aberta. Ele é um aficcionado pelas ciências do comportamento, o que, certamente, a ajuda na tarefa de auto-interpretar-se. Viveu profundamente situações que o levaram àquela pergunta que nem todos se preocupam em fazer a si mesmos: "quem sou eu, afinal?". É natural, portanto, que sua fala seja quase que auto-explicativa, em decorrência dessa atitude de "escuta" frente ao mundo e a si mesmo, insis-

tentemente vivenciada desde a infância. Faltou-lhe, como também aos demais, parar um momento e tentar ligar os acontecimentos e situações cotidianas, de forma a facilitar a compreensão das construções que foram sendo feitas ao longo dos seus dias com a participação dele e de todas as pessoas e coisas com as quais sempre conviveu. Essa tarefa tomamos para nós. A este trabalho interessa enfatizar a construção do desvio, que naturalmente se deu através da passagem por uma escola de administração de empresas, com vistas a tornar-se psicólogo.

R pretende ser analista e está cursando atualmente o segundo ano de psicologia. Tem convicção de que acabará sendo um ótimo profissional nesta área e julga ser a escolha definitiva. No curso de Administração foi da mesma turma de T. Porém, sua história pré GV e pós GV é outra, na maioria dos aspectos.

Hoje divide um apartamento no bairro de Higienópolis com um amigo que fez a GV, morou dois anos em Paris e é escritor e com uma amiga que fez Letras e morou um ano em Roma e trabalha como secretária numa editora.

Vem de uma família cuja trajetória é marcada pela ascensão social, sem nunca ter tido dificuldades financeiras maiores. O pai sempre trabalhou em empresas e fez o curso de Administração por volta de 1960 a 1962, já depois de haver se casado e a mãe sempre se dedicou ao lar. A irmã mais nova que ele, tem 24 anos, fez Engenharia de Alimentos na UNICAMP, trabalhando atualmente como diretora numa

escola de inglês e o irmão mais velho, 33 anos, é engenheiro de produção (FEI-USP), sendo hoje diretor industrial da Sharp de Manaus.

R nasceu em São Paulo no bairro de Cambuci, mudou para o "Bexiga" com dois anos de idade onde morou até aos dezenove anos e como os demais que analisamos até aqui, teve todos os seus estudos bancados pela família e igualmente se caracterizou pelo bom desempenho em toda a sua vida escolar, tendo sempre gostado de estar nas escolas por onde passou, pelo menos até o curso secundário.

É importante a informação sobre o período de escolarização, porque é nesta época e neste ambiente que as pessoas acabam construindo seu círculo de relações sociais, além de ser o local que oferece todos os elementos capazes de determinar aspectos de peso na vida, como a escolha da profissão. É um período de encantamento e desencantamento constantes, mas é por isso o tempo mais forte da socialização, após os primeiros anos de convívio junto à família.

R assim relata a sua experiência escolar:

"- ... o pré-primário, primeiro ano e o jardim eu fiz num lugar chamado Jardim e Escola Angélica, que era aqui na Av. Angélica. Eu gostava de ir pra lá, mas não era uma escola especial não, não tinha nada de extraordinário. Era uma escola particular, de classe média baixa,

talvez, ou classe média, não sei, é difícil definir. No segundo ano eu mudei pro, eu não saberia te dizer porque, eu mudei para o Grupo Escolar Rodrigues Alves que é na Av. Paulista, perto do Paraíso. Essa era uma escola pública com a freguesia de uma escola pública, do grupo escolar, entende? Três horas de aulas, quer dizer, meio abrigando todo tipo de origem social e tal. Eu lembro de uma professora chamada D. Isabel, que eu não esqueço, que chamou meus pais no fim do ano porque eu ia muito bem na escola né. Chamou meus pais no fim do ano, aconselhou a me tirar do grupo porque ela achava que eu precisava ir pra uma escola melhor. Aí eu fui estudar no Curso Rápido Nove de Julho, com a Carolina R. Ribeiro de Oliveira, que tinha aqueles livros de português, matemática, coletânea de composições. Esta escola era na Vila Mariana. (...) Tinha uma 'novela' que era o exame de Admissão naquela época. Então você precisava se preparar muito bem para o exame de admissão e esse curso tinha um charme especial que você fazia o terceiro e quarto anos primários juntos, o quinto era o chamado pré-admissão e depois você prestava o exame de admissão que de fato era uma coisa como o vestibular. Não tinha vaga no ginásio pra todo mundo. Eu prestei em três colégios: no Alberto Conte que é em Santo Amaro, no Costa Manso que é no Itaí e no Colégio de Aplicação. Entrei nos três, fiquei no Colégio de Aplicação. Eram todos colégios públicos, porque na época o sistema de ensino de São Paulo era um pouco assim, quer dizer, o ensino do ginásio e colégio, tinha três ou quatro grandes colégios em São Paulo. Um deles era esse Alberto Conte, e outro era o Estadual de São Paulo, que fica lá no Parque Dom Pedro e mais uns dois ou três que eram escolas, vamos dizer, de boa qualidade. Não havia essa oferta de ensino particular

no ginásio e no colégio. E a oferta que havia, não é que era ruim, quer dizer, o melhor pros filhos da classe média era estudar em bons colégios estaduais. O Colégio de Aplicação era um colégio muito especial, porque você estudava o dia inteiro, tinha teatro, artes plásticas, artes industriais, estudos sociais, que depois virou essa coisa que hoje ninguém sabe direito o que é, classe de 15 alunos, era um ensino da melhor qualidade. Ele ficava aqui perto, na rua Gabriel dos Santos em Higienópolis. Eu tenho a impressão que o colégio era frequentado, quer dizer, na média, por pessoas de extração social superior a minha, bastante superior, muito judeu, muito rico e era um colégio politizado, etc., etc."

"- Nós todos estudamos no Colégio de Aplicação que era uma escola muito cotada até 68. Um colégio experimental vinculado à USP. Na época em que a USP, enfim, que era um centro de grande efervescência científica, cultural e política, etc., eles tinham um colégio secundário chamado Colégio de Aplicação, que talvez tenha sido a experiência educacional mais interessante no Estado de São Paulo. Uma das experiências educacionais públicas. Era um colégio em período integral, os professores eram professores da USP e era um campo de aplicação de novas técnicas educacionais e um campo também de experimentar tudo aquilo que se vivia 62, 63 e 64. Era uma escola muito peculiar, teve muita greve, o colégio ficou tomado pelos alunos durante 30 dias quase. Todo mundo dentro da escola, porque mudou o diretor. Então era um colégio que propiciava muitas vivências, vamos dizer, políticas, intelectuais entre aspas, né, que

deixaram as pessoas um pouco com o rei na barriga, que demorou um tempo pra desfazer, nê, mas por outro lado deixou uma bela herança, assim, em termos de preparo e visão de mundo, 'tal. Neste colégio, havia o ginásio e o colegial".

"- Eu me destacava mais no departamento de Ciências Humanas: Estudos Sociais, Artes Plásticas, Artes Dramáticas. Eu estudava, ficava o dia inteiro na escola, por conta da escola, muito cinema, muito teatro porque a escola fazia umas sessões especiais de peças que eram proibidas, proibidas pra 18 anos. Faziam na segunda-feira uma sessão especial, porque essa professora de artes dramáticas levava os alunos todos. Filmes a mesma coisa, então, a minha vida de adolescente, quer dizer, eu acho que foi muito marcada pela escola, pela vivência dentro da escola, com os amigos da escola. Ia pra praia nas férias, mas gostava de voltar para São Paulo quando as aulas estavam começando. Era muito estimulante o colégio. Então eu tenho a impressão que, quer dizer, trabalhei em todas as peças, todos os anos, todas as peças que teve na escola, que a gente montou, tinha muita, uma vivência muito comunitária na escola".

Na adolescência R viveu de fato uma fase cheia de atividades:

"- Minha adolescência, foi assim, a época dos Shews no Equipe, assim, do ponto de vista cultural, do ponto de vista, sabe, urbano, da vida na cidade, sabe, eu acho que foi fundo. Eu tive a chave de casa muito cedo também. A arruaça, a semi-delinquência, isso não pintou. Teve

assim, uma vivência muito intensa de Cine Bijou, de cinema, de... Se for pegar os caras do Aplicação, você vai ver assim, que é tudo assim, meio 'loque', sabe, ia no Cine Bijou, ia na Cinemateca, sabe, foi uma coisa muito, muito particular. Não é que foi boa, entende? Ela foi singular, porque assim, enquanto os adolescentes da minha idade, sabe, ahn, envolvidos com a vida na rua, a bagunça no colégio... Eu não sei se os meus colegas também viveram dessa forma, mas a gente ia no cinema, ficava discutindo os filmes do Godard, que a gente não entendia e que eu não entendo até hoje. Ficava em altas discussões, discutia a guerra do Vietnã, o golpe de 64, coisas que adolescentes em geral não fazem, entende? Então acabou sendo uma coisa muito particular. Teve saldo positivo por um lado e ruim por outro, né, porque privou a, quer dizer, essa é como eu vejo o Colégio de Aplicação. De um lado estimulou muito todo um, sabe, uma vivência intelectual, artística, de politização e do outro deixou, primeiro as pessoas um pouco presunçosas e em segundo, sabe, criou uma cultura muito específica, sabe, muito diferente, né. Acabou implicando que outras vivências que você tem na adolescência, na escola, sabe, mediadas pela escola, acabassem não acontecendo, entende? Agora, 'novesfora' eu achei bom, não me queixo".

É seguro admitir que essa experiência de sete anos num colégio tão atípico vá assumir um caráter determinante em tudo aquilo com que posteriormente R irá se defrontar. É uma espécie de marca registrada da qual R muito se orgulha e que, com prazer, carregará consigo pela vida afora. Parece ter sido uma experiência que lhe acarretou

certo custo emocional, mas que teve a contrapartida de torná-lo mais "equipado" para enfrentar as diversificadas situações que a vida lhe apresentou em seguida.

Como nos demais casos, foi-lhe colocado também muito cedo o problema da escolha da profissão. Passou pelas dúvidas quase que naturais por ocasião da opção profissional que a rotina escolar propõe. Começou assim:

"- A minha decisão anterior era de primeiro fazer biologia e depois medicina. Quer dizer, na verdade eu tinha uma decisão primeira de fazer escola de artes dramáticas na época. Isso quando eu estava na quarta série, primeiro científico, mas coincidiu com um período de sérias complicações emocionais da adolescência e isso foi deixado de lado. Daí eu desisti da ECA, eu acho que um pouco porque eu fiquei, dos 13 aos 17 anos e meio eu fiz análise... E nesse momento o teatro acabou ficando em segundo lugar, terceiro ou em quarto até. Era uma coisa muito misturada, eu estava muito, eu estava doente, efetivamente. Nesse período eu desisti de fazer a ECA e não pensei em fazer nada, eu não sabia o que eu ia fazer. Como não tinha de escolher científico ou clássico porque tinha sido unificado, a minha decisão ficou adiada dois anos, não pensei nunca mais nisso, até que, eu sempre gostei de biologia, física, matemática, português, literatura, história, geografia. Mas num certo momento resolvi fazer medicina. Também não sabia porque, porque eu gostava das matérias, talvez, não sei. Eu, eu pessoalmente acho que essa, a escolha profissional para a universidade foi feita muito cedo... Eu terminei o científico com 17 anos".

"- E entrei no cursinho pra medicina, fiz o cursinho pra medicina. (...) Meu irmão fazia engenharia na FEI e eu, engenharia não queria mesmo, não era a fim. De ouvir ele falar das coisas, das matérias que ele tinha e tal, do clima geral, o que que era, não me interessou. Eu tinha uma prima médica (...) e eu achava bonito ela fazer medicina (...) tinha uma coisa de eu achar bonita a profissão de médico mesmo. Mas daí entrei no Objetivo, fiz seis meses de cursinho que foi a conta. Eu fiquei arrasado. Era muito ruim, era o maior baixo astral, uma classe com 400 pessoas, e eu sempre fui muito bom aluno desde pequeno, no ginásio inteiro fui, talvez, um dos melhores alunos da minha classe, na GV a mesma coisa".

É difícil isolar possíveis causas da angustiante indecisão por que passamos no momento da nossa definição profissional. Em primeiro lugar não nos é dado, pelo sistema no qual estamos inseridos, a chance de ver uma tal escolha acontecer "naturalmente". Há sempre "pacotes" prontos nos quais se tem de cair, para então, somente depois de ir às apalpadelas averiguando aqui e acolá qualquer saída que seja mais de acordo com a nossa "natureza" ou com nossos interesses. R, dada a peculiaridade já comentada, do Colégio de Aplicação e tendo sido sempre um bom aluno, meio com habilidades para tudo, segundo suas próprias palavras, enfrentou no momento da opção profissional grande indecisão, com a agravante de que aquela instituição de ensino não cometia sequer a distorção de estar orientada para esta ou aquela profissão, como acontece com os cursos secundários de muitos colégios. Por isso as tentativas de definição pro

fissional de R, continuaram ainda no curso superior de administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas, como que passando por um período de maturação, para somente mais tarde assentar-se definitivamente. Característica particular de R, é que ele durante todo o tempo não se deixou "levar pelo vento", mas questionou-se sempre e "caiu de cabeça" em tudo quanto foi possível até encontrar a saída que elegeu como sendo a mais de acordo consigo mesmo.

Pelo menos até aqui, nas biografias que analisamos, foi possível constatar que em algum membro da família, senão o fato concreto de ter feito o curso de administração, existiu qualquer afinidade com as lides administrativas, demonstrando assim que não houve nenhuma originalidade em que os nossos entrevistados tivessem ingressado também num curso superior de Administração de Empresas. Se isso é importante, cabe dizer que precedentes, às vezes enfáticos, no sentido de contribuir para que uma segunda pessoa da família também seguisse o mesmo caminho não faltaram. Quando menos, esses "pontos de referência" constantes nas famílias, serviram para dizer que o caminho já havia sido aberto e que o terreno não era estranho e que mais, a opção de quem viesse atrás contava como devido respaldo ou legitimidade. R, por exemplo, chega a dizer que foi fazer a GV nas seguintes circunstâncias:

"- Eu tenho a impressão que a definição por eu entrar na GV tem muito pouco a ver do ponto de vista imediato com uma pressão paterna. Não tem, porque eu resolvi entrar na GV porque eu não sabia o que fazer. Eu estava fazendo cursinho pra medicina e fiquei com o saco cheio do

cursinho, não aguentava mais e fui fazer a GV. Eu fui fazer a GV também, porque passou uma amiga minha na minha casa, numa hora em que eu estava numa 'puta' crise, nê, era meados de julho, eu estava no cursinho, a família toda estava viajando e ela falou, ah, mas porque você não faz a GV, porque tem matemática que você gosta e tem história, sociologia, essas coisas que você também gosta".

Primeiro, que também não achamos que houve uma pressão paterna como aquela imaginada por R. Segundo, que há dúvidas se a amiga de quem fala sugerisse a ele que fizesse, por exemplo, Zootécnia ele fosse acatar de imediato tal sugestão. Além do pai de R por essa época já ter com toda certeza "contaminado" o ambiente familiar com o ethos administrativo, quer seja pelas leituras preferidas, pelos artigos de jornais que mais lhe interessavam e até mesmo pelas conversas informais sobre seu dia-a-dia, que sempre foi de trabalho, e de trabalho administrativo. Então a primeira escolha de R não foi pela pressão paterna, mas sem dúvida ela se apresentou naquele momento, prioritária e, prioritária porque mais cômoda para R, que além de sair de uma situação de dúvida angustiante, certamente seria brindado com o sorriso de aprovação do pai em pleno período de férias na praia.

"- Ia fazer medicina, desisti no meio porque o cursinho estava acabando comigo, eu detestava ir pro cursinho toda manhã, era um horror. Aconteceu isto (da amiga passar e sugerir a ele que fizesse a GV) eu estava rasgando umas apostilas de terminologia, que é uma disciplina

da física, daí, chegou uma amiga minha pra gente ver Romeu e Julieta com a Margot Fonteyn, no Lira, eu não esqueço isto, um balê, nê, filmado, e eu estava chorando, rasgando as coisas e tal, ela falou assim: faz GV. Eu falei assim: então falou. Eu passei no cursinho CPV - Curso Preparativo ao Vestibular, me matriculei no cursinho e viajei vinte dias pra praia. Estava feliz da vida, cheguei em Bertioga, falei assim, olha, não vou, que é onde meus pais têm casa, não vou fazer mais medicina, me matriculei no CPV e vou prestar pra Getúlio e pra Economia na USP. Devo dizer que meu pai ficou muito contente".

Além do pai de R estar ligado à Administração, ele fala-nos de um tio bem sucedido a quem curte muito e que também tem formação administrativa:

"- Bem, meu tio tem uma fábrica de auto-peças, é um cara muito carinhoso assim muito, muito ingênuo, sabe, uma pessoa muito gostosa, tal, tem fábrica aqui em São Paulo e é uma pessoa que eu gosto muito, assim. Depois, também eu convivi sempre muito com eles, entende? Com ele, minha tia e as duas primas. A gente ia à casa deles, eles vinham à nossa casa, viajávamos juntos, assim, era, vamos dizer, a vida familiar era essa, além da família imediata. A família se ampliava com isso, entende? Pela junção desse irmão da minha mãe com a mulher e as duas filhas. Esse meu tio fez administração também".

Além disso há um fato a ser levado em conta e que, se não influenciou diretamente para que R viesse a

entrar para o curso de Administração, serviu, pelo menos, para mostrar que seu pai não ficou indiferente no momento da escolha do curso que eventualmente pudesse significar também a escolha da profissão de R.

"- Ele (o pai) chamou um jovem que era assistente dele na empresa onde ele trabalhava, quando eu estava para entrar na GV, pra fazer vestibular. Esse assistente fazia a GV e veio pra me contar o que era a escola. Eu não gostei e falei que eu não queria, entende?"

O dizer "que não queria" era mais uma reação que saia da indefinição total por qualquer outro curso, sem muito pensar na resposta que deu. O efeito mais importante que resultou dessa visita e que certamente não se apagou no momento em que deu a resposta negativa à tal sugestão, foi que ali estava implícita a aprovação e mais do que isto, o desejo do pai em que R fizesse o curso de administração. Não teriam sido outros os elementos aos quais R se apegou quase que automaticamente no momento em que a amiga, também sem muito pensar, lhe sugeriu que fizesse a GV. É como se naquele momento ainda de grande indefinição, R dissesse pra consigo mesmo: curso por curso eu fico com Administração, que pelo menos vai fazer meu pai feliz. R certamente diria que isso não tem nada a ver, que nada disso lhe passou pela cabeça naquele momento. Assim como, quando insistimos em saber mais sobre seu relacionamento com o pai tentando identificar um possível ponto de referência para a sua definição pelo curso de administração, ele foi taxativo:

"- Meu pai nunca falou pra fazer a GV.
Eu juro por Deus".

No período que R passou na GV ele lançou mão também do que a escola oferecia de interessante para as suas expectativas da época, como estratégia para dar conta de uma certa realização pessoal e ao mesmo tempo vencer os quatro anos necessários para a conclusão do curso. Algo tinha de ser estimulante também na GV, caso contrário seria difícil chegar ao dia da formatura e R, como muitos de seus amigos que também não se afinaram com a estrutura do curso em si, logo nos primeiros tempos de aula identificou certas matérias como mais aceitáveis e relegou as demais ao compartimento das disciplinas "chatas". Essa seleção quase que na tural, inicialmente feita, não era suficiente, porém, para que R desse conta de uma tarefa árdua como frequentar uma escola burocraticamente por tanto tempo. Era preciso voltar os olhos para outras coisas. Outros aspectos tinham que ser mais valorizados, outras atividades tinham que ser criadas dentro do espaço que a própria escola oferecia. R, fez isso tudo mais do que ninguém. Colocou pra funcionar todo o seu espírito criativo e de investigador que houvera desenvolvido desde os tempos do Colégio de Aplicação, cuja característica básica, como ele próprio deixa transparecer, era essa liberdade de criar, de escolher, de contestar e de discutir sempre. Mas ainda assim R não se livrou de momentos em que a vontade de abandonar o curso foi muito forte, só não o fazendo pela interferência de amigos que aconselhou a não fazê-lo.

"- Bom, daí entrei na GV. Olha, eu estudei numa classe, numa turma muito peculiar, talvez, metade da minha turma não tenha seguido administração e eu acho que eu só suportei a escola porque era muito engraçado. Minha turma era muito gozada, a gente dava muita risada, fazia muita zorra..."

"- Entrei na GV, no primeiro ano não trabalhei. Só fiz, quer dizer, dava aulas particulares e tal. Eu achei meio esquisito, eu não entendia direito o que que era. Tinha aula de Metodologia Científica, tinha aula de Sociologia I, tinha Produção, tinha Matemática, eu não sabia direito, despenquei lá e comecei a fazer e aí de cara gostei mais do que era do departamento de ciências humanas do que o que era do departamento de administração mesmo né. Departamento de Contabilidade, Finanças, Produção, tal, eu já de cara, achei que era um saco e mais, pensava em fazer publicidade".

Paralelamente aos aspectos acadêmicos na GV, a vivência com amigos foi muito importante na formação de R:

"- O que teve na GV foi uma vivência fraternal com homens e mulheres muito profunda. Eu acho que foi assim, uma coisa vivida com muita intensidade. Era uma vivência que costumava chegar até onde habitualmente costuma chegar: em grandes amizades, eventualmente em relações sexuais e namoros, mas eu acho que mais do que deste ponto de vista, eu acho, o que importa é que eram pessoas que es-

tavam mudando da casa dos pais muito cedo, então a gente tinha possibilidade de experimentar esse sabor da vida independente através de alguns amigos que saíram de casa mais cedo do que o habitual. Então era uma coisa de sempre estar na casa do A, desse grande amigo meu que mora hoje em São Luiz, pra lá de Mauá. É o que teve uma escola, agora não tem mais. Agora tem uma Chácara. É, e ele saiu de casa cedo e a gente ficava muito na casa dele, viajava, foi uma época da juventude muito feliz. Eu lembro com muita alegria da época da GV. Era uma coisa intensa. Tinha uma, esse, eu acho que esse sentimento um pouco assim de que você está virando gente sabe, e era uma coisa que tinha muita solidariedade. Nada disso era falado evidentemente, mas era uma coisa que rolava com muita intensidade. E acho que assim, foi, eu não sei eu fico me achando meio Matusalém quando pintam essas lembranças, mas como eu sinto um pouco eu acho que é uma coisa que vai muito pelo momento em que você está virando gente mesmo. Você está fazendo as suas definições profissionais, sexuais, amorosas, de amigos, entende? Eu acho que é um momento muito forte, porque você já saiu da adolescência mas também você não é adulto. Você está com um pé lá, outro pé cá, entende? É uma coisa muito, é um momento muito intenso. E foi vivido com muita intensidade por um grupo de pessoas".

"- ... a impressão que tenho é assim, é que certas coisas que a GV enfim me ensinou, não academicamente, entende, mas assim, a passagem por uma escola de Administração deixou mais ou menos marcado uma coisa de, assim, de poder fazer essa transição com alguma, tanto a tran

sição para ser analista, entende, por exemplo, se eu fosse digamos médico, ou se eu fosse engenheiro, talvez não fosse tão, eu não tivesse tanta maleabilidade dentro do mercado de trabalho como eu tenho, e eu acho que isso é uma coisa que a GV me deu, porque eu fiz pesquisa... Eu acho que a escola dá muita flexibilidade pras pessoas, entende, pra se movimentar no mercado de trabalho, o que eu acho, isso, foi uma coisa, sabe, foi um lado acertado, talvez o lado mais acertado em eu ter feito a escola, porque era uma coisa tão indifer... durante algum tempo, não é indiferente, porque eu chegava a achar chato lá, quer dizer, se fosse só pras aulas eu não sei se eu teria aguentado o tranco. Que eu comecei a trabalhar, a experiência de trabalho foi boa e tal, mas eu acho que a GV dá muita flexibilidade, enfim, pra quem passa por lá, porque acaba podendo fazer quase qualquer coisa".

Neste momento convém lembrar o que dissemos no corpo teórico deste trabalho sobre a influência que a EAESP-FGV teve sobre os alunos que por ela passaram, mas que hoje estão em outra profissão, completamente desvinculada do métier do administrador, no sentido de ter sido determinante para proporcionar as condições que os levaram a ser o que são hoje. Há um fato interessante e ilustrativo a respeito. Certo dia um professor da escola subiu ao departamento com um belo exemplar de um livro de poesias que estava sendo lançado e autografado pelo autor no sétimo andar. Quando perguntei-lhe se era de algum aluno da GV, a resposta foi brincalhona, mas de muito significado:

"- E como alguém poderia escrever um livro de poesias sem fazer o curso de Administração aqui na escola?" Claro que era um dos alunos que ao mesmo tempo que fazia o curso estava publicando sua obra mais rara, quanto mais não fosse, pelo ambiente de lançamento, uma escola consagrada ao ensino de Administração de Empresas.

Da mesma forma, sem ter passado pela GV, teria R se arvorado em escritor, bailarino, crítico de dança e de teatro, como veremos mais adiante? Não dá para dizer que a coisa foi tão determinística assim, mas é fato palpável que a insatisfação com algo cria espaço para a busca de alternativas às vezes antagônicas, pelas pessoas que passam por esta experiência. E por um tempo elas não se excluem, convivem uma ao lado da outra, cada qual cumprindo o seu papel. Um lado satisfaz ao ego e o outro o viabiliza enquanto continua sendo realizado não dando motivos a conflitos com a família ou com a sociedade. É como se uma voz de alguém que é invisível e que só chega ao espírito, dissesse: pode dançar, mas é conveniente fazer o curso superior de Administração.

R, pela sua opinião sobre a escola, falando hoje, admite aquilo que ele chama "flexibilidade" da GV, a transição fácil por várias atividades no mercado de trabalho. Ele acaba por atribuir à GV uma característica inédita no nosso sistema escolar. A de possibilitar às pessoas manifestarem-se por uma gama variada de caminhos, dada a generalidade daquilo que nela se ensina. Essa foi a melhor herança que a escola lhe conferiu. Claro que esta he-

rança não chega a todos que passam pela GV, servindo isso para mostrar que a "bagagem" individual na construção dos caminhos particulares a cada um é de fundamental importância. R teve condições de explorar mais do que os outros, talvez, as chances que a escola oferecia fora das atividades exclusivas das salas de aulas. Porém nem todos estavam "treinados" para enxergar da mesma forma os espaços e possibilidades lá existentes.

Mesmo dentro da GV, R continuava ainda à procura de uma profissão e suas preferências eram muito próximas aos caminhos que o conduziram mais tarde à psicologia.

"- (...) Depois trabalhei um ano com o meu pai, na firma que ele trabalha até hoje. Ele trabalha lá há 12 anos já. Porque tinha que fazer estágio e eu estava a fim de trabalhar, estava interessado, queria ver o que que era e tal. Trabalhei um ano inteiro como estagiário dessa firma onde ele trabalha. E eu trabalhei não direto com ele, mas trabalhei com treinamento de pessoal de vendas, com manual de produtos, essas coisas. E eu acho que tinha assim uma contradição ideológica e tal, porque como todo bom universitário com início de carreira eu era "comunista", vamos dizer assim, e muitas preocupações. Vai fazer publicidade, e o peso ideológico disso, o movimento estudantil rolando para um lado, mas eu acho que no fundo o que não me satisfez foi ... eu não tinha prazer no que eu estava fazendo e no final do segundo ano eu resolvi largar a GV pra prestar vestibular pra Sociologia, mas falei, não, me matriculei, falei, vou fazer o próximo semestre e descolei uma monitoria no departamento de ciências sociais da escola com o Rubens César Keinert;

ele estava fazendo uma tese sobre Federalismo no Estado do Paraná, centralização de poder no Estado do Paraná, e tal e nessa época, foi a época que eu conheci o Bob Nicol, que dá aulas lá na escola, no departamento de economia. E eu trabalhava no CPP - Centro de Pesquisas e Publicações no 11º andar. E eu acabei meio me envolvendo com pesquisa, com investigação na área de ciências sociais e tal, e nessa época o Bob estava pensando em começar uma pesquisa sobre condições de trabalho no Magistério Superior e me convidou para trabalhar com ele pra ser monitor da pesquisa. O salário era quase duas ou três vezes o que eu estava ganhando, estava vencendo o contrato de monitoria da escola e nessa época eu ainda queria largar a escola, mas eu comecei a ficar muito amigo do Bob, tal, ele falou, não, termina, depois você faz outra coisa, você já está na metade do caminho, não vale a pena, você vai fazer outro vestibular, a sociologia na USP está muito ruim, a escola está muito caindo pelas tabelas, você vai trabalhando aqui, tal, e aí porque o trabalho era muito estimulante, era muito bom trabalhar, eu aprendi muito, tal, e era enfim, o que eu achava que queria fazer, acabei terminando a escola. Porque eu queria acabar e fazer pós-graduação em ciências sociais. E aí as coisas foram pintando dentro da escola. Terminou a pesquisa com o Bob. Durante a pesquisa ele me convidou pra trabalhar numa outra pesquisa com ele, que ele estava fazendo pro CEPAM, que era uma fundação do Prefeito Faria Lima, que era necessidade de treinamento em prefeituras do interior. Daí pintou um trabalho com o Ari Osvaldo, que era coordenar a aplicação de uma pesquisa durante dois meses. Eu traduzi na escola pro departamento de Economia, pro NPP. Enfim, eu ficava o dia inteiro na escola. Eu almoçava na GV, ficava lá a tarde

e foi uma experiência de trabalho muito positiva. Eu aprendi muita coisa e pintou, naquele momento pintou uma definição profissional. No meio do último ano da GV né, e a classe era muito divertida, era muito engraçada, eu acho que a metade das pessoas não assumiu a carreira de administrador, tem um monte de desviantes lá. Tem o P, tem o A que está no interior do Estado de Minas agora, numa comunidade agrícola. O A que agora está em uma comunidade agrícola em Goiãs, a O que está na Suíça, é tradutora, o T que faz medicina, eu que faço psicologia, a I que foi fazer mestrado em Planejamento Urbano, a C que mora com o T e que foi da nossa turma, foi fazer pós-graduação em economia na GV e dá aula de economia. Enfim, era muito divertido, era engraçado, assim, a impressão que eu tenho é que foi uma das melhores turmas do ponto de vista acadêmico que passaram pela escola e das piores do ponto de vista disciplinar. Então era uma coisa muito estranha, porque era uma classe de extraordinário rendimento acadêmico, de fato tinha excelentes alunos e ao mesmo tempo era a classe mais anárquica da escola na época. Fazia coisas do arco da velha".

Ao contrário dos casos anteriores, R não tinha dado conta, mesmo depois de ter terminado o curso de Administração, de qual iria ser a sua opção profissional. O período pós GV continuou sendo cheio de atividades diversas, sem se afixar muito em nenhuma delas. Trabalhou inicialmente na Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo:

"- No meio do último ano, surgiu a oportunidade de fazer estágio na Secretaria de Planejamento com

possibilidade muito clara de ser contratado e eu trabalhei lá um ano. Entrei lá através da mão de um amigo da escola. A mãe do A, que é cosióloga, era gerente de projeto quando o Jorge Wilhelm era Secretário da Economia e Planejamento. E tinha um problema de mão-de-obra, mercado de trabalho, tal, e eu tinha trabalhado um pouco nisso, tinha interesse, frequentava muito a casa do A, era muito amigo, ele é meu amigo até hoje e ela me levou pra lá, seis meses como estagiário. Assim que eu me formei fui contratado. Trabalhei lá até, como técnico trabalhei oito meses e lá, Cientista Social ou coisa parecida com isso faz de tudo, faz pesquisa, dá aulas, administra programas, administra projetos, quer dizer, é uma coisa muito fluida, uma coisa difícil de explicar, mas no fundo, eu trabalhava na montagem de um sistema de informações sobre mercado de trabalho no Estado de São Paulo, verificação de fontes, fornecimento de estatísticas, sistematização de dados, quer dizer, o meu barato lá era esse, mas é porque eu briguei com a S, que era minha chefe, eu, ahn, estava querendo ir embora e nessa época, eu acho que era julho, era o meio do ano, tinha seis meses que eu estava trabalhando lá em período integral, eu comecei a brigar com ela, não dava certo, era uma circunstância realmente pessoal. Eu recebi um telefonema de um cara chamado Julio Lobos que é ex-professor da GV, com quem eu fiz um curso de Administração Geral porque tinha que fazer. Daí eu tinha feito o curso com esse cara, mas eu não tinha me sobressaído, nem nada, fiz o curso, fiz as provas, tal, e ele sabia que eu trabalhava com o Bob na escola, que fazia pesquisa e tal, e ele estava indo pro CDA - Centro de Desenvolvimento Administrativo da Fundação João Pinheiros de Belo Horizonte

montar o Centro, ia ser superintendente desse Centro e queria uma pessoa pra montar um núcleo de pesquisa dentro do centro, e eu estava com vontade de ir embora da Secretaria. Daí eu fui pra lá, era uma proposta muito interessante, financeiramente interessante, o trabalho era interessante, mas era pra fazer administração e as pesquisas eram todas na área de administração. Era, assim, treinamento de executivos, quer dizer, era pesquisa pra informar treinamento de executivos, tal e na época a FUNDAP estava se formando por um grupo, parcialmente por um grupo que tinha saída da GV, nunca saiu completamente não, mas era um grupo vindo da GV junto com outro grupo da UNICAMP ainda no Governo Paulo Egídio e o Sílvio que era meu colega de turma na escola, queria que eu fosse trabalhar na FUNDAP e ele estava trabalhando na montagem da FUNDAP. E sempre tinha sido uma coisa assim, não você vai trabalhar na FUNDAP a hora que acontecer e tal e eu estava com essa proposta de Belo Horizonte pra decidir em uma semana. Eu liguei pra ele e falei, olha, eu tenho uma proposta, eu quero sair da Secretaria, eu quero saber, qual é a sua proposta, se existe uma proposta. Ele falou, não, daqui um mês você é contratado, não se preocupe. Então eu dispensei Belo Horizonte e a perspectiva de trabalhar na FUNDAP era trabalhar na Diretoria de Pesquisa dessa instituição com um cara que se chama Luiz Gonzaga Beluzzo, que é economista. Daí as coisas andaram e tal, eu fui pra FUNDAP, fui trabalhar na área de pesquisa, tinha uma ideia de fazer mestrado trabalhando na FUNDAP e daí, enfim a coisa foi andando, eu fui pra lá, comecei a trabalhar, aí, numa área de pesquisa diferente da que eu tinha experiência, que era uma área de pesquisa mais documental, legislativa,

tal. Entrei de fato como pesquisador, na diretoria de pesquisa a minha função era ser pesquisador e tal. E aí ia ser uma coisa meio por projeto, entende, e aí trabalhei dois anos num projeto de administração urbana, sobre planejamento urbano que era na área em que eu queria fazer mestrado. Depois trabalhei em curso a nível de pós-graduação na FUNDAP, na qualidade de assistente do Wilmar Faria, ex-professor da GV, tal. Fui assistente dele no curso, enfim, aí se faz uma porção de coisas, desde descascar abobrinha até dar aula".

Como dá pra perceber, R estava explorando terreno, pulando de galho em galho e quase sempre ligado às ciências sociais, um gosto que ele cultivava desde os tempos da escola e que acaba sendo algo mais próximo à psicologia a que mais tarde ele passou a se dedicar como opção profissional. Ele continuou as suas investidas via escola mais uma vez. Tentou fazer mestrado:

"- É, porque foi assim, na verdade eu tinha idéia de fazer mestrado. Eu queria fazer mestrado logo depois de formado, mas aí me pintou um baixo astral e eu falei, não, não é agora, vou esperar, tal, estava assim muito atropelado, assim muito atrapalhado e tal. Daí eu fiz exame pra UNICAMP na área de Sociologia, Sociologia das Políticas Governamentais. Entrei, fiz um projeto na área de Administração Urbana em São Paulo, ia estudar o caso do Metrô. Fiz o primeiro ano, fiz o segundo ano, terminei os crêditos e larguei. Nesse meio tempo, aí eu acho que ia ser um período bem rico, porque foi um período de mudanças, assim, eu mudei da casa de meus pais, eu fui morar sozinho, dois

anos e meio. Depois eu vim morar aqui nesse apartamento com mais duas pessoas. Eu moro aqui há dois anos e saí da casa dos meus pais há quatro anos e meio. (...) E aí coincide, entende, quer dizer, eu estava fazendo mestrado, estava com a tese e estava com uma perspectiva de ir pra França passar três anos em Paris, com o salário da FUNDAP e bolsa do governo francês, pra fazer a tese que eu queria, com a pessoa que eu queria e com o dinheiro. Eu fiz todos os exames, os papéis correram no consulado, eu conversei com o orientador quando o orientador veio, depois eu fui uma vez, fui conhecer a escola tal, e dois meses antes de ir eu falei que não ia, inclusive correndo o risco de ser mandado embora porque estava tudo pronto, entende, assim, era, eu ia em abril e falei que não ia no começo de março. E na verdade quando me perguntavam porque que eu não ia, eu não sabia explicar, eu só dizia assim, não é pra eu ir, não vou, não adianta, vai ser ruim, não vai dar certo, tal, vou terminar minha tese na UNICAMP e nessa época, quer dizer, porque assim, eu fiz psicodrama três anos... (...) E ir pra UNICAMP era um 'puta' sacrifício, quer dizer, não era um puta sacrifício, eu ia, fazia as coisas tal, mas me pintou uma certa estranheza e foi um processo que levou uns dois anos pra se definir, entende? Quer dizer, foi uma definição demorada, difícil, complicada. Eu acho que quando eu resolvi não ir pra França já era um pouco por causa disso, porque essa coisa estava dentro de mim e eu não sabia e, agora aí é, sabe, as determinações são tão psicológicas, entende, que eu estava bem sucedido profissionalmente, no trabalho estava bem, na UNICAMP estava bem, eu entrei na UNICAMP pra fazer a tese que eu queria, abri mão de uma viagem. Mas aí eu tendo a achar defini

tivamente que é uma, sabe, assim, que explica todo esse movimento é menos a sociologia e mais a psicologia. (...) Por que no momento em que ahn, enfim porque esse grupo de Jung (*) foi evoluindo, foi evoluindo, eu fui ficando cada vez mais cheio de fazer o que eu fazia e enfim a UNICAMP eu tentei até o final, assim, eu tentei achar uma área da UNICAMP, não da UNICAMP, mas uma área dentro das ciências sociais que eu pudesse fazer a tese porque eu queria fazer a tese. Enfim, eu não queria abandonar precipitadamente as coisas. Fiz curso na Antropologia Social e não deu, entende? Antropologia também não deu".

E tem mais. Além dessa procura incenssan te no que se refere ao departamento trabalho, R se preocupou também com outras atividades bem diferentes:

"- Depois, quando eu saí da GV, isso tem uns quatro anos, eu comecei a fazer dança. Uns dois anos depois que eu saí da GV, foi que eu comecei a fazer dança. Fiz dança uma época e queria fazer dança, pensei em fazer dança profissionalmente, tal...".

R diz gostar muito de ler sobre dança , faz crítica de dança e conta como apareceu a dança na sua vida:

"- Olha, sobre dança, foi assim, eu descobri a dança através do Bêjart, quer dizer, a grande emoção que eu tive com o Balé, foi vendo a Companhia do Bêjart.

(*) À frente se fala a respeito de tal grupo.

(...) A dança quando pintou, pintou que eu queria fazer algum, quer dizer, pintou, sempre gostei. Desde 74 que eu comecei a ver tudo que pintava e uns dois anos depois de formado, porque um amigo meu fazia aula, um cara que trabalhava lá na FUNDAP, que fez Pública, é o P, ele fez Administração Pública na GV, e tal e estava fazendo aula com um fulano, ele chamava E e insistiu, não, vai fazer e tal. Eu estava querendo fazer algum tipo de exercício, de, e comecei a fazer, e eu que já gostava de ver, comecei a gostar de fazer, fiz quase dois anos, pensei em ir embora para os Estados Unidos pra estudar coreografia, essas coisas todas. (...) Porque eu vi muita coisa, né. Eu vi bastante coisa e li, aí eu li bastante, eu estudei bastante. Eu estudei, ensaio, quer dizer, fiz dois anos, teve durante um ano eu fazia aula todo dia, três horas por dia, via tudo que era espetáculo, via ensaio, enfim, agitava muito, depois no outro ano a coisa já era um pouco menos, mas ainda assim, fazendo muita aula, tal".

R faz também crítica de teatro infantil:

"- E teatro infantil foi porque, quer dizer, e aí pintou esse lance, quer dizer, o início desse negócio de escrever sobre dança foi assim: eu tinha escrito uma resenha pra "Isto É" sobre esse livro e eu conheci a AM, que era editora de economia da Isto É, conheci o CAF que era editor de Política da "Isto É" e uma vez conversamos, eu tinha lido uma crítica sobre o Bêjart e quando o Bêjart veio pela primeira vez eu escrevi uma coisa de umas quinze ou vinte páginas, quer dizer eu nunca tinha escrito nada sobre

dança, nem nada, mas quando ele veio a primeira vez, foi um encontro tão, o trabalho dele foi tão significativo, tão profundo que eu sentei e escrevi uma coisa e saiu uma crítica na "Isto É" e eu comentei, eu falei: olha, eu achei muito 'goiaba' essa crítica, eu acho que poderia escrever uma coisa mais interessante, né, e daí, ela falou assim, ah, tá bom, então escreve sobre a Marilena Ansaldi, o espetáculo "Sopro de Vida" e foi o meu primeiro trabalhinho sobre, assim, na época, na área, de escrever sobre balé".

No final de toda essa busca, R expõe o seu projeto final:

"- Meu projeto é clinicar. Terminar Psicologia e clinicar e passar algum tempo sem estudar em escola, porque eu estou de saco cheio. (...) Vestibular, virar analista, eu acho que talvez, seja de fato a, enfim a descoberta da vocação mesmo. Eu acho que é por aí. É isso que eu quero fazer, eu acho que é isso que eu sei fazer. (...) Eu, de fato, quero ser analista, de fato, eu acho que vou ser um ótimo analista, presunção à parte, mas é que, sabe, levou vinte anos pra resolver, eu tive que ... Mas eu tenho a impressão que era isso mesmo, sabe".

Há fatos que são marcantes na trajetória de vida de R no sentido de tê-lo conduzido ao estudo da psicologia como opção profissional. Além de ser um dos que estiveram muito envolvidos, dada a sua postura participante, nas rápidas transformações havidas em especial nas duas últimas décadas e que comentamos no final do estudo anterior,

R viveu intensamente períodos de mal estar psicológicos que o obrigaram a estar em contato com profissionais da área por muito tempo, o que não descarta o surgimento de uma certa simpatia pelas ciências do comportamento.

"- Eu, aos treze anos 'enxaropei', fiquei completamente 'xarope' da vida, acabei indo desembocar num analista onde eu fiquei quatro anos e meio. (...) Do ponto de vista emocional, eu era muito confuso, muito atrapalhado, uma crise de adolescência muito forte, muito complicada. (...) Eu fiz análise até eu entrar na GV, quando eu entrei na GV eu parei de fazer análise, quando eu saí da GV comecei a fazer psicodrama. Aí porque eu estava empregado, podia pagar meu tratamento e tudo. Comecei a fazer psicodrama. Fiz psicodrama um ano, o terapeuta se mudou pra Brasília, me encaminhou pra uma outra terapeuta, onde eu fiz quase três anos de psicodrama, primeiro individual e depois em grupo e sempre foi uma coisa que sempre me interessou muito, não do ponto de vista acadêmico, mas do ponto de vista da minha vida mesmo. Sempre a psicologia, a psicoterapia, a análise sempre foi uma coisa muito presente na minha vida. (...) Tem um amigo meu que sempre insistiu muito pra eu fazer análise Junguiana, um amigo que eu conheci na Secretaria do Planejamento, que hoje é analista e eu tinha conversado com um analista junguiano de São Paulo, não tinha dado certo, não tinha gostado dele, não sei que, e um dia eu falei que estava na hora de acabar o psicodrama... Levou muito tempo até chegar a esta situação, mas ficou claro que era pra acabar e por causa de um sonho que eu tive eu resolvi fazer análise Junguiana. Eu não sabia, eu fui

dormir muito confuso, não sabia resolver e tal, e se eu sonhasse e viesse uma resposta eu seguiria e eu sonhei e veio a resposta claríssima. Liguei pro analista no dia seguinte, comecei a fazer análise Junguiana e o T, ahn, eu fiz análise um ano e daí pintou um grupo de estudo de psicologia Junguiana, a gente começou a estudar, foram se agregando algumas pessoas, era uma coisa meio livre, assim, sem orientação, porque era uma coisa meio diletante mesmo, mas muito gostosa. Se reunia uma vez por semana, lia, mas não, isso durou uns sete ou oito meses, e era assim, tinha um grupo de quatro ou cinco pessoas que era nuclear e às vezes tinha dez e às vezes tinha quatro. Então era uma coisa meio livre até que eu comecei a perceber que eu gostava, assim, a coisa que eu gostava de fazer era estudar e ir pro grupo discutir".

R mesmo admite que seu acesso à psicologia foi via análise.

"- ... tem os três anos de psicodrama, depois que eu saí da GV. Depois tem uma análise que completa quatro anos agora no final desse ano. E o acesso à psicologia foi através dessa análise. Eu não fui fazer essa análise pra ficar analista, entende? Quer dizer, quando eu fui pra essa análise era um desconhecido mesmo, eu não sabia o que que era. Eu nem sabia direito porque estava indo lá, entende? Mas eu achava que tinha uma coisa pra mim e tal".

R cita uma tal crise da adolescência com muita ênfase, que certamente contribuiu para despertar mais

tarde o seu gosto pela psicologia. Ele não quis detalhar a respeito.

"- ... o contato com a crise da adolescência foi uma coisa tão profunda, tão marcante, que no fundo eu me vejo assim, entende? Eu tive que me construir na adolescência. Eu estava completamente torto, entende? O que acontece é assim, eu estava p^{er}ssimo, eu estava doente mesmo e precisei me tratar. Eu não sabia, quer dizer, não é, quando falo de crise de adolescência não é essa que fala na revista Capricho, entende? Não, não é essa que está na praça, entende? Eu estava com problemas sérios, de saúde mental mesmo. Também não vai pensar que eu era louco, mas enfim, era uma coisa complicada, era uma época complicada, não tinha definição, não sabia direito quem eu era, vivia fantasiando, era uma coisa muito, muito, era uma experiência muito ruim e que foi, quer dizer, a recomposição desse chamado ego da adolescência foi um processo bem sucedido, e eu acho que é o que eu sei fazer na vida. (...) Então toda essa... sabe, nesse período de definição, era um período da minha vida emocional em que as coisas estavam muito nebulosas, entende? Eu acho que, talvez não dê pra entender a minha biografia sem ter isso em conta. Quer dizer, eu sou incapaz de entender a minha história sem lembrar que teve, enfim, que teve essa singularidade, sempre a psicologia ser absolutamente presente, sempre. E agora fic..., quer dizer, deve ficar presente por inteiro né".

É como se o marco inicial do contato com a psicologia fosse a tal crise da adolescência.

"- ... meu contato com a psicologia antecede a GV, antecede mesmo e sucede a GV. Enquanto eu estava lá dentro, enfim, foi o período que eu não fiz. Da adolescência até hoje, o único período que eu não fiz análise, foi quando eu estava na GV".

Com referência à infância, buscando localizar qualquer relação com o gosto pela psicologia, as informações que R transmitiu retrata um garoto recatado.

"- Olha, eu aprendi a ler com três anos e meio. Quatro, eu já estava quase lendo. Ensinei a minha irmã a ler com quatro anos. Então eu lia. Basicamente eu lia e via televisão. Lia muito, lia muito mesmo. Lia jornal. Com seis anos lia jornal, era meio xarope. No departamento brincadeira e tal era assim um garoto muito introvertido, muito quieto, muito dentro de casa. Eu posso dizer que, por exemplo, no ginásio eu só era escolhido pro time de basquete porque eu era muito bom aluno, né, porque tinha que dar uma força, porque senão na hora de fazer equipe na sala de aula, eu sempre podia falar assim, ah, não, então não quero. Enfim, eu nunca fui de jogar futebol. Em esporte, vôlei, tênis e só. (...) Sabe, é uma coisa, é um traço psicológico ser introvertido, introspectivo...".

R chega a dizer também que o fato dele se ligar na psicologia é algo intrínseco a ele.

"- A psicologia sempre esteve muito pre

sente em mim. Pela própria disposição pra me investigar, pra me conhecer, pra enfim, pra experimentar as coisas do mundo psicológico com muita violência até, às vezes, né, e depois assim, eu também acho que tem uma coisa meio geracional né, que a geração que está na frente, mais velha do que a gente cinco anos né, viveu certas coisas muito importantes através da vida coletiva, da política, do movimento estudantil, da, sabe, da vibração, da passeata etc. E eu acho que a minha geração que está se formando não viveu ahn... essas, as correspondentes dessas vivências foram uma coisa assim, das drogas, da trip, quer dizer, eu não sei, eu tendo a ver um pouco isto, então também tem uma coisa assim, que além de ser uma coisa minha, né, que começou muito cedo e tal, ainda tem uma coisa assim geracional também, da cultura, que acabou oferecendo pra quem hoje tem 28, 29 anos, sabe, de vinte e cinco a trinta e poucos anos, tem uma identidade muito maior com as problemáticas mais existenciais, digamos, do que com as problemáticas sociais. Quer dizer, no limite, é bobagem falar isso porque é generalizativo de mais, mas eu tenho a impressão que isso ilumina um pouco assim, a cultura, porque a gente viveu coisas, sabe assim, Caetano Veloso, Beatles, Rolling Stones e as pessoas um pouco mais velhas viveram Geraldo Vandré, Sérgio Ricardo, Teatro de Arena, que foram coisas que a gente não experimentou com muita, sabe, é muito mais Oficina pra gente, Rei da Vela e as Loucuras do Zé Celso do que o Teatro Opinião, entende? Do que o CPC da UNE que era uma coisa muito presente na cultura. Mas eu acho que isso é menos na verdade. Tem assim, sei lá, um tipo psicológico meu que se orienta mais pra isso. (...). Quer dizer, eu acho que a psicologia é pra mim, é uma coisa

que é pra mim porque está na minha vida há muitos anos, entende? Desde que eu sou pequeno, é o que eu sei fazer, é o que eu tenho talento pra fazer. É o que eu fiz mais na minha vida até hoje, foi isso".

Como considerações finais, o que se pode dizer a respeito do desvio de R, da administração para a psicologia não acrescenta muito aquilo que ele próprio coloca para explicar tal fato.

É certo que ele pertence a uma geração que teve a peculiaridade de voltar-se muito mais aos problemas existenciais que aos problemas sociais. Os que se deixaram tocar em maior profundidade pelos acontecimentos que motivaram tal tendência, acabaram por se aproximar um pouco mais das ciências comportamentais e o motivo é óbvio.

Há porém a questão da vocação que R menciona como sendo explicativa dessa sua entrada final no campo da psicologia. Para nós não tem muito a ver porque somos partidários da idéia de que o habitus desmente a vocação e o que não faltou na trajetória de R foi a sua inserção decisiva nos parâmetros ditados pela psicologia, de tal forma que passou a adotá-los como orientação para a vida. Ele não leu psicologia, ele a viveu, muito mais, seus atos, seus relacionamentos, há muito que estão quase que automaticamente assentados naquele meio. Enfim, o que se percebe no caso de R é que durante grande parte de sua vida ele esteve a procura de um universo de significados ao qual pudesse se apegar e que desse conta de seus anseios, em termos de fa-

zer sentido à sua própria existência. Ele parece ter encontrado na psicologia os elementos de que precisava para dar consistência à sua própria identidade.

O CASO DE G

G é ainda muito jovem. Tem hoje vinte e um anos e é o último filho entre os três que compõe a família. São duas irmãs e ele, que nasceu sete anos depois da penúltima. A diferença de idade desta para a primeira é de apenas um ano e meio. Uma delas fez Ciências Sociais e hoje faz mestrado em Antropologia e a outra fazia Matemática, largou e concluiu Enfermagem. G nasceu e está até hoje em São Paulo, tendo vivido uma infância de muita liberdade, com todas as brincadeiras possíveis numa autêntica infância de interior, no bairro de Perdizes. É filho de funcionários pú-blicos que sempre proporcionaram à família um padrão de vida médio ascendente. O pai é, hoje, Diretor Financeiro da Caixa de Beneficência da Polícia Militar, onde entrou alguns anos antes do nascimento de G, tendo sido anteriormente funcionário de banco, onde chegou ao posto de sub-gerente. A mãe, que trabalhou primeiro na Secretaria da Educação, onde já estava quando G nasceu, hoje está no Palácio do Governo.

Quanto à origem da família de G, do lado paterno os avós eram filhos de portugueses nascidos no Brasil, sendo o avô, Major do Corpo de Bombeiros. Quando começou a trabalhar aqui em São Paulo, já foi na Polícia Militar. A avó, que não exercia qualquer atividade fora do lar, faleceu muito cedo e G não a conheceu, bem como, teve pouco contato com o avô, que também morreu quando ele ainda era criança. O pai de G é um dos sete irmãos que constituía a

família. Do lado materno, avô sírio e avô italiana. Prósperos fazendeiros no interior de São Paulo, em Bariri, onde se dedicavam à cultura e extração do óleo de mamona e onde tiveram também quatorze filhos. G viveu sempre mais afastado da família paterna e muito mais próximo à família materna.

No que se refere à sua vida escolar, G não cita aspectos mais importantes da época de primário e ginásio. A não ser o fato de sete anos depois das irmãs, ter passado exatamente pelas mesmas escolas que elas. Fez então o primário no Externato Assis Pacheco, o ginásio no Ginásio Estadual Zuleica de Barros e o Colegial no Colégio Equipe. Apenas neste último G entrou por opção sua mesmo. Lembra que foi sempre um bom aluno e que suas preferências pendiam muito mais para a área de Humanidades.

"- Meu desempenho acadêmico era ótimo, tinha resultados bons, por exemplo, boas notas, os professores gostavam, tinha trabalhos expostos em feiras de ciências. Geralmente eu sempre me inclinava mais pra Humanas: história, geografia... Especificamente história e geografia. E, ... eu sei que fui bom aluno, exceto depois do segundo semestre da GV, mas sempre boas notas e desenvolvi este lado, né, de história. Me interessava muito".

Esse traço de "inteligência" de G é algo que a todo momento ele deixa transparecer em seu depoimento. Foi um valor cultivado desde os primeiros anos de escola, quando se sobressaía ante os demais colegas de classe e

era por isso elogiado pelos pais e professores. Mais tarde essa crença serviria para justificar perante ele próprio, seus desencontros na busca da definição profissional. Ser inteligente era algo que estava acima das precárias estruturas (principalmente escolares) que proporcionavam opções diferenciadas de escolha. Para ele, acabavam sendo propostas que empulhavam as pessoas.

A história de G, no que tange à sua entrada na Fundação Getúlio Vargas e mais especificamente no curso de Administração de Empresas, contém alguns pontos que contribuíram para que isto acontecesse.

Pertencendo ele à camada da classe média, desprovida de capital econômico, o melhor substituto para compensar a ausência de tal capital seria, para os pais, presenteá-lo com um diploma da melhor escola possível. Era esta a herança que eles tinham certeza que podiam "transferir" para os filhos. A mais segura de todas as heranças que alguém poderia deixar aos seus descendentes. Indesgastável, indestrutível, assim pensavam eles. Pois bem, G tentou corresponder a este desejo, mais dos pais do que dele próprio, até quanto pode. Foi-lhe assegurado tempo e dinheiro para os estudos em bons colégios, o que mais tarde teria contribuído para sair vitorioso no vestibular da GV, uma escola que se ajustava perfeitamente aos anseios da família e que não foi escolhida, senão pelo status que ela garantia aos que nela entrassem.

Ao lado dessas intenções, às vezes não

manifestas, mas seguramente importantes, soma-se o fato do pai de G, desde muito jovem estar envolvido com trabalhos administrativos, quase sempre em cargo de chefia. É admissível que ele tenha aprendido a gostar do que até hoje continua fazendo, o que assegurou para G na época de escolher um curso e uma escola para prestar vestibular, a certeza de que sua escolha estava, quando pouco, conforme o modus vivendi de seu pai. Das próprias palavras de G é possível selecionar trechos em que ele justifica e às vezes complementa o que dissemos acima.

Antes de entrar para a GV, chegavam até G as melhores informações sobre o que era a escola. Quando consultou seu cunhado, que é economista, sobre a GV, ele embora não tivesse estudado nela, deu as melhores referências. Como no momento dessas decisões que ele classificava de importantes tinha o hábito de conversar com as pessoas, ele atribui uma certa influência nessa decisão de entrar para a GV àqueles com quem se informou e que não pertenciam à GV, mas que somente ressaltaram as boas qualidades da escola.

"- Eu perguntei pras pessoas e todo mundo falava super bem, mas aí é que está, isso foi uma coisa que eu fui perceber depois. É uma imagem, sabe, super idealizada, porque ninguém nunca tinha tido contato de jeito nenhum, ninguém faz a mínima idéia do que é a GV. (...) E todo mundo fala: não, é uma escola muito boa, é muito bom, muito jóia, você vai aprender muito etc. (...) Mas as pessoas até foram mais ou menos importantes, mesmo não sendo ninguém que tivesse um papel, um contato mais profundo com a escola...".

Isto não deixou de ser um convite à sua inscrição para o vestibular, porque tal como os pais, também ele não pode permanecer indiferente diante do bom nome da instituição. Foi possível conferir tudo que lhe disseram quanto ao nome e a tradição da escola depois que nela entrou:

"- A GV sempre foi uma escola, assim, muito bem vista, uma escola que tem um nome que impõe respeito. Inclusive, quando eu estava dentro da escola, que eu falava que era de GV, a GV, nossa, todo mundo dava uma força, arrumava coisas. Você ia na CESP pedir pra não sei quem, o diretor de não sei das quantas pra fazer uma palestra, uma aula de nada, o cara vinha de terno e gravata, bonito, tal, gostava, me servia bem, mandava trazer cafezinho. A escola sempre teve um "puta" nome, né, que impressiona mesmo, apesar de ser nome mesmo".

As reais intenções da família, que procurava viabilizar o quanto podia a entrada de G na FGV, transpareceram em sugestões diretas e claras:

"- ... aí eu fique seis meses, assim, estudando sozinho inativo (porque tinha sofrido um acidente de moto) e tinha aquela cobrança dentro de casa né: mas como!!! Faz o cursinho. Como que você vai entrar sem fazer o cursinho"?

E na entrada foi com grande satisfação que a família recebeu a notícia e o premiou fartamente por isso:

"- Ah ! foi ótimo, todo mundo, assim, me tratando na palma da mão, aumento de mesada, ganhei um carro, nossa, sem pedir, assim, sabe, não precisou pedir, foi moral total".

A importância da entrada de G para a FGV foi tão marcante na família, que posteriormente, quando G largou a escola, seu pai a ele se referia, quando em conversa com amigos, como aluno da GV e não ex-aluno.

Para sentir, no contexto mais amplo da família, como funcionava a rede de relações, as afinidades de G com os demais membros, convém transcrevermos suas próprias palavras:

"- Bom, assim, eu tenho certos problemas pessoais com meu pai, porque meu pai, eu considero que ele foi muito distante, uma pessoa muito ausente na minha educação, sabe, e isso, não ausente fisicamente, mas ausente de não se interessar mesmo. Tipo, meu pai é assim, uma pessoa que vai viver duzentos anos. Ele não se preocupava absolutamente com nada. Saía com os filhos, perdia os filhos, sabe, essas coisas, aí tinha que chamar pelo alto-falante porque ele já tinha esquecido que estava com o filho e estava vendo uma exposição de alguma coisa e ia embora. Coisas, tipo, ir lendo jornal na rua, sabe, e na hora que vai atravessar a rua ser atropelado porque não viu o carro. Vai viver duzentos anos mesmo. E... eu tenho certos problemas com ele em relação a isso. E minha mãe não, minha mãe já faz um outro papel, já faz papel de super-mãe, que trabalha o dia

inteiro, agita em casa e pergunta e faz e mexe e revira as coisas pra olhar, pra ver o que está acontecendo, tipo queimar livros, sabe. Então eles assumem papéis bem diferentes em casa. Quanto às notas da escola, quem cobrava mais era a minha mãe, sem dúvida. Meu pai, ele só abria a boca quando a nota era ruim, sabe, ou quando a nota era muito boa. Quando era muito ruim meu pai falava: ô, precisa melhorar hem, e ficava nisso ou então quando era muito boa e chegava um amigo dele, ele falava: ô, tirou dez, sabe, assim, aquelas coisas com vontade de se jogar pela janela, assim, com raiva mesmo? Eu ficava com raiva mesmo, sabe, porque nunca falava nada, nunca se interessava em saber, nunca, nada, e quando era... E eu tenho problemas com meu pai, assim, que até hoje eu não consegui superar, sabe, assim, do tipo, hoje eu consigo entender, é o jeito dele mesmo, tudo bem, já não me faz mais falta, sabe. Ele tinha que estar presente quando eu tinha onze, doze, treze anos, que era uma fase mais crítica, quatorze, hoje já não fede e nem cheira. E é engraçado porque de uns tempos pra cá, assim, de um ano pra cá, meu pai começou a ficar preocupado, assim, sabe, ele chega e tenta conversar comigo. Mas hoje eu já tenho uma outra bagagem, sabe, eu já tenho umas coisas com ele, problemas com ele que eu não consegui resolver, então, sabe, que tinha que ser resolvido aos doze anos mesmo, sabe? Tinha que ter sido colocado e conversado há muito tempo atrás, há dez anos atrás. Hoje ele se interessa, ele quer saber, tal, mas hoje eu não me interesso em falar mais com ele. Hoje não tenho vontade de chegar pra ele e falar: não, estou fazendo isso, estou fazendo aquilo. Mesmo que ele pergunte, mesmo que ele queira saber, tal, eu já corto o papo rápido, sabe,

eu acho que... é muito tarde, certas coisas, é muito tarde pra tentar colocar pra ele como eu sou, sabe? Então ...

"Agora, com a minha mãe já é o contrário. Minha mãe já é assim, período integral, sabe? Pergunta e enche o saco e revira as minhas coisas e olha, e olha nos documentos e olha que livros que eu estou lendo e o que que eu estou escrevendo e super, super participante e tal. E o... completamente diferente, assim, completamente diferente o relacionamento. E, assim, minha mãe, ela sempre faz muita pressão. Pressão, assim, perguntando né, o que você vai fazer, o que você não vai, o que você está a fim de fazer, como é que é, como é que não é, se você já conversou com alguém, se se informou, tal e tal. E ela sempre, sabe, se preocupa. Você tem que colocar, porque como é uma coisa que acontece faz tempo, assim, desde os cinco anos de idade, que é quando você começa sair de casa pra ir brincar na rua, desde pequeno, sabe, que eu me coloco com a minha mãe. Falo, e a gente conversa muito, tal. E, assim, minha mãe me cobra, me cobra o que eu vou fazer e com ela, sempre tenho que colocar e tenho que organizar as idéias. Não dá pra fazer as coisas, assim, 'nas coxas', sabe, ir fazendo, fazendo, fazendo, fazendo. Porque, com a minha mãe eu preciso conversar, porque ela cobra, fica perguntando mesmo, até falar. Então, de certa forma é uma certa segurança, assim, você entende o sentido que eu estou usando? É uma coisa catalisadora. Não dá pra falar: não, eu vou, eu pensava comigo mesmo, não, eu vou fazer, eu vou prestar vestibular pra GV, vou fazer e se entrar, se não entrar, vamos ver. Não dá pra ser assim, sabe? Se eu vou, eu vou prestar vestibular pra Fun-

dação Getúlio Vargas, vai ser assim, vai ser assado, o curso é tal, vou olhar o currículo etc."

Fica bem claro por esta narrativa de G que a presença da mãe sempre foi muito forte durante toda a sua formação. Todos os procedimentos dele, tinham que ser em vista do que a mãe iria pensar ou achar. Neste ponto, a influência dela para que G se definisse rapidamente pelo curso de Administração pode ter sido notável, principalmente porque G havia reprovado o primeiro vestibular que fez na USP para Economia e estava por seis meses, à disposição, em casa. Como as opções nos vestibulares do meio do ano são poucas e o queurgia naquele momento era que G se ocupasse de alguma coisa, não teve dúvidas, escolheu o "melhor".

"- Tinha que prestar um vestibular no meio do ano e vestibular no meio do ano, são poucos que existem, né, e prestar na GV e entrei".

Além do fato de G ter assimilado, numa fase importante de sua vida, os valores cultivados na comunidade do Equipe, um colégio tido como mais liberado em relação aos demais naquele período, ele contava com o precedente das duas irmãs que já haviam estudado lá e que lhe transmitiram, mesmo antes de sua entrada, todo o 'clima' de que lá se desfrutava. Principalmente fatos como envolvimento em greves, protestos, reivindicações, competições etc., que lhe acabavam chegando com alguma conotação política, que resultavam, em casa, em sérios diálogos entre a mãe e as irmãs, que então se envolviam em todas as atividades do Equipe.

"- ... porque as minhas irmãs, lá desse grande espaço que tem de tempo, elas abriram uma série de portas, sabe, elas eram de esquerda, elas já tinham tido problemas políticos, por exemplo, mas políticos, assim greves de colégios, coisas imbecis no fim das contas, mas que foram importantes. Minha mãe arrancou os cabelos, queimou livros, sabe, em 1970, isso é uma coisa que eu lembro, minha mãe encheu uma bacia de álcool e ia queimar os livros, livros, sei lá, devia estar queimando os livros do Hemingway e estava achando que estava queimando material altamente subversivo".

O contato de G com as irmãs era também direto e isso lhe valeu futuramente como complemento de sua formação.

"- E sempre foi muito colocado, assim, aberto, da relação delas pra mim. Elas sempre conversavam muito comigo. E foi importante isso também né. A que fez Ciências Sociais na UNICAMP, saiu de casa, abriu um espaço que se eu tivesse que abrir sozinho ia ser, com certeza muito mais difícil, muito mais trabalhoso, muito mais complicado, muito mais demorado".

G diz que acabou sendo acidente ele entrar na GV. A reprovação na USP ele atribui a um acidente de moto, que ele sofreu no final do terceiro científico e que o impossibilitou de se preparar à altura para o vestibular.

A esta informação pode-se acrescentar que o acidente físico com a motocicleta, tendo influído no seu ritmo de estudos há poucos meses para o vestibular, seja em parte responsável pela sua reprovação. Da mesma forma foi também um fator que acabou contribuindo parcialmente para que seis meses depois G entrasse na GV. Só que não foi o único fator responsável e nem o mais importante. Não foi o acidente da moto que gerou o acidente de entrar na GV, como ele colocou. Como já analisamos atrás, outros arranjos foram feitos para que a escolha fosse uma e não outra qualquer.

G decepcionou-se com a experiência da GV. Tinha outras expectativas quanto ao que seria ser universitário.

"- Eu idealizava que a escola era ótima, que todos os alunos eram ótimos, todo mundo a fim de aprender, que realmente ia aprender, ia desenvolver, ia ter consciência, que eu ia conseguir, porque nessa época eu achava que o único jeito que eu tinha pra entender um pouco desse país era fazendo economia mesmo ou algo correlato. Era, sabe, como se via a crise econômica e que eu achava que era como eu ia conseguir me localizar, se eu fizesse alguma coisa que me desse uma base, sabe, teórica, de economia. (...) Quer dizer, teve a decepção de ver que a escola não era aquela maravilha, que os professores não estavam assim, com aquela disposição toda que você achava que eles iam estar, que, sabe, você entra na escola achando que vai aprender horrores, virar a maior fera, que vai estudar mui-

to, que todo mundo vai estar a fim, que vai fazer grupos de estudo etc. Nada, nê, ninguém estava nada a fim. Todos os trabalhos começavam a ser feitos dois dias antes, sabe, coisas que eu já tinha visto, já tinha ouvido falar e que eram exatamente do mesmo jeito".

Entrou com muito ânimo para a escola, mas constatou que era mais uma encenação, um laboratório de experiências do qual ele e seus amigos eram cobaias.

"- ... quando você entra na escola é aquele deslumbre, tal, ótimo, excelente, faz seus trabalhos, gosta dos professores, levanta a mão em classe, levanta problemas e se dedica e... sempre tem aquela desilusão com a escola, nê, porque você acha que você vai aprender horrores, que vai ser incrível, que todas as pessoas estão muito a fim de aprender. Não é isso, certo? As pessoas têm os seus problemas pessoais e tem outras perspectivas e... que não estavam a fim. E a minha classe na GV foi a primeira classe que foi uma experiência, assim, que tinha sessenta alunos, certo? Porque todas as classes tinham cinquenta. A minha foi a primeira que tinha mais gente. Era uma classe super cheia e todos os professores chegavam e comentavam que a classe era muito cheia, tinha muita gente, que ia ter de entrar num acordo etc... Sempre rachava a classe em grupos e tal, muitos grupos, e todos os trabalhos que iam ser apresentados levavam muito tempo e, quer dizer, foi uma classe meio cobaia, assim, nê. E essa classe era uma classe muito heterogênea. Mas essa classe teve um... acho que exatamente por ser muita gente, a classe se dividiu muito. Então tinha

a colônia japonesa que ficava num determinado canto, os que não falavam absolutamente nada que ficavam num outro canto, os que levantavam problemas de aulas e que eram meio de esquerda ficavam num outro canto, o outro grupo que nunca assistia aula e quando assistia ficava num outro canto, e com partimentalizou muito a classe. Sabe, a classe, o clima da classe, assim, as pessoas que se colocavam na classe, no qual eu me coloco no grupo, assim, que levantava problemas, que se interessava e tal, o que não eram todos, o campo pra essas pessoas ficou muito pequeno. Esse é meu caso, certo? O campo ficou muito pequeno mesmo, porque você não podia falar nada, sabe? Você não podia levantar a mão pra perguntar alguma coisa, porque não tinha tempo, tinha que passar correndo e porque o professor não se interessava em responder".

Enfim, a escola não lhe oferecia o espaço requerido por ele naquele momento, quer para desenvolver as suas potencialidades, quer para dar vazão a sua espontaneidade e criatividade que julgava ter. Incompatibilizou-se com a GV muito mais em termos de sentir-se ferido em seu amor próprio, do que pelo fato do conteúdo do curso não lhe agradar. Suas investidas são muito mais enfáticas quando critica, por exemplo, o nível de relacionamento aluno/professor; aluno/burocracia da escola, aluno/aluno. Com isso ele tenta explicar a sua saída do curso e da escola:

"- ... porque aluno, aluno é assim, né, o professor está lá em cima no pedestal e o aluno é ingorante, certo? Isso, todos os professores, com raríssimas exceções. No meu caso especial, sabe, eu não tinha campo, eu não con-

seguia levantar a mão e fazer uma pergunta porque obviamente era inevitável, sabe, o professor olhava pra você com uma cara, assim, sabe, o aluno não podia ser inteligente mesmo, o aluno não podia fazer uma pergunta que pudesse levar a outra coisa e relacionar e, alterar o trabalho. E o trabalho, você não podia variar muito dentro de... você não podia fazer um trabalho sobre cerveja, por mais interessante que ele fosse, se fosse um trabalho que já tivesse sido feito em anos anteriores, e, quer dizer, o meu problema pessoal foi esse. Falta de espaço pra tentar desenvolver alguma coisa e teve o apoio também de outras pessoas que foram saindo. (...) Era uma coisa muito nas nuvens mesmo, sabe, muito em pedestal e isso é uma coisa que sempre nessa escola foi assim. A distância entre o aluno e a escola é muito grande, sabe, não existe jeito, não existe CA, não existe nada, não existe meio termo... Alguns optam por ficar jogando sinuca o dia inteiro, outros ficam no bar".

Mas no final das contas a GV serviu para alguma coisa. Ela abriu-lhe a cabeça, segundo ele.

"- É, é uma escola importante, sabe, transformadora de pensamento. (...) A GV foi importante pra mim. Eu comecei a pensar de uma forma mais organizada. Eu comecei a botar em dia, eu poderia definir como uma coisa científica, sabe, botar de uma forma científica as minhas idéias, sabe, montar o joguinho que eu tinha na cabeça. Isso foi importante, os cursos, né, no caso por exemplo, Metodologia da Pesquisa foi importante, Teoria da Administração com o professor Venosa também foi importante".

Desde antes da entrada de G para a GV ele se mostrava avesso ao ambiente de competição entre alunos.

"- Eu estudava sozinho. Foi por opção, né, porque era muito desagradável aquele ambiente de competição pré-vestibular".

E tendo entrado na GV em 1980, encontrou nas salas de aula exatamente o clima de competição que ele detestava.

"- Claro, todo mundo formou panelinha, os outros também tinham que formar e as pessoas, sabe, foram saindo e cada vez foi estreitando mais o campo de quem você podia conversar, de quem se interessava por fazer alguma coisa. Por esse motivo, né, falta de espaço".

O fato de não se identificar muito com o curso em si, fez com que G logo se aproximasse de amigos que também pensavam igual a ele. O que se passa é que co-mungando de concepções dissidentes com relação ao grupo maior composto pela grande maioria dos colegas de classe, G procura exatamente inserir-se num sub-grupo que se presta ao papel de "refúgio emocional e de base social para a objetivação de suas definições dissidentes da realidade" (Berger e Luckmann, 1978, p. 170). Torna-se esta uma fase interessante na escola porque constitui-se dos momentos de reconhecimentos mútuos, identificação das tendências uns dos outros, encadeando toda uma discussão que sem dúvida acaba influenciando para o abandono do campo. G. relata esta fase

da escola como determinante de seu posterior afastamento do curso.

"- Mas aí esses primeiros seis meses foram muito intensos, tal, e conhecendo outras pessoas, pessoas que estavam mais ou menos na mesma situação que eu, e teve a história da política estudantil, né, porque você chega e todos os grupos, ê... existentes, todos eles chegam na sua orelha. Se você, sabe, vai numa assembléia e se manifesta mesmo sendo calouro, todas as tendências possíveis e existentes, elas chegam e tentam fazer sua cabeça, então, a Liberdade e Luta chega, os caras da Hora do Povo chegam, a Convergência chega. Todo mundo chega e tenta te ganhar pro grupo deles e agora eu vou dizer uma coisa engraçada, porque na classe se formou um grupo mais ou menos autônomo, que era eu, o E, o H que ê um outro cara que largou também, que era diretor do CA na outra gestão e mais umas três pessoas, quatro pessoas que eram assim: uma fazia aqui e fazia a São Francisco, o outro fazia Ciências Sociais na USP, o outro já tinha feito não sei o que lá e a gente formou um grupo autônomo de pensamento, então isso foi mais ou menos importante, sabe, e a gente formou um grupo político autônomo também. Quando a gente foi pro Congresso da UNE, por exemplo, a gente foi eleito, sabe, com uma carta-programa. própria, que não era de nenhuma das tendências. A gente votava nas resoluções de uma forma autônoma, sem ligação com nada. O Congresso foi em Piracicaba, foi ótimo, cinco mil delegados, mais não sei quantos mil visitantes, mais show, inclusive a GV era a sede da UNE, então teve um papel muito importante, a gente teve um papel muito importante na organização do Congresso, então tipo providenciar, teve, ia ter

um show no estádio, então tinha que providenciar o ônibus para pegar o João Bosco no hotel dele, sabe, essas coisas. Tinha que passar pra pegar o Tarancon e organizar os instrumentos e bebida e comida, alojamento, então foi uma coisa intensa, isso no primeiro semestre, né. Então a gente, sabe, todo mundo se... pra mim, pelo menos, foi super importante e também foi super importante pra se desiludir com a política estudantil".

Fica claro que o período de vivência na escola foi importante, não pelos aspectos acadêmicos, mas pelas atividades extra-classe. A interação que então se desencadeava com os demais colegas com grande intensidade e frequência e igualmente as trocas de experiências individuais e grupais. Quando estas também se esgotaram foi o fim. A saída foi mudar de rumo, procurar outras emoções. Foi exatamente isto que acabou resultando para G e a muitos de seus amigos.

"- Segundo semestre, assim, uma série de pessoas largaram o curso. Aí o curso já ficou mais árido, já começa a entrar em outro tipo de coisa, já tem, sabe, micro economia, já ia começar a ter contabilidade, as coisas foram ficando mais ásperas. Passou do geral, que era sociologia, psicologia, teoria da administração... Foram ficando mais específicas as coisas, foram mudando um pouco. (...) Aí já teve uma queda, já desiludiu um pouco. Terceiro semestre mais pessoas largaram, inclusive algumas do grupo, inclusive o E e o P que eram os mais próximos, assim, da classe".

O que se destaca aí é que a influência sobre G dos tais amigos mais próximos abandonando o curso foi vital para encorajar-lhe na mesma direção. Era quase que impossível continuar no curso sem eles. Então, levava algumas matérias em função do compromisso inadiável firmado junto à família, de continuar estudando, ou mesmo como uma forma de não ser tão drástico o abandono do curso para aqueles cujas expectativas a seu respeito eram no mínimo de conclusão com êxito de uma conquista que fora tão cara e que por isso deveria ser valorizada como tal. Não obstante tivesse ele lembrado desses pontos, a fidelidade de amigos se sobressaiu neste momento e G, como que tentando adiar mais uma vez a ruptura total com a escola, entra para trabalhar junto com os amigos desistentes num barzinho do primeiro andar.

"- Aí, terceiro semestre a gente começou ... O Pilek estava sem... não tinha ninguém pra tocar o Pilek, né. Então a gente se organizou em três pessoas: eu o E e o F e a gente se candidatou pra concorrência. Isso, tal, continuando, indo nas aulas. Estava fazendo poucas matérias, assim, no primeiro semestre eu fiz oito, no segundo semestre eu fiz seis, no terceiro semestre eu já estava fazendo cinco matérias, mesmo tendo sete para serem feitas. Já estava caindo mesmo o ânimo, né. Aí começamos a fazer, a trabalhar no bar, e... O bar consome muito tempo, sabe, o bar consumia muito tempo e era de noite, dormia tarde, acordava tarde, bebia pra burro, sabe. Desregulou a alimentação, desregulou o sono, desregulou tudo. Inclusive o estudo. Aí, o terceiro semestre eu acabei, assim, cambalenado, certo? No quarto - e a concessão do Pilek é por um ano - e no quarto

a gente ainda estava com o bar. Mas aí eu estava sô matriculado, eu não cheguei nem a ir na aula, eu não cheguei nem a subir. Assim, a minha relação no primeiro semestre de 82 com a GV foi, era o primeiro andar, sabe? Eu circulava pelo primeiro andar. Eventualmente eu falava com a S, secretária do departamento, que era frequentadora do Pilek também. Ia no departamento, tal, mas... acabou. A minha relação, assim, não sei se é didática que poderíamos chamar, essa acabou totalmente, didática, burocrática, tudo o mais. A minha relação era vir aí, botar cerveja na geladeira, vender e cobrar quem estava devendo grana pro bar".

G precisou amenizar com outras atividades, outras ocupações, o choque do abandono da GV. É certo que uma de suas irmãs já tinha, bem antes que ele aberto o caminho nesse aspecto de desistir de um curso antes do final. Ela saiu da matemática, que orgulhava muito os pais, e foi fazer enfermagem.

"- Então elas abriram uma série de portas, inclusive a que fazia matemática, era o orgulho da família, matemática e não sei o que lá, fazia quebra-cabeças incríveis e tal e largou, sabe, encheu o saco e disse: não, não é isso que eu quero, não vou fazer matemática porque eu não vou trabalhar de matemático. Ela chegou à conclusão de que ia ser uma medíocre se ela continuasse fazendo matematica".

O caso de G, porém, por ser o filho homem da casa, teve suas peculiaridades. Foi mais decepçionan

te para os pais, que certamente esperavam muito mais dele, em termos de dedicação, seriedade, firmeza nas decisões, en fim, tudo que convém atribuir ao homem e que faz parte dos aspectos culturais então vigentes na classe social a que pertence.

O rompimento com o curso era algo tão sêrio na vida de G, que ele próprio não assumia decisivamente a precariedade da sua relação com a escola. E é nesse ponto que ele procurou proceder de forma a amenizar para si e para a família sua mudança de rumo. O primeiro passo foi via Pilek. Para todos os efeitos ele saía todos os dias de casa e vinha para a GV, embora seus interesses não estivessem mais ligados ao curso em si. Já com o Pilek e sem comparecer à sala de aula, procura se convencer de que ainda é "um dos":

"- ... porque foi engraçado, porque foi uma ruptura e não foi uma ruptura, porque eu parei de estudar, mas eu continuava tendo contato com os temas, certo? Porque as pessoas iam lá no Pilek e ficavam conversando sobre isso e os caras que vão lá, vão de terno e gravata porque trabalham o dia inteiro, então, um traz lista de preços, o outro fica lendo "Visão", quer dizer, eu continuei tendo contato, sabe, e coisas que eu sabia, eu conversava com as pessoas e as pessoas ficavam perguntando se eu não sabia ou eu perguntava para eles. Quer dizer, a ruptura não foi total, foi uma coisa aos poucos, mesmo, sabe, assim. No primeiro semestre estava de cabeça, no segundo semestre já não estava tanto, no terceiro semestre quando começou no bar já se separou mais um pouco, no quarto semestre, mesmo eu ten-

do parado de estudar eu continuava tendo contato com as pessoas basicamente, nê, que é o que você acaba associando, nê, o ambiente da escola, muito com as pessoas e com os temas , nê, que é uma coisa importante e professores que, por exemplo, o Venosa, que era um cara com quem eu tinha me dado super bem, quando ele tinha dado aula, porque era um cara , uma das pessoas com quem eu acho que aprendi. Ele, ele continuou frequentando o bar, quer dizer, não foi uma ruptura total, certo? Foi uma ruptura em partes pequenas, assim, até que na hora que foi uma ruptura total mesmo, que foi a hora que eu larguei o bar, foi uma coisa que, sabe, eu já estava de saco cheio de trabalhar em bar, de lavar duzentos copos por dia, aguentar bêbado, ter de ficar cobrando conta, sabe essas coisas? Então, foi... Na verdade não teve uma ruptura, sabe, foi uma coisa que eu fui entrando aos poucos".

"- Nesses dois meses esgotou mesmo. Mas também, sabe, foi mais fácil mesmo deles aceitarem (os pais), porque eu estando trabalhando, sabe, no caso a gente era dono do bar, eu fazia pão todo dia, e tinha que fazer compras, eles viam que eu trabalhava, assim, nê, porque sábado não tinha ninguém pra vir pagar a faxineira, eu vinha aí pagar a faxineira numa boa, sabe? Então até deu pra ... não foi tão traumatizante, sabe, nem pra eles, nem pra mim, no fim das contas. Nem eu fiquei inativo, nem eles acharam que eu estava inativo, porque era essa a questão nê. Aí, agora, isto, o Pilek acabou falindo em três meses nê".

A coisa foi feita de modo a não "machucar" muito a ele próprio principalmente. Mas a intenção de-

finitiva estava clara desde o início das primeiras desilusões com a escola. O resultado acabou sendo que não aguentou o esquema da escola, mas igualmente ficava difícil levar a vida sem rumo. O abandono do Pilek significou a ausência do alibi que até então o mantinha razoavelmente seguro.

Dã pra perceber que a saída da GV foi bem trabalhada por G junto aos pais, que em vista do projeto que tinham para o filho, não aceitariam com facilidade um abandono inexplicado de um curso e de uma escola para eles tão importantes.

"- Ah, foi barra pesada. A família ficou, assim... Quando eu comecei a trabalhar no Pilek, claro, sacaram que aí, foi o período que eu não tive contato nenhum com eles. Absolutamente nenhum. Porque eles trabalham o dia inteiro e eu trabalhava de noite, quer dizer, quando eu acordava, eles já tinham saído e na hora que eu chegava eles já estavam dormindo. Eu chegava tarde. Então, quer dizer, o contato com eles era muito pequeno, até que chegou uma hora, que eu já estava percebendo que eu não ia mais fazer mesmo, estava naquela linha descendente assim, olhando pra baixo e, quando tinha que fazer um trabalho já era o maior sacrifício e minha mãe, nê, você sabe, fim de semana, que seja, que a gente se encontrava, pressionava, perguntava e tal e eu... porque eu não estava me interessando. A escola já não estava mais sendo uma coisa produtiva. A GV não estava mais sendo produtiva. Aí foi uma crise mais ou menos séria e nessas coisas você sempre, sabe, vai fazendo em doses homeopáticas, assim: ê, não, estou desanimado, aí dias, semanas de-

pois, é, não estou mais desanimado do que eu estava, aí, estou mais, mais desanimado, até que chegou uma hora, porque até o começo do semestre passado, certo, eu estava matriculado, teóricamente eu estava fazendo, mas assim, quando eu deveria entrar em aula, no primeiro semestre de 82 e eu vi que eu não ia mesmo, aí eu abri pra eles, né, que não estava mais me interessando em fazer. Aí foi uma crise mais ou menos séria, porque eles não, sabe, aquela ilusão... porque eles são funcionários públicos, então: "não, mas você tem que ter um diploma, porque hoje sem o diploma você não é nada", histórias que eu já ouvi mil vezes de outras pessoas, que passaram pela mesma coisa e foi igualzinho, sabe. Eles, extremamente preocupados, assim: "não, mas o que você vai ser, você tem que estudar, é a única coisa que a gente pode dar pra você, é o estudo, e pelo amor de Deus, e pensa bem", mas aí a gente acabou chegando num acordo".

Sem dúvida que esse acordo se firmou sobre as promessas feitas por G aos pais de que iria continuar estudando. Ele não tinha outros recursos para fazer frente ao firme desejo deles de que seu filho se formasse. Daí a seguinte manifestação de G:

"- ... porque, eu tenho vontade continuar estudando, eu tenho muita vontade continuar estudando, sabe, e tenho vontade de estudar muito. Eu acho que eu preciso estudar muito ainda, inclusive porque o que eu sei é muito pouco. Eu tenho consciência de que o que eu sei é muito pouco e que é muita coisa o que eu ainda tenho pra aprender. (...) Eu quero estudar mesmo, estou a fim de estudar

e tenho consciência de que se eu não estudar eu vou ser um medíocre mesmo, porque eu, por mais que eu acredite que eu possa ser autodidata assim, fazer algumas coisas, é muito pouco comparado com a carga mínima que se precisa ter..."

Claro que esta maneira de pensar é uma decorrência do habitus, da cultura internalizada no seu meio e que limita os caminhos do sucesso à forma convencional de se profissionalizar via estudo, simplesmente.

Quando saiu mesmo até do Pilek e se caracterizou a ruptura total com a escola, passando a ficar em casa, foi fulminante a cobrança dos pais:

"- É, quando acabou totalmente, quando acabou o bar nê, quando cansou, eu me desliguei totalmente da escola. (...) Aí foi cobrança, aí já começou a cobrança, certo? Porque, aí: o que você vai fazer, mas tem que estudar e você tem que aproveitar agora enquanto você ainda é moço e tal, não sei o que lá, enquanto a gente ainda está vivo ! E... eu falava pra eles assim, que não, que eu pretendia continuar estudando, mas não sabia exatamente o que... sabe, realmente teve uma cobrança. A cobrança continua até hoje".

De qualquer forma, o convívio com a escola em meio a alguma satisfação e muito descontentamento não conseguiu desfazer a convicção de G de que a rotina burocrática do sistema escolar é ainda válido em certos aspectos.

Serviu, sem dúvida, para mostrar que há progressos na vida acadêmica. No caso dele, o seu próprio amadurecimento, pelas experiências, que de outro modo não teria experimentado.

Foi nesse clima que G acabou se decidindo por prestar o vestibular em janeiro de 1983 para a Escola de Comunicações e Artes - ECA, da USP. Quanto a esta tendência mais recente pelas artes, o que pudemos identificar na história de vida de G, remonta aos tempos do ginásio, quando fala de um teatro imenso e de trabalhos de arte:

"- É, Colégio do Estado. Sô lembro que era um colégio bem grande. Era ótimo, por causa disso. Isso era excelente mesmo, porque tinha um teatro imenso onde sempre acontecia alguma coisa. Tinha mil espaços dentro do colégio, mil salas que os alunos podiam usar, tinha laboratório. Era colégio estadual, era assim, apesar de estar caindo aos pedaços e 'O Colégio Estadual' tinha equipamentos elétricos pra você medir a impedância de aparelhos sonoros e alto-falantes, isso era uma coisa interessante".

Além dessas atividades, quando no Colégio Equipe, acontecia muitos shows, muitas atrações, o que sempre envolvia as atenções de G.

Pelas pesquisas que andou fazendo, diz ter chagado à conclusão de que a ECA é o ideal para ele. Se será uma escolha definitiva, sô o tempo dirá. Por enquanto tudo parece estar fortemente ligado à força dos fatos e do ambiente do qual participa. A crença de que a escola é o ca

minho do qual não se pode fugir caso queira "ser alguém na vida" é ainda fundamental, profundamente significativa na concepção de G. Essa nova opção que G fez, veio também resolver um estado de ansiedade criado pelas pressões da família e pela sua maneira atual de ver as coisas. Está convencido de que algo tem que ser feito. O essencial é não ficar parado, não perder tempo. Não dava mais para permanecer num estado de indecisão. Porém, se esta questão ficou resolvida ele continua com outras incertezas. Quando interrogado sobre os projetos que tinha ao entrar para a ECA ele disse:

"- É... eu não sei (...) porque assim, o que eu tinha vontade de fazer era História. Aí eu fiz História na PUC durante um semestre. Entrei e saí. Eu queria fazer História na PUC mesmo. Fiz vestibular e tudo. Eu já estava na GV. Eu fiz as duas ao mesmo tempo, durante um período. Isso foi meu segundo semestre na GV. Eu estava fazendo segundo na GV e primeiro de PUC, primeiro de História. Aí, História, sabe, é uma coisa muito... é muito árido, sabe, e todas as coisas que eu pensava em fazer estavam sendo muito áridas mesmo. História é uma coisa que você tem que ficar lendo, lendo, lendo e pensando e fazendo um esboço, e lendo e lendo, lendo. E acaba ficando muito cansativo porque peca por ser, sabe, pisar muito na mesma tecla. História é isso, né, você vai estudar História como? Ou você vai fazer pesquisa e reunir papéis antigos e vai viajar pra Chipre ou você vai ler até terminar o curso".

G só confirma que tentará ser alguém na vida, via estudo:

"- ... sabe, eu não vou partir pra uma opção de fazer brinquinhos e vender na porta do Ojbetivo . Não é uma opção que eu considero válida. Quer dizer, considero válida pra outras pessoas. Morar em Mauã pra fazer perfume, sabe, essas coisas, fazer pão. Mas pra mim isso não é opção. Nunca foi e até agora não é uma opção, certo? Tudo que eu quero... e aí eu continuei nê, uma pesquisa pra ver o que fazer, o que não fazer, o que interessa, o que não interessa e acabei chegando à conclusão de que é ECA que eu quero fazer, assim, com a consciência de que já tendo passado por duas faculdades, eu sei que faculdade é uma 'merda', está caindo aos pedaços, você não vai aprender nada, certo? Quer dizer, você vai aprender uma série de coisas, vai ter que estudar, vai aprender, tal. Assim, prático, se eu for fazer televisão, por exemplo, se eu decidir por fazer televisão eu vou sair da escola sem saber nada de televisão, sabe, eu vou ter que sair de lá e arrumar um estágio com um cabo man na TV Cultura, e vou ter que aprender lá e sabe, meio sem ilusões. Aí estou nessas".

Tenta se convencer de que o estudo é necessário e vai entrar firme:

"- E tem que estudar, e tem que estudar agora, porque eu conheço pessoas que, sabe, que tem 26, 27 anos, tal e estão há dez anos fazendo escolas, sabe, assim, essas pessoas que já entraram pro patrimônio da escola e, ou outras que entraram com 25 anos numa escola e hoje estão com 27 e querem trabalhar e enche o saco trabalhar, porque tem que estudar também e não tem curso superior, e sabe, es

tã em outros projetos de vida. Então eu cheguei ã conclusão de que este é o momento histórico mesmo de estudar e, eu acho importante mesmo estudar, sabe, pelo menos estudar mais um pouco, sabe, que... estudar, assim, estudar que eu digo, não é estudar, não é estud..., porque eu, sabe, eu leio, eu leio muita coisa, eu leio jornal, eu me considero uma pessoa bem informada e eu vou em lugares, e... mas estudar, estudar, assim, sabe, o professor com a régua na mão, se você não estuda ele bate na sua cabeça, que era uma coisa que... tem que ter o mínimo de interesse, sabe? Que foi uma coisa que eu perdi na GV. (...) E agora eu estou nessa, sabe, achando que tenho que estudar mesmo, e nesse momento histórico da minha vida. O mundo pode estar caindo, sabe, pode ser o fim do mundo, eu acho que é essa em que eu tenho que entrar e é isso que eu estou a fim de fazer, nê".

Também não hã muito por onde sair, pois o fazer um curso superior estã de tal forma colocado como indispensável nos valores da família, que se G desviar daí provavelmente terá que "assentar praça" em outro local. Não parece ser o que ele estã pretendendo fazer no momento. O aconchego da família, por ora, se lhe apresenta mais seguro para a realização dos seus projetos.

E de pouca importância querer ter a certeza de que G finalmente fez a sua escolha definitiva. Para os nossos propósitos o fundamental foi o salto para fora do campo administrativo, caracterizando-se aí um desvio.

Houve na narrativa de G afirmações enfã-

ticas que merecem uma consideração final. O recurso ao "eu sou inteligente" e a "falta de espaço" foi uma arma muito eficiente a ele no momento em que deparou com uma escola como a GV, que abriga uma elite intelectual e que acolhe adequadamente uma clientela cujo capital econômico e social se sobressai. Disso resulta um ambiente pretencioso em termos de projetos de cada um dos membros da comunidade que então se forma. Uma grande maioria tem perspectivas arrojadas quanto ao futuro e contam com o suporte financeiro e de relações sociais para isso. G não contava com esses mesmos requisitos. Daí a decorrência de exercitar uma fórmula para fazer frente a um ambiente tão hostil, julgando-se bom demais para ficar mais tempo em meio a exploradores, sonhadores e utopistas. Não que sejam inverdades totais os seus comentários sobre a escola. Mas para o caso particular dele o significado de sua atitude tem a ver com o modo mesmo que as pessoas procedem para se auto-convencerem de suas verdades e não saírem "machucadas" de confrontos como este que G enfrentou durante o tempo em que esteve dentro do campo administrativo. Procedendo assim, é perfeitamente verdadeiro para G dizer: "eu sou bom, a GV é que está errada". E pode até estar, mas esta é outra história.

Também não lhe agradava o ambiente competitivo existente na escola (GV), principalmente porque não era luta de iguais e ele não via muitas chances de sair na frente sempre, travando combate com um "time" um pouco mais forte (e não só no aspecto acadêmico) do que aquele que ele estava acostumado a enfrentar no seu período de Ginásio e Colegial, quando a realidade era outra completamente dife-

rente. Aliás já no Colegial, no Equipe, ele começou a se ressentir do peso da competição, no período prē vestibular, como algo difícil e desagradável de ser enfrentado. Note-se que no seu mundo, sendo o único e último filho homem na família, nunca precisou competir. Então não há porque estar treinado para isto.

Um traço que também é importante de ser lembrado é o hábito de ter feito tudo na vida, o tempo todo, sob orientação de alguém. Sua mãe neste ponto esteve muito presente. E na escolaridade prē-faculdade, tudo é feito à base de cobrança e de recompensa, sob ordens de alguém muito próximo. Quando se chega a um curso superior, onde a pretensão é mais de que se deve caminhar sozinho, os fatos tomam ares de desinteresse, desmando, baderna e nenhum aproveitamento. Perde-se o tempo.

Todos os fatores comentados acima foram passos que acabaram conduzindo ao desvio que estamos pretendendo mostrar. Observe-se que dentro da escola, aqueles que não viam sentido no que se conversava na sala de aula partiam logo para atividades no Centro Acadêmico, Política Estudantil, Promoções, etc. No caso de G, além de ter se envolvido nestas atividades, vimos como a participação dele no barzinho do primeiro andar foi antes de mais nada o caminho de saída da GV. Foi a partir daí e da convivência com amigos de seu meio que acabou fazendo a opção por um curso que está no outro extremo da linha: Artes.

O CASO DE F

F descende de uma família originária da Alemanha, cujos antepassados chegaram ao Brasil por volta de 1850. A emigração se deu muito em função das guerras que aconteciam na Europa. Perderam todos os bens que possuíam, sobrando-lhes apenas certas habilidades pessoais. Todos tinham um ofício, sabiam fazer alguma coisa, possuíam alguns segredos técnicos, em particular na área de mecânica. Essas habilidades foram passadas para todos os membros da família, que delas faziam uso, como meio de sobrevivência. Inventavam engenhos que, inicialmente, resolviam necessidades domésticas, mas que, posteriormente, foram comercializados. Além disso sabiam consertar outros instrumentos de uso comum, o que lhes garantia o sustento. Somados a estes conhecimentos mais utilitários, havia também na família o gosto pelas humanidades. O tataravô materno de F, quando chegou ao Brasil, em Petrópolis no Rio de Janeiro, sabia fotografar e suas fotos há não muito tempo apareceram entre as de outros fotógrafos, numa exposição no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Paralelamente à arte de fotografar, se dedicava também à marcenaria artística.

O avô paterno, que veio direto para São Paulo (o Estado), tinha conhecimentos de mecânica em geral, do funcionamento das coisas e conhecia muito de história, geografia e filosofia. Assim que chegou da Alemanha com a esposa, foram ser bôias-frias nas lavouras de café em uma

Colônia de luteranos no município de Assis-SP. Em seguida mudaram-se para São Paulo, capital, onde começaram com uma pequena oficina de consertos em geral, para mais tarde se tornarem industriais do ramo de tecelagem, fabricando, além de tecidos, também os teares. Daí resulta que o pai de F esteve ligado à mecânica desde cedo. Inicialmente fabricando teares e mais tarde fabricando equipamentos de transporte interno, por encomenda, para indústrias em geral, tipo linhas de montagem e outros que se movimentam mecanicamente. Até hoje, está no mesmo ramo.

Do lado materno, a família se transferiu de Petrópolis para São Paulo, onde o avô de F, contador inscrito na Associação Paulista dos Contadores, estabeleceu-se com uma fábrica de porcelanas, onde era o diretor, em sociedade com um cunhado que mais tarde o fraudou levando o empreendimento à falência em 1960. Desde então não trabalhou mais, a não ser por alguns anos cuidando de orquídeas no quintal de sua casa que era no Ibirapuera.

Os avós paternos de F tiveram três filhos homens. Um morreu com quarenta e seis anos de câncer na laringe e era alcoôlatra. Deixou família, cujos filhos hoje são bem sucedidos profissionalmente, já casados e com filhos. Os outros dois casaram com duas, das três irmãs filhas dos avós maternos de F. Um dos casais que aí se formou são os pais de F. A mãe fez uma parte dos estudos no Colégio Porto Seguro e transferiu-se depois para o Colégio Benjamin Constant, que é uma escola técnica alemã, onde formou-se no curso de secretariado. Trabalhou como secretária bi-

lingue até se casar e depois não mais exerceu atividades fora do lar. Sempre se dedicou muito à leitura e à música, especialmente a clássica. O pai, que desde solteiro já trabalhava com mecânica também estudou no Porto Seguro até o nível ginásial, interrompendo os estudos por causa da segunda guerra, quando o Colégio foi fechado. O outro casal que se formou tem três filhos: dois homens e uma mulher. Uma está fazendo faculdade em Moji das Cruzes, o outro não se dedica a nada e a mais nova, com vinte ou vinte e um anos, abriu uma escola de línguas, onde ensina inglês e alemão. O pai (tio paterno de F), após ter inicialmente trabalhado na fábrica de porcelana do sogro como ceramista (possuía uma habilidade especial para pintar porcelanas) está atualmente trabalhando como diretor de vendas na indústria do irmão (pai de F).

A outra irmã da mãe de F casou-se com um mecânico de automóveis. Possui uma oficina onde um dos filhos trabalha. O outro tem vinte anos, trabalha na Nuclebrás e está fazendo um estágio em Munique pela empresa. A filha é professora bilíngue do jardim da infância.

F tem uma irmã e um irmão com mais ou menos dois anos de diferença de idade. Ele é o filho do meio. A primeira entrou para estudar bioquímica em Araraquara aos dezessete anos de idade, formou-se aos vinte e quatro anos, retornou à casa dos pais com quem mora até hoje. Trabalhou por uns tempos numa fábrica de pílulas e a seguir foi convidada para dar aulas na USP, na área de bioquímica, onde ainda continua lecionando e fazendo pesquisas. É a pri

meira filha. O irmão mais moço de F entrou para estudar engenharia mecânica na FAAP, parou o curso no meio e foi trabalhar. Hoje está na indústria do pai, onde faz uso de suas habilidades mecânicas e continua fazendo o curso, mas muito lentamente.

F diz ter tido uma vida familiar bastante tranquila, embora tenha aprendido a enxergar a instituição família com olhos mais críticos ao longo da vida.

"- A convivência em família foi bastante boa. A minha família é divertida, sabe, cheia de... As pessoas são muito barulhentas, todos, a família mesmo, de cem pessoas, é um clã, né. Fábricas, tem algumas fábricas, negócios, todo mundo tinha um negóciosinho, viviam juntos, era muito primo, muito avô, muita festa, bem assim filme do Fellini. Uns bebem demais, tem alcoôlatras na família... Cada um de uma forma. Teve os que resolveram ficar no campo, que nunca resolveram vir pra cidade, plantavam trigo, soja... E outros vieram pra cá e eu tive muitos primos, inúmeros, tenho muitos. Morei numa casa grande, sempre tive muito espaço. Quando eu era pequeno, minha mãe achava que a gente tinha que ser educado naturalisticamente, então ela levava a gente pro mato e ficava quatro meses lá. Era em Ilha Bela. Ficava lá só de calção, sempre solto, subia na montanha, anoitecia, então ficava e dormia lá e no dia seguinte voltava pra casa. Isso com oito anos de idade. Meus pais sempre deixaram a gente fazer mais ou menos do nosso jeito. Ir pescar, ficar dias fora, molequinho mesmo, pequenininho. (...) Assim, uns quinze anos, eu passei uns quatro

meses por ano lã. As pessoas lã são uma sociedade minha assim. (...) ... não existe família boa nê. Toda família é ruim. Você já leu "A Morte da Família" do David Cooper? Então leia e talvez ele convença você que a família é uma b. Aí ele convence você de que família é ridículo mesmo. É mesmo sô pra estar fazendo fãbricas. É muito útil nesse tipo de coisa, apesar que eu não entendo qual que é a utilidade porque seus irmãos roubam tanto quanto se fosse seu pior inimigo. Então eu não sei o que que Maria leva".

Não nega, porém que aprendeu muito no seio da família, especialmente com os pais:

"- Do que eu me virei por aí, eu aprendi em casa. Quer dizer, se eu não tivesse já aprendido antes a viver sozinho, a me virar como meu pai me ensinou mesmo, no mato, onde arrumar água, como cozinhã-la, como comer. Meu pai me ensinou a arrancar a vida do chão. No Mêxico, eu não tinha nada, certo? E eu ficava semanas sem um tostão no bolso e tirava as conchas do mar pra comer como meu pai me ensinou. Convencia as pessoas a me darem comida, como eu aprendi, certo? Subia no coqueiro, trazia quatro côcos pra baixo, como meu pai me ensinou, como eu aprendi na ilha. A descascar, como eu aprendi na Bahia. Como ferver água sem panela. Como pegar frutos do mar sem máscara. Mergulhava até achar meu "rango", porque senão eu não comia. Meu pai me ensinou a viver, a sobreviver. Minha mãe me ensinou a gostar de viver, talvez. Talves isso. E a escola me ensinou como coadunar o seus atos com as suas vontades, mais ou menos..."

Hã aí um culto ao pai, modelo que F copiou nos aspectos de bravura, de luta árdua. São receitas inevitáveis para quem deseja estar no mundo, por natureza competitivo. F não se apropria, porém, porque não lhe convém, da obstinação profissional do pai que optou por um ramo industrial, no qual está, desde solteiro. F fica mais com a mãe, no aspecto de gostar de viver. Isso para ele é envolver-se no mundo assumindo alguns riscos, com os quais possa arcar. É viajar, mesmo sem muito dinheiro no bolso, é fazer teatro mesmo que isso não dê lucro, é também trabalhar como burocrata, se for necessário para viabilizar os seus projetos.

F foi educado germanicamente. A responsabilidade por grande parte dessa educação coube ao Colégio Porto Seguro, localizado na Praça Roosevelt em São Paulo, de forte tradição alemã, onde seus antepassados também estudaram. Ele passou dos seis aos dezenove anos naquele Colégio que sem dúvida representava um pequeno pedaço da Alemanha dentro do Brasil, tanto na cultura como no método de aprendizagem.

"- ... eu fiz um curso que era assim : de manhã o curso era em português e de tarde em alemão. Quer dizer, o curso inteiro. Toda a matemática, toda a geografia, toda a história eu aprendia de novo à tarde em alemão. O curso de lá (da Alemanha), os livros de lá, tudo de lá. Alguns professores de lá, a maioria daqui. De biologia, por exemplo, daqui, da matemática vem de lá... Então ali eu aprendi a língua alemã e onde eu adquiri a maior parte do

meu capital social também. Eu conheci os filhos dos outros, que senão alemães, eram suíços, alguma coisa assim. Mas em geral alemães. Inclusive tinha um tempo que eu andava com uma turma que nós, entre nós, a gente falava uma mistura de alemão com portugueses. (...) Lã (no colégio) era tudo: de pé! sentido! Era bem, bem "pentelho". Mas tinha coisas boas. Tinha professores inesquecíveis. Tinha um professor de biologia que ensinou tudo sobre a vida das coisas, ensinou pra todo mundo. Todo mundo aprendeu com ele. Ele teve uma morte misteriosa no Himalaia. Ele estava lá atrás de algum fungo, atrás de algum líquidum cor de rosa... Bom, e lá também eu tomei contato com o teatro da escola. Era um colégio de elite, particular, caríssimo. Meu pai trabalhava pra pagar a escola. Super fechado em si, sabe, fora dos sistemas normais, normais de ensino. Tinha o próprio sistema, que vem vindo já, de gerações. Então se adaptava mal e mal ao esquema brasileiro, só por lei mesmo. Mas eles eram mais rígidos que a lei e esse excesso eles usavam mesmo. Então tinha assim, quase que 30% a mais de dias de aulas, de dias letivos do que o currículo nacional. Anotavam recordes nas paredes lá. Então: 'esse ano fizemos 250 dias de aulas', então a escola brasileira fazia 180. Eles incutiram primeiro a idéia de liderança e de... teutonismo mesmo, sabe, de brancos. Então, eu saio de lá com capital pra ver né, pra cuidar e... o futuro na mão né. Tipo assim, eles falam: olha, vai lá, firme né. Ensinam música, ensinam todas as opções, que você sai de lá com conhecimentos, faz vestibular e tira de letra. Havia muita ênfase em matemática, alemão, português... Matemática e português tinha todo dia. Alemão também. (...) Não era nenhuma escola risonha e franca, assim. Lá se faz as

bagunças escondido e pronto. Sabe, escola do mesmo jeito que em todo lugar. Era um colégio misto. Ensinavam inglês como língua estrangeira e Alemão como língua pátria. Eu não aprendia alemão, aprendia literatura, análise sintática, não aprendi a falar alemão. As recomendações no colégio eram: vocês são superiores, você são melhores, vocês são privilegiados, vocês serão líderes, vocês têm que trabalhar dezesseis horas por dia, vocês têm que fazer mais do que os outros e ganhar mais que os outros e o... deixam de ser bestas".

F é filho do membro bem sucedido da família. Seu avô paterno que, com uma mentalidade bastante conservadora nos negócios, chegou a possuir muitas fábricas, acabou com suas portas cerradas. No auge, porém, ele deu uma fábrica para cada um dos três filhos. O pai de F foi o único que prosperou. Os tios e o avô faliram e acabaram se juntando no empreendimento que sobrou, constituindo assim um negócio familiar. Deste exemplo de seriedade do pai nos negócios, F tirou algumas lições para sua vida prática, como a perseverança, a dedicação e perfeição com que procura realizar as suas atividades. Assim, quando na GV, embora não nutrisse uma profunda afinidade por algumas disciplinas, estudando-as com certa displicência, compensava essa "fraqueza" dedicando-se arduamente àquelas que apresentavam um conteúdo mais de acordo com os seus interesses naquele momento. Foi monitor durante um ano da disciplina de economia, entre outras, e realizava-se plenamente como tal.

"- Foi ótimo, gostava muito do que o pro

fessor fazia. Gostava mesmo. Ele tinha umas idéias em cima das coisas; eu o admiro até hoje".

Orgulha-se de sempre ter trabalhado, não somente durante o tempo em que fez o curso de Administração, mas também quando era ainda menino.

"- Sempre trabalhei. No Porto Seguro eu já trabalhava. Nas férias eu era office-boy, empacotador de loja, quinze anos de idade".

E para confirmar a força da educação germânica que teve:

"- Dentro de mim tem um relógio meio rígido. Sempre levantei cedo, tomei um banho frio".

O primeiro entusiasmo de F no momento de prestar vestibular foi o de fazer o curso de Letras. Porém naquele momento a voz forte do pai o dissuadiu dizendo que acabaria morrendo de fome se o fizesse. Essa preferência pelas letras foi cultivada por F durante a sua infância e juventude, pelas muitas leituras que fazia e continua fazendo ainda hoje.

"- Olha, eu vou te falar; sabe quem me iniciou na leitura? Foi o Monteiro Lobato. Eu li tudo do Monteiro Lobato com oito anos de idade. Li a coleção inteira para crianças em três meses. E daí nunca mais eu pa-

rei de ler, sabe? Eu tenho mania de ler tudo que os autores escrevem, sabe? Ler todas as fases, assim, talvez isso daí seja uma mania de criança. Se eu vou ler as peças do Ibsen eu leio todas. É uma mania que eu tenho. Eu gosto de ir lendo. Quando eu fui aprender ler inglês, fui aprender pelo W. S. Maugham, mas eu li tudo que ele escreveu. Fui ler contos e um dia travei conhecimento com o Boell, li todos os contos dele. Então eu tinha mania de ler tudo. Agora eu estou pra ler as coisas do Flaubert, gamei nesse cara".

A convivência com a avô foi muito significativa para despertar o gosto de F pelas atividades mais ligadas ao espírito. Entre elas, letras.

"- Ela era alcoôlatra, mas de um espírito muito forte, uma personalidade fascinante, pintora. Eu convivi muito com ela. Ela se dedicava à pintura, paisagens imaginárias, inventava paisagens. Era dentro do quartinho dela. Ela tinha problemas na perna, que ela tinha caído e quebrado os fêmurs, não andava, então ficava em casa. Quando criança, ela morava na mesma rua. Então eu ia lá e ela me ensinava música, contava mil histórias, porque ela bebia e ficava me contando coisas. Tocava piano, fazia eu cantar, a gente ensaiava e ela tocava. Ela saía de noite comigo, me levava não sei onde, pegava uns táxis loucos aí e ia aonde ela conhecia um boteco, onde ela conhecia todo mundo e eu ficava até as seis horas da manhã, com seis anos de idade".

Embora não tivesse formação escolar mais

profunda, ela lia bastante e dava livros para F ler.

"- Ela me deu a 'Montanha Mágica' do Thomas Mann pra ler, essas coisas".

Com o avô paterno a convivência não foi tão intensa, mas F ouvia dele belas narrativas sobre geografia, que era uma das coisas que ele entendia bastante.

"- O que ele manjava era de geografia. Sabia onde eram todos os morros, todos os vales, quem morava lá, o que fazia, sabe? Não sei aonde, Paquistão, assim, as correntes migratórias, ele contava tudo e tanto ele como minha avô sempre contaram muita coisa".

Até uma vizinha contribuiu para povoar o mundo de F com muitos personagens.

"- Então tinha uma vizinha que toda noite vinha ler conto para criança, de fada, pra gente, quando a gente era bem pequeno, em alemão. Então ela lia todo... é, ela achava que era importante. Então ela colocava os filhos dela, colocava nós e contava contos de Grimm, né, muitos contos, contos russos, contos japoneses".

Estando assim contagiado pela literatura de um lado e de outro a forte sugestão contrária do pai à escolha do curso de Letras, F quis arranjar uma alternativa mais próxima de sua preferência, que era Direito. Chegou a

prestar vestibular, mas antes dos resultados viu mesmo que não iria fazer tal curso porque o reputava como de conteúdo chatíssimo. Foi então, que antes de saber que tinha sido aprovado na Faculdade de São Francisco se inscreveu no vestibular da EAESP-FGV e entrou para fazer o curso de Administração de Empresas em 1974.

Diz ter entrado na GV porque era a melhor escola. Na época ele diz não ter sobrado opção. Entre o ITA, a POLI e a GV, concluiu que a última seria a melhor para ele. Mais próxima também do Jardim Europa, onde morava.

É provável que essas justificativas façam parte dos motivos porque foi entrar exatamente na GV. Mas como já analisamos em casos anteriores, F também estava envolvido com todos os requisitos que fariam dele sem muito esforço um aluno do curso de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Primeiro "não tinha jeito" para técnicas como as utilizadas num curso de engenharia, por exemplo. Era pelo menos algo que não lhe dava satisfação. Segundo, era filho de industrial com negócios a serem geridos futuramente, o que tornava mais que adequada a busca do saber administrativo e terceiro, que, como membro de uma classe bem situada financeiramente, cumpria mais um requisito necessário à admissão na GV e igualmente na POLI ou no ITA. O fato de F ter relacionado essas três instituições como possibilidades de escolha já denota bem de que extração social ele provinha.

Na época da decisão pelo vestibular F as-

sim explica a escolha feita:

"- Olha, tinha três escolas pra se ir: a POLI, a GV e o ITA. Não tinha mais nada. Então, melhor a GV, porque eu era ruim de física, era péssimo de física. Pra entrar no ITA eu precisaria de física, fora que eu não estava com a menor vontade do mundo de estudar lá. Talvez fazer uma engenhariazinha aeronáutica, mas não estava com vontade não, mas já estava andando com gente do ITA. Me falavam então que não era tão difícil de entrar como pra sair. Os caras estudavam feito uns F. da P. e eram todos bons aeronautas. Todo mundo voava muito bem, faziam aviões. Eu cheguei a ter contato com a escola, eu ajudava a fazer avião, porque eu travei conhecimento com essa área. Eu planava e entrei lá via planador. Quer dizer, mas aí então, não, vou fazer a GV que era aqui pertinho. POLI eu era ruim em física, era o CECEM né, que era o vestibular, era duro. GV era melhor. Então eu fui pra GV que era o mesmo esquema do Porto Seguro: chamada de manhã cedinho".

No período que passou na GV, F também se interessou mais pelas disciplinas da área de Humanas.

"- GV era o mesmo esquema do Porto Seguro, só que de repente eu mudei de tipo de pessoas, porque antes eram todos alemães. Aí, na GV eu travei contato com brasileiro de escola. Mudou a idéia política. Eu fiquei sabendo que existia uma política. Ela me ensinou muita coisa que o Porto Seguro não ensinaria jamais, não se podia abrir

a boca. (...) Foi muito importante, principalmente, pra minha vida política... Eles me ensinaram economia. Sabe? Economia é importante pra mim. Economia me empolgava bastante, contabilidade não me interessava, matemática era chato demais, Teoria Geral da Administração, horrível. Eu fazia todo ano seminários que falavam sobre Freud, Reich, alguma coisa, assim, do fundo do baú. Sobre educação e sobre linguística mesmo, ideologia. A gente estudava Marx à tarde. O Capital".

Não teve um bom desempenho geral no curso.

"- As teorias eu deixava pra ler as da GV e mesmo assim sō as que me interessavam. Tomava pau todo ano nas coisas por causa disso. Tirava más notas, mas eu tenho uma média média por causa que tinha coisas que eu tirava notas ótimas como em economia, tirava nove, média. Fazia alguns cursos assim que me interessavam e que foram pouquíssimos, talvez 20%, eu tinha boas médias. O resto eu não via, não ia à aula, sabe? Eu não aprendia. Contabilidade eu não aprendi, quer dizer, eu aprendi pro exame e no dia seguinte eu não sabia mais".

Além de se apegar muito mais à disciplinas que diziam alguma coisa para si porque explicavam em parte a ele mesmo e o mundo no qual se encontrava, F paralelamente ao curso diz que lia muita coisa extra programação de aula.

"- Chegava em casa e lia. Lia, lia, lia, lia. Eu lia contos, teatro, principalmente teatro. Li uma quantidade enorme de peças. Lia peças, não lia tanto teoria não".

Esse contato com o teatro começou muito cedo, no Colégio Porto Seguro.

"- Lá no Porto Seguro eu fazia peças, atuava nas peças de teatro como ator... sempre muitas, era frequente até uma certa idade, até aos dezesseis anos. Depois não, aí eu saí, porque as peças eram infantis né. Sempre fiz. Fazia bem feito o meu trabalho, fazia teatrinho mesmo".

Também, na época da GV manifestava seu apreço à arte de representar.

"- Na GV mesmo à noite eu saía e ia sempre no teatro assistir. Assisti peças e peças. Teatro na minha cabeça é o que mais tenho".

Ator ele garante que não é. Foi quando criança, mas o envolvimento de F com a arte foi na sua vida uma constante. Como já vimos, este germe da arte está na família, desde o tataravô que fotografava e fazia marcenaria artística até a mãe, que cultivava o gosto pela música e de quem acha que herdou os pendores também para esta arte. Fez um pouco de Conservatório e toca flauta profissionalmente, quando aparece oportunidade, em conjuntos. Andou pela Euro-

pa por alguns poucos meses onde diz ter trabalhado de tudo. Inclusive escreveu alguns textos que foram apreciados por pessoas de lã, o que lhe serviu de incentivo ao gosto de escrever.

"Tinha umas pessoas lã que gostaram dos meus textos, umas coisas que eu escrevia. Eu escrevia texto de curso. Sempre tive que escrever muito relatório, muita história pra botar no jornal, ajudava um pouco o meu professor de economia principalmente, sabe? Você vai fazer uma projeção econômica, você não faz uma projeção econômica, você faz um romance pra entregar pro cara. Romance em economês. Então, escrevi uns contos, umas crônicas, tal, mostrei lã e eles gostaram, em alemão. Aí uma menina falou que eu devia ajudar a escrever roteiro pra TV, que não tem lã, não existe roteirista, nê. Uma velha mandou eu escrever crônicas. Aí então eu voltei pra cã e um amigo tinha comprado um teatro. Então eu fui trabalhar no teatro dele. E como não tinha nada pra fazer eu fui e empresariei uma peça, arranjei dinheiro pra montagem da peça e cuidei do dinheiro pra que voltasse e eu pudesse devolver esse dinheiro".

O aspecto transitório das atividades de um artista ficou claro para F quando a peça que empresariou acabou e quando o ganho pelas apresentações musicais em bares noturnos não era suficiente. Chegou a entender o pai quando lhe disse que se fizesse Letras iria morrer de fome. Porém a estratégia mais adequada para tornar possível a F prosseguir fazendo o que gosta, foi procurar um trabalho fixo e não abandonar seu obcecado anseio de ainda vir a ser

um escritor de peças teatrais bem sucedido. Esse emprego fixo, onde F encontra-se hoje, não está muito distante das suas reais preferências: é editor.

"- Saí pra procurar emprego e arrumei. Eu fui nas editoras. Porque é o seguinte: como eu estava trabalando no teatro e já tinha arrumado, por exemplo, tradução de peças pra fazer, ajudar nos roteiros aqui e ali, aí eu fiz a trilha sonora de uma peça, então eu falei: eu vou trabalhar é... perto disso. Então, hoje eu faço textos de propaganda e dou palpites administrativos por vias indiretas, eu faço estatísticas da linha e eu arrumo os autores que eu acho que devem vir a trazer algum lucro pra Companhia. Eu seleciono as obras a serem editadas. No caso, eu seleciono as pessoas a escreverem obras porque elas não escreveram ainda. Eu... posso estruturar um livro inteiro e chegar e falar: eu quero um livro assim, cujo primeiro capítulo fale sobre isso, o segundo sobre isso, que tenha duzentas e cinquenta páginas e que esteja pronto daqui a três meses, certo? E eu adoro o meu trabalho. Lá dentro todo mundo é poeta, todo mundo lê, todo mundo sabe português. Então, dúvidas ortográficas é com aquele lá, dúvidas de contas é, porque eu faço muita matemática, que eu gosto muito também, é com o outro lá embaixo, dúvidas de história é com esse. Então é um meio que me agrada. A mentalidade empresarial lá dentro é a mesma que a da fábrica do meu pai, mas eu só tiro vantagens. Você já ouviu falar de Peter Drucker? Já leu alguma coisa dele? É, eu acho ele um gênio, certo? Apesar de que achar gênio mesmo eu acho o Ibsen, mas eu acho que pra malandragem dele, ele é o grande malandro que escreveu, certo?

E ele me ensina, por exemplo, como ser uma engrenagem na organização. (...) Bom, então eu faço lã, criação de coisas nê, contas, crio contas e ninguém me pergunta nada, ninguém manda fazer nada, e eu faço. Que contas eu devo calcular, que estatísticas (...) Tenho três chefes e eles me informam quando eu não sei. (...) Eles não tinham o cargo que eu ocupo. Eles resolveram criar quando eu fui lã. Estou lã há cinco meses e tenho carta branca pra tudo. Pretendo continuar lã. (...) Da administração de empresas, o que sobra é para o trabalho que eu faço mesmo, que é: faço estatísticas, faço promoção de vendas, ajudo aqui e ali. Mudo a hora que eu quizer para o que eu bem entender. Por exemplo, agora eu vou mudar pra promoção, que eu não tinha feito ainda, mas que é uma promoção assim, sabe? Você chega com um livro promovendo para um cara e propõe a ele se ele não quer escrever um livro".

F faz uso de suas habilidades gerais para manter um emprego que ao preço de algumas concessões bem trabalhadas por ele e que sem dúvida impressionam seus empregadores, lhe garante a principal vantagem que é a de fazer suas preferidas atividades particulares. Então ele põe em prática suas habilidades administrativas na área de propaganda, lança mão do trunfo que é saber línguas, faz algumas estatísticas econômicas que aprendeu na escola e no emprego anterior, alia isso às facilidades matemáticas e com esse jeito conquista autonomia e evita qualquer tipo de controle ou recomendações indesejadas no seu dia-a-dia de trabalho. Suas qualidades e capacidades desenvolvidas possibilitam pelo menos temporariamente conciliar ambas as atividas

des: o trabalho burocrático com a arte. Então ele diz:

"- Eu só trabalho oito horas lá e o dia tem vinte e quatro. Sobra um terço e nisso eu estou fazendo o seguinte: Eu estou agitando um livro meu, eu estou agitando duas peças. Esse livro é uma biografia. Eu estou traduzindo uma peça de teatro que vai ser produzida. Uma peça infantil. São poemas que eu descobri e que eu resolvi traduzir. Porque eu resolvi fazer uma peça, eu já angariei todo mundo, é, diretor, ator, já tem os seis atores, já tem figurinista, tem até quem pague. Estou ajeitando a peça todinha pra ser montada, certo? Eu vou lá, vou dar palpite na direção, vou fazer a música se preciso. Isso eu faço um pouquinho durante o expediente na empresa. Aí então, eu estou agitando essa, que se der certo, talvez, eu largo a empresa, vou fazer só isso, porque aí dá dinheiro".

F não consegue se desfazer da herança do germanismo e se preocupa muito com o que virá pelo futuro. Está cômscio daquilo que gosta e do que não gosta, mas trata de considerar com antecedência os limites e as ameaças que podem advir da escolha cega de um só caminho. Acha então, que é melhor dividir as coisas. Se um dia puder viver só de seus afazeres preferidos não vacilará em abraçar este grande presente. Porém, até que isto não seja possível, vai com prudência preparando seu caminho.

"- ... eu estou com vinte e oito anos de idade e os filósofos não mentem. Quer dizer, os livros de filosofia que eu leio aí, todos falam a mesma coisa: um

dia eu vou me dar mal. (...) Eu não sirvo pra construir fábricas, certo? Não sei porque. Não tenho vontade de ser um capitão de indústria. Exatamente isso. Os administradores são, não são todos capitães da indústria. Tem gente que vai pra Banco, tem gente que vai para os departamentos de marketing das empresas multi-nacionais, e eu não sou afim. Não sou afim porque lá dentro a gente ganha muito bem logo de saída, mas não melhora a sua condição, não acaba nunca a hierarquia, não acaba nunca, jamais. Você sempre está, assim, tem o aspecto do grande chefe, sabe? Do Leviatã assim atrás, aquele grande monstro que mora em Detroit, certo? Que manda telegramas e todo mundo é temerário e não tem objetivo o trabalho de uma pessoa, sabe? Você trabalha pelo objetivo do seu trabalho e não pelo seu objetivo. Então o seu objetivo vira um objetivo que você nem sabe qual que é. Então eu vejo os "carinhas", eu fui me informar aí esse ano e as pessoas vinham falar comigo: Pô F, eu não sei viu, eu es tou ganhando bem, mas eu não entendo muito bem o que que eu estou fazendo, quem eu sou, quem que eu sou lá dentro e eu detesto. Então, lá onde eu trabalho, eu sei pô, eu sei, meu chefe trabalha na mesa do lado e é ele o dono do negócio, certo? E ele me paga e ele me dá minhas regalias e é pra ele que eu vou pedir e é ele que vai decidir, ninguém vai decidir. Eu gosto disso, eu acho isso prático. E, como eu estava falando, eu vou me dar mal. Você não vai se dar mal? Por acaso você acha? Eu vou me dar mal, porque um dia vão começar a cair os meus cabelos, meus dentes, eu vou ficar doente, pegar um câncer e vou morrer. Isso daí não é se dar mal? É se dar muito mal. Então, estamos com vinte e oito anos, concludo que com trinta e oito as coisas serão diferen

tes e que eu vou ter que ter um ofício e que as coisas serão diferentes e que eu vou ter que ter um ofício e que eu vou ter que poder prestar serviços que vão me dar dinheiro quando eu precisar, com menos trabalho, porque eu vou ficando mais velho, vou ficando mais cansado, vou ficando menos produtivo. Porque o caminho é esse, porque é pelo serviço. Tem gente que acumula capital, eu acumulo conhecimento, sabe? Eu acho que é mais pro meu gênio, sabe? Se eu puder agora, em uma semana que nem o meu colega de quarto aí, tirar umas fotos e colher algum dinheiro, certo? Agora tem gente que não, que acha que tem que construir um prédio e tirar renda de lá. Eu não, eu acho que existem métodos e existem métodos, certo? É, porque essa idéia que eu digo, assim, pessimista, que eu vou acabar mal, não é que eu penso, eu simplesmente penso que eu preciso é manter a minha vida onde está. Porque o capitalista, ele quer melhorá-la, né. Bom, eu já tive vida boa e continuando como está, tá bom. Se amanhã não puder mais andar de carro e tiver que andar de ônibus, tudo bem. Eu penso, não: continuar dormindo, comendo e indo pra onde eu quiser. (...) Hoje eu me defino definitivamente como quem aprende. Eu estou em absoluta e total imersão no aprendizado. Só isso que eu faço. Não ensino ninguém, não faço nada senão aprender e este aprendizado está indo para a área das letras e o meu projeto futuro mais arrojado é um bom teatro. É fazer um bom teatro. Mas isso é, já, sonho, né. É... fazer uma boa peça".

A experiência com a grande empresa foi significativa na vida de F, no sentido de elucidar a natureza do campo administrativo. Depois de ter trabalhado como

monitor de algumas disciplinas na GV e já no segundo ou terceiro ano do curso, entra para uma multi-nacional.

"- Entrei, sentei, era longe toda vida., era um... inferno. Era uma empresa de televisores. Fui trabalhar num setor que chamava departamento econômico. Então era um... uma maneira de observar a conjuntura e a empresa. Eu era uma espécie de assessor de informações. Então lá eu aprendi estatística, fazer quadros, fazia desenhos, fazia gráficos. Eu já tinha aprendido isso com o meu professor de economia, mas então lá eu comecei a fazer os cálculos todos, comprei uma máquina de calcular e comecei a fazer estatística mesmo. Já não era um cargo administrativo, você entende? Era mais um cargo de informação mesmo. Eu detestava, detestava. Porque saí da escola Porto Seguro pra entrar num outro Porto Seguro. Então eu tinha ódio. O regime era... nazista, é, a expressão certa é essa. Os caras que trabalhavam lá eram todos nazistas mesmo. Lá eu fiquei uns seis meses e fui embora".

F, pelo hábito de leitura que tem, leva muito a sério a filosofia dos autores que lê. Dirige alguns aspectos importantes da sua vida com base nas idéias de escritores famosos. Ele não vacila em dizer que a sua maneira de ser, hoje, está, em muito, influenciada por eles e é sempre na leitura que busca as suas inspirações criadoras.

"- A leitura me leva pros morros mais altos, pras montanhas mais geladas, pros mares mais profundos; me coloca em batalhas, em amores, é... na leitura; eu gos-

to muito de ir no cinema, gosto muito do mar, ficar no mar. Aí, quando eu não estou no mar, eu estou lendo".

Acha também que a família contribuiu muito para a sua maneira de ser atual.

"- A minha família me influenciou. Meus pais são socialistas cristãos, certo? Meu pai sempre me ensinou que a terra não tem dono, que tudo é de todos e que a gente pega aquilo que a gente pode e que não se mata por isso. Isso é o socialismo cristão, eu acho. É o que eu entendo por isso. E a escola veio me ensinar o Marxismo, veio me ensinar que tinha mais gente com essas idéias. Eles me ensinaram a ser assim. São muito honestos, são muito direitos, tem pavor do fiscal do INPS e do IR. Não se muda uma linha. É mesmo assim".

A forma com que a família educou F, traz implícita a existência de um projeto que nem sempre acontece de acordo com o esperado. F deixa isso claro a seu respeito, quando cita que seus pais não estão descontentes com a sua maneira de ser, mas sabe que ficariam muito mais felizes se ele seguisse em outra direção.

"- Eles gostariam que eu fosse um alemão nazista, capitão de indústria química, arrancando sangue dos pretos e vendendo a peso de ouro".

Também na vida de F o interesse pela psi

cológia ocupa um lugar importante. A máxima de Sôcrates: "Conheça-te a ti mesmo" é levada muito a sério por F que depois de ter travado conhecimento com a psicanálise Freudiana na sua juventude, feito três anos de terapia de grupo e mais recentemente análise individual, ainda hoje diz que tira umas três horas por semana para se dedicar às leituras do gênero. Está convencido de que todas as pessoas deveriam munir-se desse tipo de conhecimento, que para ele resolveu problemas de rejeição, de megalomania e outros. Ele explica como começou a interessar-se pelas leituras freudianas:

"- O Freud, não foi na escola. Foi antes, porque daí tinha um amigo, cujo pai era freudiano" roxo". Exercia, escrevia, lia e mandava a gente ler e mandava no psicanalista e pagava e fazia tudo. Ele falava que todo mundo tem que fazer psicanálise, todo mundo tem que ler a respeito de psicanálise, todo mundo tem que fazer uma introspecção. Ele achava muito importante e ele insistia mesmo. Eu passei a achar muito importante também, eu acho, até hoje. O ser humano é um universo. Tem que estudar. Então eu tiro um tempo pra isso. Sento e tento me lembrar de coisas da minha infância que eu não gostaria de lembrar, achar ligações entre muitos atos, tento saber como eu sou, quem eu sou".

Algo nítido e frequente na biografia de F é o seu culto à liberdade. Lembra com frequência a quase inexistente interferência dos pais nos seus atos e decisões. Dá-se por satisfeito por ter conseguido equilibrar-se até aqui de forma a garantir sua sobrevivência num mundo que explorou por todos os meios. Quer viajando pelas Américas e Eu

ropa sem recursos e se sujeitando a fazer de tudo, quer inserindo-se em meio aos grupos tidos como alienados socialmente. Experimentou de quase tudo na vida "livremente". Este livremente entre aspas tem um sentido: depois de ter sido criado um 'freio interno' próprio principalmente da educação escolar e em certo grau familiar, que recebeu até a juventude, não mais era necessário qualquer tipo de restrição imposto. O auto-controle é a mais eficiente forma de não se cometer transgressões sociais. Então quando F fala que seus pais lhe davam total liberdade porque sempre acreditavam que ele iria dar um jeito, só o faziam porque tinham certeza que o filho já estava "feito".

O desvio é elaborado dentro do grupo a que pertence o agente mediante as oportunidades e concessões oferecidas a quem delas queira se apropriar. Há até mesmo algo percebido pelo agente como pressão por parte dos outros mais próximos para que ele opere as chances, naquele momento, convenientes de serem aproveitadas, principalmente, porque fazem bem ao grupo, engrandecendo-o, ressaltando-o perante os demais. A família, na nossa sociedade e na nossa cultura, cujos membros são dedicados à leitura, à música, às artes, é superior àquela que não possui no seu meio membros assim qualificados. Ocorre porém que em meio a tanta ênfase às humanidades, existente num grande número de famílias, está também presente a intenção de evitar que qualquer de seus membros sejam meros artistas. É preciso antes de tudo uma digna profissão que garanta a preservação do capital econômico do grupo e se possível a prosperidade que o faça crescer cada vez mais. Entretanto as duas coisas parecem ser

antagônicas ou quando não, a tendência é de se debilitarem mutuamente se houver um confronto forçado. Não dá para ser as duas coisas com sucesso. Ou se é literato, ou se é capitão de indústria. Então, se F é hoje muito mais afeito à observação da estética, do belo, das formas literárias e não um aficcionado ao lucro e à acumulação de capital econômico, que paradoxalmente seria muito mais interessante à própria família que o abasteceu com inúmeros personagens que sabiam amar a vida nos seus aspectos interiores e duráveis, a não correspondência às expectativas dos pais, principalmente, não é de forma nenhuma inexplicável. Pelo contrário, como ocorre com os casos de desvio em geral, o comportamento "estranho" é arrancado das possibilidades encontradas e oferecidas em grande parte no âmbito da família. É como se esta produzisse um "fruto indesejado".

É interessante lembrar que foi na própria família que F desenvolveu o gosto pelas letras, ainda quando criança, ou seja, a família foi quem proporcionou os meios para que F se encantasse pela arte de escrever. Não obstante certas "sugestões" de cunho mais pragmática tenham tentado desviar-lhe daquele caminho, como o foi a recomendação do próprio pai, F manobrou de todas as formas as possibilidades que se lhe apresentaram durante a vida pra, já no estágio adulto, se dedicar àquilo de que realmente gosta, aquilo para o que realmente foi preparado: um entusiasmado escritor de peças de teatro. Note-se como o desvio foi produzido e como, embora F não tenha se tornado um profissional ao gosto do pai, por exemplo, a posição dele como desviante se consolida por oposição ao grupo que o ajudou a ser assim

"diferente" do irmão por exemplo. E F, quando pouco, pela sua maneira peculiar de ser, serve para ressaltar as qualidades convenientes do irmão que se dedica à mecânica na indústria do pai, com grandes probabilidades de sucedê-lo na gerência dos negócios. Quer dizer, este irmão se define como superior ou como mais "normal" porque existe F na outra extremidade do continuum, cujo modelo de vida escolhido, não é legítimo no campo em que milita seu irmão.

A LOCALIZAÇÃO NA FRATRIA

Partindo do suposto de que em todas as classes sociais os grupos familiares empreendem estratégias de sobrevivência e reprodução⁽⁴⁵⁾ alocando aos seus membros encargos diferenciados segundo os determinantes sexo e idade faremos uma tentativa de abordar os nossos entrevistados levando em consideração esses aspectos, com o objetivo de perceber se há alguma correlação entre a sua localização na família e a efetivação do desvio. Que reflexos teria uma coisa sobre outra?

Um primeiro dado é que as biografias estudadas são de indivíduos cuja posição social os situam, para os padrões brasileiros numa faixa que vai da classe média à classe alta. Assim foram constatadas, entre os pais, profissões tais como: médico, professor universitário, administrador, advogado, funcionário público e industrial.

É quase certo que os membros dessas famílias gravitam, sem muita variação, por um meio social relativamente homogêneo. Frequentam os mesmos clubes, viajam para o exterior, estudam em escolas de níveis equivalentes, têm uma vida cultural muito parecida, o que se reflete, em parte, nos tipos de lazer escolhidos. Disso se deduz que aca-

(45) RODRIGUES, A. M. - "Dinâmica Grupal e Indivíduo no Sistema de Distribuição de Privilégios na Família", in Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, nº 37, Mai/1981, p. 52-59.

bam desenvolvendo os mesmos gostos, elaborando projetos muito semelhantes e contando com facilidades e limites na busca da realização profissional, equiparáveis.

Não ousaremos estender quaisquer comentários, nem sobre as alocações de papéis e nem quanto às estratégias utilizadas pelos membros do grupo familiar que vão além dos casos que estudamos, respeitando inclusive os limites que as informações obtidas em entrevistas nos impõem. Este cuidado se deve, primeiro, porque no momento em que realizávamos as entrevistas não havia ainda surgido este tipo de preocupação, que somente foi sugerido mais tarde, cuja consequência foi a ausência de dados necessários que deixamos de levantar naquela oportunidade. Segundo, pelo fato de que não pudemos ter acesso a publicações que contivessem estudos sistemáticos sobre o assunto para as famílias de maior renda e mais elevada posição social, onde provavelmente se enquadrariam os casos em pauta e terceiro, porque o número de casos estudados é insuficiente para propósitos generalizativos.

O que foi possível detectar quanto aos desviantes foi que a *afiliação* àquele nível social a que já nos referimos facilitou sobremaneira as suas escolhas diversificadas. Não houve nenhum fator, como a sobrevivência, o sofrimento, certas privações que os levassem a "amadurecer" suas idéias mais depressa. As escolhas puderam ficar suspensas por mais tempo. Um período exploratório foi viabilizado para que somente mais tarde pudessem definir-se por algo que hoje eles colocam como definitivo. Puderam ser

inconstantes, puderam escolher entre um número maior de alternativas o que fazer de suas vidas e sem dúvida gozaram de privilégios e arcaram com custos diferenciados em relação aos demais irmãos que pelas diferentes circunstâncias que prevaleciam na família e na sociedade mais ampla em sua época tomaram outros rumos.

Dado o fato de que a provisão de recursos foi desde o início suficiente para arcar com as despesas gerais em função do melhor ganho do pai, sempre um profissional qualificado e com bom emprego, as possibilidades de estudo, por exemplo, foram garantidas para todos os filhos indistintamente. Mas é verdade também, que nas famílias onde havia mais irmãos, até quanto sabemos, não coube a nenhum outro "desviar". Esse papel sobrou para os caçulas, filhos do meio ou únicos(*).

O que encontramos foi que os demais irmãos, com raras exceções, fizeram seus cursos superiores "seriamente" por uma única e definitiva escolha. Houve um caso de um irmão que fez Economia e foi ser jornalista, de uma irmã que fazia Matemática e mudou para Enfermagem e o de outra irmã que fez Engenharia de Alimentos e é diretora de uma escola de inglês. Alguns se casaram e se estabiliza-

(*) Dos seis casos de desvio estudados temos:

G - caçula

M - caçula

T - caçula

D - filho único

R - filho do meio, tendo antes um irmão e a caçula é mulher. Idades: 25 - 30 - 34

F - filho do meio, tendo antes uma irmã e o caçula é homem. Idades: 28 - 30 - 32.

ram na vida. No caso de G as duas irmãs mais velhas, hoje com 29 e 30 anos não se casaram. No caso de F a irmã mais velha, hoje com 32 anos também não se casou. No caso de M, os quatro irmãos mais velhos que ela se casaram e estão todos estabilizados na vida e no caso de R a irmã caçula, hoje com 25 anos é solteira.

Entre as famílias dos entrevistados pudemos constatar que pelo tempo da entrada no curso de administração da EAESP (de 1969/70 a 1973/4), época do milagre brasileiro, grande parte delas nutriam um projeto de ascensão social. De um modo geral, todas elas dispenderam, conforme vimos nas biografias, dos recursos necessários a que os filhos fizessem as melhores escolas. Deve-se ressaltar que a escolha do curso de Administração de Empresas, que na época estava muito bem cotado, foi na maioria dos casos bem recebida pela família.

É inegável que o fenômeno do qual estamos tratando é típico de sociedades modernas e complexas e sobretudo encontra nos atores dos grandes centros urbanos seus protagonistas mais adequados. É um grande emaranhado de dados e informações, muitas vezes contraditórios, que os indivíduos tentam visualizar nas mais diversificadas perspectivas de vida, aquela que seja possível eleger para si mesmos. Nesse ambiente, são envolvidos em crenças e descrenças constantes. Em função das rápidas mudanças, perdem-se entre os valores que num tempo muito curto tornam-se anacrônicos sem que sejam apresentados outros novos para substituí-los. Há em função disso uma busca constante de um ponto de apoio

que sō se localiza num conjunto de crenças que faça sentido aos agentes e que pelo tempo em que viveram nossos entrevistados se apresentou precariamente. A muito procurada figura do análista tentou ser a redenção para alguns casos.

As informações acima, constituem o que pudemos registrar dos casos que fizeram parte de nossa pesquisa. Pelo que expusemos, ficou clara a ausência de afirmações conclusivas quanto ao que acontece nessas famílias em termos das estratégias de sobrevivência e reprodução segundo a alocação dos diferentes papéis aos seus diferentes membros e, por conseguinte, isso inviabilizou a construção de uma possível relação que pudesse explicar melhor a efetivação do desvio.

Para que se chegasse a conclusões mais concretas haveria de se analisar com profundidade, não sō aspectos psicológicos formativos das personalidades individuais no âmbito da família, mas também os aspectos mais amplos do ambiente social externo onde a formação de cada um se deu e ainda mais, as particularidades que envolveram os "destinos" dos demais irmãos. Destes, chegaram-nos informações tais como, estado civil, profissão e idade, sem quaisquer detalhes quanto às suas "lutas" particulares em um tempo e espaço, com certeza, diferentes. Daí que as afirmações sobre os entrevistados no que se refere aos papéis que couberam a eles desempenhar em função da posição ocupada na fratria se revestirão de um caráter muito genérico. Torna-se difícil diferenciá-los dos demais membros sem uma análise

mais qualificativa destes últimos. Porém deixamos a questão em aberto para saber se existe a relação que buscamos e sugerimos pesquisas mais sistemáticas com este fim, para se chegar a resultados mais consistentes.

CONCLUSÃO

Para dar conta do objeto que elegemos para estudo, não foi possível a localização de um "bloco teórico" puro e tivemos que recorrer em maior ou menor grau às contribuições de vários autores, que são até mesmo divergentes em algumas particularidades quanto à linha de pensamento que cada um deles partilha. Contudo foi possível aproveitar com sucesso as suas idéias que no final se complementam. Essa dificuldade surgiu muito em função da peculiaridade do objeto de estudo, ou seja, trata-se de indivíduos que estão, no mais das vezes, saindo do campo, não tendo atingido ainda aquele ponto de acomodação que os qualifica e os localiza em algum lugar tornando possível defini-los de algum modo. Estamos insinuando que entre os casos pesquisados, pelo menos cinco dos entrevistados ainda estão a caminho de sua completa inserção no novo campo escolhido. Ocorre que, embora eles tenham afirmado categoricamente que chegaram a decisão definitiva, somos levados a pensar, pelo conjunto das informações que eles nos transmitiram, que não está totalmente excluída a chance de mais um redirecionamento profissional. Não obstante essa particularidade do objeto, no desenvolvimento da parte empírica deste estudo foi possível sentir que a vertente teórica que mais serviu para interpretá-lo foi, sem dúvida, a Sociologia do Conhecimento, que por nós foi extraída especialmente das obras de Alfred Schutz e de seus discípulos Peter L. Berger e Thomas Luckmann.

A Sociologia do Conhecimento, tal como

tomamos, pressupõe que "os aspectos normativos da sociedade não podem estar separados da dimensão cognitiva"⁽⁴⁶⁾ que comprovadamente permeiam o comportamento dos indivíduos e se tornam visíveis em suas práticas e representações. Os estudos que levam em consideração este aspecto tentam, em síntese, investigar a relação geral entre idéias ou formas de consciência e seus contextos sociais. Admitidas estas premissas, o investigador acredita ser capaz de adotar uma postura em que se é possível tentar compreender o objeto sem tomar partido, sem julgar. Vai analisar, descrever apenas. Porém, sabe não ser possível atingir uma total neutralidade axiológica. Antes, admite-se a impossibilidade de proceder a sua "profilaxia".

Indo a campo para colher as informações em entrevistas abertas o investigador tenta localizar o objeto num sistema em que dois aspectos se apresentam como fundamentais. Primeiro, em vivendo no grupo o indivíduo aprende uma maneira de ser e se comporta como tal e seu comportamento é sempre uma resposta às impressões do outro sobre ele que não são o incita a reagir, mas fazê-lo de acordo com o contido nas intenções de seu interlocutor, especialmente se este for um "outro significativo". É uma resposta de espelho que traz implícito o fato de que o homem não se enxerga sozinho. É sempre enfrentando o outro que lhe são fornecidas as condições para estranhar a si mesmo e consequentemente compreender-se. Sob este ponto de vista o homem passa a ser portador de construções novas a cada momento co

(46) BERGER, P. L. e BERGER, B. - "Sociology - A Biographical Approach". New York, Penguin Books, 1976, p. 376.

mo resultado de um aprendizado segundo as circunstâncias diferentes das quais passa a fazer parte nos grupos. O outro aspecto é aquele que poderíamos chamar de "herança de berço". São as concepções mais arraigadas que os indivíduos portam dentro deles e que estão objetivadas fora. Não há muito o que modificar. São verdades próximas e concretizadas pelos fatos e objetos que os rodeiam e pelos quais se pautam para determinar seu modo de viver. É supor que há realidades que não estão no domínio do ser, mas que os moldam e tem de ser aceitas pois não há muitas saídas.

De posse dessas informações sobre a Sociologia do Conhecimento podemos aferir o seu grau de utilidade quanto à explicação do nosso objeto de pesquisa.

No confronto com o objeto, procuramos sempre localizá-lo no seu meio, tecer comentários em cima de sua visão de mundo, tratá-lo como capaz de representar diferentes papéis como portador de "heranças" indelêveis produzidas principalmente na família(*) e que marcaram profundamente todo o relato. Ainda o encaramos em seus aspectos mais gerais que o caracterizam como humano, ou seja, como ser que em dados momentos e circunstâncias da vida procede convenientemente para preservar a sua sobrevivência. Assim não vacila em mistificar, munir-se de certas crenças que

(*) Arackcy M. Rodrigues destaca a peculiaridade do grupo familiar dizendo que "muito provavelmente, a família difere dos outros grupos precisamente pela possibilidade de 'criar' as personalidades propícias para o desempenho dos papéis" in Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, "Dinâmica Grupal e Indivíduo no Sistema de Distribuição de Privilégios na Família", nº 37, Mai/1981, p. 52-59.

sejam úteis à manutenção de sua identidade ainda que precise forjar desculpas e denominações artificiais às situações particulares para suavizar o peso da realidade mais dura. Igualmente automotiva-se ou racionaliza situações para viabilizar a realização de seus intentos; passa por uma socialização primária e secundária internalizando valores e crenças que se refletem diretamente na sua conduta, abre mão de suas reais preferências, em determinados momentos da vida para atender a exigências sociais e familiares, ainda que seja como estratégia para realizar seus objetivos; toma decisões tendo em conta o ethos e habitus de classe que, de igual maneira determinam seus gostos e preferências; vivem essas decisões como vocação, ou seja, "apropriam-se" delas como sendo suas, no sentido de partir de uma vontade própria interna ao seu ser, imune ao que existe no mundo. Outras características existentes e que fazem parte da percepção proporcionada pela Sociologia do Conhecimento poderiam ser aqui enumeradas. Porém as que aqui registramos foram as mais abordadas no ato da interpretação das biografias que utilizamos e cremos ser suficientes para este nosso propósito.

É dispensável dizer que tanto quanto possível procuramos ser fiéis nos registros das informações tal qual nos foram transmitidas. Começamos a trabalhar as entrevistas por um relato cuja intenção foi exatamente localizar o personagem em termos dos grupos sociais dos quais participou, prioritariamente a família e a escola. Seria impossível tentar compreender os gostos, a ideologia, as reações, as escolhas, os valores manifestados pelo personagem, sem situá-lo naquele contexto mais amplo. Não chegaríamos a lu-

gar nenhum se escolhêssemos rebater os procedimentos ou a sua visão de mundo aos nossos conceitos e parâmetros particulares ou àqueles mais genéricos que levam a um enquadramento forçado para dar conta da interpretação do personagem (*).

Após localizá-lo neste seu mundo, aquilo que de outra forma seria incoerente, passa a ser bastante lógico. A Sociologia do Conhecimento apresenta-se vantajosamente no sentido de fornecer instrumentos que se prestem à interpretação do conteúdo da mensagem externalizada pelo personagem, indo além da concretude verbalizada e fazendo os devidos pontos de ligação com os elementos dados em sua história de vida, levando-se em conta o mundo exterior e alguns dos aspectos interiores(**) para se chegar a conclusões muito próximas daquilo que realmente se passa e que, por vezes, o próprio personagem desconhece.

Colocando em termos mais práticos, somente levando em conta as considerações acima, é que se pode compreender porque em dado momento as pessoas que entrevistamos escolheram o curso de Administração de Empresas e na EAESP-FGV. Da mesma forma, a explicação do porquê um aluno do curso de Administração empenha-se no campo do teatro só

(*) Numa linguagem Schutziiana: não seria possível explicar uma província de significados usando a lógica de outra província de significados.

(**) O que somos, tem a ver com o tempo em que vivemos, com as circunstâncias sociais e históricas que pairam sobre a sociedade mais ampla, com a nossa própria constituição biológica e psicológica.

fluirá após saber-se que ele estudou dos seis aos dezessete anos num colégio em que esta atividade era levada muito a sério, ou que a sua avô colocava-o para cantar enquanto ela tocava piano ou mesmo passava-lhe textos para ler, contava-lhe histórias, etc. Não há dúvidas de que outras forças secundárias acabam contribuindo para que as escolhas se efetivem e parece que os requisitos teóricos que nos possibilitam esta compreensão estão contidos na Sociologia do Conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

- 01 - ALMEIDA, M. S. Kofes de. et alii - Colcha de Retalhos,
(Estudos sobre a família no Brasil), SP, Brasiliense,
se, 1982.
- 02 - ALVES, Rubem - Filosofia da Ciência, SP, Brasiliense ,
1982.
- 03 - BECKER, Howard S. - Uma Teoria da Ação Coletiva, RJ,
Zahar, 1977.
- 04 - BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas - A Construção So-
cial da Realidade, Petrópolis, Vozes, 1978.
- 05 - _____. - Perspectivas Sociológicas (Uma Visão
humanística), Petrópolis, Vozes, 1980.
- 06 - _____. - "The Precarious Vision", Westport,
Connecticut, Greenwood Press, Publishers, 1976.
- 07 - _____. - The Sacred Canopy, Garden City, NY,
Coubleday & Company, Inc, 1967.
- 08 - _____. e BERGER, Brigitte - Sociology: A
biographical Approach, NY, Penguin Books, 1972.
- 09 - _____. - "Sociology Reinterpreted, NY, Penguin
Books, 1981.
- 10 - BOURDIEU, P. - A Economia das Trocas Simbólicas, SP,
Perspectiva, 1974.

- 11 - BOURDIEU, P. e outros - Le Métier de Sociologue, Paris, Mouton, 1968.
- 12 - . Questions de Sociologie, Paris, Editions de Minuit, 1980.
- 13 - BRUYNE, Paul de, et alii - Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais, RJ, Francisco Alves, 1977.
- 14 - COVRE, Maria de L. Manzini - A Formação e a Ideologia do Administrador de Empresa, Petrópolis, Vozes, 1981.
- 15 - DURAND, José Carlos G. (Organizador) - Educação e Hegemonia de Classe, RJ, Zahar Editores, 1979.
- 16 - DURKHEIM, E. - "As regras do Método Sociológico", SP, Companhia Editora Nacional, 1972.
- 17 - GEERTZ, C. - A Interpretação das Culturas, RJ, Zahar, 1978.
- 18 - GOFFMAN, Erving - Estigma (Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada), RJ, Zahar Editores, 3a. ed. 1980.
- 19 - _____ - Manicômios, Prisões e Conventos, SP, Editora Perspectiva, 1974.
- 20 - GOLDWASSER, M. Júlia - O Palácio do Samba (Estudo Antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira), RJ, Zahar, 1975.
- 21 - JUNIOR, O. França - Jorge, um Brasileiro, SP. Ática, 1982.

- 22 - KELLY, Delos H. - Deviant Behavior (Readings in the Sociology of Deviance), NY, St. Martin's Press, 1979.
- 23 - LÉVI-STRAUSS, Claude - As estruturas elementares do parentesco, SP, Vozes e Editora da USP, 1976.
- 24 - _____ - Tristes Trópicos, Lisboa, Edições 70, 1981.
- 25 - LUFT, Lya - Reunião de Família, RJ, Nova Fronteira, 1982.
- 26 - LUCKMANN, T. - "La religiōn invisible", Salamanca (Spaña), Ediciones Sígueme, 1973.
- 27 - MANN, Thomas - Os Buddenbrook, RJ, Editora Nova Fronteira, 1981.
- 28 - MATTA, Roberto da - Carnavais, Malandros e Heróis, RJ, Zahar Editores, 1981.
- 29 - _____ - Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social, Petrópolis, Vozes, 1981.
- 30 - MERLEAU-PONTY, M. - "Fenomenologia da Percepção", SP, Livraria Freitas Bastos S.A., 1971.
- 31 - MERTON, Robert K. - "Sociologia-teoria e estrutura", SP, Mestre Jou, 1970.
- 32 - RODRIGUES, A. M. - "Dinâmica Grupal e Indivíduo no Sistema de Distribuição de Privilégios na Família", Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, (37): 52-59, Mai/1981.

- 33 - RODRIGUES, A. M. - "Mulher e família entre operários e funcionários públicos : uma Comparação. Revista de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, 20 (2) abr/jun, 1980.
- 34 - _____. - Operário, Operária, SP, Símbolo , 1978.
- 35 - _____. - Trabalho Autônomo e Semi-Autônomo , Relatório de Pesquisa, NPP, EAESP, FGV, nº 11.
- 36 - SCHUTZ, Alfred - Las Estructuras del Mundo de la Vida, Amorrortu, Buenos Aires, 1977.
- 37 - _____ - Fenomenologia e Relações Sociais, RJ, Zahar Editores, 1979. (Organização e Introdução de Helmut R. Wagner).
- 38 - _____ - "El problema de la realidad Social" Buenos Aires, Amorrortu, 1974.
- 39 - TRAGTENBERG, Maurício - A delinquência Acadêmica (O poder sem saber e o saber sem poder), SP, Rumo Editora, 1979.
- 40 - VELHO, G. - Desvio e Divergência, RJ, Zahar Editores , 4a. ed., 1981.
- 41 - _____. - Individualismo e Cultura (Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea), RJ, Zahar, 1981.

42 - VELHO, G. - A Utopia Urbana, RJ, Zahar, 1978.

43 - VELHO, Y. M. Alves - Guerra de Orixã (Um estudo de ritual e conflito), RJ, Zahar, 2a. ed., 1977.